

RENATA MACEDO CAPATTO

NAS MALHAS DO LEITOR

**Um estudo de teses e dissertações sobre
Leitura/Recepção de textos (1980 – 2003)**

Assis – SP

2005

RENATA MACEDO CAPATTO

NAS MALHAS DO LEITOR

**Um estudo de teses e dissertações sobre
Leitura/Recepção de textos (1980 – 2003)**

Dissertação apresentada à Faculdade de
Ciências e Letras Assis
- UNESP, para a obtenção do título de
Mestre em Letras. (Área de concentração:
LITERATURA E VIDA SOCIAL)

Orientador: Drº João Luís Cardoso Tápias
Ceccantini.

Assis – SP

2005

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da F.C.L. – Assis – UNESP

C236n Capatto, Renata Macedo
Nas malhas do leitor: um estudo de teses e dissertações
sobre *leitura/recepção* de textos (1980-2003) / Renata
Macedo Capatto. Assis, 2005
342 f. : il.

Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências e Letras
de Assis – Universidade Estadual Paulista.

1. Leitura. 2. Estética - Literatura. 3. Leitores. 4. Literatura - Ensino. I. Título.

CDD 028
372.4
807

Dedico esta dissertação a
ela que, além de me dar a
vida, ensinou-me a viver:
Minha Mãe.

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

A Deus, que me ensina todo dia o que é o Amor, Dedicação e Paciência.

À minha família, suporte em todos os sentidos da minha vida: Rosângela, André, Tia Zilda, Marcos, Karin e Melina.

Ao Orientador João Luís C. T. Ceccantini, por ter confiado em mim e pela orientação sempre amigável e dedicada.

À D. Lídia, pelo incentivo ao Mestrado

À professora Dinei, contraponto de longas conversas sobre leitura, pela leitura atenta e minuciosa desse texto.

Às minhas amigas Angélica, Denise, Luciana Diniz e Soraia pelo apoio e incentivo durante todos esses anos.

Aos meus alunos, grandes instigadores de parte deste trabalho.

À direção, coordenação, corpo docente e funcionários das escolas: Pólis e E.E. “Horácio Soares”, pela oportunidade de crescer como professora e ser humano.

À Regina, Vera Lúcia e Maria, anjos que me ajudam na rotina da vida.

A Tibor, meu fiel companheiro de longas horas de estudo.

E, finalmente, agradeço a todos que direta ou indiretamente deram alguma contribuição para a realização desta dissertação.

DADOS CURRICULARES

RENATA MACEDO CAPATTO

NASCIMENTO	22.12.1965 – Ourinhos
FILIAÇÃO	Antonio Capatto Maria Madalena Macedo Capatto
2001 - 2005	Mestrado – Letras - Área de Literatura e Vida Social. UNESP - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita filho, Assis/SP
1997 - 1998	Especialização em Literatura e Ensino da Literatura. UNESP – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita filho, Assis/SP.
1987 -1990	Curso de Pedagogia, FAFIJA – Faculdade Estadual de Filosofia Ciências e Letras de Jacarezinho, Paraná, Brasil.
1984 -1988	Curso de Graduação em Letras FEMM. Fundação Educacional Miguel Mofarreg, Ourinhos/SP.
1988 - ...	Professora Efetiva - Rede Estadual de Educação – SP

RESUMO

Este trabalho é resultado de uma pesquisa que tem como proposta descrever, analisar e avaliar vinte dissertações e teses produzidas nas principais universidades brasileiras, versando sobre a *leitura/recepção* de textos. Para alcançar esse objetivo, numa primeira etapa procedeu-se um amplo levantamento da produção científica sobre *leitura*. Desse material, foram selecionados vinte trabalhos com base em dois critérios: textos não publicados em formato de livro, portanto estudos ainda restritos ao ambiente acadêmico que precisam ser divulgados; e textos que analisassem a figura do leitor segundo a Estética da Recepção. Procedeu-se, então, uma descrição do material segundo uma grade de observação visualizando os seguintes itens: dados de identificação da obra; objetivos; material abordado; base teórica e bibliografia destacada na pesquisa; detalhamento da metodologia; conclusões principais apresentadas pelo pesquisador; e uma avaliação sobre os resultados efetivos de cada projeto. A seguir, realizou-se uma análise fundamentada nas categorias “*efeito*” e “*recepção*”, tal como são concebidas pela Estética da Recepção. Como resultados, chegou-se a uma amostra significativa do estágio atual das pesquisas de *leitura/recepção* de textos, composta pelas principais tendências dessa teoria no Brasil.

Palavras-chaves: leitura, leitor, efeito, recepção, Estética da Recepção, literatura e ensino.

ABSTRACT:

This work is the result of a research, which intends to describe and to analyze twenty dissertations and theories produced in the main Brazilian Universities, about the reading and the reception of texts. At first, it was preceded to a rising of the scientific production about reading in order to reach that aims at. From this material, twenty works were selected starting from two criteria: no published texts in book format and texts that analyzed the reader's illustration according to the Aesthetics of the Reception. It took place then, a description of the material starting from an observation grating, visualizing the following items: identification data of the work; objectives; approached material; theoretical base and research outstanding bibliography; the methodology details; main conclusions presented by the researcher and an evaluation about each project effective results. Soon afterwards, it took place an analysis based in the categories “effect” and “reception”, just as they are conceived by the Aesthetics of the Reception. As results, it was arrived to a significant sample of the current apprenticeship of the texts reading and reception researches, composed by the main tendencies of that theory in Brazil.

Keywords: Reading, Reception, Reader, Aesthetics of the Reception, Literature and Teaching.

SUMÁRIO

1.	O ofício da pesquisa.....	11
1.1	A primeira semente.....	12
1.2	Busca de reflexões mais sólidas.....	14
1.3	Objetivos e critérios de escolha do <i>corpus</i> da pesquisa.....	17
1.4	Um percurso traçado.....	19
2	O leitor e a Estética da Recepção.....	24
2.1	Idéias e recortes.....	25
2.2	O Leitor – tecendo um conceito	26
2.3	A construção de sentidos – o efeito e a recepção.....	32
2.4	Uma leitura de Jauss segundo Regina Zilberman	35
3.	Descrição das vinte teses e dissertações.....	42
	PESQUISA 1.....	45
	PESQUISA 2.....	58
	PESQUISA 3.....	71
	PESQUISA 4.....	82
	PESQUISA 5.....	95
	PESQUISA 6.....	105
	PESQUISA 7.....	115
	PESQUISA 8.....	126
	PESQUISA 9.....	138
	PESQUISA 10	147
	PESQUISA 11.....	162
	PESQUISA 12.....	176
	PESQUISA 13.....	188
	PESQUISA 14.....	199
	PESQUISA 15.....	210
	PESQUISA 16.....	223
	PESQUISA 17.....	237
	PESQUISA 18.....	250
	PESQUISA 19.....	267
	PESQUISA 20.....	278
4	Sobre as vinte dissertações e teses: uma tentativa de síntese.....	295
4.1	Panorama geral das pesquisas com base na grade de observação.....	296
4.2	Apreciação dos dados coletados, fundamentada na grade de descrição	298
4.3	Uma reflexão de caráter geral.....	319
5	Referências bibliográficas	345
6	Anexos.....	350

1. O OFÍCIO DA PESQUISA

*“Alguém só se torna marceneiro tornando-se
sensível aos signos da madeira. E médico,
tornando-se sensível aos signos da doença...”*

E pesquisador...

E...

(Mirian Celeste Martins)

1.1. A primeira semente.

O fato que provocou nosso interesse pelo tema dessa pesquisa teve sua primeira semente no cotidiano de sala de aula ao observarmos a rejeição dos alunos frente a alguns textos literários. Observamos que, mesmo estimulados à leitura de obras conceituadas pela crítica, muitos deles se mostram avessos a ela. Que motivos têm para tal procedimento? O que os impede de ler, entender e interpretar tais obras? Estes questionamentos sempre estiveram presentes em nossa prática escolar e motivaram tentativas para, se não solucionar, pelo menos amenizar os efeitos dessa crise.

Numa das tentativas de motivação de leitura, trabalhamos com uma coletânea de João Antônio - *Patulêa, gentes da rua* (1996) em uma escola particular com alunos da 8ª série. No início, eles não se mostraram receptivos aos contos. À medida que se executou um trabalho de ampliação dos conhecimentos dos alunos sobre o que estavam lendo, algumas lacunas importantes para a interpretação foram sendo preenchidas por eles. Tais atitudes proporcionaram uma mudança significativa na postura de alguns alunos frente ao material de leitura a que foram expostos. Eles, embora continuassem a dizer que os contos de João Antônio não eram os seus preferidos, apresentaram sinais positivos que motivaram ainda mais esta pesquisa.

Alguns depoimentos colhidos ao final da exploração dos contos, após a verificação escrita do entendimento dos alunos, aguçaram nossa curiosidade sobre o resultado provocado pela recepção dos textos. Embora não tivessem sido realizados com intenção científica, apresentaram considerações importantes sobre a recepção que nos chamaram atenção. Destacam-se entre elas: a maneira como os alunos acharam o texto

“chato”, “difícil de entender”¹; o reconhecimento dos alunos de que se tratava de um texto diferente em relação aos que já haviam sido propostos a eles.

A diferença causou estranhamento para os leitores e, de certa forma, emoção. Notamos, também, a dificuldade registrada por eles provocada pela ausência de ilustrações e pela “*linguagem difícil*”.

O resultado final desse trabalho não foi fácil de ser digerido por um profissional que esperava que seus alunos lessem com prazer. Os alunos diziam que não gostavam dos contos, mas que reconheciam a importância deles. O não entendimento inicial, ao nosso ver, deu espaço ao *estranhamento* e esse provocou a recusa. A informação do contexto de produção e das marcas literárias produzidas pelo escritor, se não gerou o *prazer estético*, serviu para *clarear*, palavra várias vezes empregada nos depoimentos, um pouco o entendimento. Estratégia que ocasionou a pequena mudança na aceitação dos textos.

A hipótese que levantamos aqui é a de que alguns alunos aprenderam a reconhecer marcas importantes da literatura de João Antônio, preencheram alguns *vazios* presentes no texto para que pudessem chegar ao entendimento e, finalmente, mudaram parcialmente sua postura em relação ao que foi lido.

A situação relatada nos faz refletir sobre a recepção de textos. Sabemos que, numa sala de aula, encontramos uma grande diversidade de leitores. Muitos se recusam a ler sem nenhuma explicação razoável para isso. Apenas dizem “*Não gosto de ler*”, “*Isso é muito chato*”. Outros alunos lêem por pura obrigação, imposição de seus pais e da própria escola, fazem a leitura como um exercício qualquer, sem prazer nenhum, achando-a chata, mas necessária. Há outro grupo, ainda, que, estimulado em casa e/ou pela escola, se mostra leitor, não só dos livros indicados por estas instituições, como também de outros a que são expostos normalmente. Mas por que tudo isso ocorre?

¹ Palavras utilizadas pelos alunos em seus depoimentos.

É relevante que a atuação do professor de literatura seja vital para que se forme o hábito de leitura. Igualmente importante é que a imposição de textos por eles provoca, na maioria das vezes, um afastamento maior dos jovens leitores. Porém, como resolver este impasse não indicando textos de qualidade literária para os alunos? Essa indicação, ao nosso ver, faz-se necessária até mesmo para provocar o *estranhamento* no leitor – fato que poderá gerar um crescimento intelectual maior, e um acréscimo em seu processo de entendimento das leituras propostas.

1.2. Busca de reflexões mais sólidas.

Aliamos essa experiência a alguns pressupostos retirados de textos lidos durante nossa formação acadêmica e profissional que justificam nossa preocupação com o mundo da Leitura. Entre eles podemos lembrar, recordando Antonio Candido, do acesso à literatura como um princípio democratizador. Também recordar dos PCNs, que traduzem a necessidade de serem repensados os caminhos da leitura na escola.

Seguindo esses pressupostos básicos, verificamos que há tempos o papel do leitor no entendimento/interpretação e na recepção dos mais variados objetos de leitura é analisado. Pesquisas realizadas no Brasil procuram repensar essas questões na tentativa de trazer dados novos para o que se denominou a “*crise de leitura*” na escola. Desde a década de oitenta vários pesquisadores centraram seu interesse nessa crise que, segundo eles, foi instituída por diversos fatores sociais, econômicos e pedagógicos. Sobre o fato, Maria Alice Faria, na apresentação de seu livro *Parâmetros curriculares e Literatura – as personagens de que os alunos realmente gostam* (1999), diz o seguinte:

Só a partir dos anos 80, com o alerta dado pela ‘crise da leitura’, alguns grupos de pesquisadores começaram a se preocupar com a renovação da pedagogia da literatura e com a importância da literatura para crianças e jovens utilizada na escola. (FARIA, 1999, p.9)

Vista dessa forma, a leitura, numa sociedade democrática, é fundamental, pois ativa uma das principais capacidades humanas que é o pensar. De acordo com o ECA, Estatuto da Criança e do Adolescente em seu artigo 3º, é direito de toda criança ter oportunidade que promova seu desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social. Seria consequência lógica, portanto, o direito à literatura como uma das fontes desse desenvolvimento.

No entanto, esse direito não se refere a uma literatura qualquer, apenas de consumo, mas àquela que dê para os alunos condições de desenvolvimento, favorecendo sua cidadania e possibilitando um exercício da democracia, tal como Ana Maria Machado propõe:

Uma sociedade que quer ser democrática tem que suprir essa deficiência e garantir a todos que seja saciado o seu direito à leitura. E essa leitura, sobretudo em países que ainda estão se construindo, não pode ser apenas de entretenimento e de aquisição de conhecimento – embora esse tipo de livro também seja importante e não possa ser desprezado. Mas é indispensável que também se leiam textos criadores, textos que tragam o prazer de pensar, interrogar, sonhar, ligar-se com o resto da humanidade (inclusive gente de outras épocas e outros lugares), textos que brinquem com a sonoridade da palavra; que aproximem conceitos díspares; que desenvolvam a inteligência e o espírito crítico. Textos que usem as palavras de maneira artística, rica, sublinhando a beleza que possa nascer do contato entre elas, valorizando a multiplicidade de significados possíveis que elas possam ter, se abrindo para a infinidade de conceitos que elas podem apontar. (MACHADO, 2000, p.87-88)

Na mesma linha de raciocínio, os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental, documento norteador do trabalho dos professores em sala de aula, vêm ressaltar a importância da leitura de diversos tipos de textos. Esse documento afirma que “...a leitura bem feita garante a compreensão das informações recebidas, posterior assimilação interna e posicionamento do leitor diante da vida. Portanto, é ela que fundamenta a educação...” (PCN, 1998). Ana Lúcia Brandão analisando as relações da literatura infantil com os PCNs, ressalta a importância do texto estético:

O texto estético - aquele que proporciona ao leitor a entrada no universo simbólico, que permite múltiplas leituras, que é plurissignificativo por natureza e que, apresentando protagonistas questionadores de uma realidade dada - chama o leitor a transformar essa realidade dada em uma realidade conquistada, seja na forma de um sonho ou de uma utopia e que por isso mesmo é literatura renovadora de caráter emancipatório. (BRANDÃO,s.d)

As considerações apresentadas até este ponto reafirmam a Leitura como um direito das pessoas, seu acesso como um dever social democrático e o texto estético como um instrumento de emancipação. Assinalam, também, a existência de uma grande preocupação social com as questões relativas a sua recepção, evidenciando o afastamento de leitores de sua atividade, sobretudo nas séries finais do Ensino Fundamental. Distanciamento, esse, comprovado em inúmeras reportagens veiculadas pela mídia e que se encontram à disposição de todos os que de alguma forma mantêm vínculo com o assunto, bem como justificam as pesquisas produzidas no meio acadêmico.

Outro fato a ser notado é que o conceito de *leitor*, de Aristóteles aos dias atuais, sofreu modificações consideráveis. Muitas teorias vindas após esse grande pensador centram seu interesse nesse elemento tentando compreender melhor sua existência e importância. Entre elas a Estética da Recepção, teoria que está no cerne de nosso trabalho.

Os conceitos presentes em muitas pesquisas produzidas no país chamam a atenção para o fato de que a Leitura é importante para a construção de um sujeito ativo e interativo na sociedade. Paulo Freire explica essa importância afirmando que se trata de um momento que:

... envolve uma compreensão crítica do ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou linguagem escrita, mas que antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra [...] Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (FREIRE,1981)

Refletindo sobre o que Paulo Freire defende, podemos entender que a compreensão se estabelece quando o leitor ativa seus *conhecimentos prévios*² sobre dado assunto e neles ancora os adquiridos no momento em que lê, produzindo, a partir de então, experiências que proporcionam novos conhecimentos. Esses conhecimentos prévios fazem parte do que Hans Robert Jauss (1979) denomina como “*horizontes de expectativas*”, ou seja, o mundo no qual está inserido o aluno, suas preferências, expectativas, enfim, sua vida e tudo que a povoa. Conforme exposto a esse processo, espera-se que o leitor se torne ativo, consciente, reflexivo e crítico, meta almejada por todos que trabalham com o ensino da leitura.

1.3. Objetivo e critério de escolha do *corpus* da pesquisa.

Importante constatar, em decorrência de todos os fatores já relacionados anteriormente, a necessidade de um Projeto de Leitura nas escolas brasileiras que propicie melhores resultados tanto na formação dos leitores quanto da ampliação do grau de entendimento dos textos por eles utilizados. E também, de pesquisas que descrevam, analisem e comparem dados sobre a *leitura/recepção* no sentido de proporcionarem maior clareza desse processo principalmente para os formadores de leitores.

Nesse sentido, optamos por nortear nossa observação para o registro e análise das pesquisas já realizadas no país sobre *leitor* e Estética da Recepção, com o objetivo principal de evidenciar, a partir da amostra, o atual estado das pesquisas acadêmicas sobre o tema.

² Termo utilizado por Isabel Solé. In: *Estratégias de Leitura*. Porto Alegre; Artmed; 1998, 6ª edição.

Para isso delimitamos como *corpus* pesquisas teóricas e/ou a práticas, produzidas no período de 1980 – 2003, em ambiente escolar na maioria das vezes, em que se focaliza a ação dos agentes de formação de leitores, entre eles professores e bibliotecários. Os princípios teóricos da Estética da Recepção estão presentes nesse *corpus*, mesmo que de forma indireta, dado a ser analisado no decorrer de nossa reflexão.

A seleção de dissertações e teses sobre *leitura/recepção* de texto literário foi realizada fixando-se como critério básico o fato de esses textos não terem sido publicados em formato de livro. Portanto, não consta do material analisado uma vasta bibliografia já conhecida sobre leitura e Estética da Recepção que foi publicada. O interesse foi fazer um levantamento de dissertações e teses produzidas nas universidades brasileiras, por esses trabalhos serem considerados aqui como um material rico para a observação dos rumos das pesquisas sobre *leitura/recepção*, que não pode ficar disperso nas bibliotecas do país.

Desejamos esclarecer que esse levantamento não esgota todos os trabalhos produzidos no Brasil nesse período. Trata-se, portanto, de uma amostra qualitativa da produção levantada durante a pesquisa. O recorte realizado se justifica na medida em que notamos falta de pesquisas realizadas nesse sentido. O levantamento proposto, da forma em que será descrito e analisado aqui, pode servir como um documento importante para futuros pesquisadores, pois focaliza o estágio das pesquisas sobre o tema entre os anos de 1980 a 2003.

Destacamos, ainda, que quase nenhum trabalho desse tipo foi encontrado em nossa pesquisa. Gostaríamos de destacar, contudo, um catálogo produzido pela Biblioteca da Faculdade de Educação/UNICAMP no ano de 1999, por ser um documento que reúne referências bibliográficas e resumos de 189 dissertações e teses defendidas nos programas de pós-graduação do país, no período de 1980-1995 sobre leitura.

Embora esse material não aborde especificamente a questão *leitura/recepção*, ponto central de nosso interesse, traz um referencial bibliográfico interessante e bastante prático sobre a trajetória da pesquisa brasileira sobre leitura. Tais textos foram catalogados observando entre outros dados, o nível escolar, o foco temático, desempenho e compreensão de leitura, o professor e o bibliotecário como leitor, texto para leitura na escola, memória de leitura, do leitor e do livro e concepção de leitura. Embora traga informações importantes, ele não aparece como texto descrito e analisado no *corpus*. Justificamos a não utilização do mesmo pelo fato de que nosso objetivo era trabalhar com dissertações e teses inteiras, que abordassem questões de leitura e recepção de textos literários, não publicados.

1.4. Um percurso traçado.

A trajetória da pesquisa passou inicialmente pela compreensão do que entendemos sobre o leitor segundo a Estética da Recepção, conceito que permeia não só a feitura dos textos fixados como *corpus* da dissertação, como também, a análise da amostra sobre *leitura/recepção* de textos literários

É necessário esclarecer que tal conceito foi organizado aqui a partir de dois autores: Regina Zilberman (1989) e Terry Eagleton (1997), entre outras leituras realizadas na elaboração dessa desta dissertação. Entendemos que estes documentos, embora considerados pelo mundo acadêmico como fontes de *segunda mão*, são importantes para uma melhor compreensão sobre o papel do leitor na *leitura/recepção* por apresentarem a questão de forma bastante organizada e criteriosa.

Passamos, depois disso, a buscar pesquisas sobre o tema, produzidas no período delimitado, em nível de mestrado e doutorado, ainda não publicadas em formato de livro e que abordassem não apenas a questão pedagógica da formação do leitor, mas especialmente fossem pautadas pela Estética da Recepção.

Essas pesquisas encontradas foram realizadas em diversas instituições de ensino³ do Brasil e obtidas pelo contato direto com as bibliotecas⁴, bem como por Comut e/ou intercâmbios, serviços disponibilizados pelas instituições para os pesquisadores. Alguns exemplares foram adquiridos por doação ao grupo de pesquisa de Leitura e Ensino de Literatura da UNESP de Assis. Outros, encontram-se disponíveis na Internet em vários sites mantidos pelas instituições já relacionadas e plataformas de pesquisa. Entre eles destacamos o portal de periódicos CAPES; o Projeto Memória de Leitura – UNICAMP; a Divisão de Bibliotecas e Documentação Puc- Rio; a Universidade Brasil – o portal dos universitários; a Biblioteca Nacional – catálogos on-line de monografias, periódicos, obras de referência, teses, músicas, manuscritos, obras raras, iconografia, etc.; a Biblioteca Virtual de Educação; o IBICIT; o MIT Theses On – Line.

Por meio desses endereços eletrônicos encontramos uma vasta bibliografia que foi sendo triada com ajuda de meu orientador. Chegamos a uma lista com mais ou menos quarenta trabalhos, os quais passamos a buscar. Fechamos o *corpus* analisado aqui pelo critério básico já explicado, escolhendo 20 pesquisas, a princípio, registradas em ordem cronológica seguindo uma grade de observação e depois analisadas.

Desta forma, chegamos à estrutura final do texto que passou a se dividir em quatro partes, sendo a primeira, esta introdução.

³ Instituições educacionais: UNESP – Assis; UNESP – São José do Rio Preto; UNICAMP; USP; UEM; PUC RIO; PUC – Rio Grande do Sul; UFMG; Universidade de Brasília e Universidade Federal do Paraná.

⁴ Bibliotecas das seguintes Universidades: UNESP, USP, PUC – RJ, PUC – R G do Sul, U. F. M. G.

Na segunda parte, tratamos da apresentação do conceito de leitor, suas origens e evolução, até chegarmos à visão desse elemento segundo a Estética da Recepção - teoria literária apresentada por Hans R. Jauss. Procuramos, ainda, diferenciar duas categorias distintas da teoria denominadas como *efeito* e *recepção*, necessárias para a construção de sentidos da leitura, portanto intimamente ligadas ao conceito que por hora desenvolvemos.

A terceira parte é composta pela descrição das pesquisas, levantadas no ANEXO A – Quadro - Identificação das pesquisas. Elas foram organizadas em ordem cronológica, nomeadas por PESQUISA 1, PESQUISA 2 etc., ano de realização, título, autor, instituição à qual pertencem e nível de qualificação. Com o objetivo de organizar a observação dos dados coletados, criamos uma grade de observação disposta conforme o ANEXO B – Quadro –Grade de Descrição.

Na grade, os dados foram separados em sete blocos (letras *a,b,c,d,e,f e g*) em que direcionamos a observação para:

a. Dados de identificação - coleta de dados gerais que identificam a pesquisa quanto autoria, instituição, ano de publicação, além da transcrição do resumo da mesma, na forma como foi redigida pelo autor.

b. Objetivos - registro da meta proposta pelos pesquisadores.

c. Material – item dividido em três partes, em que se evidencia o tipo de texto abordado pela pesquisa, o tipo de leitor analisado e os documentos utilizados pelos pesquisadores para a coleta de dados sobre a recepção e/ou efeito analisado.

d. Base teórica - destaque dos principais teóricos utilizados para o desenvolvimento dos conceitos analisados nas pesquisas, evidenciando os que a fundamentaram em relação à Estética da Recepção. Nossa intenção foi chamar a atenção do leitor para os pressupostos teóricos utilizados, observando autor e ano de publicação. Na sequência, colocamos a bibliografia utilizada nesta dissertação referente ao texto descrito. Tomamos esta medida por achar que a repetição destes dados em quase todos os trabalhos, visto que muitos autores se repetem, seria exaustiva e ineficaz.

e. Detalhamento da pesquisa e metodologia - registro da forma como os pesquisadores organizaram seus textos, evidenciando caminhos percorridos, estratégias de abordagem dos textos, instrumentos de coleta de dados sobre a recepção dos mesmos. Segundo Dêlcio Viera Salomon (1999), um trabalho é considerado científico, se ele for elaborado metodologicamente. É o método que garante a eficácia e valor na construção da ciência e em sua aplicação. Ele indica, portanto, técnicas para a pesquisa e fornece elementos de análise crítica das descobertas. Observamos esses trabalhos por meio da classificação proposta por Salomon que divide as pesquisas em: *exploratórias e descritivas*, *aplicadas* e *puras ou teóricas*.

f. Resultados principais apresentados na pesquisa - registro das conclusões apresentadas pelos autores, destacando avanços conseguidos. Evidenciamos, neste momento, a análise dos dados elaborada pelo pesquisador a partir do material coletado: análise do texto; do discurso; do conteúdo; dos resultados de entrevistas, questionários, estudos de caso e também propostas sugeridas como conclusão da pesquisa.

g. Avaliação sobre a pesquisa –apresentação de uma apreciação geral do trabalho de forma individual, fazendo destaques quanto ao tipo de pesquisa realizada, classificação quanto ao *efeito* ou *recepção*, pontos positivos e/ou negativos das mesmas.

Na quarta parte do texto, apresentamos a análise sobre os dados anteriormente expostos seguindo a seguinte ordem para as reflexões:

I - Apreciação geral dos dados coletados a partir da grade de descrição.

II – Reflexão a partir das categorias:

A. Pesquisas de Efeito – o leitor implícito.

B. Pesquisas de Recepção.

B.1. Pela crítica especializada.

B.2. Processo de formação de leitores.

B.3 Pelo leitor real em formação.

C. Pesquisas de Recepção/Efeito.

C.1. Voz do leitor real– horizontes e perspectivas.

C.2. Voz do leitor real – questões pedagógicas.

C.3. Voz do leitor real - fora de ambiente escolar.

2. O LEITOR E A ESTÉTICA DA RECEPÇÃO

“Minha tarefa pode ser comparada à obra da arte de um explorador que penetra numa terra desconhecida. Descobrindo um povo, aprendendo sua língua, decifro sua escrita e compreendo cada vez melhor sua civilização.”

(Arno Stern)

2.1. Idéias e recortes.

Para a reflexão que propomos nesta dissertação, é importante a apresentação do conceito de *leitor* segundo a *Estética da Recepção*. Tal conceito já foi antes discutido por outros pesquisadores, entre eles destaca-se Hans Robert Jauss - maior expoente da *Estética da Recepção* - que, com seu artigo exposto durante uma conferência na Universidade de Constança (Alemanha Ocidental), lança questionamentos sobre a atuação do *leitor* no processo de valoração do texto artístico.

Não poderíamos deixar de abordar igualmente Wolfgang Iser, figura importante no cenário da interpretação literária, visto que, ao analisar o *efeito* provocado pelo texto no *leitor*, mostra a diferença entre os conceitos explorados na análise.

Para o recorte que apresentamos, além das teses formuladas por Jauss (1967) e dos postulados de Iser (1976), utilizamos as reflexões de Luiz Costa Lima (1979), Terry Eagleton (1983)⁵ e Regina Zilberman (1989) para a elaboração do capítulo. Essas leituras serviram como fonte de consulta para os registros efetuados e, embora fontes secundárias, são importantes documentos para a melhor compreensão sobre o papel do *leitor* na fruição de textos literários. Além desses teóricos, utilizamos ainda Antoine Compagnon (1998)⁶ e Vincet Jouve (1993)⁷.

Destaca-se aqui a importante contribuição de Luiz Costa Lima e Regina Zilberman como divulgadores dos pressupostos da *Estética da Recepção* no Brasil. Tal destaque se deve à observação de que eles estão presentes na quase totalidade dos trabalhos analisados e descritos nesta dissertação.

⁵ 1997 – data da 3ª ed.brasileira utilizada nesta dissertação.

⁶ 1999 - data da tradução brasileira. 2001 – data da 1ª reimpressão utilizada nesta dissertação.

⁷ 2002 – data da tradução brasileira utilizada nesta dissertação.

2.2. O leitor – tecendo um conceito.

O conceito de *leitor*, na forma como se apresenta no *Dicionário de Teoria da Narrativa* elaborado por Carlos Reis e Ana Cristina M. Lopes (1988), identifica um *leitor real* e um *leitor ideal*.

O leitor empírico, ou real, identifica-se, em termos semióticos, com o receptor; o destinatário, enquanto leitor ideal, não funciona, em termos semióticos, como receptor do texto, mas antes como um elemento com relevância na estruturação do próprio texto. Todavia, o leitor ideal nunca pode ser configurado ou construído pelo emissor com autonomia absoluta em relação aos virtuais leitores empíricos contemporâneos, mesmo quando na sua construção se projeta um desígnio de ruptura radical com a maioria desses mesmos presumíveis leitores contemporâneos. (1983 apud REIS, 1988, p. 51-54, grifo nosso)

Dessa forma, percebe-se que o leitor assume dois papéis distintos mas relacionados. No primeiro deles, apresenta-se como um indivíduo concreto que de fato realiza o ato de leitura com o objeto livro nas mãos. Já no segundo papel, também designado por Umberto Eco (1979) como *leitor modelo* e por W. Iser (1975) como *leitor implícito*, temos uma figura virtual idealizada pelo autor, inscrito no próprio texto para quem se destina.

De acordo com Regina Zilberman, para H.R. Jauss existe uma distinção entre o *leitor implícito* e o *leitor histórico*. Ele explica que:

O leitor implícito [é uma] noção importada de W. Iser, discernido a partir das estruturas objetivas do texto, e o leitor explícito, [um] indivíduo histórico que acolhe positiva ou negativamente uma criação artística, sendo, pois, responsável pela recepção propriamente dita dessa. (ZILBERMAN 1989, p.114)

Vincent Jouve, definindo as relações entre esse leitor abstrato e o leitor de carne e osso, explica que é preciso considerar o primeiro como um papel proposto ao segundo. Papel que sempre é possível recusar. E mais, que:

Simetricamente, o receptor é ao mesmo tempo o *leitor real*, cujos traços psicológicos, sociológicos e culturais podem variar infinitamente, e uma figura abstrata postulada pelo narrador pelo simples fato de que todo texto dirige-se necessariamente a alguém. Mediante o que diz e do modo como diz, um texto supõe sempre um tipo de leitor – um “narratário” – relativamente definido. (JOUVE, 1993, p. 36).

No entanto, o conceito de *leitor* utilizado pela Estética da Recepção, não foi desde o início pensado dessa forma. Que caminhos foram percorridos para que se chegasse a esse conceito? Nessa trajetória muitos participaram, entre eles apresentaremos a seguir alguns pesquisadores, evidenciando suas contribuições.

É sabido que foi Aristóteles (384 – 322 ac.) o mais remoto precursor da Estética da Recepção. Foi este pensador grego que conferiu ao receptor e ao efeito sobre ele causado pela obra uma importância que só voltará a se manifestar significativamente no século XIX e sobretudo no século XX.

Para o filósofo alemão Edmund Husserl (1859 – 1938) “o ato de pensar e o objeto do pensamento estão internamente relacionados, são mutuamente dependentes” (EAGLETON, 1997, p.76). Portanto, segundo ele, os fenômenos não precisariam ser interpretados. Husserl sugere que *ser* e *significar* sempre estão atados um ao outro. Dessa forma, ao adotar o princípio da *redução fenomenológica* às obras literárias, o pensador defendia a leitura imanente do texto, imune a qualquer coisa fora dele. Afirmava que não se devia referir a nada sobre o autor, apenas aos aspectos de sua consciência que se manifestam na obra em si. Assim, interpretar uma obra literária seria apenas uma descrição passiva do texto - “uma descrição pura de suas (do autor) essências mentais”.

No que se pode perceber, Husserl não atribui ao leitor papel relevante quanto à interpretação de uma obra literária. O pensador afirma que o significado é inalterável porque é sempre um ato intencional de uma pessoa – o autor - num determinado momento do tempo. Diz que “o entendimento não é, em primeiro lugar uma ‘cognição’ isolável, um

ato particular que pratico, mas parte de sua estrutura de existência humana” (EAGLETON, 1997, p. 86).

Martin Heidegger (1889 – 1976), alemão discípulo de Husserl, rompendo com o sistema de pensamento de seu mestre, mostra que a existência humana é um diálogo com o mundo. Negou que a interpretação literária estivesse fundamentada apenas na atividade humana, revelando que ela “não é alguma coisa que fazemos, mas que devemos deixar que aconteça. Devemos nos abrir passivamente ao texto, submetendo-nos ao seu ser misteriosamente inesgotável, deixando-nos interrogar por ele.” (EAGLETON, 1997, p. 89).

O que podemos apreender por meio destas idéias é que Heidegger atribui ao leitor um papel passivo no trato com a obra literária. Embora reconheça a existência de seu trabalho, este não assume nenhuma responsabilidade maior que a de receber o que já fora pensado por outro.

Foi com o Formalismo Russo, na década de 20, que verificamos algumas mudanças significativas quanto ao receptor. A eles devemos a noção de *estranhamento* – efeito a ser obtido junto ao sujeito da recepção – que tem como objetivo formar e transformar a percepção estética do receptor. De acordo com Iuri Tinianov “um bom produto artístico mobiliza vários artifícios, visando motivar um choque no destinatário: somente quando se dá de modo tenso a relação entre o sujeito da percepção e o objeto estético, este pode ser considerado de valor.” (EAGLETON, 1997, p. 89).

É o conceito de *estranhamento*, utilizado por Tinianov, importante por reconhecer uma função para o leitor e também por provocar uma permanente renovação para alcançar o desejado *efeito* de *estranhamento*. Contudo, esse leitor ainda é visto como um mero objeto para a realização do procedimento e conserva sua passividade frente ao texto.

O Estruturalismo acrescenta rupturas importantes para o conceito de leitor. Jean Mukarovsky, reconhecendo a natureza s gnica da obra de arte, pressupõe um recebedor, visto que a significac o adv m da articula o entre leitor e autor. Assim, reconhece a importância da natureza perceptiva, pois   o receptor que transforma a obra em objeto estético. Zilberman, explicando essa rela o, diz que “a obra de arte   um signo, porque a significac o   um aspecto fundamental de sua natureza, mas ela só se concretiza quando percebida por uma consciência, a do sujeito estético.” (ZILBERMAN, 1989. p. 21).

Mukarovsky ainda reconhece que o recebedor   uma consciência coletiva que liga a visão imanente da obra de arte   sociologia. Chega ao conceito de *norma*, sua principal contribui o para a Teoria da Literatura. Zilberman explica que *normas* para ele - “são elementos de estabiliza o do sistema e incluem não somente cr terios literários, mas ideológicos, morais, sociais, etc”. Afirma a pesquisadora que este conceito   importante por indicar um caráter coletivo da percep o estética, configurando “um horizonte reconstituído pela história da literatura”. Dessa forma, coloca a literatura como um fenômeno contínuo e transformador. A norma liga leitor   obra literária, pois este precisa completar vazios presentes no objeto estético. Conseqüentemente, registra a autora, “o valor deste objeto não se confunde com qualquer substância, nem   fixo no tempo”.

Felix Vodicka, seguidor de Mukarovsky, anos 40, valida o pensamento formalista de que a percep o da obra de arte não se d  de modo direto. Propõe uma nova história da literatura apoiada na no o de repercussão e recep o. Vodicka parte do conceito de *concretiza o*. Discordando de Roman Ingarden - que considera que o leitor concretiza aspectos esquematizados do mundo ficcional apresentado a ele - o pesquisador afirma que a concretiza o se realiza por meio de um código introjetado pelo recebedor

Em *A validade da interpreta o*, E. D. Hirsch Jr. (1967), ampliando o significado da fenomenologia de Husserl, afirma que “pode haver várias interpreta es diferentes e

válidas, mas todas elas devem se situar dentro do “sistema de expectativas e probabilidades típicas” que o sentido do autor permitir”. A obra literária “pode significar coisas diferentes para diferentes pessoas em diferentes épocas”. Ainda que “as significações variam ao longo da história, ao passo que os sentidos permanecem constantes, os autores dão sentido às suas obras, ao passo que os leitores lhes atribuem significações”. (EAGLETON, 1997, p. 92).

No entanto, sua posição é vista como *autoritária e jurídica*, posto que considera o significado pretendido pelo autor, o sensor definitivo para a interpretação de um texto. Para, Hirsch, “o significado é o que o autor pretendeu que fosse, e não deve ser roubado ou invadido pelo leitor. O significado do texto não deve ser socializado, não deve se transformar em propriedade pública de seus vários leitores”. Contrapondo-se às idéias de Hirsch, Hans-Georg Gadamer compreende que:

...o significado da linguagem é uma questão social: há um sentido real no qual a linguagem pertence à minha sociedade antes de pertencer a mim”. Ele afirma que “o significado de uma obra literária não se esgota nunca pelas intenções do seu autor; quando passa de um contexto histórico para outro, novos significados podem dela ser extraídos, provavelmente nunca imaginados pelo autor ou pelo público contemporâneo dele. (EAGLETON, 1997, p. 98).

É reconhecido que as idéias de Gadamer se aproximam consideravelmente do conceito de leitor que a Estética da Recepção nos apresenta. Ele já reconhece em seus estudos que “a interpretação é situacional, modelada e limitada pelos critérios historicamente relativos de uma determinada cultura”. Mais que isso, também reconhece que “a interpretação de uma obra do passado consiste num diálogo entre o passado e o presente [e que] o presente só é compreensível em função do passado com o qual forma uma viva continuidade”. Em suas palavras constata-se que “o entendimento ocorre quando

nosso ‘horizonte’ de significados e suposições históricas se ‘funde’ com o ‘horizonte’ dentro do qual a própria obra está colocada” (EAGLETON,1997. p. 98-99).

Segundo Regina Zilberman, Gadamer “ofereceu ao pensamento alemão a possibilidade de uma reflexão filosófica que, prosseguindo as investigações de Shleiermacher e Dilthey no século XIX, Heidegger, no século XX, renova o estatuto da hermenêutica e possibilitava a (re)visão da história sem ter de percorrer a trilha, talvez já demais batida, do marxismo.” (ZILBERMAN,1989. p.11-12).

Contribuíram também para a formação do conceito de leitor, os postulados de Ingarden sobre a concretização. Segundo esse teórico polonês o leitor seleciona e organiza seus elementos em todos coerentes, excluindo alguns e destacando outros *concretizando* certos itens. E, ainda, que:

A leitura não é um movimento linear progressivo, uma questão meramente cumulativa: nossas especulações iniciais geram um quadro de referências para a interpretação do que vem a seguir, mas o que vem a seguir pode transformar retrospectivamente o nosso entendimento original, ressaltando certos aspectos e colocando outros em segundo plano.(EAGLETON, 1997. p. 106).

Como se pode observar pelas considerações feitas até este ponto, a figura do receptor só veio a ganhar maior atenção a partir da década de 60, momento em que novas propostas metodológicas se apresentam. Segundo Zilberman “este período caracterizou-se, efetivamente, por transformações que afetaram a vida universitária.”

A nova proposta chamada de “*Estética da Recepção*” ou “*Teoria da Recepção*” inova no campo da teoria da literatura, quando questiona a experiência estética e suas manifestações na história da arte e da literatura. No interior dessa estética encontramos, entre outros nomes, Wolfgang Iser e Hans Robert Jauss.

Explicando a atuação do *leitor implícito*, Compagnon (2001) observa que:

A análise da recepção visa o efeito produzido no leitor, individual ou coletivo, e sua resposta ao texto considerado como estímulo”. Ainda que “os trabalhos desse gênero se repartem em duas grandes categorias: por um lado, os que dizem respeito à fenomenologia do ato individual de leitura (originalmente em Roman Ingarden, depois em Wolfgang Iser), por outro lado, aqueles que se interessam pela hermenêutica da resposta pública ao texto (em Gadamer e particularmente Hans Robert Jauss). (COMPAGNON, 2001. p. 148).

Nota-se que, para chegarmos às categorias indicadas por Iser e Jauss – *horizontes de expectativas, o efeito e a recepção, a concretização; a distância estética; a experiência estética* - um caminho de pesquisas e constatações se fizeram presentes ao longo do tempo. Tais categorias são essenciais para a visão de um leitor atual, que não mais é visto apenas como um mero receptor, alguém que apenas executa o ato de leitura como se este não tivesse nenhuma implicação no entendimento do texto.

2.3. Construção de sentidos – o efeito e a recepção.

A concretização da leitura, as normas e os valores extraliterários, as expectativas do leitor, a maneira como se lê e como se faz a construção dos sentidos, tanto do *leitor virtual* quanto do *leitor coletivo*, conceitos distintos, são dados vitais para o entendimento das duas grandes categorias que se colocam agora como fatores importantes para a compreensão do que é o *leitor*. E para isso observamos a distinção estabelecida por Jauss entre o que é o *efeito* e *recepção*. Quanto ao primeiro, observa-se que é determinado pela obra, o segundo, que depende do destinatário ativo e livre. (COMPAGNON, 2001. p. 127)

Segundo Jauss, “a experiência estética não se inicia pela compreensão e interpretação do significado de uma obra; menos ainda, pela reconstrução da intenção de seu autor. Ela se realiza pela sintonia de seu efeito estético na compreensão fruidora e na fruição compreensiva.” Portanto, continua ele, “faz-se necessário diferenciar metodicamente os dois modos de recepção. Ou seja, de um lado aclarar o processo atual

em que se concretizam o efeito e o significado do texto para o leitor contemporâneo e, de outro, reconstruir o processo histórico pelo qual o texto é sempre recebido e interpretado diferentemente, por leitores de tempos diversos.” (LIMA, 1979. p. 46)

Iser também reconhece essa distinção quando ele diz que a obra literária tem dois pólos: o artístico e o estético. Quanto ao primeiro, ele argumenta que se refere ao texto produzido pelo autor. Já o segundo, diz respeito à concretização realizada pelo leitor. Justificando essa divisão ele diz que:

É claro que a própria obra não pode ser idêntica ao texto nem a sua concretização, mas deve situar-se em algum lugar entre os dois. Ela deve inevitavelmente ser de caráter virtual, pois não pode reduzir-se nem à realidade do texto nem à subjetividade do leitor, e é dessa virtualidade que ela deriva seu dinamismo. Como o leitor passa por diversos pontos de vista oferecidos pelo texto e relaciona suas diferentes visões a esquemas, ele põe a obra em movimento, e se põe ele próprio igualmente em movimento. (ISER, 1985. p. 48).

O que se conclui com os dizeres de Iser é que a construção dos sentidos se dá por um efeito experimentado pelo leitor e não apenas por uma definição preestabelecida pelo autor da obra. Explicando essa interação, Compagnon diz que “a literatura tem uma existência dupla e heterogênea que se concretiza somente pela leitura. O Objeto literário autêntico é a própria interação do texto como o leitor, um esquema virtual em que o texto instrui e o leitor constrói”. (COMPAGNON, 2001. p. 150).

Para Iser o *leitor implícito* é uma construção presente no texto e percebida pelo *leitor real* por meio das instruções do próprio texto. Esta dinâmica se estabelece como um jogo. Ele ainda afirma que “o conceito de *leitor implícito* designa uma rede de estruturas que pedem uma resposta, que obrigam o leitor a captar o texto.” Portanto, explica Compagnon, o leitor nesta perspectiva é reconhecido como *uma estrutura textual* bem como *um ato estruturado*. Iser ainda observa como fator importante o *repertório* trazido pelo leitor. Trata-se este de “um conjunto de normas sociais, históricas, culturais trazidas

pelo leitor como bagagem necessária à sua leitura.” Para que a leitura se efetive, de acordo com este pensador, é necessária uma interseção entre o repertório do leitor real e o repertório do *leitor implícito*.

O leitor de Iser é caracterizado por Compagnon como um ser de “um espírito aberto, liberal, generoso, disposto a fazer o jogo do texto. Um *leitor ideal*, crítico e culto, familiarizado com estruturas dos textos canônicos, mas curioso em relação aos modernos”. No entanto, Iser sofreu críticas severas por sua posição moderada quanto à pluralidade de sentidos dos textos e por ignorar, a seu modo, a posição do leitor na história. O centro de sua análise visa sobretudo os aspectos “*estéticos*” da obra.

A segunda grande categoria proposta pela Estética da Recepção diz respeito à dimensão coletiva da leitura. Hans Robert Jauss, segundo T. Eagleton, “procura situar a obra literária num ‘horizonte’ histórico, o contexto dos significados culturais dentro dos quais ela foi produzida, para em seguida explorar as relações variáveis entre ela e os ‘horizontes’, também variáveis, dos seus leitores históricos”. (EAGLETON, 1997. p. 114).

É notório que a conferência ministrada por Jauss na Universidade de Constança, em 1967, teve como um de seus objetivos principais colocar em cheque as *convenções vigentes na história da literatura*⁸ até então. Além disso, assinalar posição contrária aos métodos de ensino da literatura e propor novos caminhos. Ao criticar Formalistas e Marxistas, Jauss afirma que:

Seus métodos apreendem o fato literário no circuito fechado de uma estética da produção e da representação; com isso, eles despojam a literatura de uma dimensão que é, contudo, necessariamente inerente à sua própria natureza de fenômeno estético e à sua função social: a dimensão do efeito produzido (*wirkung*) por uma obra e do sentido que lhe atribui um público de sua “recepção”. O leitor, o ouvinte, o espectador – numa palavra: o público enquanto fator específico, só representa, numa e noutra teoria, um papel absolutamente reduzido. (JAUSS, 1967, p.43-44).

⁸ Expressão utilizada por Regina Zilberman, 1989. p. 30.

Jauss continua sua crítica dizendo que a estética marxista ortodoxa não trata o leitor de forma diferente da que trata o autor, interrogando-o apenas quanto a sua situação social. Quanto aos Formalistas, ele evidencia que a obra só precisa do leitor enquanto sujeito da percepção que, segundo as incitações do texto, deve discernir a forma ou descobrir o procedimento técnico.

A solução proposta por Jauss para esse impasse passa, segundo Zilberman, pelo reconhecimento e incorporação da dimensão de *recepção* e *efeito* da literatura. Jauss mostra com suas premissas que o caráter estético e o papel social da arte se concretiza na relação obra/leitor. Ele diz que “a vida da obra literária não pode ser concebida sem a participação ativa de seu destinatário”. Desta forma, Jauss confere ao leitor uma importância decisiva enquanto *sujeito da percepção* na relação proposta.

2.4. Uma leitura de Jauss segundo Regina Zilberman.

Passaremos agora a apresentar o projeto de reformulação da história da literatura proposto por Jauss. Para isso nos valem das sete teses de Jauss e das considerações de Regina Zilberman - *Estética da Recepção e História da Literatura*, 1989- em que ela sintetiza com bastante eficiência o projeto desse teórico. Nos atemos, desse ponto em diante, apenas a registrar as informações, não emitindo nenhum juízo de valor ou considerações de outros pesquisadores.

Jauss, ao observar as escolas marxista e formalista quanto ao papel do leitor, constata que o grande desafio da ciência literária é a superação do “abismo entre literatura e história, entre conhecimento histórico e o estético”. Ele mostra que o leitor, ignorado em seu papel pelos dois métodos, “é imprescindível tanto para o conhecimento

estético quanto para o histórico: o papel do destinatário a quem, primordialmente a obra literária visa”. (JAUSS, 1967).

Continuando sua análise, o pesquisador afirma que a obra literária é condicionada pela relação dialógica entre literatura e leitor, numa relação que possui implicações tanto estéticas quanto históricas. A partir dessas constatações, Jauss questiona a forma como se poderia, então, “fundamentar metodologicamente e reescrever a história da literatura”. Para explicar seu ponto de vista sobre a questão, Jauss formula um projeto dividindo-o em sete teses. Zilberman analisa os pressupostos do teórico, orientando que das sete teses do projeto, as quatro primeiras oferecem as linhas mestras da metodologia explicitada nas três últimas.

1ª tese - Uma renovação da história da literatura demanda que se ponham abaixo os preconceitos do objetivismo histórico e que se fundamentem as estéticas tradicionais da produção e da representação numa estética da recepção e do efeito. A historicidade da literatura não repousa numa conexão de “fatos literários” estabelecida *post festum*, mas no experienciar dinâmico da obra literária por parte de seus leitores. Essa mesma relação dialógica constitui o pressuposto também da história da literatura. E isso porque, antes de ser capaz de compreender e classificar uma obra, o historiador da literatura tem sempre de novamente fazer-se, ele próprio, leitor. Em outras palavras: ele tem de ser capaz de fundamentar seu próprio juízo tomando em conta sua posição presente na série histórica dos leitores. (JAUSS, 1967, p. 24.)

Segundo Zilberman, a atualização, natureza eminentemente histórica da literatura, manifesta-se durante o processo de *recepção* e *efeito* de uma obra, isto é, quando esta se mostra apta à leitura. A obra pode se atualizar como o resultado da leitura. Esta atualização ocorre com um indivíduo capaz de efetivá-la – o leitor. Este, nesse momento, é visto enquanto subjetividade variável, dependente de suas experiências pessoais.

2ª tese - A análise da experiência literária do leitor escapa ao psicologismo que a ameaça quando descreve a recepção e o efeito de uma obra a partir do sistema de referências que se pode construir em função das expectativas que, no momento histórico do aparecimento de cada

obra, resultam do conhecimento prévio do gênero, da forma e da temática de obras já conhecidas, bem como da oposição entre a linguagem poética e a linguagem prática. (JAUSS, 1967, p. 27).

A experiência literária do leitor constitui seu saber prévio. Segundo Jauss, os elementos necessários para medir a recepção de um texto encontram-se no interior do sistema literário. O pesquisador se refere portanto a um saber virtual prévio. A obra não se apresenta como novidade absoluta num vazio informativo, se não que “*predispõe seu público por meio de indicações, sinais evidentes ou indiretos, marcas conhecidas ou avisos implícitos.*” A obra predetermina a recepção, oferecendo orientações a seu destinatário.

Para Jauss, ela evoca um “horizonte de expectativas e regras do jogo” familiares ao leitor que “são imediatamente alteradas, corrigidas, transformadas ou também apenas reproduzidas. Cada leitor pode reagir individualmente a um texto, mas a recepção é um fato social. Este é o horizonte que marca os limites dentro dos quais uma obra é compreendida em seu tempo e que, sendo ‘trans-subjetivo’, condiciona a ação do texto”. (ZILBERMAN, 1989, p. 34)

3ª tese - O horizonte de expectativa de uma obra, que assim se pode reconstruir, torna possível determinar seu caráter artístico a partir do modo e do grau segundo o qual ela produz seu efeito sobre um suposto público. Denominando-se distância estética aquela que medeia entre o horizonte de expectativas preexistente e a aparição de uma obra nova – cuja acolhida, dando-se por intermédio da negação de experiências conhecidas ou da conscientização de outras, jamais expressas, pode ter por consequência uma ‘mudança de horizonte’ - , tal distância estética deixa-se objetivar historicamente no espectro das reações do público e do juízo da crítica (sucesso espontâneo, rejeição ou choque, casos isolados de aprovação, compreensão gradual ou tardia). (JAUSS, 1967, p. 31)

De acordo com as reflexões de Zilberman sobre essa tese, Jauss acredita que o valor de uma obra decorre da percepção estética que ela pode suscitar (nesse momento se aproxima dos formalistas e estruturalistas). Deduz-se que só é boa a criação que contraria a percepção usual do sujeito. O valor se estabelece proporcionalmente, quanto maior a distância entre leitor e obra maior a arte.

4ª tese - A reconstrução do horizonte de expectativa sob o qual uma obra foi criada e recebida no passado possibilita, por outro lado, que se apresentem às questões para as quais o texto constitui uma resposta e que se descortine, assim, a maneira pela qual o leitor de outrora terá encarado e compreendido a obra. Tal abordagem corrige as normas de uma compreensão clássica ou modernizante da arte – em geral aplicadas inconscientemente – e evita o círculo vicioso do recurso a um genérico espírito da época. Além disso, traz à luz a diferença hermenêutica entre a compreensão passada e a presente de uma obra, dá a conhecer a história de sua recepção – que intermedeia ambas as posições – e coloca em questão, como um dogma platonizante da metafísica filológica, a aparente obviedade segundo a qual a poesia encontra-se atemporalmente presente no texto literário, e seu significado objetivo, cunhado de forma definitiva, eterna e imediatamente acessível ao intérprete. (JAUSS, 1967, p. 35)

Da distância estética trata a quarta tese de Jauss. Zilberman afirma que esta é mais comprometida com a hermenêutica por que procura examinar melhor a relação do texto com a época de seu aparecimento. Ao explicar essa relação, a pesquisadora justifica que a reconstituição do *horizonte de expectativas* diante do qual foi criada e recebida uma obra possibilita chegar às perguntas a que respondeu. Isto significa, segundo ela, descobrir como o leitor da época pôde percebê-la e compreendê-la, recuperando o processo de comunicação que se instalou. “Por responder a novas questões em épocas distintas o texto explicita sua historicidade, concomitantemente contrariando a idéia de estar possuído por um ‘presente atemporal’, com um sentido fixado para sempre”. (ZILBERMAN, 1989, p. 36)

Citando Gadamer, a pesquisadora argumenta que “compreender é sempre proceder ao processo de fusão dos horizontes aparentemente independentes um do outro.” Todo texto incorpora interpretações e recepções acumuladas no tempo, equivalentes a “história dos efeitos”. (ZILBERMAN, 1989, p. 37)

Zilberman, considerando as quatro teses relacionadas anteriormente, afirma que Jauss *esclarece-investiga* a literatura sob tríplice aspecto: o diacrônico (relativo á recepção das obras literárias ao longo do tempo); o sincrônico (mostra o sistema de relações da

literatura numa dada época e a sucessão desses sistemas); e o relacionamento entre a literatura e a vida prática.

5ª tese – A teoria estético-recepcional não permite somente apreender sentido e forma da obra literária no desdobramento histórico de sua compreensão. Ela demanda também que se insira a obra isolada em sua ‘série literária’, a fim de que se conheça sua posição e significado histórico no contexto da experiência da literatura. No passo que conduz de uma história da recepção das obras à história da literatura, como acontecimento, esta última revela-se um processo no qual a recepção passiva de leitor e crítico transforma-se na recepção ativa e na nova produção do autor – ou, visto de outra perspectiva, um processo no qual a nova obra pode resolver problemas formais e morais legados pela anterior, podendo ainda propor novos problemas. (JAUSS, 1967, p. 41)

Zilberman, ao explicar o caráter diacrônico, afirma que este é relativo à recepção das obras literárias ao longo do tempo. Sua argumentação continua afirmando que para situar uma obra literária na história é preciso levar em conta a experiência literária que a propiciou, ou seja, a história dos *efeitos*. Uma obra não perde seu poder de ação ao transpor o período em que apareceu. O novo é uma qualidade móvel, com sentido estético e também histórico, quando provoca o resgate de períodos passados. A História deixa de ser vista como progresso e evolução. Ela se faz de avanços e recuos, reavaliações e retomadas de outras épocas.

6ª tese – Os resultados obtidos pela lingüística com a diferenciação e vinculação metodologicamente da análise diacrônica e da sincrônica ensejam, também no âmbito da história da literatura, a superação da contemplação diacrônica, até hoje a única habitualmente empregada. Se já a perspectiva histórico-recepcional depara constantemente com relações interdependentes a pressupor um nexo funcional. (“posições bloqueadas ou ocupadas diferentemente”) nas modificações da produção literária, então há de ser igualmente possível efetuar um corte sincrônico atravessando um momento do desenvolvimento, classificar a multiplicidade heterogênea de obras contemporâneas, segundo estruturas equivalentes, opostas e hierárquicas e, assim, revelar um amplo sistema de relações na literatura de um determinado momento histórico. Poder-se-ia, então, desenvolver o princípio expositivo de uma nova história da literatura dispondo-se mais cortes no antes e no depois da diacronia, de tal forma que esses cortes articulem historicamente, em seus momentos constitutivos de épocas, a mudança estrutural na literatura. (JAUSS, 1967, p. 46)

Esta tese, nos dizeres de Zilberman, aborda a Literatura e seu caráter sincrônico mostrando o sistema de relações da literatura numa dada época e a sucessão desses. Portanto, observa uma obra entre outras do próprio sistema literário a que pertence. Tal observação focaliza o momento histórico e a articulação da referida obra com outras que podem compor uma multiplicidade não simultânea. Segundo a pesquisadora:

Esta multiplicidade de manifestações literárias volta a constituir para o público que as percebe como obras de sua atualidade e relaciona-as umas com as outras, a unidade de um horizonte, comum e gerador de significados, expectativas, recordações e antecipações literárias. É preciso proceder à análise do simultâneo, bem como das mudanças, comparando cortes e descobrindo os pontos de interseção, a fim de definir que obras têm caráter articulador, acionando “o processo da ‘evolução literária’, em seus momentos formadores e nas rupturas (ZILBERMAN, 1989, p. 38)

Finalmente a última tese:

7ª tese – A tarefa da história da literatura somente se cumpre quando a produção literária é não apenas apresentada sincrônica e diacronicamente na sucessão de seus sistemas, mas também como história particular, em sua relação própria com a história geral. Tal relação não se esgota no fato de podermos encontrar na literatura de todas as épocas um quadro tipificado, idealizado, satírico ou utópico da vida social. A função social somente se manifesta na plenitude de suas possibilidades quando a experiência literária do leitor adentra o horizonte de expectativa de sua vida prática, pré-formando seu entendimento do mundo e, assim, retroagindo sobre seu comportamento social. (JAUSS, 1967, p. 50)

Ao abordar o relacionamento entre a literatura e a vida prática, Zilberman observa que Jauss apresenta as relações entre literatura e sociedade. Segundo ela, não sendo marxista, esse pensador enfatiza a função formadora da literatura: a literatura pré-forma a compreensão de mundo do leitor, repercutindo então em seu comportamento social. Arte existe para contrariar expectativas, pode levar o leitor a uma nova percepção de seu universo. “a relação entre literatura e leitor pode atualizar-se tanto no terreno sensorial como estímulo à percepção estética, como também no terreno ético enquanto exortação à reflexão moral”. Este é fundamento para uma nova ciência literária.

De acordo com Zilberman, a ciência precisa examinar seu objeto desde o ângulo da ação que provoca. Para ela, Jauss, assumindo os méritos e problemas dos conceitos adotados por formalistas e estruturalistas, supera a acepção essencialista de valor e enfatiza, na dinâmica da história da literatura, o papel do público, procurando descrevê-lo como elemento ativo e determinante.

Zilberman mostra que as noções de *recepção* e *efeito* muitas vezes se confundem. No entanto, o *efeito* significa um impacto da obra na sociedade e na história, outras vezes, resposta do leitor a sua experiência. Ela explica que as teses de Jauss se destinam ao campo aplicado, visando conhecer melhor o produto artístico coletado pela história da literatura.

3. DESCRIÇÃO DAS VINTE TESES E DISSERTAÇÕES

*“Quatro rodas giram lentamente uma ciranda.
Rodando vão tão longe
Cada roda a sua maneira
Têm em si todas as rodas
Rodadança da criação.*

*Há tempo pra girar-mundo
Na intuição, no simbólico, na notação.
Há tempo pra pensar
Sobre o pensar do gira-mundo.
Cada tempo tem seu giro
Cada giro tem seu tempo
Notação que já acontece
No ciclo de invenção.*

*São movimentos tocantes
Elos da metamorfose
Mandalas da expressão
Arte na vida
Voltas da roda gigante
Que só não cessam
Se lhes for dada atenção”.*

(Mirian Celeste Martins)

As dissertações e teses descritas, analisadas e avaliadas nesse capítulo foram selecionadas entre as universidades do Brasil que possuem produção acadêmica sobre *leitura/recepção* de textos. Num primeiro momento, procuramos entre as principais instituições do Brasil por meio de contato com as bibliotecas - UNESP, USP, PUC – RJ, PUC – R G do Sul, U. F. M. G. Nossa intenção foi atingir um número de instituições que mostrasse a importância das mesmas enquanto centro acadêmico no Brasil, formando assim um corpus com representatividade das várias regiões do país.

Os textos foram conseguidos por comut e/ou intercâmbios, adquiridos por doação ao grupo de pesquisa de Leitura e Ensino de Literatura da UNESP de Assis ou pela Internet em vários sites mantidos pelas instituições já relacionadas e plataformas de pesquisa. Entre eles destacamos o portal de periódicos CAPES; o Projeto Memória de Leitura – UNICAMP; a Divisão de Bibliotecas e Documentação Puc- Rio; a Universidade Brasil – o portal dos universitários; a Biblioteca Nacional – catálogos on-line de monografias, periódicos, obras de referência, teses, músicas, manuscritos, obras raras, iconografia, etc.; a Biblioteca Virtual de Educação; o IBICIT; o MIT Theses On – Line.

Nesse processo encontramos nomes de diversos textos que a princípio nos interessaria e passamos a buscá-los. É importante ressaltar que foi um grande obstáculo a essa pesquisa a aquisição dos textos selecionados e, desta forma, decidimos como primeiro critério, trabalhar com os que tivemos acesso efetivo. Outro critério utilizado diz respeito à não publicação dos mesmos em formato de livro. Entre esses, chegamos ao corpus eliminando os que não atendiam aos critérios mencionados.

É necessário dizer que nem todas as universidades do país estão de fato presentes nessa seleção. Certamente se notam algumas ausências o que não significa que são de menor importância para o tema tratado aqui. Apenas não se fizeram representar pela dificuldade de acesso ao acervo de tais instituições.

Quanto aos itens que compõem a grade de descrição, foi determinado após a leitura das dissertações e teses encontradas, observando-se quais dados eram semelhantes e unificariam a descrição das mesmas.

Para a classificação de tipo apresentada para esses textos (Pesquisa de Efeito – Pesquisa Recepção – Pesquisa Efeito/Recepção) utilizamos como critério a figura do leitor observando sua existência real ou apenas prevista pela estrutura de apelo do texto. Desta forma chegamos às categorias apresentadas que descreveremos de forma mais completa nas reflexões presentes no capítulo 4.

Decidimos também apresentar o resumo oferecido pelos pesquisadores, da forma como foram registrados, por acharmos importante para o tipo de estudo que propomos aqui.

PESQUISA 1.

a. Dados de identificação.

Autor: Cleusa Ferreira Marândola.

Orientador: Prof. D. Fernando Correia Dias.

Título: *A Recepção da Literatura: teoria e prática da estética da recepção.*

Instituição: Universidade de Brasília.

Nível de qualificação: Mestrado - Curso de Pós-Graduação em Letras e Linguística.

Ano de finalização: 1980.

Número de Páginas: 141.

Tipo: Pesquisa de Recepção pela crítica especializada.

Resumo da obra:

Este estudo tem por objetivo verificar a aplicabilidade dos princípios da estética da recepção de Hans Robert Jauss no romance de *Ciro dos Anjos – O Amanuense Belmiro*.

Com este propósito, procurou-se inicialmente definir a situação atual da estética da recepção no contexto das modernas correntes da crítica. Foram examinados alguns estudos que antecederam às reflexões da estética da recepção, por exemplo àqueles presentes nas obras de H. G. Gadamer, Jan Mukarovsky, Felix Vodicka e Michael Riffaterre, bem como a posição de seus principais representantes: H. R. Jauss, Wolfgang Iser e H. U. Gumbrecht. Deste grupo bastante heterogêneo colocou-se em destaque o método de Jauss, por ser o mais representativo dentro das várias possibilidades da Estética da Recepção.

A escolha do romance de *Ciro dos Anjos* é justificada pela permanência da obra no contexto da literatura brasileira, pela abundante bibliografia existente sobre ela e pelo reconhecimento que tem recebido desde sua publicação até o momento presente.

A análise da recepção de *O Amanuense Belmiro* baseou-se na reconstrução das diferentes interpretações da obra registradas em jornais, livros e revistas especializadas. Este estudo, que abrange cinco décadas (1930/1970), levou em conta tanto o aspecto diacrônico – a reconstrução dos vários momentos da recepção da obra; como o aspecto sincrônico – o relacionamento do romance com as obras representativas do seu ambiente literário.

Através da análise das diversas interpretações da crítica pôde-se constatar que *O Amanuense Belmiro*, por ser uma obra antitética à novelística brasileira da década de trinta, causou impacto no momento de sua publicação. Sua recepção determinou uma “modificação de horizonte” e seu valor estético foi confirmado pela distância entre suas

qualidades literárias e as expectativas do leitor, na época de sua publicação.

O diálogo entre a obra e o público, num período acima de quarenta anos, revelou seus valores literários, os quais garantiram seu sucesso e sobrevivência. *O Amanuense Belmiro*, foi visto pela crítica como uma obra herdeira de uma tradição clássica na novelística brasileira – a do romance psicológico, que teve em Machado de Assis o autor mais lembrado – e, ao mesmo tempo, como uma obra de caráter atual. (MARÂNDOLA, 1980, 138-139)

b. Objetivos.

A pesquisadora se propôs:

- Verificar a aplicabilidade dos princípios da estética da recepção do referido objeto de estudo.
- Revelar o diálogo entre a obra e o público, chegando a um juízo valorativo histórico-estético.
- Determinar o *horizonte de expectativas* da crítica, pela reconstrução do processo pelo qual o texto é sempre recebido por leitores de tempos diversos.

c. Material.

c.1. Tipo de texto abordado.

Marândola analisou o romance *O Amanuense Belmiro* de Ciro dos Anjos.

Justificou sua escolha por ser o autor:

Um representante do Modernismo brasileiro, que, apesar de toda onda de modismos de sua época, conseguiu sobreviver lançando para o público uma obra de grande valor estético. Além disso, a pesquisadora classifica a obra como “um romance que resiste à corrosão do tempo, ao esquecimento, permanecendo nessa realidade brasileira tão adversa à literatura, constituindo um fenômeno que precisava ser estudado”. (MARÂNDOLA, 1980, p. 35)

Consta da bibliografia da pesquisa apenas a 8ª edição da obra, publicada no Rio de Janeiro pela José Olímpio em 1975. No entanto, no corpo do texto, a pesquisadora observa que a reconstrução do processo pelo qual o texto foi recebido e interpretado por leitores de tempos diversos compreenderá cinco momentos: o primeiro – engloba a 1ª edição em 1937 e a 2ª edição em 1938 do livro; o segundo – aborda a década de quarenta referenciando a 3ª edição do livro em 1949; o terceiro – marca a 4ª edição em 1955 (Lisboa), tratava-se de uma edição conjunta de *O Amanuense Belmiro e Abdias* (1957); o quarto – mostra a década de sessenta com a 6ª edição do livro em 1966; o quinto – finaliza com a década de setenta, para a qual a pesquisadora não evidenciou nenhuma publicação em especial, mas se trata da 8ª edição (1975), analisada por ela.

c.2. Tipo de leitor.

Como a pesquisadora faz uma demonstração da análise da recepção por meio da crítica em diferentes épocas, não se fixou em um sujeito-leitor específico como nos projetos que visam à *pesquisa aplicada*. Desta forma a pesquisadora vale-se de autores anônimos, articulistas de jornal, escritores e críticos da literatura para perceber o que propôs. Entre eles encontramos: Ramos de Almeida, Milton Amado, Laís Correia de Araújo, Sylvia Bedran, Almir de Andrade, Carlos D. de Andrade, Mário de Andrade, Tristão de Athayde, Jayme de Barros, J. Bernardes Filho, Haroldo Bruno, Antonio Candido, Silvio Castro, Edgard Cavalheiro, Amândio César, Dias da costa, Raimundo Correia, Fernando Correia Dias, Eduardo Frieiro, Robert D. Herron, Álvaro Lins, Ayres da Mata Machado filho, Jácomo Mandatto, Luís Martins, Carlos Menezes, Adolfo Casais Monteiro, José Augusto Pereira, Eduardo Portella, Roberto Schwarz, Tasso Silveira, João

Gaspar Simões, Nelson W. Sodré, entre outros.⁹

Os textos foram divididos em duas categorias – *crítica jornalística e ensaio crítico* – com objetivos obviamente distintos. No primeiro grupo encontramos textos com o objetivo de informar os leitores da existência do livro de Ciro dos Anjos. Já no segundo grupo, realizou-se uma análise mais profunda da obra. Portanto, o leitor que Marândola trabalha aqui se trata de um *leitor real*, produzindo textos com objetivos variados a partir da década de trinta até setenta. Esse leitor – especialista em crítica literária - é histórico, mais experiente e mostra a *recepção* da obra por meio de leitores anônimos, considerados em conjunto de acordo com as edições da obra de Ciro dos Anjos.

c.3. Tipo de documento analisado referente à recepção e/ou ao efeito analisado.

Marândola utilizou para a análise da *recepção* da obra de Ciro dos Anjos, textos da crítica separados em dois grupos: “*crítica jornalística e ensaio crítico*”, nomes atribuídos por ela de acordo com o interesse e objetivo do texto produzidos nas décadas de 30, 40, 50, 60 e 70. Verificou-se nessa análise dados de edição e publicação como ponto de referência.

Seu estudo se fixa em fontes denominadas por ela como *empíricas* compostas por resenhas críticas, artigos de jornal e revistas, coletados em sua maioria pela Fundação Casa Rui Barbosa e Arquivo Museu de Literatura do Rio de Janeiro. Consta do material analisado, capítulos de livros e obras completas sobre Ciro dos Anjos.

Ao situar a obra tal como ela se apresenta ao leitor, a pesquisadora mostra sua ligação com obras anteriormente publicadas, traça as fronteiras do horizonte no qual ela se

⁹ Os nomes elencados foram registrados na ordem em que apareceram na bibliografia, sem distinção de função entre eles, nem grau de relevância

inseriu e detecta no texto elementos que objetivamente pareciam dirigir o público para uma certa modalidade de recepção

d. Base teórica e bibliografia destacada na pesquisa.

d.1. Conceitos desenvolvidos.

A proposta se baseia na reconstrução do processo pelo qual o texto é recebido e interpretado por leitores de tempos diversos. Tal estudo levou em conta três níveis: o diacrônico – observando a inter-relação dos vários momentos da recepção; o sincrônico – marcando o relacionamento com as obras representativas do momento no mesmo ambiente literário; o extraliterário – compreendendo quais pressuposições históricas ou culturais abriram caminho para compreensão da obra e seu alinhamento numa série.

No segundo capítulo a pesquisadora teceu considerações gerais sobre a teoria da Estética da Recepção. Partiu da apresentação da obra de H. R. Jauss, observando em seus pressupostos a prioridade dada à análise e ao aspecto da recepção sobre os da produção e da representação. Segundo a pesquisadora, a teoria se contrapõe às teorias formalistas e estruturalistas, que se preocupavam com a estrutura imanente, privilegiando o autor e o texto, deixando em papel secundário o leitor. Marândola diz que a Estética da Recepção, ao contrário disso, propõe a concepção de abertura do horizonte de significação da literatura e da contribuição do leitor, que realiza e dá sentido à obra.

Marândola aponta as contribuições vindas de Mukarovsky (1934), Felix Vodicka (1941) e Ingarden (1973) dizendo que “os tchecos foram bem sucedidos na elaboração de alguns postulados básicos para a Teoria da Recepção, pois lançaram uma

ponte sobre a lacuna existente entre os estudos sincrônicos e diacrônicos”. A comprovação de suas afirmações foi realizada com a citação de Fokkema (1977).

Sua observação mostra que H.R. Jauss foi mais detalhista quanto aos aspectos apontados. Seu estudo sobre a *recepção* procurou focalizar o caráter histórico da literatura nos três níveis já citados anteriormente. Quanto a isso ela lança mão dos ensaios de Kothe (1977) e Fokkema (1977).

Ainda na parte teórica da pesquisa, Marândola observa a diferença existente entre os pressupostos de Jauss e W. Iser. Segundo ela, na abordagem de Iser “o leitor é diretamente confrontado com o texto, não levando em consideração as condições históricas de interpretação, nem a concretização legitimada por um público”. A autora observa que há uma “*não convergência*” de posições entre os teóricos: Jauss, valorizando a recepção da obra, do modo como ela é ou deveria ser recebida; Iser concentra-se no efeito observando como se estabelece a ligação entre texto e leitor.

Outro crítico citado na comprovação das afirmações lançadas no texto, foi H. U. Gumbrecht (1977). Segundo este autor, “... *a verdadeira inovação da Estética da Recepção consistiu em ter abandonado a classificação da quantidade das exegeses possíveis e historicamente realizadas sobre um texto, em muitas interpretações ‘falsas’ e uma ‘correta’. Seu interesse cognitivo se desloca da tentativa de constituir uma significação procedente para o esforço de compreender a diferença das diversas exegeses de um texto.*” (Gumbrecht (1977), apud MARÂNDOLA, 1980, p.24).

Também observa como correspondente à conceituação de Gumbrecht, a teoria desenvolvida por Michael Riffaterre (1959), no que diz respeito ao “controle da decodificação” e ao emprego do “*arquileitor*”. Segundo ele, o emprego desta figura é responsável por decifrar o texto, “é a soma de leituras, e não uma média [...] um instrumento para assinalar os estímulos do texto”.

A pesquisadora segue sua explanação, resumindo as sete teses propostas por Jauss (1967) evidenciando o que o teórico propôs. Para isso, inicia uma reflexão sobre a Estética da Recepção e as escolas Marxista e Formalista.

Ao se referir à concepção marxista, constata que “a arte deixa por explicar como é que a literatura e a arte podem ser capazes de definir-se ‘ativamente’ na sua base social”. Essa teoria, segundo afirmações presentes no texto de Marândola, não consegue explicar por que uma obra continua a proporcionar prazer estético e outras não. Tal impossibilidade consiste, para Jauss, num dos pontos fracos da estética marxista.

Retratando a teoria formalista, a pesquisadora observa o caráter histórico da literatura, numa perspectiva diacrônica. Chega às contribuições dadas por Iuri Tinianov à teoria da Estética da Recepção que “supõe um diálogo dinâmico entre obra, público e nova obra, o qual pode ser enfocado como relação entre mensagem e receptor, entre estímulo e resposta, entre problemas e solução”.(TINIANOV (1973), apud MARANDOLA, 1980, p.41)

d.2. Bibliografia citada.

A. Textos analisados.

ANJOS, C. dos. *O Amanuense Belmiro*. 8ª ed. Rio de Janeiro: José Olímpio. 1975.¹⁰

B. Referências teóricas.

FOKKEMA, D.W. e KUNNE, I.E. *Da crítica e da nova crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

¹⁰ 1ª ed. 1937.

GUMBRECHT, H. U. Sobre os interesses cognitivos, terminologia básica e métodos de uma ciência da literatura fundada na teoria da ação (1977). In: COSTA, Luiz Lima. *A literatura e o leitor: textos de Estética da Recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

INGARDEN, Roman. *A obra de arte literária*. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian, 1973.

ISER, Wolfgang. A interação do texto com o leitor. In: LIMA, L. C. *A literatura e o leitor: textos de Estética da Recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

JAUSS, H.R. *A estética literária como desafio da ciência literária. Historia Medieval e Teoria dos Gêneros*. Porto: Soares Martins, 1974.

_____. A Estética da Recepção: colocações Gerais. In: LIMA, L. C.. *A literatura e o leitor: textos de Estética da Recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

KOTHE, F. R.. *O Formalismo como sistema*. Cópia artigo inédito distribuído em aula na UNB, junho de 1977.

MUKAROVSKY, J. A Arte como fato semiológico. (1934). In: TOLEDO, D. (org). *Círculo lingüístico de Praga: estruturalismo e semiologia*. Porto Alegre: Globo, 1978.

RIFFATERRE, M.. Critérios para a análise de estilo (1959). In: *Estilística estrutural*. São Paulo: Cultrix, 1973.

TINIANOV, I. Da evolução literária. (1927). In: TOLEDO, D. (org). *Teoria da literatura: formalistas russos*. Porto Alegre: Globo, 1973.

VODICKA, F. A história da repercussão das obras literárias (1941) In: TOLEDO, D. (org). *Círculo lingüístico de praga: estruturalismo e semiologia*. Porto Alegre: Globo, 1978. pp. 299-309.

e. Detalhamento da pesquisa e metodologia

A dissertação de Marândola foi dividida em cinco partes distintas. Na primeira delas, consta a introdução do texto. Já na segunda, a pesquisadora apresenta considerações gerais sobre a Estética da Recepção. Nessa síntese, procurou definir a situação da teoria no panorama das correntes contemporâneas do pensamento, enfocando alguns de seus antecedentes e a posição de seus representantes máximos. Interessante foi o reconhecimento feito pela pesquisadora sobre a antecipação das questões elencadas nessa síntese em obras anteriores de Antonio Candido e João Alexandre Barbosa.

A terceira parte foi destinada ao resgate da teoria de Jauss com a sistematização das sete teses do autor, bem como, as críticas recebidas.

A quarta parte versa sobre o que ela denomina de *recepção* da obra. A pesquisadora observa que abordou o tema utilizando o referencial teórico sintetizado. Seu objetivo foi determinar o *horizonte de expectativas* da mesma.

Consta na quinta parte do texto, a apresentação do autor, do romance e da recepção da obra nas décadas indicadas. A recepção foi observada por meio de textos colecionados ao longo de vários anos pelo próprio autor e doados à Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro. Como se pode constatar, a pesquisa se consolidou na análise dos dados obtidos por meio dos registros da crítica ao longo do tempo. Por isso, a pesquisa foi classificada como um estudo de recepção pela crítica especializada.

f. Resultados principais apresentados na pesquisa.

A pesquisadora apresentou algumas conclusões relevantes. A primeira delas é que boa parte do material analisado constava de artigos cuja preocupação básica consistia

em informar ao público a existência do livro. Mais próximo, portanto, do jornalismo e da propaganda do que de uma crítica literária. Esta foi sendo reduzida e substituída por ensaios críticos melhor elaborados em relação à interpretação e análise da obra. Nos textos os autores centralizaram suas observações no conteúdo e no discurso, apoiando-se ainda em categorias tomadas por empréstimo da sociologia e da psicologia.

Afirmou Marândola, que a obra de *Ciro dos Anjos* causou impacto no momento de sua publicação. Ao longo dos anos, sua recepção determinou uma “*modificação de horizontes*” e seu valor estético foi confirmado pela distância entre a qualidade literária e as expectativas dos leitores – críticos que produziram artigos sobre o romance - na época de sua publicação. Observou que, embora existissem diferenças de recepção do leitor nas diversas décadas, a obra continuava a circular como material de leitura ao longo das décadas registradas por ela.

A autora verificou que os caminhos percorridos pelos críticos foram diversos, mas as conclusões semelhantes. Em todas as fases da recepção houve a valorização de determinados aspectos: influências recebidas, verossimilhança e apuro lingüístico do texto. A crítica se ateve à apreciação estilística do autor, à análise das marcas presentes no próprio texto e implícitas no discurso narrativo.

Esta pesquisa confirmou a concepção de Jauss que afirma “que a recepção, em grande medida está inserida no texto e que o processo de recebê-lo não se reduz simplesmente à sucessão casual de simples impressões subjetivas, mas trata de uma percepção guiada”. Ainda mais, que não basta situar em seus lugares o autor, a obra, os leitores e o intérprete atual, em seus papéis e respectivos horizontes, para se chegar à análise da recepção de uma obra. É necessário tornar aqueles papéis e suas relações palpáveis, através da reconstrução do diálogo da obra com o público, fundindo todos esses horizontes que a primeira vista pareciam separados.

g. Avaliação sobre a pesquisa.

A pesquisa de Marândola é classificada como *teórica* voltada para a análise dos pressupostos da Estética da Recepção. Não proporciona uma *pesquisa aplicada*, pois não faz o que se denomina hoje uma *pesquisa de campo*. No entanto, foi classificada aqui como **Pesquisa de Recepção pela crítica especializada**, por textos da crítica, não elaborados especialmente para o registro da *recepção* de *leitores reais*, mas que observam a obra em várias edições, focalizando como a mesma foi recebida, na visão da crítica, pelos leitores anônimos.

O principal mérito do trabalho está em buscar em 1980 a compreensão de assunto tão tardiamente colocado em evidência no Brasil. Os postulados de Jauss e Iser já se faziam presentes desde a década de 60 no mundo da análise literária, porém, como constata Zilberman, a chegada da teoria ao Brasil só se dá vinte anos depois.

Outro ponto positivo a se destacar é o fato dela condensar nos capítulos 2 e 3 uma visão geral sobre a Estética da Recepção, divulgando portanto seus pressupostos teóricos. A autora se fixa às teses de Hans R. Jauss não abordando sistematicamente Wolfgang Iser. Dessa forma, não se percebe na pesquisa de Marândola como as duas teorias se complementam.

A pesquisadora se baseia em três objetivos que, ao nosso ver, são parcialmente atingidos. Notamos que o propósito de verificar a aplicabilidade dos princípios da Estética da Recepção no referido objeto de estudo concretiza-se na medida em que ela analisa o que a crítica diz sobre a *recepção* do texto em diferentes épocas. No entanto, acreditamos que as fontes utilizadas pela pesquisadora, denominadas como empíricas na bibliografia do trabalho, são registros segundo as impressões de alguns críticos calcadas no próprio texto e em notícias sobre a aceitação ou não da obra de Cyro dos Anjos em cada edição

mencionada. São, portanto, indicadores da recepção da obra, pois retratam um momento histórico. A pesquisa foi classificada como *recepção especializada*, pois são textos produzidos por pessoas que tinham como principal objetivo não só o registro de impressões de leitura, da sua recepção propriamente dita, mas da análise do votada para dados estruturais da narrativa, além de servirem como instrumentos de divulgação da obra e de como o público de cada década a recebeu.

Segundo a própria pesquisadora, o material analisado era bastante heterogêneo e fazia-se necessário uma divisão do mesmo em dois grupos que ela denominou, apoiando-se em Afrânio Coutinho (1975), em “*crítica jornalística*” e “*ensaio crítico*”. Quanto ao primeiro, explica que se trata de “artigos, aos quais cabia em parte informar o público, em parte criticar o livro e em parte anunciar a sua existência. Esta atividade aproxima-se do jornalismo, da propaganda e por ausência de termo mais apropriado receberá o nome de crítica jornalística”. Quanto ao segundo, diz à pesquisadora que “são artigos da crítica mais profunda, analítica, de uma perspectiva mais profunda. 'aquela que mobiliza recursos próprios de análise e interpretação”, acrescentando a estes os que lhes pode oferecer a lingüística, a semântica, as ciências sociais, a psicologia, a filosofia, a história das artes, etc. (MARÂNDOLA, 1980, p. 85-89)

Acreditamos, portanto, que funcionam como indicadores históricos do texto, que são instrumentos destinados à coleta de dados específicos sobre a recepção realizada por leitores mais experientes. Desta forma, a pesquisadora não se equivoca ao estabelecer como objetivo a recepção de textos, no entanto devemos considerar sua ressalva sobre as fontes, e enfatizar tais objetos como “*ensaios da crítica*”

Quanto a seu segundo objetivo, “*revelar o diálogo entre a obra e o público, chegando a um juízo valorativo histórico-estético*”. Observamos que não faz propriamente um diálogo entre a obra e o público, visto que a recepção deste não é realizada diretamente.

O valor histórico estético a que chega é fruto da análise crítica da época que, como sabemos, nem sempre corresponde ao que os leitores empíricos pensam de fato. Constituem-se mais no que a pesquisadora fixa como “determinar o *horizonte de expectativas* da crítica, pela reconstrução do processo pelo qual o texto é sempre recebido por leitores de tempos diversos”.

A pesquisadora observa, no depoimento da crítica, a maneira como os leitores receberam as várias edições do livro, ligando a leitura a alguns acontecimentos que de certa forma condicionaram a recepção do romance. Ela constata que nas primeiras décadas a crítica capta acontecimentos percebidos na obra, apenas pelo aspecto da história. A partir da década de 50, os críticos fazem enfoques impressionistas, psicológicos e sociológicos, apoiando-se em categorias tomadas de empréstimo de outras ciências e abordando a obra com maior profundidade, sem contudo sair dos aspectos do conteúdo. Embora a pesquisadora mostre a utilização de uma observação fundada no texto de *Ciro dos Anjos*, focaliza nesses ensaios críticos semelhanças e diferenças na *recepção* feita pela crítica sobre a obra, consideradas como *recepções históricas* que comprovam seu valor estético.

É importante perceber que a teoria proposta por Jauss não se preocupava com a questão da recepção escolar e sim com a valorização do objeto estético e a forma como a crítica concebia esse valor. Desta forma, Marândola faz uma boa utilização da teoria da Estética da Recepção.

PESQUISA 2.

a. Dados de identificação.

Autor: Deusa F. R. de Medeiros.

Orientador: Prof^a Dr^a Elisabeth Brait

Título: *Recepção e interpretação de J.J. Veiga.*

Instituição: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

Nível de qualificação: Mestrado em Letras

Ano de finalização: 1991

Número de páginas: 244

Tipo: Pesquisa de Recepção/Efeito – Voz do leitor real – questões pedagógicas.

Resumo da obra:

O presente trabalho é uma proposta de descrição de estruturas discursivas, usando como material de observação três contos de José J. Veiga, focalizados com o objetivo de mostrar que o exame dessas estruturas facilita a compreensão e a interpretação da leitura.

Pretende-se, com isso, trazer uma contribuição para o aumento do potencial de leitura dos alunos, em especial alunos do 2º e do 3º graus que, pelo desenvolvimento psíquico e intelectual atingidos, apresentam melhores condições de absorção da metodologia proposta, ou seja, a análise textual nos moldes da sêmio-lingüística postulada pela Escola de Paris.

Nesse sentido, procurando perceber a maneira em que a leitura é recebida e interpretada pelos alunos, nossos informantes, a pesquisa descreve as projeções da enunciação no enunciado, bem como as relações argumentativas estabelecidas entre enunciador e enunciatário, com vistas a tornar verossímil o discurso.

Acredita-se que a análise desses procedimentos contribua para facilitar a compreensão do texto e para a formação de um leitor mais crítico e reflexivo, menos alienado.

Além das intenções acima mencionadas, a pesquisa objetiva, também discutir relações existentes entre o leitor e suas condicionantes prévias em relação à leitura, mostrando-as como causas das dificuldades encontradas pelos alunos na interpretação de textos. (MEDEIROS, 1991)

b. Objetivos.

A observação realizada pela pesquisadora levanta a questão de como é que o leitor se relaciona com o texto, no sentido de interpretá-lo de forma crítica, uma vez que se sabe que, dependendo do leitor e de suas responsabilidades relacionais com o texto, tem-se várias leituras. Além disso, procurou divulgar o autor e sua obra junto aos professores de literatura infanto-juvenil por julgar que seus textos possibilitam a emancipação do público leitor.

A pesquisadora apresenta como objetivos:

- Mostrar que o exame das estruturas discursivas do objeto literário facilita a compreensão e a interpretação da leitura.
- Contribuir para o aumento do potencial de leitura dos alunos por uma metodologia calcada na análise textual da sêmiolinguística.
- Discutir relações existentes entre o leitor e suas condicionantes prévias em relação à leitura, mostrando-as como causas das dificuldades encontradas pelos alunos na interpretação de textos.

c. Material.

c.1. Tipo de texto abordado.

Medeiros propõe a análise da recepção de José J. Veiga utilizando-se para isso de três contos, retirados da obra *Os cavalinhos de Platiplanto* (1959). Consta em sua bibliografia apenas a 15ª edição publicada em São Paulo pela editora Difel em 1985.

A pesquisadora trabalhou portanto, com a recepção dos três textos na seguinte ordem: 1. Os cavaleiros de Platilante; 2. Fronteira; 3. Entre irmãos.

c.2. Tipo de leitor.

Medeiros observa a recepção dos contos num grupo de leitores reais, formado por alunos do 3º grau do curso de Letras. Tais alunos se preparavam para ministrar a disciplina de Literatura Infância-Juvenil para o 2º grau, no curso do Magistério da cidade de origem. A pesquisa se deu no Centro Pedagógico de Rondonópolis, campus avançado da Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT.

c.3. Tipo de documento analisado referente à recepção e/ou ao efeito analisado.

Foram produzidas individualmente pelos leitores paráfrases dos três contos abordados, uma a cada encontro proposto e referente a cada um dos contos na respectiva ordem lançada no item **c.1**. Essas paráfrases não foram realizadas em classe. Para cada texto lido, os alunos tiveram um prazo de 15 dias para a entrega dos trabalhos.

Outro documento observado foi uma ficha de informações dividida em duas partes. Na primeira delas, dados pessoais dos informantes e seus progenitores; na segunda, informações sobre as relações mantidas pelos informantes e por seus pais com a leitura.

d. Base teórica e bibliografia destacada.

d.1. Conceitos desenvolvidos.

O capítulo teórico produzido por Medeiros familiarizou o leitor com a terminologia específica e com o uso que se fará da teoria semiótica que o fundamenta. Também, complementar essa forma de abordagem da imanência da significação, relacionando-a com a perspectiva da Teoria da Recepção.

A teoria que fundamenta o trabalho de Medeiros está calcada nos princípios gerais da Teoria Semiótica e também no conceito de Leitura e de Interpretação configurados na perspectiva da Estética da Recepção. Seu enfoque principal reside nas estruturas discursivas, evidenciando como essa teoria entende a questão da leitura.

Fundamentam tais proposições os conceitos levantados por Greimas e pelo grupo de Investigações Sêmio-lingüísticas da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais, em Paris. Esta escolha foi justificada pela pesquisadora por ela acreditar que a análise do discurso possibilitaria uma leitura mais profunda dos textos.

Conceituando texto, Medeiros diz que, de acordo com a semiótica, é entendido como “objeto de significação e como objeto de comunicação”, também como uma “superposição de três níveis de profundidade diferentes, articulados entre si pela busca da construção do sentido que, segundo Greimas e Courtés (1979), vai do mais simples ao mais complexo, do mais abstrato ao mais concreto”.

Medeiros segue sua explanação distinguindo as três etapas do percurso gerativo, no nível semiótico. São elas: *as estruturas fundamentais e elementares* (instância mais profunda do texto); *as estruturas narrativas* (caracterizadas como nível sintático-semiótico intermediário); *as estruturas discursivas* (próximas da manifestação textual).

Explica como a gramática discursiva explora a sintaxe e a semântica, dizendo que, na primeira, as projeções da instância da enunciação no discurso-enunciado e as relações argumentativas, principalmente entre enunciador e enunciatário, são examinadas por meio da sintaxe discursiva. Cabe à semântica discursiva descrever e explicar a conversão dos percursos temáticos e a cobertura destes através de figuras.

A autora encaminha a base teórica utilizada, resgatando conceitos de *isotopia temática* e *figurativa*. Afirma que estes recursos são responsáveis pela coerência semântica do texto. Portanto, segundo a pesquisadora, a coerência semântica, sintática e narrativa, é desenvolvida num nível mais profundo do texto, o que o sustenta enquanto tal. Ela alerta, ainda, que à semiótica cabe estar sempre aberta e atenta, não se assumindo como um modelo pronto e fechado a que qualquer texto poderá ser submetido para análise.

A pesquisadora, observando a leitura e a interpretação a partir da perspectiva semiótica, entende a *enunciação* como uma atividade humana que pode ser examinada pelo eixo da comunicação e pelo da produção. Comprova seu ponto de vista, baseando-se nos pressupostos teóricos dos autores já citados, acrescentando Barros (1988). Para ela, a partir da observação destes dois eixos – o da comunicação e o da produção – podem-se determinar dois processos diferentes que possibilitam a interpretação de um texto. Desta forma, a pesquisadora entende a leitura como “um processo de interpretação que julga o fazer do texto um produto das relações intersubjetivas do homem que vive em sociedade”.

Confrontando esse ponto de vista com o da Estética da Recepção, Medeiros procura, a princípio, explicitar como a teoria vê o leitor. E para isso lança mão dos postulados teóricos de Hans Robert Jauss (1979).

Sua atenção se volta para os conceitos básicos que envolvem a Estética da Recepção que considera a *poiesis* (produção), a *aisthesis* (a recepção) e a *katharsis* (comunicação) da obra de arte. Assinala dois modos de recepção da obra: o *efeito* com as

possíveis relações entre leitor e texto, e a *recepção* propriamente dita com a preocupação de estabelecer o *leitor ideal*. Para isso, a pesquisadora incorpora em sua fundamentação os conceitos teóricos de Ingarden e Iser. Ela chega ao conceito de *vazios no texto* que serão preenchidos pelo leitor.

O próximo passo seguido por Medeiros é apresentar W. Iser (1979), outro teórico da Estética da Recepção, que afirma ser “a leitura é uma atividade comandada pelo texto, responsável por seu efeito no leitor, realizado através da interação entre eles”. Esta interação pode ser explicada pela psicologia social e pela psicanálise da comunicação. E é nessa interação que se encontram os *vazios* dos textos ficcionais que precisam ser preenchidos pelo leitor.

Segundo Iser seria possível estabelecer três tipos de textos ficcionais: os que se utilizam dos vazios para fins políticos, os que se utilizam dos vazios para fins comerciais e os que se utilizam dos vazios para fins estéticos. Firmando, com essa explanação, a importância dos *vazios* como condição elementar da comunicação.

A pesquisadora considera algumas idéias de Karlheins Stierle (1979), que fundamentam a recepção de textos, como sendo a tradução de um significante em um significado. Ela explica que para este teórico “a recepção elementar ocorre por meio da redução, unicamente possível através da contextualização, que permite visualizar-se um horizonte de significação maior em relação aos significados dados”. Este mesmo teórico postula uma oposição entre *recepção pragmática* e *recepção ficcional*. Na primeira, “o produtor sabe o que o receptor espera dele e este, por sua vez, sabe o que deve oferecer ao produtor”. Já no segundo, distancia-se quando propõe outro objetivo. Para Stierle “os textos ficcionais são textos de ficção apenas quando se possa contar com a possibilidade de um desvio dado, desvio este não sujeito à correção, na verdade, apenas interpretável ou criticável”.

Medeiros propõe em sua pesquisa uma relação lógica entre as duas teorias: Semiótica e Estética da Recepção. Ela observa que as duas teorias aliadas oferecem possibilidades de ensino de leitura e interpretação textual mais eficaz, pois para ela “pensar as significações do texto significa observá-lo, descrevê-lo e analisá-lo a partir dos pressupostos já levantados pelas teorias escolhidas”. Além dos autores mencionados, observamos, ao longo do texto, outros, tais como: T. Eagleton (1983), L. C. Lima (1979), e R. Zilberman (1989).

d.2. Bibliografia citada.

A. Textos analisados.

VEIGA, J. J. Os cavaleiros de Platilento, Fronteira e Entre irmãos. In: *Os cavaleiros de Platilento*. 15ª ed. São Paulo: Difel, 1985. (1ª ed. 1959).

B. Referências teóricas.

BARROS, D. L. P. *Teoria do discurso: fundamentos semióticos*. São Paulo: Atual, 1988.

COSTA, L. L.. *A literatura e o leitor: textos de Estética da Recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GREIMAS, A. J. e COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. Trad. Alceu Dias Lima e outros. São Paulo: Cultrix, EDUSP, 1979.

ISER, W. A interação do texto com o leitor. In: LIMA, C. L. *A Literatura e o leitor: textos de Estética da Recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

JAUSS, H. R.. A Estética da Recepção: colocações Gerais. In: LIMA, L. C. *A literatura e o leitor: textos de Estética da Recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979

STIERLE, K. Que significa a recepção dos textos ficcionais? In: LIMA, L. C. *A literatura e o leitor: textos de Estética da Recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

TERRY, E. *Teoria da literatura: uma introdução*. Trad. Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

ZILBERMAN, R. *Estética da Recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989.

e. Detalhamento da pesquisa e metodologia.

Procurando perceber a maneira como a leitura era recebida e interpretada pelos alunos, informantes da pesquisa, Medeiros descreveu as projeções da enunciação no enunciado, bem como as relações argumentativas estabelecidas entre enunciador e enunciatário, com vistas a tornar verossímil o discurso.

Além disso, a pesquisadora ainda discutiu algumas relações existentes entre o leitor e suas condicionantes prévias em relação à leitura, mostrando-as como causas das dificuldades encontradas pelos alunos na interpretação de textos.

Para realizar sua pesquisa, Medeiros optou por “trabalhar os textos dentro de uma pesquisa aplicada, quer sob a ótica da teoria semiótica da análise do discurso, quer sob a ótica da teoria da recepção textual.” .

A *pesquisa aplicada* foi realizada por meio de três contatos mantidos com os informantes. No primeiro, os informantes leram o conto Os cavaleiros de Platiplanto e elaboraram uma paráfrase do mesmo. Nesse momento, eles não receberam nenhuma informação sobre o autor ou a obra.

No segundo contato, foram expostos ao conto Fronteira. Antes da leitura foram apresentadas informações sobre J.J. Veiga, bem como o gênero “fantástico”, gênero privilegiado nos contos escolhidos. Também foram indicadas as fontes bibliográficas sobre

o autor e sobre o gênero em questão. Posteriormente, nova paráfrase foi solicitada aos leitores. Paralelamente a esse segundo contato, os informantes recebiam, na graduação, noções referentes à análise do discurso, fundamentadas na Teoria Semiótica .

No terceiro e último contato, os informantes foram expostos ao conto Entre irmãos. Foi-lhes solicitado que fizessem outra paráfrase em que utilizassem os recursos obtidos sobre a teoria semiótica Greimasiana. Foi proposto aos informantes que a observação dos textos não se detivesse às estruturas elementares e narrativas.

Esta *pesquisa aplicada* contou ainda do preenchimento de um questionário composto de duas fichas. Na primeira, a pesquisadora apresentou informações pessoais sobre os informantes e sua família. Na segunda, registrou dados sobre contato com a leitura tanto deles quanto de seus pais.

As técnicas utilizadas visaram à coleta de dados sobre o modo de recepção, de interpretação dos textos trabalhados, bem como o levantamento de elementos textuais fornecidos pela Teoria Semiótica. Tais conhecimentos foram colocados como facilitadores da recepção e da interpretação. O projeto foi estendido à rede oficial de ensino, por meio de um projeto que integrou a Universidade e a Rede Oficial de Ensino.

A pesquisadora observou a situação geral das escolas em relação ao ensino da leitura e constatou que, como se sabia, não era nada promissora no momento. Tal situação era decorrente de uma série de fatores que foram brevemente relacionados.

O desenvolvimento da pesquisa foi organizado em quatro capítulos, sendo que o primeiro versa sobre J.J. Veiga e o fantástico; o segundo, encontra-se a fundamentação teórica que embasa o trabalho; o terceiro contém uma análise das estruturas discursivas dos contos de J.J. Veiga; o quarto, a análise dos dados obtidos na *pesquisa aplicada* seguida de conclusões finais.

f. Resultados principais apresentados na pesquisa.

Quanto aos resultados, percebe-se, pela leitura do texto, uma clara intenção da pesquisadora em defender a idéia de que o trabalho com a leitura na escola deve ser repensado. Para ela, o aprendizado da leitura resulta da explicitação dos mecanismos de produção de sentido do texto antes da competência espontânea dos alunos. O conhecimento desses mecanismos, aliado ao conhecimento do sistema lingüístico e ao conhecimento do contexto sócio-histórico de produção do texto é fundamental para o aprofundamento que se pretende, na pesquisa em pauta, da recepção e da interpretação da leitura.

Medeiros reconheceu que seu trabalho não tinha como objetivo principal a proposição de soluções para os entraves do ensino da leitura, mas que pretendia apontar caminhos para uma possível reversão desse quadro. Nesse sentido, afirmou que a leitura é, antes de tudo, “um instrumento de libertação que pode propiciar ao homem que dela desfruta condições para compreender melhor o mundo em que vive”. No entanto, observa que, para a realização dessa meta, é vital a clareza da concepção da noção de leitura, bem como dos objetivos e dos resultados esperados. Em sua concepção, não se pode pensar que “a compreensão da leitura é um dom que uns poucos leitores possuem em maior grau que outros”.

Embora não seja a escola o único local propício para o ensino da leitura, Medeiros diz que é o espaço mais ideal para essa aprendizagem. Também concluiu que a formação oferecida no curso de Magistério e no de Letras deveria propiciar aos alunos em formação noções básicas voltadas tanto à Teoria de Análise do Discurso quanto à Teoria de Recepção de Textos.

Reconhecendo que a escola, já em 1991, recebia uma clientela heterogênea em todos os sentidos, propôs que o professor se libertasse dos livros-textos e montasse o seu

próprio material, após conhecimento das características das turmas com as quais trabalha. É tarefa do professor, segundo a pesquisadora, “proporcionar meios para que seus alunos decodifiquem alguns dos vários sentidos de um texto. O professor, como leitor mais experiente, deveria conduzir esse caminho, mas para isso teria também que ter recebido referencial teórico indispensável”.

A pesquisadora finalizou o trabalho apontando para a necessidade de outras pesquisas que não priorizem o *efeito estético* produzido por um texto, mas que dessem conta do diálogo existente entre o texto e o leitor real. Admitiu que a reconstituição do *leitor implícito* no texto é fundamental para a leitura, mas advertiu que não se pode esquecer de uma metodologia que amplie os *horizontes de expectativas* dos alunos, leitores reais.

g. Avaliação sobre a pesquisa.

Medeiros realiza uma pesquisa *teórico-aplicada* visto que além de observar o uso de duas teorias no processo de leitura e interpretação de textos, proporciona a observação da recepção de contos de José J. Veiga por alunos do curso de letras. Foi classificada aqui como uma **Pesquisa de Recepção/Efeito – Voz do leitor real – questões pedagógicas**.

Embora a recepção dos alunos seja direcionada para uma análise semio-lingüística, a pesquisadora propõe uma experiência de *recepção* de textos literários com preocupação clara de observar como seus alunos, futuros professores, estavam lidando com a *recepção* de textos literários. Revela portanto uma preocupação pedagógica voltada para a formação de leitores.

Ela fundamenta suas observações nos princípios gerais da Teoria Semiótica e também no conceito de Leitura e de Interpretação configurados na perspectiva da Estética da Recepção.

Como a própria pesquisadora afirma, as observações apresentadas evidenciam questões fundamentais para a Estética da Recepção tais como a forma em que o leitor se relaciona com o texto no sentido de interpretá-lo de forma crítica uma vez que se sabe que, dependendo do leitor e de suas responsabilidades relacionais com o texto, tem-se várias leituras.

Seus objetivos, ao nosso ver foram atingidos, pois ela não pretendia uma análise específica da recepção de textos por seus alunos sem nenhuma interferência, e sim, a observação de como uma teoria que reconhece o papel vital do leitor pode contribuir para a emancipação dos mesmos quanto à leitura e interpretação de textos. Desta forma, o foco principal foi a observação de como as estruturas discursivas do objeto literário podem contribuir para compreensão e interpretação do objeto lido. Ela contribui para um encontro entre os *horizontes de expectativas* dos alunos com o *horizonte histórico* dos textos de José J. Veiga e, dessa forma, aumentou o potencial de leitura dos mesmos.

Sua pesquisa já aponta índices importantes para a discussão das relações entre o leitor e suas condicionantes prévias de leitura, mostrando as causas das dificuldades de interpretação dos textos encontradas pelos alunos. Vale-se de uma teoria centrada no texto e que, portanto, mostra o *efeito*. No entanto, aponta para uma importante diferença que consiste em valorizar a leitura realizada por um *leitor empírico* e para isso a recolha da *recepção* dos alunos por meio de paráfrases evidencia a forma como concretizaram os *horizontes da obra* em consonância aos seus.

Na diferença encontrada entre a primeira paráfrase e a última, no dizer da pesquisadora, já se podiam ver embutidos os conceitos teóricos ministrados em aula,

refletindo uma mudança de comportamento de leitura. Portanto, uma melhor compreensão do que os alunos leram, ressaltando uma emancipação no processo de leitura dos mesmos. Mesmo que para isso, a pesquisadora tenha apostado mais no conhecimento das estruturas sêmio-lingüísticas do que nas variantes que influenciaram a recepção do texto

PESQUISA 3.

a. Dados de identificação.

Autor: Maria do Carmo Andrade Tassara

Orientador: Eliana Lúcia Madureira Yunes Garcia

Título: *Vidas Secas - Uma recepção em horizonte ampliado*

Instituição: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Mestrado em Letras

Ano de finalização: 1992

Número de páginas: 139

Tipo: Pesquisa de Recepção/Efeito – Voz do leitor real fora de ambiente escolar

Resumo da obra:

A presente dissertação pretende empreender uma leitura de *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, procurando demonstrar o efeito da obra e atestar a sua especialidade na mudança de horizontes históricos. Para tanto, se evidenciará, com base nos pressupostos teóricos de Wolfgang Iser e Hans Robert Jauss, da Estética da Recepção, a importância teórico-funcional do receptor histórico, constituindo o sentido, sob novas e diferentes condições. Poder-se-á perceber, pelo seu caráter de negatividade que, em relação a outras, nossa recepção peculiarmente enfatiza, a singularidade desta obra ficcional – a afirmação do homem, em contraposição à palavra do mundo. Por esta via, resgata-se a autêntica palavra humana. (TASSARA, 1992)

b. Objetivos.

A pesquisadora observou a obra citada propondo:

- Demonstrar o *efeito* da obra observando a mudança de *horizontes históricos*;
- Evidenciar a importância teórico-funcional do *receptor histórico*, constituindo sentido, sob novas e diferentes condições.

Para isso, coloca como objetivos secundários:

- Apresentar a transferência das estruturas transubjetivas da obra de ficção à subjetividade de um leitor individual;
- Confrontar *Vidas Secas* com *Urupês*¹¹ para ressaltar a transformação dos horizontes literários, quando se põe em foco a perspectiva do homem do campo marginalizado.

c. Material.

c.1. Tipo de texto abordado.

O romance *Vidas Secas* de Graciliano Ramos, 56ª ed. Rio, São Paulo: Record, 1986 foi escolhido pela pesquisadora, por ser a obra, possuidora de aspecto intrigante na estrutura “o caráter áspero-poético do texto que historia a vida miserável da família de retirantes e a natureza fragmentária de sua composição” agem como um estimulante “ao leitor que procura um contato sempre renovado com o texto”. Segundo Tassara, a estrutura de apelo ao leitor presente no texto esclarece as qualidades da obra que justificam sua história de recepção. Dessa forma, embora fale em recepção do texto, o interesse da pesquisadora centra-se na verificação dos efeitos provocados pela obra no leitor.

c.2. Tipo de leitor.

A pesquisadora observa *recepções históricas* da obra em registros de leitura de leitores reais, críticos de literatura. Justifica seu interesse por estas recepções dizendo que um texto passado sobrevive não apenas porque ele desperta curiosidade quanto “as

¹¹ LOBATO, Monteiro. *Urupês*. 35ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

questões antigas ou datadas, mas porque haja um interesse do leitor do presente no sentido da crítica ou da conservação de significados já atribuídos a esse texto” (TASSARA, 1992, P. 109).

Seu interesse foi mostrar semelhanças e diferenças na “recepção da obra” realizada pelos críticos. Desta forma, a pesquisadora não utiliza uma *pesquisa aplicada*, mas a leitura histórica realizada por críticos. Tal recepção é viabilizada por Tassara por meio dos seguintes sujeitos: Antonio Candido (1978), Affonso Romano de Sant’Anna (1984) e a própria pesquisadora (1992).

Temos dessa forma, leitores historicamente marcados por épocas distintas, experientes quanto à fruição literária, a linguagem e a análise crítica. São *leitores reais* que focalizam seu interesse principalmente no efeito da obra de Graciliano Ramos em momentos distintos de sua recepção.

c.3. Tipo de documento referente à recepção e/ou ao efeito analisado.

Para verificar a recepção e o efeito nas concepções propostas por H.R. Jauss e Wolfgang Iser, Tassara parte de algumas recepções históricas da obra. Ela se utiliza, então, de leituras dos críticos apontados e da sua própria leitura apontando semelhanças e diferenças entre estas leituras.

Para isso, se vale dos seguintes textos:

- **Antonio Candido** - Ficção e Confissão, ensaio publicado pela José Olímpio, em 1956; o capítulo Os Bichos do Subterrâneo do livro *Tese e Antítese*, publicado pela Cia Editora Nacional em 3ª edição no ano de 1978, segundo consta na bibliografia do trabalho. Além disso, baseia-se também em A Revolução de 30 e a Cultura, capítulo do

livro *Educação pela Noite*, publicado pela editora Ática, 1987; e *Literatura e Sociedade*, da Cia. Editora nacional, 7ª edição em 1985.

- **Affonso Romano de Sant'Anna** - textos Introdução, A Narrativa de Estruturas Simples e a Narrativa de Estrutura complexa, Elementos para uma Teoria do Romance (no Brasil), Vidas Secas, inseridos em *Análise Estrutural de Romances Brasileiros*, publicados pela Editora Vozes, 6ª edição, 1984.

- **A própria pesquisadora**, na medida em que fundamenta sua leitura por meio da Estética da Recepção, utilizando-se dos conceitos referentes à Teoria do Efeito exposta por Iser em *El Acto de Leer* (Trad. do alemão e inglês – J. A. Gimbernat e Manuel Barbeito), publicado pela editora Taurus, Madrid, em 1987. Bem como, pela Teoria da Estética da Recepção proposta por Hans Robert Jauss em *Pour une Esthétique de la Réception*. (Trad. De Lállemand par Claude Maillard), texto publicado pela Editora Gallimard, Paris, 1978.

d. Base teórica e bibliografia destacada.

d.1. Conceitos desenvolvidos.

Tassara evidencia em sua pesquisa uma base teórica calcada nos pressupostos de Wolfgang Iser e Hans Robert Jauss, da Estética da Recepção e mostra que a estrutura de apelo da obra analisada esclarece o vigor de sua recepção ao longo do tempo.

Seu recorte teórico se inicia com a apresentação de algumas considerações sobre interpretação. A pesquisadora observa que desde o Renascimento já se podiam notar indícios de uma preocupação maior com esta questão e que, é marca do mundo moderno a busca de seus significados. Para justificar seu ponto de vista cita Michel Foucault (1987 -

1990) observando que sempre se interpretou porque, sempre se suspeitou da linguagem como meio para buscar sentidos. Segundo ele “a linguagem não é um sistema arbitrário; está depositada no mundo e dele faz parte”, na medida em que “as próprias coisas escondem e manifestam seu enigma como uma linguagem.” (Foucault, 1987 apud TASSARA, 1992, p. 6).

Citando Susan Sontag (1987), a pesquisadora observa uma necessidade crescente de investigação dos sentidos do texto. Para ela “as teorias interpretativas erigiram-se a partir do momento em que se necessitou dar valor ao objeto artístico, pela consciência da perda daquela ingenuidade antiga”.

Em decorrência do confronto entre o que se postulou sobre a interpretação até este momento, Tassara chega aos teóricos da Escola de Konstanz – W. Iser e H. R. Jauss. Ela aponta, citando Iser, a diferença entre “*arte total*” – do período clássico - e “*arte parcial*” caráter mais próprio das produções da Modernidade.

O que se pode observar nas idéias apresentadas até então é o reconhecimento que a pesquisadora dá à importância da interpretação vinda desde a Antiguidade Clássica. No entanto, ela evidencia que tal importância se fixava apenas no eixo da produção. Apenas com os teóricos da Estética da Recepção que esse quadro se altera, oferecendo portanto um salto qualitativo às questões da interpretação. Ela destaca a importância da compreensão de que, “em nosso tempo, além dos sistemas imanentistas de interpretação, se pode sair para uma orientação mais aberta em que a significação inacabada de uma obra vai se delineando de modo progressivo, através de horizontes da experiência estética e, dialeticamente, na interação obra-receptor – caminho aberto pela Estética da Recepção.”

Segundo a interpretação que faz da teoria apresentada, Tassara mostra que a obra só começa a acontecer de fato, no ato de seu recebimento pelo destinatário. Desta forma, o acréscimo somado à interpretação é fundamentado pelo conceito de *efeito* (W.

Iser) que assume, de certa forma, a distância entre o mundo e a linguagem, o homem e a verdade, a palavra e a coisa, o humano e o divino.

Tassara constata que “o real, o ficcional e a interpretação são elos (inter)rompidos do significado, são leituras, buscas do homem acontecendo na linguagem”. Prossegue sua explanação explicitando de forma mais incisiva a diferença entre o *efeito* e a *recepção*. Para isso se fixa nos pressupostos teóricos de W. Iser, observando como ele chega aos conceitos de *concretização*, *leitor implícito* na estrutura do texto, os *vazios* e as negações inseridas no texto. Completando estes pressupostos, observa a definição de *horizonte de expectativa*, conceito que motiva Jauss a traçar um novo parâmetro de recepção que, “aproximando caracteres estético e histórico, isolados nas demais correntes teóricas, resgata a verdadeira historicidade das obras de arte, ao mesmo tempo em que assinala um novo campo da história da Literatura, livre da dependência da história geral”.

A teoria em que se baseia, portanto, sustenta-se em primeiro plano nos teóricos da Estética da Recepção, sobretudo em Iser (1987) e Jauss (1978). Contudo, podemos encontrar na pesquisa outros autores mencionados no texto corroborando a análise realizada pela pesquisadora. Entre eles: Jan Bruck (1982), Luis Costa Lima (1979), Jonathan Culler (1980), Tzvetan Todorov (1971) e Regina Zilberman (1989).

d.2. Bibliografia citada.

A. Textos analisados

RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas* de, 56ª ed. Rio/ São Paulo: Record, 1986. (Não consta data da 1ª edição)

B. Referências teóricas.

BRUCK, J. From Aristotelian mimesis to 'bourgeois' realism. In: *Poetics II*. North-Holland Publishing Company, 1982.

CULLER, J. Prolegomena to a theory of reading. In: SULEIMAN, S. R. e CROSMAN, I. *The reader in the text*. (Essays on Audience and Interpretation) Princeton: Princeton University Press, 1980.

FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas – uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

_____. *Nietzsche, Freud e Marx – Theatrum Philosophicum*. 4ª ed. São Paulo: Princípio, 1987.

ISER, W. *El Acto de Leer*. (Trad. Del alemán e inglés - J. A. Gimbernat e Manuel Barbeito) Madrid: Taurus, 1987.

JAUSS, H. R. *Pour une Esthétique de la Réception*. (Trad de l'allemand par Claude Maillard), Paris: Gallimard, 1978.

LIMA, L. C. *A literatura e o leitor*. (Sel., coord., trad.) Rio: Paz e Terra, 1979.

_____. *O controle do imaginário*. 2ª ed. Rio: Forense Universitária, 1989.

_____. *Sociedade e discurso ficcional*. Rio: Guanabara, 1986.

_____. *Teoria da literatura em suas fontes*. Rio: Francisco Alves, 1983. Vol. 2.

SONTAG, S. *Contra a interpretação*. Porto Alegre: L & PM, 1987.

TODOROV, T. *Estruturalismo e poética*. 2ª ed. São Paulo: Cultrix, 1971.

e. Detalhamento da pesquisa e metodologia.

O texto de Tassara é composto por seis partes distintas que traça um percurso sinalizador para o leitor dos caminhos percorridos por ela até à conclusão de sua pesquisa.

Ela inicia seu texto mostrando seu caminho para um leitor que, segundo ela, não é desavisado.

Fundamenta sua pesquisa por uma teoria que ressalta a trajetória de atribuição de sentidos do leitor como eixo fundamental das questões da interpretação. Fixando sua base teórica na Estética da Recepção, Tassara diferencia o *efeito* da *recepção* propriamente dita, embora considere os dois conceitos complementares para os objetivos propostos em sua pesquisa.

Base teórica fixada, é hora de analisar o real histórico – momento de produção de *Vidas Secas*. A autora compõe, no terceiro capítulo do texto, uma grande tela em que evidencia fatos importantes do contexto de produção da obra. Segundo seus dizeres, *horizontes históricos* que terão que ser reconhecidos pelo leitor desta obra. Interessante é o momento em que a pesquisadora mostra as estratégias textuais utilizadas pelo autor, que evidenciam uma intenção prévia de colocação de *vazios* na obra, os quais funcionam como marcas a serem preenchidas pelos leitores de todas as épocas. Seguindo esse raciocínio, Tassara evidencia o *leitor implícito* em *Vidas Secas*.

No quarto capítulo, a pesquisadora centra sua análise na questão do *efeito* e afirma que os vazios presentes na obra podem revelar outros homens. Ela passa então a analisar os elementos estruturais da obra no sentido de evidenciar as marcas deste leitor implícito sugerido por Iser, no texto de Graciliano Ramos.

É interesse do quinto capítulo a observação da recepção do texto, marcada por acontecimentos históricos e literários. Tassara observa *recepções históricas* da obra, quais sejam as leituras de Antonio Candido e Affonso Romano de Sant'Anna, mostrando as semelhanças e diferenças entre essas leituras e a dela, no sentido de se confirmar, segundo ela, “o potencial de sentido percebido em horizontes anteriores, se conheçam as ampliações

teórico-funcionais da Recepção e se ateste o vigor da obra, que vem se oferecendo à recepção em horizontes distintos”.

Sua conclusão não pretende esgotar as questões colocadas na pesquisa. Desta forma, ela finaliza seu texto, no sexto capítulo, dizendo que as questões presentes no trabalho oferecem ao leitor uma teoria calcada no receptor bastante viável para o resgate de aspectos temáticos da obra analisada.

f. Resultados principais apresentados na pesquisa.

Tassara mostra que a análise do *efeito* e da *recepção* calcada em leitores históricos mais experientes – Antonio Candido e Affonso Romano de Sant’Anna - bem como na sua própria recepção do texto de Graciliano Ramos, não esgota o tema por ela proposto. No entanto, ela sinaliza questões importantes que ajudam a ampliação dos conhecimentos estéticos dos leitores da pesquisa no sentido de:

- Evidenciar marcas textuais deixadas em *Vidas Secas*, relativas à linguagem do criador que revelam a preexistência de um *leitor implícito* no texto.
- Ressaltar que a teoria da Estética da Recepção, dialogando com o saber do mundo, abre ao leitor a possibilidade de diálogo com o outro saber, o crítico. Segundo ela, “ao leitor surge uma nova oportunidade de contrariar suas expectativas, uma vez que em *Vidas Secas*, pode-se oferecer, mais uma vez, como o outro do mundo ou o do saber do leitor”.
- mostrar que o *efeito* comprovado pela recepção experimentada pôde revitalizar certos aspectos da obra de que, enquanto configurações percebidas ou formadas, outros estudos prescindem.

- alertar que se as estruturas de tema e horizonte, em formação contínua no texto, oportunizam diferentes condições de sentido, numa real abertura teórica oferecida pela Teoria do Efeito, a Recepção, por sua vez, concebendo a ficção literária como horizonte de perguntas e respostas, se oferece como compreensão, incorporando o que promove a historicidade das obras, nas diversas recepções.
- mostrar que os passos que resgatam a história pela experiência estética circunscrevem a presença no texto de um leitor experiente, aplicado ou respeitável, de sua linguagem ou de seu repertório.

Complementando sua proposição inicial, Tassara afirma que a abertura da teoria para o receptor pode encontrar o seu limite. Segundo ela, “se antes, este limite, de fato, se encontrava no pólo textual ou nos paradigmas tomados, agora abrange também o pólo oposto.”

g. Avaliação sobre a pesquisa.

Vidas secas – uma recepção em horizonte ampliado é uma pesquisa *teórica-aplicada*, realizada em 1992, que promove alguns avanços frente à análise literária no Brasil. Tassara, embora nomeie seu projeto como apenas de recepção de textos, propõe também a demonstração do *efeito* da obra quando analisa a mesma a partir da observação de *horizontes históricos da crítica*.

Interessante foi confrontar os pontos de vista dos críticos a que faz menção – Antonio Candido e Affonso Romano de Sant’Anna – com a leitura que ela faz da obra. Seu estudo evidencia a valorização da interação obra-receptor analisando as categorias: *concretização*, o *leitor implícito*, os *vazios e negações* inseridas na estrutura do texto.

Utilizando a crítica, mostra como os *horizontes históricos* foram se ampliando e exigindo do leitor de Graciliano Ramos mais experiência literária e também no trato com a linguagem. Além de comprovar que as duas teorias - da Recepção e do Efeito - complementam-se mostrando que as análises literárias já não poderiam mais ficar só no plano do contexto de produção.

Essa pesquisa foi classificada na categoria **Pesquisa de Recepção/Efeito -Voz do leitor real fora de ambiente escolar**, pois, no nosso entender, fundamenta-se na leitura, interpretação e argumentação de críticos, buscando no cerne de seus textos, evidenciar marcas que oportunizaram diferentes condições de sentidos. Como ela mesma afirma “*Tematizar o outro, as idéias de outro, na sua própria linguagem, é viver, dialeticamente o estranho*”. Ainda mais, que a leitura de *Vidas Secas* ofereceu a ela, enquanto mais uma leitora do texto, “a vivência de outro mundo diferente do habitual. Nessa vivência comunicativa, garantem-se as condições de efeito, percorrendo-se um espaço onde a presença dos complexos textuais de controle, fornecidos a partir do repertório e das estratégias, não expulsam a espontaneidade fruidora.” (TASSARA, 1992, p. 132)

Portanto, não se vale da assimilação documentada por textos apenas, muito menos por testemunhos nos quais as atitudes e reações se manifestam enquanto fatores que condicionam a apreensão de textos. Ao contrário disso, Tassara discute *Vidas Secas* por meio do próprio texto e sua configuração, evidenciando o efeito provocado no leitor por meio da análise crítica de Antonio Candido e Affonso Romano de Sant’Anna.

Apontamos este dado não como equívoco teórico de sua parte, visto que ela deixa suficientemente claro no texto seu embasamento nas categorias que compõem a Estética da Recepção. Desta forma, a pesquisadora cumpre seus objetivos ao demonstrar o efeito da obra por meio da observação dos horizontes históricos registrados pelos críticos.

PESQUISA 4.

a. Dados de identificação.

Autor: João Luís C. T Ceccantini.

Orientador: Prof. D. Carlos E. Fantinati.

Título: *Vida e Paixão de Pandonar, o cruel, do escritor João Ubaldo Ribeiro: um estudo de produção e recepção.*

Instituição: Faculdade de Ciências e Letras de Assis UNESP.

Nível de qualificação: Mestrado em Literaturas e Língua Portuguesa.

Ano de finalização: 1993.

Número de páginas: a pesquisa foi dividida em três volumes: o primeiro, 242 páginas; o segundo, 289 páginas; e o terceiro, 145 páginas.

Tipo: Pesquisa de Recepção/Efeito – Voz do leitor real – horizontes e perspectivas.

Resumo da obra:

A pesquisa tem por objetivo global um estudo de *Vida e paixão de Pandonar, o cruel* (1983), primeira obra infanto-juvenil do escritor João Ubaldo Ribeiro (1941, -), e se divide em dois momentos: a) um primeiro momento, em que procuramos: analisar e interpretar a obra, situando-a no contexto da literatura infanto-juvenil brasileira contemporânea; estabelecer um certo intertexto paródico que a obra mantém com o Romantismo; compará-la com uma fonte explicitamente assumida por João Ubaldo Ribeiro, no caso, um conto do escritor norte-americano James Thurber (1894/1961); discutir a vertente de memórias de infância/adolescência à qual se vincula; b) um segundo momento, em que privilegiamos não mais questões relativas ao pólo da produção do texto, mas sim, aquelas situadas no âmbito de sua recepção; para isso, trabalhamos com um estudo de caso, em que analisamos a transcrição de uma entrevista sobre a leitura da obra, realizada com uma oitava série de uma escola pública de Assis, no ano de 1989. (CECCANTINI, 1993)

b. Objetivos.

O estudo da obra foi proposto em duas instâncias: a de produção e a de recepção do texto. Para a produção do texto temos como objetivos:

- Analisar e interpretar a obra, situando-a no contexto da literatura infanto-juvenil brasileira contemporânea;
- Estabelecer um certo intertexto paródico que a obra mantém com o Romantismo;
- Comparar a obra com uma fonte explicitamente assumida por João Ubaldo Ribeiro, no caso um conto do escritor norte-americano James Thurder (1894/1961);
- Discutir a narrativa no conjunto da obra do escritor baiano, destacando a vertente de memórias de infância/adolescência à qual se vincula;

E para a recepção do texto:

- Analisar a transcrição de uma entrevista oral, coletiva, sobre leitura da obra, realizada com uma oitava série de uma escola pública de Assis, no ano de 1989.

c. Material.

c.1. Tipo de texto abordado.

Ceccantini propõe, como *corpus* literário dessa pesquisa, a narrativa infanto-juvenil *Vida e Paixão de Pandonar, o cruel*, do escritor João Ubaldo Ribeiro, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1ª edição em 1983. Esta análise se estruturou tanto em relação

aos aspectos da produção, situando-a no contexto da literatura infanto-juvenil brasileira contemporânea, como em relação aos aspectos de recepção.

A escolha foi justificada pelo pesquisador por vários motivos, entre eles: o fato de João Ubaldo ainda não ter sido, até o momento de realização do trabalho, objeto de estudo que dessa conta do conjunto de sua obra; por se tratar de uma obra que “não se limitava a traduzir a explosão do gênero, durante o período, mas, sim, contribuir efetivamente para a renovação estética que os melhores autores trouxeram a literatura infanto-juvenil brasileira, desatrelando-a do pedagogismo a que sempre estivera associada.”(CECCATINI, 1993) Além disso, Ceccantini diz que se trata de um livro que faz parte do projeto Ciranda de Livros de fácil acesso em bibliotecas de todo país.

c.2. Tipo de leitor.

Ceccantini realiza sua pesquisa com *leitores reais*, alunos da 8ª série “C” da EEPSG “Instituto Doutor Clybas Pinto Ferraz”. Dos 27 alunos da sala, apenas 22 estudantes efetivamente participaram do processo de recepção. O pesquisador justifica esse número registrando que foram excluídos da análise os questionários referentes aos alunos que não leram a obra ou que não compareceram no dia da entrevista

c.3. Tipo de documento referente à recepção e/ou ao efeito analisado.

Consta do material analisado pelo pesquisador o registro de uma entrevista realizada ao longo do projeto. Essa entrevista foi realizada abordando modalidades de leitura. Ceccantini fixou: Modalidade I – leitura de obra de livre escolha dos alunos; Modalidade II – escolha de 1 livro dentre 15 que foram determinados previamente pelo

pesquisador - *Vida e Paixão de Pandonar, o cruel*. O estudo fixou-se na transcrição e análise das perguntas realizadas sobre a leitura desta, realizada com uma oitava série de uma escola pública na cidade de Assis, no ano de 1989.

d. Base teórica e bibliografia destacada na pesquisa.

d.1. Conceitos desenvolvidos.

Ao observamos a teoria discutida no trabalho, verificamos a existência de um material bastante significativo em relação à literatura infanto-juvenil. Na primeira parte, o pesquisador se ateve à análise de questões relevantes quanto à formulação do gênero – décadas de 70 e 80 - com ênfase especial das relações da produção do período e o mercado. Entre tantos pesquisadores citados por Ceccantini destacam-se, em seus diversos textos sobre o assunto, Regina Zilberman, Marisa Lajolo, Edmir Perroti, Eliana Yunes, Glória Pondé, Lúcia Cademartori, Nelly Novaes Coelho.

Observando os dizeres de Lajolo e Zilberman, Ceccantini observa que existe um ponto comum entre eles que “converge para o reconhecimento de que, na segunda metade da década de 60 para cá, a literatura infanto-juvenil brasileira passou por um período de grande transformação, identificado por uma surpreendente expansão do gênero, em diversos níveis, e um projeto estético-ideológico bastante renovador em relação à produção que a antecede”.(Zilberman, 1989, apud CECCANTINI, 1993. V. 1 p. 11)

Ele dá prosseguimento a sua análise observando pontos importantes quanto à temática, linguagem, modo de produção e circulação desse gênero literário. Destaca a questão do uso do livro como instrumento da pedagogia e não necessariamente como arte. Ao analisar a obra de João Ubaldo, o pesquisador coloca-a como “uma obra bastante

afinada com o modelo emancipatório e em perfeita sintonia com algumas obras publicadas nas últimas décadas , que apresentam uma outra visão da infância e da adolescência”. (CECCANTINI 1993. V. 1 p. 50.)

No segundo momento de sua pesquisa, quando privilegia aspectos da recepção do texto, Ceccantini faz um minucioso estudo de questões singulares no tocante ao processo de recepção de textos. A situação inicial evidenciada pelo trabalho remete ao fato de que na época – 1993 – quase não existiam estudos que se ocupassem do leitor. Sobre isso ele diz:

...Nem mesmo a partir da década de 70, com o chamado “boom da literatura infantil”, que vem dar um impulso vigoroso à atividade crítica no setor, a situação muda muito de figura. Apesar do significativo aumento do número de teses sobre literatura infanto-juvenil produzidas nos cursos de Pós-graduação de todo o país, bem como do espaço conquistado junto à imprensa e às editoras, ambos aspectos reveladores do novo status conferido ao gênero por uma parcela da crítica brasileira, não é possível praticamente encontrar as questões relativas à **recepção**. Na verdade, mesmo quando se vai verificar o campo da ‘literatura adulta’, percebemos a quase inexistência de estudos que se ocupem do **receptor**.(CECCANTINI 1993. V. 2, 243)

Para analisar a obra de João Ubaldo na sua relação com a recepção, o pesquisador lança mão dos fundamentos teóricos da Estética da Recepção. Inicia sua reflexão observando o estatuto do receptor na história da teoria literária. Para isso, faz um percurso que parte de Aristóteles, passa pelo Formalismo Russo, Estruturalismo Tcheco até chegar a Hans Robert Jauss (1967). Nesse momento ele estabelece alguns pressupostos: a função comunicativa da literatura; conceitos básicos da Estética da Recepção – *os horizontes de expectativas; efeito/recepção; a concretização; a distância estética; a experiência estética*.

Encontramos, na comprovação das afirmações constantes do texto de Ceccantini, os pressupostos de: Hans Robert Jauss (1974/78/81); Luiz Costa Lima (1979);

Alice Vieira (1988); Regina Zilberman (1989); Bordini e Aguiar (1988). Entre 159 obras teóricas citadas no decorrer da dissertação, destacamos ainda alguns autores que julgamos relevantes quanto à análise da recepção: Maria do Rosário Magnani (1989); Mieke Bal (1977); Richard Bamberger (1986); Paulo Freire (1986) Peter Buerger (1977/78); Terry Eagleton (1983); Wolfgang Iser (1979); Jean Joubert (1988/89) Creobel Maimoni (1991); Maria Helena Martins (1984/89/91); Dionísio Toledo (1970); Eliana Yunes (1984/88/89), entre outros.

d.2. Bibliografia destacada na pesquisa.

A. Textos analisados.

RIBEIRO, João Ubaldo. *Vida e Paixão de Pandonar, o cruel*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

B. Referências teóricas.

BAL M. Narration et focalization: Pour une Théorie des Instances du Récit. *Poétique*. Paris, v. 8, nº 29, p. 107-127, fev. 1977.

BAMBERGER, R. *Como incentivar o hábito de leitura*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1986.

BORDINI, M. da G., AGUIAR, V. T. de. *Literatura – a formação do leitor*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

BUERGER, P. *La Réception: Problèmes de Recherche*. Oeuvres & Critiques, Paris, v. 2, p. 5-18 hiver 1977/78.

CADEMARTORI, L. *O que é literatura infantil*. São Paulo; Brasiliense, 1986.

COELHO, N.N. *Dicionário crítico da literatura infantil/juvenil brasileira (1882/1982)*. São Paulo: Quíron, 1983.

_____. *A literatura infantil: histórias, teoria, análise: das origens orientais ao Brasil de hoje*. São Paulo: Quiron, 1981.

LIMA, L. C. *A literatura e o leitor: textos de Estética da Recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

EAGLETON, T. *Teoria da literatura: uma introdução*. Trad. Waltensir Dutra. São Paulo, Martins Fontes 1983.

FREIRE, P. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Autores Associados, 1986.

ISER, W. *La fiction em effet. Poétique*, Paris, 1979.

JAUSS, H. R. *Esthétique de la Réception et Communication Littéraire. Critique*, Paris, 1981.

_____. *Levels of Identification of Hero and Audience*. New Literary History, Charlottesville, 1974.

_____. *Pour une Esthétique de la Réception*. Paris: Gallimard, 1978.

JOUBERT, J. *Lê Roman Pour la Jeunesse: Réflexions et Perplexités d'un Auteur. L' école dès Lettres*. Paris, 1988/89.

LAJOLO, M. *Usos e abusos da literatura na escola: Bilac e a literatura escolar na República Velha*. Rio de Janeiro: Globo, 1982.

MAGNANI, M. do R.. *Leitura, literatura e escola: sobre a formação do gosto*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

MAIMONI, C. F. *O ensino da literatura no 2º grau: perspectivas*. Assis, UNESP, 1991. Dissertação (Mestrado em Literatura de Língua Portuguesa). Assis, Faculdade de ciências e Letras – UNESP, 1991. (mimeo).

MARTINS, M. H. *O que é leitura*. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____. *Crônica de uma utopia*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

_____. (org.). *Questões de linguagem: muito além do português*. São Paulo: Contexto, 1991.

PERROTI, E. *O texto sedutor na literatura infantil*. São Paulo: Ícone, 1986.

TOLEDO, D. *Teoria da literatura: formalistas russos*. Porto Alegre: Globo, 1970.

VIEIRA, A. *Análise de uma realidade escolar: o ensino de literatura no 2º grau, hoje*. São Paulo: Faculdade de Educação, USP, Tese Doutorado, 1988.

YUNES, E. (coord.) *A leitura e a formação do leitor: questões culturais e pedagógicas*. Rio de Janeiro: Antares, 1984.

_____. e PONDÊ, G. *Leitura e leituras da literatura infantil*. São Paulo: FTD, 1988.

_____. *Brasil: Un Balance Crítico*. Casa de las Américas, La Habana, 1989.

ZILBERMAN, R. *Estética da Recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989.

e. Detalhamento da pesquisa e metodologia

A dissertação foi dividida em duas partes sendo que na primeira o pesquisador apresenta aspectos da produção do texto. Na segunda, dados coletados na pesquisa aplicada.

São destaques da primeira parte do trabalho: o significado das décadas de 70 e 80 para a literatura infanto-juvenil brasileira, com ênfase na produção e no contexto de mercado; aspectos temático-formais da obra analisada em que se evidencia uma sintonia com a produção que lhe é contemporânea, destacando-se por sua boa qualidade literária, ao lado das melhores obras publicadas no período; o intertexto estabelecido pela obra -

relações da obra com outros textos marcando a fonte de influências claramente assumida pelo autor.

Na segunda parte do trabalho, partindo de um breve histórico sobre a Estética da Recepção, Ceccantini desenvolveu o texto abordando: a função comunicativa da literatura; a instância da recepção – horizontes de expectativas, *efeito/recepção* e a concretização; a distância estética; a experiência estética; níveis de identificação do receptor com o herói, finalizando com alguns postulados de Edmir Perrotti. Portanto, os fundamentos teóricos dessa pesquisa foram fixados a partir da Estética da Recepção, o estatuto do receptor, bem como os pressupostos teóricos e conceitos básicos dessa estética.

Depois da teoria, apresentou a *pesquisa aplicada* propriamente dita, com o título “A voz do Leitor”. Partindo da apresentação do projeto “Narrativas juvenis na 7ª e 8ª séries do 1º Grau: abordagens de leitura e bibliografia comentada”, o pesquisador traçou um perfil sócio-cultural dos alunos entrevistados, abordando sexo, idade, renda familiar, escolaridade dos pais, o trabalho, o tempo livre. Só depois partiu para a descrição da entrevista e para o registro da opinião dos alunos sobre a escolha e a avaliação geral da obra.

Ainda nesse mesmo capítulo destacamos o que nos parece o registro de conclusões essenciais do trabalho, em que o pesquisador se atém aos *horizontes de expectativas* dos alunos, observando os aspectos que teriam contrariado profundamente tais horizontes. Foram analisados os seguintes aspectos: o gênero, o herói, a narração, o tempo histórico, a fantasia e o final da narrativa. Na sequência, o pesquisador registrou algumas informações lançadas pelos alunos em seus registros que mostraram pontos em que houve, de certo modo, o atendimento aos *horizontes de suas expectativa*.

Finalizando seu trabalho, Ceccantini defende um projeto de formação do leitor. Ele lança uma proposta de reflexão aos professores que trabalham com literatura e que se encontram em situação bastante comum em que “vemos nossos alunos rejeitarem

visceralmente uma obra que possui – para nós, em particular, ou para a crítica, em geral – reconhecido valor literário.” E mais “... a que ilações poderíamos chegar para uma didática da leitura ou, mais especificamente, para uma didática da literatura, conscienciosa, crítica e democratizante?” (CECCANTINI, 1993. p. 424)

O pesquisador sinaliza para a necessidade de se pensar sobre como conseguir conciliar os horizontes de expectativas da obra com o *horizonte de expectativas* dos alunos.

f. Resultados principais apresentados na pesquisa

A análise do pesquisador o levou a concluir que, embora a obra fosse qualificada como de bom nível literário, reconhecida não apenas pelo pesquisador como também pela crítica, sua leitura “não passou do nível da ruptura da norma, em oposição ao repertório habitualmente escolhido pelos alunos, que em geral se concentrou no nível de sua transmissão.”. Ele afirma ainda que nenhuma das duas atividades básicas, relativas à experiência estética, apontadas por Jauss no que toca à recepção (*aistheseis* e *catharsis*), chegou a se realizar de forma plena.

Quanto à formação do leitor, Ceccantini afirmou que não se tratava de julgar a obra, mas de avaliá-la em relação à clientela em que se vai utilizá-la. Ele diz:

A partir desse diagnóstico, será o caso então de especular sobre o papel ou a função que pode desempenhar essa obra na formação do leitor. Teríamos, assim, não uma boa ou má obra, mas uma boa ou má obra para esta ou aquela estratégia de trabalho com a leitura no contexto escolar, para este ou aquele passo de um projeto de formação do leitor bastante mais amplo. (CECCANTINI. 1993. p. 429).

Esse projeto de formação do leitor não implica em estar sempre em sintonia com o horizonte de expectativas do leitor, mas significaria, segundo Ceccantini:

...a partir de uma gama variada de obras, com diferente grau de literariedade, estabelecido e tornado explícito naquele momento voltado para o valor, seja a partir de um quadro mais definido da diferente recepção a que essas obras estão sujeitas, em função de um público-leitor variável, estabelecido e tornado explícito no segundo momento apontado, trabalhar no eixo da ruptura de e no do atendimento aos horizontes de um determinado conjunto de leitores, por meio de estratégias variadas, com objetivos pontuais e gradativamente estabelecidos, que, efetivamente, pudessem formar o leitor, expandindo seus horizontes. (CECCANTINI, 1993. p.41).

Segundo o autor, não se trata de oferecer uma lista de obras aconselháveis ou não para uma determinada faixa etária ou escolar, uma panacéia milagrosa. Igualmente, não se resumiria a uma estratégia espontaneísta para a exploração das obras por parte dos professores. Mas a partir de um trabalho consciente destes, a escolha de obras que pudessem levar seus leitores a ampliar o *horizonte de expectativas* paulatinamente. Para ele, “o poder de persuasão que a experiência do diferente pode suscitar no espírito dos alunos parece-nos tão relevante para a formação do leitor quanto a fruição contínua de obras mais imediatamente decodificáveis.” E mais, “o desafio para o professor é o de criar espaço intermediário que se realize entre os extremos da sacralização e da banalização do texto literário”. Segundo Ceccantini, assumir um projeto de leitura significa, para o professor de literatura:

...criar no seu programa momentos distintos que possam contemplar razoavelmente a teia complexa de relações que se estabelecem entre todas as variáveis, marcadamente heterogêneas, no quadro da escola pública brasileira. Tal projeto estaria fundamentado em, pelo menos, três aspectos: teoria de Jauss; a luta pelo significado e aproximação entre a literatura e a vida. O essencial não é que todos os leitores “gostem” do que leram, mas que aprendam a diferenciar tais obras, reconhecendo seus diferentes valores. (CECCANTINI, 1993.)

g. Avaliação sobre a pesquisa.

A pesquisa de Ceccantini é *teórica-aplicada*, e propõe um estudo do romance de João Ubaldo, analisando-o em duas perspectivas: a do *efeito* produzido pelo autor no texto e a da *recepção* propriamente dita do mesmo em ambiente escolar, por alunos da 8ª série do Ensino Fundamental. Foi considerada como uma **Pesquisa de Recepção/Efeito – Voz do leitor real – horizontes e perspectivas**, pois abrange tanto a observação de um *leitor implícito* no texto de João Ubaldo quanto um *leitor real* que ainda está em formação.

O grande mérito da pesquisa é o de mostrar os dois pólos da recepção considerados como fundamentais: o *efeito* e a *recepção*. O autor realizou a contextualização de *Pandonar, o Cruel* na literatura infantil abordando aspectos como: tipo de romance, relação adulto/criança presente no texto, a questão do utilitarismo dos textos literários na escola, culminando sua análise na contextualização da obra de João Ubaldo no cenário da literatura com endereço certo – a criança.

Já na segunda parte, temos um projeto de recepção realizado em contexto escolar fundamentado em documentos produzidos pelos alunos no ato da recepção do texto. Depois de apresentar questões relativas ao receptor da literatura infanto-juvenil, os pressupostos teóricos da teoria utilizada..

No capítulo três, apresenta os dados da recepção dos alunos fixando-se no leitor – sexo, idade, aspectos socioeconômicos, hábitos, etc. Analisa os dados da entrevista, documento utilizado como fonte da recepção primeira da leitura da obra, comentando a opinião dos alunos quanto à escolha do livro, avaliação geral da obra, os horizontes de expectativa, o gênero, o herói, a narração em si, o tempo histórico, a fantasia e o final da narrativa.

Ele constata que a obra foi rejeitada pelos alunos, no entanto observa que na fala dos mesmos há pontos em que ela atendeu suas expectativas— o tema namoro, o humor. O pesquisador foi mostrando exemplos na entrevista de pontos de aprovação do texto, momentos estes aliados à euforia e aceitação do mesmo.

Seus objetivos foram amplamente atingidos, visto que realiza a análise da obra, momento em que evidencia a produção do texto. Quanto à recepção, fica suficientemente exemplificada por meio da análise da entrevista realizada com os leitores. Nela foram registrados dados referentes a instância da recepção observando as categorias relativas a: *horizontes de expectativas, o efeito e a recepção e a concretização*.

PESQUISA 5.

a. Dados de identificação.

Autor: Valdira M. C. Souza

Orientador: Prof^a D. Lea Mara Valezi Staut

Título: *O papel do leitor no conto fantástico de Machado de Assis.*

Instituição: Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista – Assis

Nível de qualificação: Mestrado Teoria Literária e Literatura Comparada

Ano de finalização: 1998

Número de páginas: 160

Tipo: Pesquisa de Efeito – leitor implícito.

Resumo da obra:

Este trabalho tem por objetivo analisar o papel do leitor em duas narrativas fantásticas de Machado de Assis, a saber, *Uma excursão milagrosa* e *A chinela turca*. Para a realização desta proposta, foram utilizadas noções básicas inerentes à literatura fantástica, tais como o caráter duplo dos textos que remetem para a ambigüidade, as estratégias utilizadas pelo narrador para imprimir verossimilhança às aventuras narradas, a incerteza que as narrativas provocam nas personagens. Também foram aplicadas algumas noções da teoria que estuda o papel do leitor na obra literária, a estética da recepção, da qual foram tomadas as que envolvem o repertório dos textos ficcionais, as estratégias orientadas para o preenchimento dos vazios do texto e a concretização da obra literária pelo leitor. Por fim, foram empregados os conceitos de intertextualidade, carnavalização literária e sátira menipéia, todos voltados para o papel do leitor na obra literária. (SOUZA, 1998)

b. Objetivos.

Souza coloca como objetivos de sua pesquisa:

- A análise simultânea do papel do leitor e da “*fantasticidade*” nos contos apresentados.

- A percepção de como se aproximam as teorias da Estética da Recepção e do Gênero Fantástico no que concerne ao *efeito* determinado no texto literário que pode causar no leitor, através de estratégias textuais, ora a hesitação diante da experiência sobrenatural, ora o preenchimento dos vazios que o texto oferece ao seu destinatário.
- A demonstração da relação entre texto e leitor, verificando as estratégias que Machado de Assis utilizou para produzir um leitor “ruminante” como ele mesmo denominou.

c. Material.

c.1. Tipo de texto abordado.

A pesquisadora analisou o papel do leitor em narrativas curtas de Machado de Assis. Para isso ela escolheu como *corpus* literário da pesquisa os contos: Uma excursão milagrosa, publicado no *Jornal das Famílias* (1866) e A chinela turca, inserido em *Papéis Avulsos* (1882).

c.2. Tipo de Leitor.

Essa pesquisa ficou restrita à análise literária no sentido da verificação do papel do leitor formulado no próprio texto. Diz à pesquisadora que analisará “as proposições básicas da teoria desenvolvida por W. Iser tais como a concepção de vazios do texto, de leitor, de repertório, de estratégias e de concretização da obra pelo leitor.” (SOUZA, 1998, p. 52).

Portanto, embora a pesquisadora lance mão dos pressupostos teóricos de Jauss, centra-se em Iser sua análise mais veemente. No capítulo terceiro, páginas 51-83, Souza, partindo da experiência estética de Jauss, a pesquisadora centraliza sua atenção em conceitos fundamentais tais como: a *indeterminação* (Ingarden), os *vazios*, *repertórios* e *estratégias* (Iser). Dessa forma, constatamos que sua pesquisa focaliza o *leitor implícito* nos textos machadianos apontados.

c.3. Tipo de documento referente à recepção e/ou ao efeito analisado.

O material utilizado para a observação da teoria apresentada na pesquisa centra-se nos dois contos já relacionados anteriormente, visto que Souza vai fazer uma análise profunda das estruturas discursivas dos textos, evidenciando o papel do *leitor implícito* em diversos momentos da prosa de Machado de Assis. É por meio dos dois contos analisados que a pesquisadora evidencia os pontos utilizados pelo escritor para enredar seu leitor e chamá-lo para a narrativa. Assim, confirma-se no texto o perfil de um *leitor implícito* capaz de perceber e interagir com as estratégias utilizadas por Machado para envolvê-lo. Tais estratégias foram destacadas nos momentos em que a pesquisadora mostrou a situação de sonho e realidade nos textos analisados que, só durante o processo de leitura poderá verificar a manifestação do caráter duplo presente nos mesmos que se mostram através de vários elementos tais como a construção de personagens sob o signo da ambigüidade, o espaço e o tempo. Outro aspecto bastante evidenciado é o papel do narrador-personagem em confronto a outro narrador que, segundo a pesquisadora, “confunde-se com o autor, aquele que introduz a narrativa podendo ser classificado como heterodiegético”. As referências ao leitor se dão, segundo o que afirma a pesquisadora,

“ora através das formas verbais no imperativo afirmativo e negativo, ora por meio de citações e referências de caráter literário, histórico e filosófico”, (SOUZA, 1998, p. 87).

A intertextualidade também é um meio utilizado pelo grande mestre pra prender a atenção de seus leitores. Sua competência é testada pelo autor nos textos analisados, no sentido de que ele aposta no entendimento das alusões presentes, bem como nas constantes associações entre os textos relacionados com a narrativa apresentada. Segundo Souza, Machado convida seu leitor, por meio de suas estratégias narrativas, “a fazer uma aventura intelectual”. A presença de intertextualidade nos contos provoca um enriquecimento que exige do *leitor implícito* proposto pelo autor um repertório variado para estabelecer associações entre o texto lido e outros. Portanto, “o intertexto é o caminho que conduzirá o leitor ao preenchimento dos vazios do texto”. (SOUZA, 1998, p. 116)

d. Base teórica e bibliografia destacada.

d.1. Conceitos desenvolvidos.

Para realizar sua proposta, a pesquisadora utilizou noções inerentes à literatura fantástica e às estratégias do narrador para imprimir verossimilhança às aventuras narradas.

A partir desses dados, Souza constata que existe uma divisão na concepção do que é fantástico e que seu enfoque norteou-se, prioritariamente, pela teoria desenvolvida por T. Todorov em *Introdução à narrativa Fantástica* (1975) e pelos estudos realizados pelo ensaísta português Filipe Furtado em *A construção do fantástico na narrativa* (1980).

A partir de então, ela analisa dados importantes para o gênero sobrenatural, a ambigüidade, a verossimilhança e os elementos da narrativa em função da ocorrência meta-empírica. Percebemos, na comprovação das hipóteses lançadas, outros nomes, tais como:

Josef Bella (1986), Alejo Carpentier (1987), Irlemar Chiami (1980), Howard Phillip Lovecraft (s.d.), José Paulo Paes (1985), Vladimir Propp (1988), Jorge Schwartz (1981).

No que se refere às noções teóricas sobre o papel do leitor na obra literária, e diante da abrangência e múltiplos enfoques relativos à Estética da Recepção, o recorte feito pela autora aborda os princípios teóricos formulados por Hans R. Jauss, especialmente sobre as experiências estéticas. Passa por uma rápida verificação sobre os postulados desenvolvidos por Ingarden em razão da reestruturação que Iser faz de algumas de suas noções teóricas, sobretudo dos pontos de indeterminação, para chegar à análise das proposições básicas da teoria desenvolvida por Iser no que elas oferecem como elementos para uma maior compreensão dos efeitos que os textos possam causar no leitor: *concepção de vazio no texto, de repertório, de estratégias e de concretização da obra pelo leitor*. Foram utilizados para fundamentar o texto quanto a Estética da Recepção os teóricos: Terry Eagleton (1983); Roman Ingarden (1979); Wolfgang Iser (1996 – 1979) Hans Robert Jauss (1979, 1994) Jean-Paul Sartre (1993) e Regina Zilberman (1989).

d.2. Bibliografia citada.

B. Textos analisados.

ASSIS, M. de. Uma excursão milagrosa. In: *Jornal das Famílias*, 1866.

_____. A chinela turca. In: _____ *Papéis Avulsos*, 1882.

B. Referências teóricas.

BELLA, J. *A máscara e o enigma: a modernidade da representação à transgressão*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1986.

CARPENTIER, A.. *A literatura do maravilhoso*. Trad. Rubia Prates Goldoni e Sérgio Molina. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1987.

CHIAMPI, I. *O realismo maravilhoso: forma e ideologia no romance hispano-americano*. São Paulo: Perspectiva, 1980.

EAGLETON, T. *Teoria da literatura: uma introdução*. Trad. Waltensir Dutra. São Paulo, Martins Fontes 1983.

FURTADO, F. *A construção do fantástico na narrativa*. Lisboa: Horizonte Universitário, 1980.

INGARDEN, R. *O conceito de Ingarden dos pontos de indeterminação*. In: COSTA, L. L. *A literatura e o leitor: textos de Estética da Recepção*. Rio de Janeiro:Paz e Terra, 1979.

ISER, W. *O ato da leitura*. (Trad. - Johannes Kretschmer) São Paulo. Ed.34, 1996.

_____. *A interação do texto com o leitor*. In: COSTA, L.L. *A literatura e o leitor: textos de Estética da Recepção*. Rio de Janeiro:Paz e Terra, 1979.

JAUSS, H. R. *O prazer estético e as experiências fundamentais da poiesis, aisthesis e katharsis*. In: COSTA, L. L. *literatura e o leitor: textos de Estética da Recepção*. Rio de Janeiro:Paz e Terra, 1979.

_____. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Ática, 1994.

LOVECRAFT, H. P. *El Horror en la Literature*. (Trad. Francisco T. Oliver). Madrid: Alianza Editorial, s.d.

PAES, J. P. *Os buracos da máscara: antologia de contos fantásticos*. São Paulo:Brasiliense, 1985.

PROPP, V. *Morfologia do conto fantástico*. (Trad. Jasna Paravich Sarban). Rio de Janeiro: Forense, s.d.

SARTRE, J. *Que é literatura* 2ª ed. (Trad. Carlos Felipe Moisés). São Paulo: Ática,1993.

SCHWARTZ, J. O universo fantástico. In: *A poética do Uroboro*: Murilo Rubião. São Paulo: Ática, 1981.

TODOROV, T. *Introdução à narrativa fantástica*. (Trad. Maria Clara Correa Castello). São Paulo: Perspectiva, 1975.

ZILBERMAN, R. *Estética da Recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989.

e. Detalhamento da pesquisa e metodologia

A dissertação foi dividida em cinco capítulos, acrescidos da introdução e da conclusão. A pesquisadora iniciou seu trabalho apresentando as seguintes idéias gerais: o autor Machado de Assis em sua preocupação de inserir o leitor na narrativa; o diálogo entre texto e leitor que se firma durante o processo de leitura; a escolha de seu objeto de estudo, os dois contos, situando-os no tempo e no espaço.

No primeiro capítulo, observou a contextualização dos contos na produção literária de Machado de Assis com finalidade de analisar a presença de elementos análogos nos referidos textos e a recorrência desses elementos em produções posteriores do autor.

Foi tarefa do segundo capítulo a abordagem de aspectos essenciais para a instauração do gênero fantástico, tais como o surgimento e a conceituação, a irrupção do sobrenatural no mundo real, a questão da hesitação da personagem e do leitor diante do sobrenatural, a ambigüidade que o diferencia dos gêneros contíguos, os elementos da narrativa em função da experiência meta-empírica e, por fim, as estratégias empregadas pelo fantástico como reforço à verossimilhança.

No terceiro capítulo, a pesquisadora abordou a parte teórica da estética da recepção, abarcando seus aspectos gerais. Para isso lançou mão dos postulados de Wolfgang Iser (1976) e também das idéias de Luiz Costa Lima (1979). Seu interesse foi observar

melhor o *efeito* que os textos podem causar no leitor. Ainda nessa parte, a pesquisadora apresentou noções de intertextualidade e sátira menipéia, aspectos observados no estudo.

O quarto capítulo foi composto da análise do conto Uma excursão milagrosa. É neste momento que a pesquisadora aplicou as noções básicas que envolvem o gênero fantástico bem como a noção de ambigüidade expressa nos elementos da narrativa. Quanto ao leitor, ela observou as técnicas empregadas pelo narrador para estabelecer diálogo com seu receptor. São elas identificadas na carnavalização literária, na sátira menipéia e por meio das alusões e referências a outras obras, que remetem para a intertextualidade.

Já no quinto capítulo, a pesquisadora realizou a análise do conto A chinela turca, observando os princípios que atuam para a configuração do fantástico na narrativa bem como as técnicas usadas pelo narrador para conduzir o leitor à construção do texto. A pesquisadora destacou as estratégias empregadas pelo fantástico para conferir verossimilhança à aventura narrada. Merece atenção o destaque que Souza dá ao leitor, dizendo que ele é convidado a participar do texto com a tarefa de preencher os vazios deixados pelo narrador. Ela apresentou uma aproximação entre os dois contos em sua produção artística.

f. Resultados principais apresentados na pesquisa

A pesquisadora assinalou sua preocupação em contribuir para a análise de Machado de Assis e para os estudos que envolvem a participação do leitor em narrativas fantásticas.

Apesar de não ser o foco principal de seu trabalho, Souza, citando Antonio Candido (*Esquema de Machado de Assis*), observou o papel do leitor dizendo que ele “é convidado a participar dessa ‘brincadeira’”. Ela diz que Machado de Assis faz esse jogo

com o leitor através de uma técnica que “consiste em sugerir as coisas mais tremendas da maneira mais cândida...; ou em sugerir, sob a aparência do contrário, que o ato excepcional é normal, e anormal seria o ato corriqueiro”. (SOUZA, 1998, p. 149)

Souza buscou por meio da aplicação dos princípios teóricos do gênero fantástico e os relativos a Estética da Recepção, entender o leitor como peça fundamental na concretização de toda obra literária. Analisou noções de *vazios*, repertório ficcional, e as estratégias utilizadas pelo autor e pelo leitor para a realização da leitura do texto proposto. Coloca o leitor como elemento fundamental na construção do texto e diz que Machado de Assis. Ao finalizar seu trabalho, a pesquisadora afirmou que não pretendia esgotar o tema proposto, apenas apresentar a contextualização das narrativas literárias selecionadas e apontar a presença de elementos similares entre as mesmas e outras produções do autor.

g. Avaliação sobre a pesquisa

A pesquisa de Souza é *teórica*, voltada para a análise do papel do leitor e da “*fantasticidade*” nos contos apresentados. Não proporciona uma *pesquisa-aplicada*, dessa forma foi classificada como **Pesquisa de Efeito – o leitor implícito**.

As metas estabelecidas pela pesquisadora foram atingidas. Observamos que Souza não diferencia as categorias *recepção* (Jauss) e de *efeito* (Iser). No entanto, a teoria da Estética da Recepção no que refere ao *efeito* determinado no texto literário, foi amplamente discutida nos capítulos terceiro, quarto e quinto. Sendo que no terceiro, a pesquisadora estabelece pontos que atacou nos contos de Machado de Assis, cumprindo, portanto o papel importante de mostrar para o leitor de sua pesquisa o que ela entendia como *efeito* do texto.

Notamos intenção da pesquisadora de comprovar com vários fragmentos retirados dos dois contos as afirmações que fez sobre a teoria utilizada. Sua conclusão é bastante sucinta e reconhece que não esgotou o assunto. Dado bastante coerente, visto que os estudos referentes à Estética da Recepção em 1998 no Brasil ainda estão se iniciando.

O avanço que observamos na pesquisa é o fato de que, mesmo sem evidenciar as categorias de *recepção* e *efeito*, Souza aponta para elas quando analisa a questão do *leitor implícito* na narrativa fantástica. Destaque especial para a forma como evidencia o *efeito* determinado no texto como causador de hesitação e/ou preenchimento dos *vazios* que o texto oferece ao seu destinatário. Embora não mostre a interação do leitor com o texto, apresenta apenas as estruturas de apelo utilizadas pelo escritor para o leitor. A pesquisadora observa também técnicas utilizadas – carnavalização literária, sátira e intertextualidade - pelo narrador para estabelecer diálogo com o leitor. Sua ênfase portanto está em observar o texto e não sua recepção .

PESQUISA 6.

a. Dados de identificação.

Autor: Ana Maria B. G. Yasuda.

Orientador: Prof^a D. Lígia Chiappini Moraes Leite.

Título: *Poesia e Alfabetização estudo sobre o Batalhão das Letras de Mario Quintana e Pare no P da Poesia de Elza Beatriz*

Instituição: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Mestrado em Teoria Literária e Literatura Comparada.

Ano de finalização: 1999.

Número de páginas: 178.

Tipo: Pesquisa de Efeito - o leitor implícito.

Resumo da obra:

Esta dissertação de mestrado analisa os livros de poesia para criança *O Batalhão das Letras*, de Mario Quintana e *Pare no P da Poesia*, de Elza Beatriz Von Döllinger de Araújo, e a relação entre os poemas e suas respectivas ilustrações.

Ao final da análise estabelece uma breve comparação entre as duas obras, destacando suas semelhanças e diferenças, e em que elas podem contribuir para a formação de leitores de poesia.

A partir de uma pequena pesquisa de campo, relata e analisa a mediação da leitura destas obras na escola. Conclui que, como a formação de leitores de poesia passa pela mediação de professores, em princípio, seria preciso que estes mediadores cultivassem o gosto pela leitura de poemas.

Além disso, seria necessário sensibilizar estes mediadores para a importância da emoção estética suscitada pela leitura da poesia na formação do ser humano, e de como a linguagem do poema, em razão de voltar-se sobre si mesma, pode contribuir para que a criança compreenda a língua escrita como um sistema de representação. (YASUDA, 1999, p.4)

b. Objetivos.

Diante de dois fatos – a crescente produção de livros de poesia para crianças e a pequena bibliografia existente sobre o assunto - Yasuda fixou como meta principal desenvolver uma pesquisa que contribuísse para a identificação do perfil de algumas dessas obras. Para atingi-la, a pesquisadora fixou ainda outros objetivos:

- Analisar os livros indicados no *corpus* literário quanto aos aspectos de significação dos poemas, procedimentos estilísticos dos autores, temáticas relacionadas ao universo infantil e as ilustrações;
- Comparar os poemas apresentados nos dois livros indicados;
- Observar como o *corpus* literário delimitado é utilizado por professores em situação de aula;
- Analisar se a prática pedagógica realizada na exploração dos livros indicados contribui para a formação de leitores, de maneira geral, em especial de poesia.

c. Material.

c.1. Tipo de texto abordado.

O *corpus* presente neste trabalho foi proposto a partir de duas obras poéticas infantis:

- *O Batalhão da Letras*, de Mario Quintana, 1999, 5ª edição, Editora Globo. (1ª edição 1948)

- *Pare no P da poesia*, de Elza Beatriz Von Döllinger de Araújo, 1988, 12ª edição, Belo Horizonte editora Virgília. (1ª edição 1980).

c.2. Tipo de leitor.

A pesquisa contou com o depoimento de professores que utilizaram os textos em suas aulas. Tais professoras, após a utilização em diferentes momentos em suas aulas dos dois livros indicados no item anterior, responderam a uma entrevista formulada e gravada em áudio pela pesquisadora.

c.3. Tipo de documento referente à recepção e/ou efeito analisado..

A recepção dos textos pelos alunos foi observada pela análise de entrevistas com algumas professoras que utilizaram os textos contidos nos livros na pré-escola e 1ª- 3ª séries do Ensino Fundamental.

d. Base teórica e bibliografia destacada.

d.1. Conceitos desenvolvidos.

Não foi fácil perceber a teoria utilizada pela autora para fundamentar sua pesquisa, embora Yasuda tenha citado uma série de pesquisadores voltados para a questão da leitura destinada ao público infanto-juvenil. Sua atenção principal foi a questão da leitura de poesia nas séries iniciais do Ensino Fundamental, reconhecendo que muitas vezes

estas são utilizadas apenas para o ensino da língua – decodificação de palavras – e não para a fruição do texto poético. A pesquisadora reconheceu que, sobre os livros de poesia produzidos para crianças, a bibliografia é pequena, sendo que o único livro dedicado inteiramente ao assunto, na época de sua pesquisa, era *Poesia Infantil* de Maria da Glória Bordini.

Seu trabalho, nesse sentido, seguiu destacando autores cujo interesse era a questão da utilização da poesia infantil como recurso pedagógico, abordando a poesia como recurso de alfabetização, bem como outros autores que refletem a produção de poesia voltada para um público especial: a criança. Além disso, Yasuda fundamentou sua pesquisa no que alguns pensadores dizem sobre a leitura. Podemos observar considerações a esse respeito de: Marisa Lajolo (1993) e Regina Zilberman (1986), Leonardo Arroyo (1988), Nelly Novaes Coelho (1993-95), Maria da Glória Fialho Pondé (1980), Maria Helena Martins (1989), Ligia Morrone Averbuck (1982), José Paulo Paes (1995-98).

Diluídas em seu texto estão as questões voltadas à Estética da Recepção, foco de nosso interesse nessa pesquisa. Ao analisar os textos poéticos, bem como sua utilização em sala de aula, percebemos que a pesquisadora resgatou em sua argumentação considerações relevantes sobre a questão do leitor, e da recepção do texto. Nesses momentos, encontramos os conceitos formulados por W. Iser (1976) referentes a estrutura de apelo nos textos.

Embora desejasse indiretamente contemplar a recepção de textos poéticos realizada pelos alunos, evidencia-se que a pesquisadora não se ateve a questões mais profundas sobre a Estética da Recepção e não utilizou uma base teórica mais específica sobre o assunto.

d.2. Bibliografia citada.

A. Texto literário

QUINTANA, M. *O Batalhão da Letras*. 5ª ed., Rio de Janeiro: Globo, 1999.

ARAÚJO, E. B. V. D. de. *Pare no P da poesia*. 12ª ed., Belo Horizonte: Virgília, 1988.

B. Autores citados na base teórica.

ARROYO, L. *Literatura Infantil brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1988.

AVERBUCK, L. M. A poesia e a escola. In: ZILBERMAN, R. (Org). *Leitura em crise na escola*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

BORDINI, M. da G. *Poesia infantil*. São Paulo: Ática. Série Princípios. 1991.

COELHO, N. N. A poesia destinada às crianças. In: *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Ática, 1993.

_____. *Dicionário crítico da literatura infantil/juvenil brasileira (1882/1982)*. São Paulo: Quíron, 1995.

ISER, W. A interação do texto com o leitor. In: COSTA, L. L.. *A literatura e o leitor: textos de Estética da Recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

LAJOLO, M. Poesia: uma frágil vítima da escola. In: *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 1993.

MARTINS, M. H. Arca de Noé: entre a inocência e a experiência. In: *Crônica de uma utopia*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

PAES, J. P. *Um mundo sem poesia é o mais triste dos mundos*. Proleitura. Assis, n.7, out. 1995.

_____. *Infância e poesia*. Mais! São Paulo, 9 ago 1998.

PONDÉ, M. da G. F. *Vinícius de Moraes: do misticismo à poesia para crianças*. Boletim Informativo FNLIJ. Rio de Janeiro, (52), jul/set. 1980.

ZILBERMAN, R.. *Leitura em crise na escola*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986. p. 147-142.

e. Detalhamento da pesquisa e metodologia

Yasuda iniciou suas reflexões apresentando o momento em que a produção de obras literárias para o público infanto-juvenil se consolida no mercado, bem como na constituição de um corpo de escritores voltados para esse segmento – a década de 70. É nesse momento que há um direcionamento do mercado para esse público, gerando a profissionalização de um grande número de escritores e artistas gráficos.

Partiu, então, para a leitura de 83 livros de poesia infantil e optou pelos dois indicados anteriormente. Sua escolha foi justificada pelo papel de mediação exercido pela escola entre leitor/aluno/texto *O Batalhão das Letras*, porque fora solicitado por algumas professoras para ser trabalhado em sala e *Pare no P da Poesia*, pelo fato de terem sido adquiridos pela escola quinze exemplares, para serem trabalhados em sala de aula.

A pesquisa de Yasuda prossegue com a análise dos dois livros indicados e posterior registro da maneira como os textos foram abordados pelos professores. A dissertação foi, desta forma, dividida em quatro capítulos. Do primeiro ao segundo consta a análise de parte dos poemas mais significativos contidos nos dois livros que exemplificam os procedimentos estilísticos de seus autores e que, ao mesmo tempo mostram de que ponto de vista tratam as temáticas relacionadas ao universo infantil. É importante perceber que em cada um desses capítulos, após a análise dos textos, a pesquisadora se ateve à análise das ilustrações dos poemas. A análise foi feita na tentativa

de verificar as relações estabelecidas entre elas e o texto. Portanto, trata da estrutura de apelo inserida nos textos que identificariam um *leitor implícito* no mesmo

No terceiro capítulo, a pesquisadora fez uma comparação entre os dois livros. Constatou que se tratava de dois livros com visões de mundo bastante diferentes, que ela julgou serem decorrência das condições de produção, da época e da filiação estética diferentes dos autores.

No quarto capítulo, apresentou o registro de uma *pesquisa aplicada* composta pelo resultado da análise de entrevistas com algumas professoras que utilizaram os textos contidos nos livros em diversas séries. Foram incluídos depoimentos relativos à pré-escola, e à 1ª, 3ª séries, Ensino Fundamental. Ainda nesse mesmo capítulo a pesquisadora lançou uma reflexão sobre as potencialidades do poema e sobre sua pertinência como texto para ser trabalhado durante o processo de aquisição da escrita.

f. Resultados principais – conclusões apresentadas;

Yasuda afirmou que, por meio dos relatos apresentados pelas professoras, emerge indiretamente a leitura feita por elas dos poemas indicados, bem como da realizada pelos alunos nas atividades propostas. Esse trabalho revela que a “noção de protocolo de leitura ainda não chegou à escola, e não apenas no que diz respeito ao texto literário, mas estende-se aos outros tipos de texto em linguagem verbal e não verbal” (YASUDA, 1999, p. 157). A conclusão também se refere ao texto poético, segundo a pesquisadora.

Apoiando-se em reflexões de Lígia Morrone Averbuck e Marisa Lajolo, a pesquisadora retomou comentários sobre a ausência de atividades de leitura que considerassem as especificidades da linguagem das quadrinhas de Mario Quintana.

Encontram-se, no depoimento de duas das professoras que trabalharam com o livro integralmente, as evidências de que as atividades propostas muitas vezes se relacionavam ao reconhecimento das letras e ao processo de aquisição da escrita, e não de leitura e fruição dos textos. Ela defende a idéia de que “é necessário fazer do contato com a poesia antes fonte de prazer gratuito que de obrigações escolares”.¹²

A pesquisadora observou na fala das professoras, referindo-se ao livro *O Batalhão das Letras*, uma suposta inadequação da linguagem das quadrinhas. Sobre isso argumentou que tal conclusão reduzia a recepção dos textos ao nível da inteligência, excluindo a sensibilidade e a imaginação que igualmente alimentam esse ato. Yasuda justifica que o pensamento das educadoras se sustenta no processo de aquisição da escrita que estimula o aprendiz a estabelecer relações entre as partes e o todo, e entre o todo e as partes do sistema de representação da língua. No entanto, na prática pedagógica real o que se observava era a utilização dos diversos tipos de textos, inclusive as poesias, restrita à aquisição de um código.

Yasuda registra suas conclusões sobre as proposições e indagações fixadas no início do trabalho, retomando algumas questões. A primeira delas diz respeito aos livros destinados a apresentarem as letras do alfabeto. “Eles encerrariam aí sua razão de ser, ou se apesar disso poderiam contribuir na formação de leitores de poesia, preparando o leitor para outros textos mais complexos?” Analisando essa questão relativa aos livros propostos, a pesquisadora concluiu que poderiam favorecer a formação de leitores se a escola como mediadora de leitura estivesse preparada para essa função.

O trabalho, embora não pretenda apresentar conclusões definitivas sobre o tema, sinalizou para a tendência de muitos professores ignorarem as especificidades da linguagem poética. Isto se deve, segundo Yasuda ao fato de eles não estarem

¹² Citação de José Paulo Paes na referida dissertação, p. 159

familiarizados com leitura de poesia e, conseqüentemente não terem desenvolvido sua sensibilidade estética, fator que poderia propiciar condições para perceberem de que forma cada poema pode ser explorado na orientação da leitura de seus alunos.

Outro fator apontado para esse problema é relativo à linguagem dos poemas. Estes priorizam o significante ao passo que a escola valoriza o significado, o conteúdo, a mensagem. Dessa forma, não direciona direito seu trabalho por não saber bem como lidar com um texto que causa tanto *estranhamento*. A pesquisadora afirmou que a questão principal é a formação do mediador, principalmente garantindo seu prazer no ato dessas leituras.

g. Avaliação sobre a pesquisa.

Yasuda realiza uma pesquisa *teórico-aplicada*, pois se volta para uma experiência de leitura. Embora se baseie em depoimentos de professores sobre o uso de poesia em sala de aula, seu texto foi classificado como uma **Pesquisa de Efeito**, pois faz uma análise mais centrada no texto evidenciando aspectos estruturais da obra, as marcas de *efeito*. Sua preocupação é verificar a questão da leitura de poesia na escola. Para isso, observa depoimentos de professores quanto ao uso de poesias na fase de aquisição da leitura.

Utiliza poucos pressupostos da Estética da Recepção. Embora se proponha a ver como os alunos lêem poesia na escola, não colhe depoimentos destes. Sua fonte é de “segunda mão”, visto que se baseia nas impressões de professores que, segundo a própria pesquisadora, não tem embasamento teórico sobre esse uso. Não utiliza explicitamente a

teoria de Iser, mas cita em sua bibliografia o texto *A interação do texto com o leitor*, do referido autor, traduzido por Luiz Costa Lima.

Seu objetivo principal é a análise do texto em si, suas marcas numa perspectiva estrutural - semântica. Só então, parte para o relato de da utilização das obras nas escolas. A pesquisadora reconhece na fala dos professores mudanças no rendimento do ensino após a utilização de poesias

Não usa diretamente as questões da Estética da Recepção voltadas ao *efeito* e a *recepção*, nem diferencia estas categorias. No entanto, em alguns pontos da sua análise reconhece a existência de um *leitor real* e focaliza o professor enquanto agente de formação de leitura, responsável por escolher os textos para os alunos, além de ser um *leitor empírico*.

Sua pesquisa reconhece a fragilidade da formação do professor enquanto leitor. Da existência de *vazios* no texto que os alunos devem completar para dar sentido. Sua preocupação maior é verificar como os professores utilizam textos em sala, evidenciando a prática de leitura centrada na decodificação superficial das poesias.

PESQUISA 7.

a. Dados de identificação.

Autor: Marlene Barbosa Ferreira

Orientador: Prof^a Maria Lúcia Pimentel de Sampaio Góes

Título: *Caminhos de ler – Por uma Formação do Leitor Fluente e Crítico em Obras de Literatura Infantil e Juvenil de Vanguarda em Língua Portuguesa.*

Instituição: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Nível de qualificação: Mestrado em Letras Clássicas e Vernáculas

Ano de finalização: 1999

Número de páginas: 105

Tipo: Pesquisa de Efeito – o leitor implícito.

Resumo da obra:

POR UMA POLÍTICA DE LEITURA PARA TODAS AS IDADES. Refletindo sobre pontos e contrapontos da leitura no Brasil, principalmente quanto à pressão da escola sobre os alunos para que se tornem leitores à custa do contato com clássicos, iniciado somente no Ensino Médio ou, quando muito, nas séries finais do Ensino Fundamental, nesta dissertação são vislumbrados caminhos menos íngremes e mais prazerosos para a formação do leitor.

Dentre os muitos projetos de leitura desenvolvidos desde 1969, principalmente na rede estadual de ensino, com algumas entradas na rede particular, a autora descreve “Brincando no Arco-Íris” partindo da visão de leitura como jogo, como atividade livre, espontânea e prazerosa, passando pela formação do Professor Leitor, com propostas de análise de algumas obras da literatura infantil de vanguarda em língua portuguesa, ancorando na proposta para a formação do Aluno Leitor. (FERREIRA,1999,VI)

b. Objetivos.

A pesquisadora propõe uma reflexão sobre pontos e contrapontos da leitura no Brasil. Seus objetivos são:

- Refletir sobre a prática de leitura realizada na escola;
- Propor caminhos menos íngremes para a formação do leitor.

c. Material.

c.1. Tipo de texto abordado.

Ferreira propôs uma análise comparativa de quatro obras, denominadas por ela como “*de vanguarda*”, sendo que duas delas são:

Da literatura infantil portuguesa:

- *Eu também sou gente* de Ricardo Alberty, Lisboa: Plátano de Abril, 1982. –Classificada na pesquisa como uma narrativa infantil em forma de diário, (sem data da 1ª edição).
- *Menina Coração de Pássaro* de Luísa Dacosta, ilustrações de Jorge Pinheiro, Portugal, Figueirinhas, 1978. Segundo a pesquisadora, “*este texto foge das características da estória infantil, quando apresenta uma enfabulação que obedece muito mais o caminho do sonho do que da linearidade comum aos contos infantis*”. (FERREIRA, 1999 p.51)

Da literatura infantil brasileira:

- *A girafa e o Mede-Palmo* de Lúcia Pimentel Góes, ilustrações de Maria Cecília Marra, 2ª edição, São Paulo Ática, 1987. Classificada na pesquisa como uma narrativa didático-pedagógica, (sem data da 1ª edição).
- *Tem Pimenta no Cocuruto* de Ana Maria Machado, ilustrações de Gerson Conforto, 2ª edição, Rio de Janeiro, EBAL, 1984. Classificada na pesquisa como um conto infantil de raízes folclóricas, (sem data da 1ª edição).

c.2. Tipo de leitor.

Participaram dessa pesquisa professores e alunos do Ensino Fundamental (1ª à 4ª série) da Escola Estadual “Jordel Domeneghi”, Igarapava, SP. Os textos da 5ª série foram realizados na E.E. P. G “Professor Dantes”, na mesma cidade.

c.3. Tipo de documento referente à recepção e/ou efeito analisado.

A pesquisadora propôs a observação das respostas dadas a uma ficha técnica sobre os livros trabalhados contendo informações da própria obra e outras denominadas pela pesquisadora por “*informações afetivas*” trazidas pela emoção. Fixou sua atenção em conhecer a visão do grupo sobre leitura. Além disso, Ferreira apresentou, na última parte da dissertação, um apêndice chamado de extratextos contendo algumas produções dos

alunos da escola, estimulados por técnicas desenvolvidas pelo projeto “*Arco-Iris*”. Constam desta parte redações e desenhos de alunos de diversas séries, registros da pesquisadora e das professoras, também fotos das atividades de leitura realizadas pelo professor da sala.

d. Base teórica e bibliografia destacada.

d.1. Conceitos desenvolvidos.

Impulsionada por sua prática em sala de aula e buscando respostas para inquietações provocadas no seu dia a dia, Ferreira entra em contato com a questão da leitura e ensino da literatura nas séries iniciais. Cita em seu texto uma série de pesquisadores sobre o assunto, tais como, Jean Foucambert, Sírio Possenti, Vânia Maria Resende, Lúcia Pimentel Góes, Fanny Abramovich, José Morais, Roland Barthes, Nietzsche, Amin Maalouf. Esse embasamento teórico é consequência natural dessa busca de caminhos.

Sua observação aponta para questões importantes sobre a literatura infantil mostrando como conclusão a necessidade de uma melhor formação do professor, pois a ele caberá a tarefa de continuação de um programa de desenvolvimento de leitura. Sua proposta, então, passa a focalizar três autores em especial: Affonso Romano de Sant’Ana (1991), Maria Lúcia P. S. Góes (1990) e Nelly Novaes Coelho (1983).

A pesquisadora inicia seu embasamento teórico lançando mão do modelo de análise proposto por Sant’Ana que considera o eixo parafrástico e o eixo parodístico como forma de conhecer o mundo, diferindo assim dos formalistas russos. Segue apresentando os dez fatores estruturantes da narrativa segundo Nelly N. Coelho.

Na análise dos textos literários propostos na pesquisa, Ferreira se vale de outros teóricos: Kate Hamburger (1975); Maria José Palo (1986); Samira Nahid de Mesquita (1987); Ana Maria Machado (1984); Gianni Rodari (1982); Jussara Hoffmann (1993).

As questões relativas à Estética da Recepção encontram-se diluídas nos dados sobre leitura apresentadas no texto, sendo que não se observou nenhum capítulo especialmente destinado a elas. Apenas no capítulo 3 Ferreira cita rapidamente a Estética da Recepção como uma teoria que enfatiza o papel do leitor como um dos pólos importantes da literatura. Nela encontramos a citação de H. R. Jauss, retirada de Fernando Paixão (1998).

d.2. Bibliografia citada.

A. Textos analisados.

ALBERTY, R. *Eu também sou gente*. Lisboa: Plátano de Abril, 1982.

DA COSTA, L. *Menina Coração de Pássaro*. Ilustrações de Jorge Pinheiro. Portugal: Figueirinhas, 1978.

GÓES, L. P. *A girafa e o Mede-Palmo*. 2ª edição. Ilustrações de Maria Cecília Marra. São Paulo Ática, 1987.

MACHADO, A. M.. *Tem Pimenta no Cocuruto*. 2ª edição. Ilustrações de Gerson Conforto. Rio de Janeiro: EBAL, 1984.

B. Referências teóricas.

ABRAMOVICH, F.. *O estranho mundo que se mostra às crianças*. São Paulo: Summus, 1983.

- _____. *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo: Scipione, 1989.
- _____. *Quem educa quem?* São Paulo: Summus, 1985.
- _____. *O estranho mundo que se mostra às crianças*. São Paulo: Summus, 1983.
- BARTHES, R. *O grau zero da escritura*. (Tradução Anne Arnicahrd e Álvaro Lorencini). São Paulo: Cultrix, 1971.
- _____. *O prazer do texto*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1977.
- _____. *Et alii. Análise da narrativa*. 3ª ed. Petrópolis:Vozes, 1973.
- COELHO, N. N. *Dicionário crítico da literatura infantil/juvenil brasileira (1882/1982)*. São Paulo: Quíron, 1983.
- _____. *A literatura infantil*. 5ª ed. São Paulo: Ática, 1991.
- _____. *O conto de fadas*. São Paulo: Ática, 1987.
- _____. *Panorama histórico da literatura infantil e juvenil*. 3ª edição. Ver. São Paulo: Ática, 1985.
- GÓES, M. L. P. *A aventura da literatura para criança. Formas de avaliação nos livros de Francisco Marins*. São Paulo: Melhoramentos, 1990.
- _____. *A fábula brasileira ou fábula saborosa – Tentativa paideumática da fábula no Brasil*. São Paulo. Tese de livre Docência. FFLCH-USP, 1994.
- _____. *Em busca da matriz. A literatura infantil portuguesa, suas peculiaridades e evolução, das origens à atualidade*. Tese de Doutorado da USP. São Paulo. 1989.
- _____. *Introdução à literatura infantil e juvenil*. São Paulo: Pioneira, 1984.
- _____. *Olhar de descoberta*. il. Eva Funari. São Paulo, Mercuryo, 1996.
- HAMBURGER, K. *A lógica da criação literária*. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- HOFFMANN, J. *Avaliação: mito & desafio – uma perspectiva construtivista*. Porto Alegre:Educação & Realidade Revistas e Livros, 1993.
- ISER, W. *The Act of Reading*. Baltimore: The Johns Hopkins Univ. Press, 1980.

- PAIXÃO, F. *A Leitura como educação dos sentidos*. Projeto “Memória de Leitura”, 1998.
- MACHADO, A. M. *Recado do nome*. Rio de Janeiro: IMAGI, 1976.
- MESQUITA, S. N de. *O enredo*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1987.
- PALO, M. J. & OLIVEIRA, M. R. *Literatura Infantil*. São Paulo: Ática, 1986.
- RODARI, G. *Gramática da fantasia*. (Tradução Antonio Negrin). São Paulo: Summus, 1982.
- SANT’ANA, A. R. de. *Paródia, paráfrase & cia*. 4ª ed. São Paulo: Ática, 1991.

e. Detalhamento da pesquisa e metodologia.

A pesquisadora parte da visão de leitura como jogo e atividade livre, espontânea e prazerosa, passa pela formação do professor como leitor até chegar à análise de algumas obras da literatura infantil de “*vanguarda*” em língua portuguesa, ancorando seu projeto na proposta para a formação de um aluno leitor.

Seu texto, marcado por um tom poético, foi iniciado por um preâmbulo no qual a pesquisadora, produzindo um “*Abre alas*”, mostrou sua paixão pela literatura. Já na introdução ela descreveu como chegou ao projeto de pesquisa, justificando que inicialmente teve a prática e depois recorreu à teoria como algo necessário para a progressão do próprio projeto.

Referindo-se ao magistério, aponta o fato de a profissão ficar paulatinamente desvalorizada e subestimada, sendo exercida cada vez mais por mulheres. Como essa classe se origina do mesmo grupo descrito anteriormente, afirma que as professoras também não são leitoras de uma forma geral. Apesar de destacar esse quadro negativo sobre a leitura, a pesquisadora afirma que mais importante do que ele é o “*encontro de caminhos e soluções para essa situação.*”

Desta maneira, chega ao terceiro capítulo de sua dissertação, apresentando uma pequena reflexão sobre a formação do professor leitor. Ferreira observou que merecem destaque quanto ao papel do leitor na compreensão do texto as contribuições vindas das áreas da Psicologia, da Educação e da Crítica Literária. A primeira dando ênfase à percepção, a segunda à necessidade de interação *leitor/texto* e a terceira, enfatizando o papel do leitor – principalmente no que se refere à Estética da Recepção.

Já no quarto capítulo, Ferreira, defendendo um domínio teórico básico, passou a sua proposta de formação de professores na escola. Fez isso por meio da análise comparativa de quatro obras literárias. A análise se realizou pelos elementos estruturantes da narrativa, segundo Nelly Novaes Coelho (1985): o narrador; o foco narrativo; a estória; a enfabulação; o gênero narrativo; personagens; espaço; tempo; linguagem ou discurso narrativo; leitor ou ouvinte. São estes fatores observados individualmente em cada obra proposta no parágrafo anterior, sendo que na sequência, a pesquisadora analisou as obras seguindo esses elementos, comparativamente focalizando o que ela denominou de “esqueleto mais atraente”.

No quinto capítulo a pesquisadora propôs uma leitura sem fases o que para ela seria equivalente a uma leitura mais livre das convenções impostas pela escola um ato de fruição de textos. Continuou defendendo a escola como um espaço privilegiado para a divulgação das artes e para a formação do aluno. Observou a questão do vestibular, fator que ela julga distanciar os alunos do mundo da leitura. Disse que um projeto de leitura deve primeiro despertar o desejo em relação ao livro.

Sua proposta “*Brincando no Arco Íris*” passa por atividades lúdicas que funcionam principalmente para “*ampliar a visão dos iniciantes sobre as múltiplas possibilidades de leitura de um texto e a multiplicidade de códigos que se pode utilizar para representar idéias e emoções*”. O projeto propôs ainda atividades que partiam da

escolha de títulos, uma ficha técnica que se formaria apenas de dados de identificação do livro e impressões de leitura registradas ao longo desta; classificação do que foi lido pelo aluno por meio das cores do arco-íris, bem como feitura de um desenho. A avaliação formal foi abolida, propondo-se que fosse feita por meio de comentários informais, palavras de estímulo e valorização, bilhetes escritos a lápis nos cantinhos das folhas dos “registros de leitura”, comentários verbais, exposição das pastas de registros, etc. Portanto, uma avaliação que não causasse traumas, nem enfrentamentos e muito menos competição.

e. Resultados principais apresentados na pesquisa.

Na conclusão, Ferreira apresenta uma defesa do projeto que propôs. Segundo ela, esse vinha sendo aplicado há algum tempo, sempre trazendo respostas positivas junto ao público leitor no sentido de “*impulsionar o prazer de ler-vivendo*”.

Como sua meta principal era, a partir de dados concretos e de um acompanhamento efetivo de trabalhos, evidenciar um projeto de formação de leitores que partisse da própria formação dos professores estimuladores, Ferreira constatou que a resposta conseguida pelo grupo que participou da pesquisa foi muito positiva. Houve, segundo ela, um crescimento dos profissionais do magistério, quando estimulados. Ela percebeu que estes, apesar de “*donos de uma competência superior*”, estão acostumados com ações esparsas pinçadas deste ou daquele projeto, carecendo de sistematização, de sequenciamento com vistas a objetivos determinados.

A principal evidência quanto às práticas desses professores diz respeito ao abandono das avaliações tradicionais realizadas por meio de provas e fichas de leitura. Outro fator evidenciado durante o projeto realizado, foi um envolvimento maior dos pais nas diversas atividades paralelas realizadas.

A escola, no entender da pesquisadora, não poder correr o risco de ser apenas um espaço de recepção e divulgação do que a crítica chama de “gosto médio”. Ela é um espaço privilegiado de divulgação cultural, que só será efetivamente consolidado a partir de um programa maior de incentivo à leitura e de formação de leitores, alunos e professores.

g. Avaliação sobre a pesquisa.

Ferreira produz uma *pesquisa teórica* voltada para a categoria do *efeito* embora relate experiências de leitura. Seu interesse é pedagógico, pois quer divulgar um projeto de formação de leitores que se apresenta como uma fórmula, embora ela negue isso. Foi classificada aqui como **Pesquisa de Efeito – o leitor implícito**. A pesquisadora, numa linguagem muito “poética”, procura observar as formas de ler no Brasil, bem como propor soluções para a formação do leitor.

Coloca os professores como “*receptores de textos e divulgadores do que a crítica do gosto médio nos impõe*”. Alia três áreas do conhecimento quanto ao papel do leitor na compreensão do texto: Psicologia, Educação e a Crítica Literária. Sendo que nessa última destaca a Estética da Recepção enfatizando o papel do leitor como um dos pólos mais importantes da literatura. Analisa as obras por meio de fatores estruturantes da narrativa (Usa Nelly Novaes Coelho para isso - *A literatura infantil*, 1987). Na grade de análise proposta, destaca-se o item: **Leitor ou ouvinte** – o provável destinatário, visado pela comunicação, um *leitor real, empírico*.

A pesquisa carece de maior embasamento teórico, embora a autora tente apresentar três categorias de leitor: o **leitor/ouvinte** – que é levado a se aproximar do

texto por meio da linguagem utilizada; o **leitor ideal** formatado no texto; um **leitor real** – que no entender da pesquisadora se confunde com o ideal.

No nosso entender, ela se confunde com esta questão porque não consegue, pelo que escreveu, demonstrar distinção entre as categorias elencadas – por exemplo na p. 48 ela fala que o *conto* “dirige-se a um *ouvinte/leitor* mais que a um leitor, pois se trata de um menino contando sua estória.” Portanto, não distingue as duas categorias de leitores.

Finalmente apresenta o **leitor crítico** – quando se refere ao livro *Menina Coração de Pássaro* - que, segundo sua análise, utiliza personagens os quais não fariam o texto ser vivenciado pelas crianças. Portanto, ela não o caracteriza “*como um livro para criança*”

A principal crítica que fazemos ao trabalho de Ferreira se concentra na linguagem excessivamente poética, pouco precisa que utiliza. Bem como, a não comprovação dos pontos que levanta na pesquisa visto que a base teórica utilizada é pouco convincente.

PESQUISA 8.

a. Dados de identificação.

Autor: Ilda Quaglia.

Orientador: Prof^a Dr^a Alice Áurea Penteado Martha.

Título: *Entre versos e rimas..*

Instituição: Universidade Estadual de Maringá.

Nível de qualificação: Mestrado em Linguística Aplicada na área de Ensino-Aprendizagem de Língua Materna.

Ano de finalização: 2000.

Número de páginas: 207.

Tipo: Pesquisa de Recepção – processo de formação de leitores.

Resumo da obra:

Este trabalho de pesquisa, de natureza aplicada, tem como objetivo investigar a recepção de texto poéticos por leitores pré-adolescentes, com idade entre 11 e 12 anos, alunos de uma 6^a série de uma escola da rede particular de ensino de Maringá. A proposta também procura observar quais aspectos da metodologia de leitura com o texto literário são importantes para promover e incentivar a leitura prazerosa da poesia por estes alunos.

Para atingir esses objetivos, optou-se pela coleta de dados a partir da realização de uma oficina de leitura de poemas, tendo como parâmetros as cinco etapas do método recepcional, criado por M. da G. Bordini e Vera T. Aguiar, a partir dos pressupostos da Estética da Recepção.

A análise dos dados revelou que os alunos pré-adolescentes são receptivos à poesia, o que pôde ser comprovado na interação entre texto e leitores, uma vez que puderam encontrar, nos poemas lidos, aspectos condizentes com as expectativas de sua faixa etária, como a emoção, constatada a partir da leitura e de atividades que exploraram a imaginação e a proximidade do conteúdo do texto com suas realidades vivenciais.

Pela análise dos dados coletados, a pesquisa mostrou que existem alternativas metodológicas eficientes para auxiliar educadores na tarefa de promover a leitura da poesia por leitores juvenis. Dessa forma, espera-se que resultados possam iluminar a prática pedagógica com a literatura, especialmente com um gênero tão marginalizado como a poesia. (QUAGLIA, 2000)

b. Objetivos.

Seus objetivos foram:

- Investigar a recepção de textos poéticos por leitores pré-adolescentes, com idade entre 11 e 12 anos, alunos de uma 6ª série de uma escola da rede particular de ensino de Maringá.
- Observar quais aspectos da metodologia de leitura do texto literário são importantes para promover e incentivar a leitura prazerosa da poesia por esses alunos.
- Verificar como ocorre a recepção de textos poéticos por pré-adolescentes.
- Observar quais aspectos são relevantes na recepção da poesia.

Quaglia também apresenta objetivos para cada fase da oficina de leitura de poemas proposta:

- *Determinação de Horizontes de Expectativas* - Envolver o aluno na atividade desenvolvida para que ele possa ser parte atuante no processo de recepção.
- *Atendimento de Horizontes de Expectativas dos alunos* -
- *Rompimento do Horizonte de Expectativas* - Abalar as certezas dos alunos quanto ao gênero, apresentando o texto poético com uma linguagem mais elaborada e seu conceito. Também, promover a aproximação dos alunos com esse tipo de texto por meio da exploração de sua linguagem e de seus recursos formais.
- *Questionamento do Horizonte de Expectativas* – Motivar a classe para exercer sua análise sobre o material literário, ou seja, analisar

comparativamente as canções trabalhadas na primeira etapa e o poema “Excursão”. Essa atividade foi proposta com o objetivo de levar os alunos a perceberem como as canções e o texto proposto apresentavam temáticas semelhantes, mas que se diferenciavam na forma de apresentação do tema, na elaboração da linguagem e no uso de recursos formais, como rimas e repetições.

- *Ampliação do Horizonte de Expectativas*: Ampliar o conceito de poesia dos alunos e, ao mesmo tempo, romper com a expectativa limitada dos alunos de que a poesia só é poesia se apresentar necessariamente rima e se tratar do assunto “amor”

c. Material.

b.1. Tipo de texto abordado.

Na oficina proposta pela pesquisadora encontramos materiais relativos ao desenvolvimento de cada fase do método recepcional organizado por Aguiar e Bordini.

Foram utilizadas para a primeira fase - atendimento de *Horizontes de Expectativas* dos alunos – as seguintes letras de músicas: “Canibal” – Ivete Sangalo; “Hoje a noite não tem luar” - Monroy Fernandes e Vila de la torre, interpretação Legião Urbana; “Mulher de fases” – autoria Rodolfo e Digão, interpretação: Raimundos De São Paulo a Belém – autoria de Pinóchio e Nilma, interpretação: dupla sertaneja Rio Negro e Solimões. Estas canções foram trazidas pelos alunos para um mini festival de música realizado na sala de aula. Cada canção deveria ser lida e ilustrada conforme a compreensão. Foram destacadas as rimas e os grupos deveriam apresentar as letras com melodia e coreografia.

Para a segunda etapa - ruptura do *Horizonte de Expectativas* - Quaglia apresentou o poema “Excursão” de Sérgio Capparelli (1985). Na etapa seguinte – ampliação do *Horizonte de Expectativas* - ela oferece “Convite” de José Paulo Paes (1997).

c.2. Tipo de leitor.

A pesquisadora optou trabalhar a recepção de textos poéticos em alunos da 6ª série do Ensino Fundamental de uma escola particular da cidade de Maringá. Portanto, *leitores reais* em formação.

c.3. Tipo de documento referente à recepção e/ou ao efeito analisado.

Para a recepção dos textos Quaglia propôs a coleta de dados por meio de diversos instrumentos: relatos de uma observadora externa; diários de classe; entrevistas gravadas em áudio e vídeo, ilustrações, paráfrases, atividades de compreensão de texto. A pesquisadora propôs uma descrição analítica da oficina de leitura de poemas e do exame do material recolhido durante sua realização.

d. Base teórica e bibliografia destacada.

d.1. Conceitos desenvolvidos.

A autora inicia sua exposição teórica refletindo sobre algumas idéias relevantes a respeito da Literatura, sua natureza e função. Para isso, lança mão dos pressupostos

teóricos de vários pensadores, entre eles: Alfredo Bosi (1985); Antonio Candido (1972-76); Marisa Lajolo (1983) e Bordini e Aguiar (1993).

Discutindo a poesia, sua natureza e função, parte de Aristóteles em *Arte retórica e arte poética* (s.d.) para apresentar as principais causas do aparecimento da poesia ligadas à natureza humana. Observa sua função de representação do real e satisfação emocional das necessidades do grupo, através do jogo com as palavras, em Huizinga (1971); Paixão (1983); Paz (1982) e Pound (1976)

Continua sua exposição ao observar a força da palavra, comprovando suas idéias com os dizeres de Paz (1982), Paixão (1983), Eco (1974), Jakobson (1978) e Lyra (1986). Segue analisando os recursos formais da poesia com os mesmos teóricos, acrescentando apenas Goldsteins (1998).

Nas questões relativas à poesia na escola, apresenta Marisa Lajolo (1993), Lígia Morrone Averbuck (1991) e José Paulo Paes (1997). Sobre a concepção de leitura lança mão dos dizeres de Eliana Yunes (1994), Foucambert, (1997), Maria H. Martins (1994) e Silva (1995). Especificamente tratando da leitura da literatura retoma Aguiar (1993) e Zilberman (1990).

Quaglia chega ao ponto crucial da teoria que vai aplicar em seu texto, apresentando os pressupostos teóricos sobre Estética da Recepção e a função do leitor numa perspectiva de diálogo e emancipação. Para isso, lança mão da famosa conferência de Hans Robert Jauss (1979,1983,1994). Cita Terry Eagleton (1983), apresentando uma trajetória de teóricos desde Edmund Husserl, Martin Heidegger, Gadamer até chegar a H. R. Jauss.

Para explicitar a Estética da Recepção de Jauss, utiliza textos canônicos a constar: “A estética da recepção: colocações gerais”, “O prazer estético e as experiências da poésis, aisthesis e katharsis”, “O texto poético na mudança de horizonte de leitura”, textos presentes em *A literatura e o leitor*, organizado por Luis Costa Lima (1979). Além de A

história da literatura como provocação à teoria literária, tradução de Sérgio Tellaroli (1994); *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético* de W. A. Iser em (v. 1 – 1996 e v. 2 - 1999). Bem como, *Estética da recepção e história da literatura* de Regina Zilberman (1989) e *Literatura: a Formação do leitor: alternativas metodológicas*, de Aguiar e Bordini (1993).

d.2. Bibliografia citada.

A. Textos analisados.

CAPPARELLI, S. Excursão. In: *Restos de arco-íris*. Porto Alegre: L&PM, 1985.

PAES, J. P. Convite. IN: *Poemas para brincar*. Ilustração Luiz Maia. São Paulo: Ática, 1997.

B. Referências teóricas.

AVERBUCK, L. M.. A poesia e a escola. In: ZILBERMAN, R. (org.) *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

BOSI, A. *Reflexões sobre a arte*. São Paulo: Cultrix, 1977

BORDINI, M. da G.e AGUIAR, V. T. *Literatura – a formação do leitor*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

CANDIDO, A.. A literatura e a formação do Homem. In: *Ciência e cultura*. São Paulo: _ v. 24. set. 1972.

_____. Estímulos da criação literária. In: *Literatura e Sociedade*. 5ª ed. São Paulo: Nacional, 1976.

EAGLETON, T. *Teoria da Literatura: uma introdução*. (Tradução Waltensir Dutra). São Paulo: Martins Fontes, 1983.

ECO, U. A mensagem estética. In: *A estrutura ausente*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

FOUCAMBERT, J. *A leitura em questão*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997

_____. *A criança, o professor e a leitura*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

GOLDSTEINS, N. *Versos, sons, ritmos*. 7ª ed. São Paulo: Ática, 1998.

HUIZINGA, J. *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Perspectiva, 1971.

ISER, W. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético* de W. A. em (v. 1 – 1996 e v. 2 – 1999).

JAUSS, H. R.. A estética da Recepção: colocações gerais. In: LIMA, L. C. *A literatura e o leitor*. São Paulo: Paz e Terra, 1979.

_____. O prazer estético e as experiências da Poiésis, Aisthesis e Katharsis. In: LIMA, L.C. *A literatura e o leitor*. São Paulo: Paz e Terra, 1979.

_____. O texto poético na mudança de horizonte de leitura. In: LIMA, L.C. *Teoria literária e suas fontes*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

_____. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. (Tradução Sérgio Tellaroli). São Paulo: Ática, 1994.

LAJOLO, M. *O que é literatura*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1993.

LIMA, L. C. *A Literatura e o Leitor: Textos de Estética da Recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

LYRA, P. *Conceito de poesia*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1986.

MARTINS, M H. *O que é leitura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PAIXÃO, F. *O que é poesia*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

PAZ, O. *O arco e a lira*. (Tradução Olga Savary). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

POUND, E. L. *A arte da poesia*. São Paulo: Cultrix, 1976.

SILVA, E. T. *A produção da leitura na escola: pesquisas e propostas*. São Paulo: Ática, 1995.

YUNES, E.. Leitura da leitura. In: *Leitura, saber e cidadania*. Simpósio Nacional de Leitura. Rio de Janeiro: PROLER/FBN – CCBB, 1994.

ZILBERMAN, R.. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989.

_____ e SILVA, E. T. *Leitura e pedagogia*. Ponto e Contraponto. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.

e. Detalhamento da pesquisa e metodologia.

A pesquisa foi organizada em seis partes, sendo que na introdução a pesquisadora se preocupou em retomar a discussão em torno da relação literatura e pedagogia, apontando também alguns autores de poemas e teóricos preocupados com a questão do tratamento dispensado à poesia na escola. Nesse momento ela fixa seus objetivos e os questionamentos que nortearam toda a reflexão proposta nesse trabalho

No capítulo II, Quaglia realiza uma revisão bibliográfica que a auxilia na análise e discussão dos resultados que obteve. Divide seu texto em quatro partes enfocando: a natureza e a função da literatura; um levantamento da natureza e da função da poesia, seus recursos formais, incluindo-se a especificidade da linguagem poética e o aprofundamento da relação conflituosa entre poesia e escola; aspectos relativos à leitura; e finalmente os aspectos relativos à teoria da Estética da Recepção.

A metodologia utilizada pela pesquisadora ressalta a natureza da pesquisa, seus instrumentos de coleta de dados, a descrição do método recepcional, os procedimentos

didáticos que empregou durante a oficina de leitura de poemas, os conteúdos e objetivos gerais e específicos propostos para a oficina foram registrados no capítulo III. Nessa parte a pesquisadora detalhou as características dos alunos que participaram da pesquisa bem como fez um levantamento bibliográfico das características psicofisiológicas da faixa etária dos sujeitos da pesquisa.

No capítulo IV, a autora dedicou-se à descrição analítica da realização da oficina de leitura de poemas e ao exame do material recolhido durante sua realização. A oficina, baseada no método recepcional de Aguiar e Bordini, foi executada em cinco etapas: *determinação do horizonte de expectativas, atendimento do horizonte de expectativas, ruptura do horizonte de expectativas, questionamento do horizonte de expectativas, ampliação do horizonte de expectativas*. Finalizando todo esse processo uma avaliação do que foi feito. Seu objetivo não foi verificar a eficiência ou não do método recepcional, apenas relacionar a teoria da Estética da Recepção e as propostas de tal método com as atividades realizadas para a recepção da poesia.

Na última parte, a pesquisadora apresentou suas considerações finais sobre os resultados obtidos a partir da análise dos dados registrados. Destacou-se entre os textos anexados pela pesquisadora, a existência de apontamentos realizados por um observador externo. Tais apontamentos proporcionaram “*uma visão de fora*” sobre os dados no sentido de buscar a neutralidade da análise.

f. Resultados principais apresentados na pesquisa.

Importante ressaltar da conclusão do trabalho alguns resultados, entre eles, o fato de a pesquisadora apontar para a necessidade de uma “*instrumentalização adequada para a leitura, voltada a despertar ou preservar a sensibilidade dos alunos*”. Ela orientou ainda que “*para alcançar resultados gratificantes por meio do efeito prazeroso, é*

necessário que um caminho não muito fácil seja percorrido, com constantes estudos teóricos das mais recentes concepções acerca de ensino, aluno, leitura, literatura e poesia e, como consequência, com a revisão da prática pedagógica.” (QUAGLIA, 2000, p. 131)

Retomando a pergunta central do trabalho, a pesquisadora afirmou que os pré-adolescentes são receptivos à poesia, bem como a jogos verbais, como trava-línguas e parlendas. Apesar de no início os jovens participantes da pesquisa terem se mostrando avessos a esse tipo de texto, no decorrer da mesma eles se mostraram mais receptivos, evidenciando assim uma mudança de seus horizontes de expectativas.

Foi mérito dessa experiência evidenciar atividades de mobilização desses mesmos jovens para textos poéticos. No entender da pesquisadora isso se deu em vários momentos como comprovam as produções dos alunos. Esse encontro é possível, desde que *“haja condições específicas e favoráveis para a realização de uma leitura concretizadora dos efeitos estéticos através de atividades motivadoras, que considerem o aluno como sujeito histórico, com suas características emocionais específicas”*. (QUAGLIA, 2000, p. 133)

A experiência registrada por ela não teve o objetivo de ser uma *“receita”* pronta que garanta sucesso em sua aplicação, mas permite reflexão sobre o assunto, proporcionando uma visão renovada de ensino, do aluno e da literatura. Nessa visão, observa-se o efeito no próprio imaginário da professora que realizou a oficina, a qual atuaria a partir de então como provocadora de situações inovadoras que ampliam o *horizonte de expectativas* de seus alunos.

A forma como foram registradas as etapas da oficina também se constituem como inovações nesta pesquisa. Segundo Quaglia, a análise dos dados coletados, principalmente os obtidos por filmagens, provocou uma auto-reflexão sobre sua prática pedagógica. Além disso, mostrou que, apesar do quadro negativo em relação à pedagogia e

à poesia que ela registrou logo na introdução de seu trabalho, existem possibilidades alternativas para promover a interação desse gênero com o leitor pré-adolescente. Trata-se, portanto, de um trabalho que engloba a teoria à prática, é científico e tem um posicionamento metodológico bastante definido.

g. Avaliação sobre a pesquisa.

Quaglia realiza uma pesquisa *teórico-aplicada*, segundo ela “*qualitativo-interpretativa de cunho etnográfico, caracterizada pela coleta de dados como micro-etnográfica, por atingir apenas uma micro-situação localizada de ensino*”. Foi classificada como **Pesquisa de Recepção – processo de formação de leitores.**, visto que aponta, em sua análise resultados sobre a utilização do método recepcional de Bordini e Aguiar, de forma bem realista, sem “dourar a situação”.

A pesquisadora inicialmente situa o leitor juvenil. Apresenta um referencial teórico referente à literatura (natureza e função; a poesia, recursos formais da poesia) e a formação do leitor focalizando - a poesia na escola, a leitura de literatura, a estética da recepção e a função do leitor – diálogo e emancipação. Também, discorre sobre os fundamentos da Estética da Recepção voltados ao leitor, a construção do *efeito*, a atualização histórica da obra por meio das inúmeras leituras possíveis. Apresenta o Método Recepcional de Aguiar e Bordini, baseado nos pressupostos teóricos da Estética da Recepção. Destaca Jauss e Iser na questão da *recepção* e do *efeito* respectivamente. Mostra dados dos sujeitos da pesquisa, do local, seus instrumentos de coleta de dados, diário de classe, gravações em áudio e vídeo, etc. Descreve a oficina e analisa os dados conseguidos elencando aspectos da recepção importantes tais como: as expectativas dos alunos, reações diferentes no público alvo, considerando sexo.

Cumpra satisfatoriamente seus objetivos, embora apresente apenas um ciclo do método, o que torna suas conclusões um pouco frágeis. No nosso entender, essa fragilidade se concretiza, pois acreditamos que a comprovação da eficiência do método não possa ser comprovada apenas por uma única experiência aplicada. Bordini e Aguiar deixam claro para seus leitores que se trata de um método contínuo, que deve ser repetido várias vezes, durante a formação do leitor.

PESQUISA 9.

a. Dados de identificação.

Autor: Renata P.A.S. Taques Bittencourt.

Orientador: Prof. Dr. Maria Lúcia P. de Sampaio Góes.

Título: *Em busca de Jovens Leitores Apaixonados.*

Instituição: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

Nível de qualificação: Mestrado na área de Literatura Infantil e Juvenil e Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa.

Ano de finalização: 2000.

Número de páginas: 140.

Tipo: Pesquisa de Recepção – processo de formação de leitores.

Resumo da obra:

Este trabalho é uma pesquisa de campo realizada em junho de 1999 com alunos de um colégio particular da cidade de São Paulo, cujo objetivo foi identificar a existência de jovens “Leitores Apaixonados”, assim como traçar seu perfil através de comparações com outros jovens da mesma idade e escola. Para tanto se efetuou um estudo descritivo, uma pesquisa ad hoc, a partir de dados obtidos por meio de um questionário aplicado em 571 alunos das quatro séries do ensino fundamental 2. Os dados obtidos foram tabulados e analisados levando em consideração a realidade brasileira e o quadro atual de “crise de leitura” (BITTENCOURT, 2000)

b. Objetivos.

Seus objetivos foram:

- Identificar a existência de jovens “*leitores apaixonados*”;
- Traçar seu perfil por meio de comparações com outros jovens da mesma idade e escola.

c. Material.

c.1. Tipo de texto abordado.

Bittencourt se preocupou em observar se ainda existem “*leitores apaixonados*” colaboram para sua formação. Sua ação foi voltada ao registro da história de leitura de alunos do Ensino Fundamental do colégio Santa Cruz¹³. Nesse registro, vários títulos da literatura infanto juvenil foram indicados aos alunos para leitura durante os anos de 1998 e 1999. Esses dados se apresentam em anexo à dissertação e foram registrados pelos professores de português que trabalharam com a 5ª, 6ª, 7ª e 8ª séries da referida escola.

c.2. Tipo de leitor.

Participaram desse perfil 571 alunos de 5ª a 8ª série do Ensino Fundamental do Colégio Santa Cruz. Portanto, a autora propõe uma pesquisa aplicada em que observa *leitores reais*.

c.3. Tipo de documento referente à recepção e/ou ao efeito analisado.

Bittencourt ao realizar esta pesquisa, efetuou um estudo descritivo a partir de dados obtidos por um questionário composto de 36 perguntas que não abordavam diretamente a questão da leitura. Centrou seu interesse em questões diversas tais como o teatro, cinema, TV, shows, músicas, falar ao telefone, dormir,, sair com amigos, esportes, Internet, aulas particulares, atividades extraclasse, métodos de estudo. Também outras

¹³ Na dissertação não encontramos dados de identificação da escola.

questões de cunho cultural e pessoal. Seu intuito foi traçar um perfil dos jovens ao mesmo tempo descobrir informações relevantes sobre seus hábitos de leitura. As questões relativas a esse aspecto abordavam o gênero preferido desses leitores, objetivos ao realizar as leituras, frequência com que lêem, títulos e autores preferidos, o que estavam lendo na época da pesquisa e o que já leram.

Os dados foram coletados via entrevista realizada durante a aula de português, concomitantemente, a outras informações fornecidas pela bibliotecária da escola, bem como as respectivas professoras de cada série. Nessas se faziam presentes listas em que professores e bibliotecária indicavam os “*alunos apaixonados*”.

Após essa coleta foi realizada uma reflexão a partir das informações tabuladas, levando-se em consideração a realidade brasileira e o quadro atual de “*crise da leitura*”. A pesquisadora optou, portanto, pelo registro descritivo estatístico, partindo de uma amostra da população escolhida.

d. Base teórica e bibliografia destacada.

d.1. Conceitos desenvolvidos.

A abordagem teórica realizada por Bittencourt partiu de um diálogo bibliográfico com autores de áreas como psicologia, pedagogia, sociologia, história da literatura, literatura geral e literatura infanto-juvenil.

A pesquisadora parte do conceito de leitura, que considera esse ato de maneira ampla, em que “*ler significa ser questionado pelo mundo e por si mesmo*”. Ela fundamenta sua reflexão em Paulo Freire (1982, 1985), Regina Zilberman (1982-84-85), Ezequiel T. da Silva (1985); Jean Foucambert (1994).

Posiciona-se em seguida em relação à Leitura na Escola, repensando a maneira como ela é vista também em relação à escrita. Passa por uma visão pedagógica dessa questão, focalizando aspectos da formação de leitores pela escola em que observa estratégias para o ensino do “*gostar de ler*”. Evidencia a “*Crise da Leitura*” pautando suas reflexões em Vigotsky (1995), Hannah Arendt (1979). Seu olhar se fixou no contexto brasileiro.

Ao observar os tipos de leitores possíveis ela propõe a seguinte classificação: *leitores decifradores, leitores interessados e leitores apaixonados*. Essa classificação é formatada a partir de teóricos da psicanálise e da filosofia, tais como: Sigmund Freud (1976), Melaine Klein (1991), Francesco Alberoni (1998) e Gérard Lebrun (1987).

Poucos teóricos da Estética da Recepção se fizeram presentes no texto, sendo que apenas dois textos relativos a essa teoria foram indicados como referência bibliográfica: *A literatura e o leitor: textos de estética e recepção*, de Luiz Costa Lima (1979) e *A formação do leitor: alternativas metodológicas*, de Maria da Glória Bordini e Vera T. de Aguiar (1988).

d.2. Bibliografia citada.

A. Textos analisados.

(Não apresentou)

B. Referências teóricas.

ALBERONI, F. *Enamoramento e Amor*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

ARENDT, H. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

BORDINI, M. da G. e AGUIAR, V. T. de. *Literatura – a formação do leitor*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

FOUCAMBERT, J. *A Leitura em Questão*. (Tradução Bruno Charerles Magne), Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FREIRE, P. *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

_____. *A Importância do ato de ler: em três artigos que se complementam*. 10ª ed. São Paulo: Cortez, 1985.

FREUD, S. O Ego e o Id (1923). In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976.

KLEIN, M. *Inveja e Gratidão e outros trabalhos 1946-1963*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1991.

LEBRUN, G. O conceito de paixão. In: Cardoso, SERGIO, et alli. *Os sentidos da Paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

LIMA, L. C. *A literatura e o leitor: textos de estética e recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

SILVA, E. T. da. *Leitura e Realidade Brasileira*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

VIGOTSKY, L. S. *Pensamento e Linguagem*. (Tradução Jéferson Luiz Camargo). São Paulo: Martins Fontes, 1995.

ZILBERMAN, R. *A literatura infantil na escola*. 2ª ed. São Paulo: global, 1982.

_____. (org.) *A produção cultural para a criança*. 2ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984.

_____. *Leitura em Crise na Escola: as alternativas do professor*. 4ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

e. Detalhamento da pesquisa e metodologia.

O trabalho foi organizado contendo uma introdução, quatro capítulos e oito anexos. Na introdução, a pesquisadora observa a situação geral da leitura, constatando uma desmotivação em relação aos dados divulgados pela mídia. Seu questionamento é no sentido de verificar se ainda existem leitores “*apaixonados*”, principalmente entre os jovens. A pesquisadora tenta “*desmistificar a idéia de que o jovem não lê, sobretudo de forma entusiasmada*”. Sua hipótese de leitura é a de que “*há adolescentes que lêem, ainda que não em grande número, fazendo parte da comunidade anônima das pessoas que gostam de ler ... ler para estes leitores, constitui uma experiência que penetra na intimidade*”. (BITTENCOURT, 2000, p. 3)

No capítulo I, a pesquisadora apresentou uma abordagem teórica que, segundo ela, “*parte de um diálogo bibliográfico com outras áreas tais como a psicologia, pedagogia, sociologia, história da literatura, literatura geral e literatura infanto-juvenil.*” Começou por definir um conceito de Leitura, diferenciando “*leitura de mundo*” e “*leitura de texto*”. Quanto à primeira, ela a definiu como “*o momento em que um ser humano ganha existência situando-se no mundo sógnico, em contato com diversas linguagens*”. Já a leitura de texto não é considerada apenas como “*a decifração do código, mas sim um exercício de compreensão de mundo e de si mesmo*”. Dessa maneira, ela também diferencia os leitores dos decifradores e diz que “*a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescrevê-lo, transformá-lo por meio de nossa prática consciente.*” (BITTENCOURT,, 2000, p. 4- 9)

A autora ainda analisa o papel da escola no final do século XIX ao XX, observando o processo de “*democratização*” da mesma. Defende a importância de ler

Literatura, e assinala uma “*crise da leitura*” provocada por um mau funcionamento do sistema cultural. No Brasil em especial, a pesquisadora apontou para as consequências da privatização do ensino. Finalizando esse capítulo, diferencia o “*leitor interessado*” de um outro grupo que neste trabalho ela denomina “*apaixonados por leitura*”. Desenvolvendo essa categoria, a pesquisadora aprofundou o conceito de paixão segundo a psicanálise, a sociologia, a filosofia e a semântica.

No capítulo II, observamos os caminhos percorridos pela pesquisadora, bem como a descrição do material e do método utilizado. Nesse momento temos a descrição detalhada de todas as etapas da pesquisa: a formulação do questionário; a definição do público-alvo e o tamanho da amostra; a aplicação do questionário; a tabulação dos dados; a organização dos dados em tabelas e, posteriormente, a análise dos resultados a partir dos dados tabulados.

No capítulo III, a pesquisadora organizou uma análise comparativa dos dados obtidos nas tabulações começando pela análise descritiva de todas as séries. Em seguida, confrontou o perfil dos “*leitores interessados*”, e dos leitores considerados por ela como “*apaixonados*”, finalizando com a comparação das duas categorias. No capítulo IV, Bittencourt apresentou suas conclusões.

f. Resultados principais apresentados na pesquisa.

Inicialmente, a autora apresentou três grupos de jovens referentes à amostra que coletou. Nessa caracterização, priorizou dados sobre “*o amadurecimento bio-psico-social no que se refere ao potencial de leitura*”. Dos 571 jovens que entrevistou, 116 foram caracterizados como “*leitores interessados*” e 37 como “*apaixonados por leitura*”. Deste último grupo, na sequência do trabalho, a pesquisadora compôs um perfil baseado em

hábitos sociais, domésticos, interesses diversos, observando que são, como se esperava, jovens normais como os outros, porém se dedicam à leitura como uma atividade prazerosa, que além de trazer-lhes conhecimento, traz diversão, descanso...

Interessante é notar que, mesmo não se propondo a elaboração de um projeto de recepção baseado em um corpus literário definido, a pesquisadora não deixa de abordar questões relativas à Estética da Recepção, ao propor o questionário já descrito anteriormente. Por meio dele, ela tenta formatar um perfil desse leitor apaixonado. Mais do que esse perfil, o trabalho de Bittencourt aponta para fatos relevantes, tais como:

- A constatação de que ainda existem *leitores apaixonados* e que estes leitores têm um perfil distinto que precisa ser conhecido e analisado para que se possa, quem sabe, formar mais esse tipo de leitor.
- Adaptações metodológicas devem ser realizadas para aprofundar a análise das informações colhidas.
- A afirmação de que o vínculo livro-leitor é evidente de que há a necessidade de se encontrarem novos caminhos para a formação do leitor.

Segundo a pesquisadora, seu trabalho pode contribuir para o enfrentamento da chamada “*crise de leitura*”.

g. Avaliação sobre a pesquisa.

Bittencourt realiza uma *pesquisa-aplicada*, voltada para interesses pedagógicos ao definir o perfil do que ela chama de *leitores apaixonados*. Trabalha com o *leitor real* visualizando a história de leitura da população pesquisada – 571 alunos de 5ª a 8ª série EF.

– para tentar definir um perfil de jovens *leitores apaixonados* pela leitura. Para fazer esse perfil lança mão de outras áreas do conhecimento tais como: Psicologia, a Pedagogia , a Sociologia e da Literatura. Seu texto foi classificado como uma **Pesquisa de Recepção – processo de formação de leitores** em que se propõe uma classificação dos leitores em: decifradores, interessados e apaixonados.

Do total dos jovens pesquisados, fixa sua atenção em 37 alunos classificados por ela como *leitores apaixonados* pelo mundo da leitura. E a partir deles traça um perfil único a partir das preferências e dos horizontes de expectativas. No entanto, esse perfil fica mais no campo de hábitos da vida diária dos mesmos, relacionando tais hábitos a questões de leitura o que, no nosso entender, atem-se a aspectos não voltados nem ao texto, nem ao ato de leitura.

A teoria da Estética da Recepção está presente na pesquisa fundamentada pelos textos de Luiz Costa Lima (1979) e Bordini e Aguiar (1988). Embora a pesquisadora passe por alguns aspectos importantes dessa estética, ela não os fundamenta.. Aborda experiência de leitura em leitores reais, registra suas preferências e rejeições, mas não acrescenta dados relevantes as questões do leitor.

PESQUISA 10.

a. Dados de identificação.

Autor: Ana Maria de Oliveira Galvão.

Orientador: Professora Magda Becker Soares.

Título: *Ler/Ouvir Folhetos de Cordel em Pernambuco (1930-1950).*

Instituição: Universidade Federal de Minas Gerais.

Nível de qualificação: Doutorado em Educação.

Ano de finalização: 2000.

Número de páginas: 543.

Tipo: Pesquisa de Recepção/Efeito – Voz do leitor real fora de ambiente escolar.

Resumo da obra:

O trabalho teve como objetivo (re)construir o público leitor/ouvinte e os modos de ler/ouvir literatura de cordel, entre 1930 e 1950, em Pernambuco. Na pesquisa, foram utilizadas como principais fontes entrevistas, autobiografias, romances, os próprios folhetos e outros documentos. As fontes coletadas foram sendo cruzadas ao longo da pesquisa, a partir de determinadas categorias, algumas das quais definidas a priori (como as de gênero, classe, raça/etnia e geração) e outras emergentes do contato com o próprio material empírico ou com a bibliografia sobre o tema (como as de popular, Nordeste, urbano e rural, oral e escrito). Os estudos sobre história cultural e da leitura, as discussões em torno da cultura popular, as pesquisas que se detêm sobre a relação entre oralidade e letramento e os trabalhos referentes à "história" oral nortearam, teórica e metodologicamente, a investigação. O trabalho está dividido em duas partes. Na primeira, composta de dois capítulos, são identificados indícios de quem era o leitor/ouvinte visado pelos autores/editores de folhetos, a partir, principalmente, da análise dos próprios cordéis: texto e objeto material. O texto de um dos folhetos analisados é comparado, ainda, com notícias veiculadas em jornais da época sobre o mesmo assunto nele tratado. Na segunda parte da tese, composta de cinco capítulos, busca-se uma aproximação do leitor empírico, caracterizando-o e reconstruindo as formas de acesso que tinha aos folhetos, as situações de leitura/audição desses impressos e os papéis atribuídos à sua leitura e/ou audição. A pesquisa mostrou que o público a que os folhetos se destinavam não foi, em princípio, popular. A análise dos impressos mostra que, dirigida, inicialmente, sobretudo às camadas médias, aos poucos, principalmente a partir dos anos 30, a literatura de folhetos tornou-se um impresso de larga circulação: passou a se destinar, assim, a um público pouco exigente e pouco habituado ao universo letrado, formado, em sua maioria, pelas camadas populares urbanas, por

peessoas analfabetas ou com um grau restrito de escolarização. A análise dos textos dos folhetos, por sua vez, revela que eles estão impregnados de marcas de oralidade e que os caminhos narrativos escolhidos pelos poetas para narrar as histórias podem ser considerados bastante previsíveis, exigindo poucos esforços do suposto leitor para proceder à sua compreensão. Nas cidades, o público, composto em sua maioria de pessoas analfabetas ou semi-alfabetizadas, ao conviver com outros aspectos da cultura escrita, revelava, em menor ou maior grau, um contato com uma diversidade de tipos de impressos, em muitos casos também compartilhados por outros grupos sociais. É também a partir dos anos 30 que o público parece se ruralizar: para os leitores/ouvintes das pequenas comunidades rurais e cidades do interior do Estado, os folhetos constituíam a principal, senão a única, mediação entre eles e o mundo da leitura, da escrita e do impresso. Comprados ou tomados de empréstimo, os folhetos eram lidos pelo vendedor ainda nas feiras e, posteriormente, em reuniões coletivas, onde ocorriam, em muitos casos, narrações de contos e cantorias. Os poemas eram lidos, principalmente, de maneira intensiva e a memorização, facilitada pela própria estrutura narrativa e formal dos poemas, era considerada, pelos leitores/ouvintes, fundamental nos processos de apropriação das leituras. Os papéis atribuídos à leitura/audição de folhetos não pareciam restritos às disposições pragmáticas dessa prática: a dimensão estética era fundamental no processo de fruição do objeto lido/ouvido. A pesquisa mostrou que as formas de leitura geradas pelos impressos e/ou pelos textos dos poemas não coincidiam, necessariamente, com os usos e as apropriações que os leitores/ouvintes empíricos deles faziam. (GALVÃO, 2000, p.13 e 14)

b. Objetivos.

O trabalho teve como objetivos:

- Reconstruir o público leitor/ouvinte e os modos de ler/ouvir literatura de cordel, entre 1930 e 1950, em Pernambuco
- Levantar indícios, através da análise da *materialidade dos folhetos*, de quem era o público leitor visado pelos autores/editores desse tipo de impresso.
- Descrever o impresso-folheto e, a partir dessa descrição, identificar tendências, transformações e permanências observadas em sua materialidade no decorrer do tempo a fim de levantar hipóteses acerca de seu público leitor/ouvinte em Pernambuco, naquele momento.

- Trazer mais elementos para uma melhor compreensão do público consumidor de folhetos.

c. Material.

c.1. Tipo de texto abordado.

O interesse da pesquisadora por movimentos culturais calcados na “*cultura popular*” provocou a escolha de seu objeto de pesquisa composto, a princípio, por 104 folhetos de cordel, publicados em Pernambuco, Paraíba, Ceará, Bahia e Sergipe. Por motivo de metodologia escolhida para desenvolvimento da pesquisa, desse total de textos, Galvão fixou o *corpus* analisado em oito textos:

- 1) *O bárbaro crime das matas da Várzea*, assinado por João Martins de Athayde (Recife, 1928);
- 2) *Historia da Princesa da Pedra Fina*, assinado por João Martins de Athayde (Recife, 1944);
- 3) *A batalha de Oliveiros com Ferrabraz*, assinado por João Martins de Athayde (Recife, 1946);
- 4) *O cachorro dos mortos*, assinado por João Martins de Athayde (Recife, s.d.);
- 5) *A lamentável morte de Getúlio Vargas*, sem autoria (s.l., 1954);
- 6) *O pavão misterioso*, sem autoria (Recife, s.d.);
- 7) *A chegada de Lampião no inferno*, assinado por José Pacheco (s.l., s.d.);
- 8) *As proezas de João Grilo*, sem autoria (s.l., s.d.).

c.2. Tipo de leitor.

A pesquisadora contou que fez vários contatos com pessoas as quais poderiam ser interessantes para a pesquisa. Ao todo 29 pessoas na faixa dos 65 anos ou mais e ainda, com mais seis pessoas mais jovens, entre 20 e 35 anos. Para reconstruir o perfil dos *leitores/ouvintes* de folhetos e os aspectos que caracterizavam as formas de *leitura/audição* desse tipo de impresso no período estudado, Galvão determinou como sujeitos da pesquisa oito *leitores/ouvintes* e um vendedor de folhetos.

Nesse grupo de pessoas ela procurou observar a recepção distinguindo grupos tais como: homens/mulheres, negros/brancos, crentes/católicos, analfabetos, “pobre”, “nordestinos”. Enfim, na escolha dos sujeitos ela já evidencia sua preocupação em analisar a recepção dos cordéis em grupos de sexo, etnia, religião, condição social diferentes. Portanto, viabiliza com esse estudo uma visão sobre o leitor virtual proposto nos textos abordados e também de um leitor empírico, seus leitores/ouvintes dos cordéis.

c.3. Tipo de documento referente à recepção e/ou ao efeito analisado.

Galvão, além dos textos de cordel selecionados, utilizou também 26 textos impressos, classificados por ela como: memórias, romances, romances com traços biográficos, crônicas, crônicas romanceadas, registros censitários e dados estatísticos

Sobre a recepção propriamente dita, realizou entrevistas em áudio com os sujeitos da pesquisa apontando para dados pessoais tais como: sexo, raça/etnia, grau de escolarização do sujeito e de seus pais, contato com os cordéis, nível sócio-econômico, etc.

d. Base teórica e bibliografia destacada.

d.1. Conceitos desenvolvidos.

Embora seja uma pesquisa voltada para a História da Educação, Galvão nos remete para questões importantes sobre o Leitor e a Estética da Recepção tais como: o leitor implícito na literatura de cordel – seu perfil, escolhas e estratégias de leitura; a leitura como processo de inserção na cultura escrita; o desenvolvimento de competências de leitura; o acesso dos leitores ao material de leitura (o cordel); a escolha dos folhetos pelo público leitor – temas mais freqüentes; papéis atribuídos à leitura/audição de folhetos colocando a leitura no papel de provocadora de: sociabilidade, prazer individual, prazer coletivo; o papel educativo dos folhetos; etc.

A argumentação feita por Galvão se sustenta em diversos autores, entre eles: Mikail Baktin (1929-1979); Roland Barthes (vários textos); Antônio Augusto Gomes Batista (1999); Walter Benjamin (1985); Pierre Bourdieu (1983); Antônio Cândido (1980); Roger Chartier (diversos textos); Umberto Eco (1986-94); Michel Foucault (1969-79); Angela Kleiman (1995), Luis Costa Lima (1988); Tzvetan Todorov (1971-78).

Entre os pesquisadores consultados por Galvão, estão ainda alguns nomes relevantes quanto a Estética da Recepção. São eles: Wolfgang Iser (1976); Hans-Robert Jauss (1987) Luis Costa Lima (1979) Regina Zilberman (1989).

d.2. Bibliografia citada.

A. Textos analisados.

ATHAYDE, J. M. de, *O bárbaro crime das matas da Várzea*. Recife, 1928.

_____. *Historia da Princesa da Pedra Fina*, Recife, 1944.

_____. *A batalha de Oliveiros com Ferrabraz*. Recife, 1946.

_____. *O cachorro dos mortos*. Recife, s.d.

PACHECO, J. *A chegada de Lampião no inferno* (s.l., s.d.);

Sem autoria. *A lamentável morte de Getúlio Vargas*, ,s.l., 1954);

Sem autoria *O pavão misterioso*, (Recife, s.d.);

Sem autoria *As proezas de João Grilo*, (s.l., s.d.).

B. Referências teóricas.

BAKTHIN, M.. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1979. (original russo: 1929).

BARTHES, R. *O rumor da língua*. Lisboa: Edições 70, 1987 (original da coletânea francesa: 1984).

_____ e MARTY, E. Oral/escrito. *Enciclopédia Einaudi*, v.11. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1987.

_____. et al. *Poétique du Récit*. Paris: Seuil, 1977.

_____. et al. *L'analyse Structurale du Récit*. Paris: Seuil, 1981 (1ª edição: 1966).

BATISTA, A. A. G., GALVÃO, A. M. de O. Práticas de leitura, impressos, letramentos: uma introdução. In: BATISTA, A. A. G., GALVÃO, A. M. de O. (orgs.). *Práticas de leitura, impressos, letramentos*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p.11-45.

BENJAMIN, W. O narrador. In: *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BOURDIEU, P. Vous Avez dire “Populaire”? *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n.46, mar.1983a.

_____. A economia das trocas lingüísticas. In: ORTIZ, Renato (org.). *Bourdieu*. São Paulo: Ática, 1983b. p.156-183.

_____. Gostos de classe e estilos de vida. In: ORTIZ, Renato (org.). *Bourdieu*. São Paulo: Ática, 1983c. p.82-121.

CANDIDO, A.. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: Cultrix.

CHARTIER, A. M. e HEBRARD, J.. Rôle de L'école Dans la Construction Sociale de L'illettrisme. In: BESSE, Jean-Marie et al. (dir.). *L'illettrisme' en Questions*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 1992.

_____. *Figures de la Gueuserie*. Montalba, 1982.

_____. As práticas da escrita. In: ARIÈS, P., CHARTIER, R. (org.). *História da vida privada: da Renascença ao Século das Luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. v.3.

_____. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994.

_____. Introduction. IN: _____CHARTIER, R., LÜSEBRINK, H.(dir.). *Colportage et Lecture Populaire: Imprimés de Large Circulation en Europe (XVIe-XIXe siècles)*. Paris: IMEC/Éditions de la Maison des Sciences de l'Homme, 1996a.

_____. Introdução. In: CHARTIER, R. (org.). *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996b. (original francês: 1985. 2ed: 1993).

_____. *Au Bord de la Falaise: L'histoire entre Certitudes et Inquiétude*. Paris: Albin Michel, 1998.

_____. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, s.d.

_____. (org.). *Les Usages de L'imprimé*. Paris: Fayard, 1987.

_____. *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996. (original francês: 1985. 2ed: 1993).

_____, LÜSEBRINK, H. (dir.). *Colportage et Lecture Populaire: Imprimés de Large Circulation en Europe (XVIe-XIXe siècles)*. Paris: IMEC/Éditions de la Maison des Sciences de l'Homme, 1996.

_____. et CAVALLO, G.. *Histoire de la Lecture Dans le Monde Occidental*. Paris: Seuil, 1997. p.7-46: Introduction.

ECO, U.. *Lector in Fabula*. São Paulo: Perspectiva, 1986. (1a. edição italiana: 1979).

_____. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FOUCAULT, M.. *A arqueologia do saber*. Petrópolis: Vozes, 1972. (original francês: 1969).

_____. *O que é um autor?* Lisboa: Passagens, 1992. p.29-87. (original francês: 1969).

_____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

ISER, W.. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. São Paulo: Editora 34, 1996. (data do original alemão: 1976).

JAUSS, H. Expérience Historique et Fiction. In: GADOFFRE, Gilbert. (dir.). *Certitudes et Incertitudes de l'histoire*. Paris: PUF, 1987. p.117-132.

JAUSS, H., et al. *A literatura e o leitor: textos de Estética da Recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

KLEIMAN, A. B. (org.). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

LIMA, L. C.. Clio em questão: a narrativa na escrita da história. In: RIEDEL, D. C. (org.). *Narrativa: ficção e história*. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

TODOROV, T.. *Poétique de la Prose*. Paris: Seuil, 1971.

_____. *Poétique de la Prose: Choix, Suivi de Nouvelles Recherches sur le Récit*. Paris: Seuil, 1978.

ZILBERMAN, R.. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989.

e. Detalhamento da pesquisa e metodologia.

Os motivos que presidiram a escolha desse tema pela pesquisadora são de ordens diversas. Segundo ela, “a opção feita parecia permitir vãos empíricos e teóricos. Parecia possibilitar melhor compreender uma série de questões. Entre elas, ver o objeto de pesquisa como fonte cultural da história da leitura e da escrita, da história dos usos do impresso por diferentes grupos sociais, da história das práticas educativas extra-escolares”. (Galvão, 2000, p. 78). Além disso, a pesquisadora diz que lhe interessava também aprofundar questões sobre a leitura, registradas por ela pelas perguntas:

Em que se constitui, afinal, a leitura? Que efeitos são por ela produzidos? O que são os imponderáveis apontados pelos estudos sobre o tema que a caracterizam? Quem é, afinal, o leitor, essa figura fugidia, pouco entendida, relativamente pouco estudada? A leitura como prática das camadas populares me parecia, então, ainda mais instigante. Que leitor é esse, em geral identificado como não-leitor? Quais os sentidos atribuídos à leitura por esse tipo específico de leitor? Que leitura é essa que realiza, em geral compreendida, por um lado, como expressão de uma suposta “alma popular” ou, por outro, como sinônimo de alienação? (GALVÃO, 2000, p. 327).

O objeto cordel, segundo Galvão, era passível de diversas análises, apresentando uma multiplicidade de faces e mostrando-se potencialmente rico para a aproximação e aprofundamento de questões que têm acompanhado a pesquisadora ao longo de sua trajetória acadêmica, foi um fator decisivo na escolha.

Os estudos sobre história cultural e da leitura, as discussões em torno da cultura popular, as pesquisas que se detêm sobre a relação entre oralidade e letramento e os trabalhos referentes à “história” oral nortearam, teórica e metodologicamente, a investigação.

A análise foi feita a partir de uma descrição minuciosa das características materiais dos folhetos, que foram agrupados por década, a partir das datas (em muitos casos, aproximadas) de publicação. A pesquisadora avisa que quis, com esse procedimento, obter uma visão geral das permanências e transformações observadas nesse gênero de impresso, no decorrer do tempo. Ela considerou como dados importantes: título; autor; editor; data e local de publicação; local de venda; preço; número de páginas; número de poemas por folheto; número de estrofes do(s) poema(s); disposição das estrofes na página; presença ou ausência de outras páginas, no folheto, sem poemas; gênero do(s) poema(s); tamanho (medida) do folheto; características gerais da capa (destacando-se, na análise, a presença ou ausência de desenhos, gravuras ou clichês e a técnica utilizada para sua confecção), da contra-capas e da quarta-capas; disposição gráfica da primeira página; presença ou ausência de referências a direitos autorais; tipos gráficos utilizados; presença

ou ausência, no interior do texto, de certos caracteres gráficos, como vinhetas e clichês; denominações dadas, pelo editor ou autor, ao próprio folheto; disposição das maiúsculas e minúsculas no início de cada verso do(s) poema(s). A análise realizada, descrita no primeiro capítulo do trabalho tem, assim, uma natureza predominantemente quantitativa.

O trabalho está dividido em duas grandes partes. Na primeira, composta de dois capítulos, Galvão busca indícios de quem era o leitor/ouvinte visado pelos autores/editores de folhetos, no período estudado, a partir, principalmente, da análise dos próprios cordéis: texto e objeto material. Ainda nessa parte, ela compara o texto de um dos folhetos analisados com notícias veiculadas em um jornal da época sobre o mesmo assunto nele tratado.

Na segunda parte da tese, composta de cinco capítulos, Galvão focalizou o leitor empírico, buscando caracterizá-lo (inclusive em relação aos níveis de sua inserção no mundo *letrado*) e reconstruindo as formas de acesso que tinha aos folhetos, as situações de leitura/audição desses impressos e os papéis atribuídos a sua leitura e/ou audição. As entrevistas, as memórias e os romances foram as principais fontes utilizadas nessa parte do trabalho.

Depois de realizar essas reflexões sobre a escolha do tema, sobre a metodologia utilizada e dos aspectos que considerou mais significativos na trajetória da literatura de folhetos no Brasil, Galvão passou a levantar hipóteses acerca de quem era o leitor/ouvinte de folhetos no período de apogeu desse tipo de literatura, ou seja, entre as décadas de 30 e 40, e como se davam as práticas de leitura/audição desse tipo de impresso, em Pernambuco.

Sua exposição buscou dados sobre esse leitor/ouvinte no sentido de situá-lo quanto sua inserção na cultura escrita, desenvolvimento de competências de leitura, o papel da literatura popular no desenvolvimento dessas competências, o contexto “comercial” dos

textos de cordel: local de venda, papel do vendedor, do enredo, temas preferidos pelos compradores. Além de abordar também as situações de leitura/audição dos folhetos e dos papéis atribuídos a esse tipo de leitura na sociedade.

f. Resultados principais apresentados na pesquisa.

A pesquisa mostrou que o público ao qual os folhetos se destinavam não foi, em princípio, popular. A análise dos impressos mostra que, dirigida inicialmente sobretudo às camadas médias, a literatura de folhetos tornou-se um impresso de larga circulação: passou a se destinar, assim, a um público pouco exigente e pouco habituado ao universo *letrado*, formado, em sua maioria, pelas camadas populares urbanas, por pessoas analfabetas ou com um grau restrito de escolarização.

A análise dos textos dos folhetos revela, segundo a pesquisadora, que:

- Os textos estão impregnados de marcas de oralidade.
- Os caminhos narrativos escolhidos pelos poetas para narrar as histórias podem ser considerados bastante previsíveis, exigindo poucos esforços do suposto leitor para proceder à sua compreensão.
- A partir dos anos 30 que o público parece se ruralizar: para os leitores/ouvintes das pequenas comunidades rurais e cidades do interior do Estado, os folhetos constituíam a principal, senão a única, mediação entre eles e o mundo da leitura, da escrita e do impresso.
- Os papéis atribuídos à leitura/audição de folhetos não pareciam restritos às disposições pragmáticas dessa prática: a dimensão estética era fundamental no processo de fruição do objeto lido/ouvido.

- As formas de leitura geradas pelos impressos e/ou pelos textos dos poemas não coincidiam, necessariamente, com os usos e as apropriações que os leitores/ouvintes empíricos deles faziam.

Diz Galvão que:

“De modo geral, a pesquisa mostrou que as formas de leitura geradas pelos impressos e/ou pelos textos dos poemas não coincidiam, necessariamente, com os usos e as apropriações que os leitores/ouvintes empíricos deles faziam. À semelhança de outros estudos realizados no campo da História da Leitura, o trabalho mostrou que as marcas deixadas pelos poetas e pelos editores nos impressos não são suficientes para provocar no leitor as reações previstas *pelos poemas ou pelo próprio suporte material*.” (GALVÃO, 2000, p. 478).

Além disso, constatou que não se pode associar um gênero de texto a um certo perfil de leitor ou, mais amplamente, a uma camada social e a uma cultura determinada. Diz ela que

...os textos dos folhetos parecem, a um só tempo, incorporados e rejeitados por seus leitores – cada um deles imerso em uma experiência individual e social diferente –: de um lado, as reações demonstradas em relação ao preconceito contra os negros, por exemplo; de outro, a identificação com valores, idéias, conceitos extremamente presentes nas histórias (e certamente também em outras experiências de inserção dos sujeitos), sobretudo nos romances, o subgênero preferido pelos entrevistados: a falsidade, o destino, a verdade, a justiça, a persistência, a valentia. O tom e a forma das histórias também pareciam impregnados nos modos de falar sobre a leitura: a graça, o riso, a emoção, de um lado; a narrativa, a rima, a palavra, o ritmo, de outro”. (GALVÃO, 2000, p. 488).

Ela observa ainda que os papéis atribuídos à *leitura/audição* de folhetos, de maneira diferente do que muitos estudos têm afirmado a respeito da leitura entre as camadas populares, não pareciam restritos às disposições éticas ou pragmáticas dessa prática. A dimensão estética parecia fundamental ao processo de fruição do objeto *lido/ouvido*, mesmo quando os entrevistados atribuíam à leitura uma função mais diretamente relacionada a aspectos práticos de suas experiências, como a obtenção de informações, a aprendizagem ou o desenvolvimento das competências de leitura, realizados através dos folhetos. Os papéis atribuídos pelos *leitores/ouvintes* às leituras desses

impressos pareciam estar, ainda, diretamente relacionados às situações em que elas ocorriam: muitas vezes, a beleza a que se referem os leitores das histórias associava-se ao caráter coletivo e à *performance* do leitor/declamador que caracterizavam essas práticas.

A pesquisadora considera importante realizar outras reflexões, que podem ser situadas mais do ponto de vista da compreensão da realidade atual e menos do ponto de vista das pesquisas acadêmicas. As reflexões mostram a investigação de temáticas que exigem uma diversificação documental, fato que ajudará novos pesquisadores.

Quanto à investigação realizada sobre uma produção já consolidada, a pesquisadora afirma que aos poucos, as pesquisas vão mostrando que elas têm muito a acrescentar sobre a época de sua realização, momento em que se configura um discurso, que se relacionam com outros discursos pré-existentes e co-existent. Galvão acredita que vale a pena ressaltar a importância de pesquisas que repensem os processos educativos e contribuam para a inserção de homens e mulheres em determinados mundos culturais. Segundo ela, muitas questões continuam sem respostas e devem ser esclarecidas. A respeito do leitor e da leitura afirma que:

... continuam, em certa medida, misteriosos. Existiria, por exemplo, como têm afirmado alguns estudos, um modo de ler “popular”? O que caracterizaria esse modo? A partir de que critérios um gênero pode ser classificado de “popular”? Os depoimentos dos leitores/ouvintes podem ser realmente considerados como uma aproximação às práticas de leitura que se quis investigar? Por mais que se tente – apostando no rigor metodológico, no trabalho cotidiano e minucioso com as fontes, em uma análise que faça o estabelecimento constante de relações, na escrita de um relato verossímil e coerente – permanecem sempre fluidos e fugidios os pedaços de História que se quer reconstruir. Questões que permeiam e, ao mesmo tempo, norteiam todo o trabalho de pesquisa: de um lado, a possibilidade de apreensão do passado; de outro, a incertezas que acompanham essa tarefa. (GALVÃO, 2000, p. 514).

g. Avaliação sobre a pesquisa.

Galvão realiza uma pesquisa *teórico-aplicada* ao propor um estudo voltado para a cultura popular. Seu objetivo maior foi reconstituir o público leitor de cordel, bem como seu modo de ler/ouvir cordel. Embora seja mais voltada para a História da Educação, foi classificada como **Pesquisa de Recepção/Efeito – Voz do leitor real fora de ambiente escolar**, pois resgata questões importantes sobre o *leitor implícito* no texto e sobre a *recepção* de cordéis.

A autora analisa o *leitor empírico*, reconstruindo sua forma de acesso a tal tipo de texto, bem como as situações de leitura/audição desses impressos. A partir da análise dos folhetos divididos em décadas, conseguiu resgatar mudanças no horizonte histórico das obras analisadas.

A forma como coletou os dados merece destaque, pois concentrou esforços em entrevistas com leitores/ouvintes de cordel. Nelas procurou captar interesses, expectativas quanto ao cordel, não fixando a leitura desse tipo de texto a um público apenas.

É mérito do trabalho mostrar a análise da recepção de documentos da cultura popular, numa visão de valorização da mesma frente à formação dos leitores. Não utiliza a teórica da Estética da Recepção em primeiro plano, mas ao fixar sua atenção no *leitor implícito* dos cordéis, usa conceitos da teoria do efeito para captar esse leitor nos textos de cordel.

PESQUISA 11.

a. Dados de identificação.

Autor: M. H. Yegashi Zappone.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Marisa Philbert Lajolo.

Título: *Práticas de Leitura na Escola.*

Instituição: Universidade Estadual de Campinas.

Nível de qualificação: Doutorado em Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem.

Ano de finalização: 2001.

Número de páginas: 368.

Tipo: Pesquisa de Recepção – processo de formação de leitores.

Resumo da obra:

Este trabalho analisa um corpus formado por relatórios produzidos por professores da região Sul-sudeste do Brasil que, motivados por um concurso intitulado Leia Brasil, patrocinado pela Fundação Vitor Civita em 1997, descrevem suas aulas de leitura no ensino básico (educação infantil e ensino fundamental) e no ensino médio. Tendo em vista esses relatos, esta pesquisa teve por objetivo inicial descrever as formas de ler na escola brasileira da região sul-sudeste. Para isso, numa primeira parte do trabalho, foram estudadas as principais abordagens de leitura correntes no Brasil, supondo-se que essas pudessem, de algum modo, fundamentar as práticas de leitura relatadas. A análise das atividades de leitura em sala de aula apontaram para três modos de leitura: a) um modo de leitura designado na pesquisa como estruturalista, que entende a leitura como decifração e recuperação do sentido do texto; b) um modo de leitura cujo objetivo é patrocinar a interdisciplinaridade; c) modo(s) de leitura que procura(m) recuperar algumas premissas de teorias de leitura com as quais o professor tem contato. A análise dos relatórios aponta, entretanto, para uma sobreposição de influências, de modo que a relação entre teorias de leitura e práticas de leitura parece não ser tão direta. Buscou-se, então, na segunda parte do trabalho, compreender o processo de construção do saber de leitura do professor. Observou-se que o(s) saber(es) de leitura dos professores se constroem em forma de um grande mosaico, no cruzamento de outras influências, além das teorias de leitura, entre as quais se destacaram: 1) certas imagens sociais de leitura presentes na mídia, 2) os Parâmetros Curriculares Nacionais, 3) propostas didáticas de catálogos de editora e revistas de divulgação pedagógica como Nova Escola. Concluiu-se que o saber de leitura do professor é um saber mediado e que professores e alunos, enquanto instâncias sociais e históricas, estão sujeitos a modos de ler e a formas de compreender a

leitura que são, de certo modo, coletivos já que resultado de muitas influências que vão se cruzando até compor um todo que, por sua vez, muda de tempos em tempos. (ZAPPONE, 2001, p. 8)

b. Objetivos.

Esta pesquisa teve por objetivo inicial:

- Descrever as formas de ler na escola brasileira da região sul-sudeste.

Utilizando relatórios sobre as vivências de leitura em sala de aula que chegaram às mãos da pesquisadora por meio dos depoimentos dos professores registrados no Concurso Leia Brasil, Zappone propõe como sua tese:

- Interpretar os depoimentos dos professores em relação a aspectos que pudessem ajudar a entender o ensino de leitura na escola e os modos como o saber ou os saberes sobre leitura é (são) construído(s) no ambiente escolar.

c. Material.

c.1. Tipo de texto abordado.

Não foi objetivo do trabalho analisar nenhum texto literário. A pesquisadora se propôs apenas a visualizar por meio da observação do material produzido pelo Concurso Leia Brasil, patrocinado pela Fundação Vitor Civita em 1997, as aulas de leitura no ensino básico (Educação Infantil e Ensino Fundamental e no Ensino Médio.) Nesses relatórios, as professoras citam as obras com as quais têm trabalhado nas escolas. A pesquisadora, no capítulo 4 “Práticas de leitura na escola” descreve no item 4.4. o material de leitura utilizado pelas professoras, separando-os por títulos utilizados em cada ciclo, desde o Ensino Fundamental até o Médio.

c.2. Tipo de leitor.

Zappone utiliza para essa pesquisa um *corpus* produzido por professores da região Sul-sudeste do Brasil que participaram do referido concurso. Explica a pesquisadora que em 1997, a Fundação Victor Civita, em parceria com Unesco e Petrobrás promoveu o *Concurso Leia Brasil*, cujo objetivo seria premiar os três melhores trabalhos de incentivo à leitura desenvolvidos no ensino fundamental e médio.

Motivados pelo prêmio oferecido aos vencedores, uma viagem à França incluindo visita à 18ª Feira do livro de Paris, 757 professores atenderam o apelo trazido na Revista *Nova Escola* e inscreveram seus trabalhos. Portanto, os professores serviram como fonte para o registro da recepção dos alunos, *leitores empíricos*.

c.3. Tipo de documento referente à recepção e/ou ao efeito analisado.

Este *corpus* é composto por fichas de inscrição e 370 relatórios de professores do Ensino Básico e Médio da região Sul-sudeste enviados para o concurso *Leia Brasil*. Este solicitava que os professores relatassem experiências de incentivo à leitura na sala de aula em textos de uma a duas laudas. Esses textos deveriam abordar a metodologia, as atividades de leitura, a avaliação da leitura e os resultados obtidos com o trabalho.

No entender de Zappone, tais materiais permitiram “o acesso a experiências e falas que, certamente, seriam recolhidos com dificuldades em uma pesquisa aplicada nos moldes comuns. Os relatórios e as vivências de leitura em sala de aula foram instrumentos importantes por registrarem a fala do professor”. A ela caberia apenas “interpretar essas falas nos aspectos em que elas pudessem ajudar a entender o ensino de leitura na escola e

os modos como o saber ou os saberes sobre leitura é (são) construído(s) no ambiente escolar”. (ZAPPONE, 2001, p. 10)

d. Base teórica e bibliografia destacada.

d.1. Conceitos desenvolvidos.

A finalidade da base teórica apresentada por Zappone é evidenciar abordagens teóricas de leitura em circulação no Brasil nos últimos anos, supondo-se que essas se constituem num dos campos de força que podem atuar na composição das imagens de leitura do professor e que se refletem, com menor ou maior intensidade, nos modos de leitura de textos efetivados na escola.

Num levantamento bibliográfico sobre o tema, explica a pesquisadora que encontrou cinco linhas básicas em que se ramificam as pesquisas sobre leitura no Brasil. Para fins de exposição, essas linhas foram designadas pela pesquisadora como: *político-diagnóstica*, *cognitivo-processual*, *discursiva*, *estruturalista* e *abordagens de leituras: espaços de interseção*. E, sobre isso, em nota apresentada no texto, ela se justifica:

“Os termos aqui selecionados para designar as linhas teóricas de abordagem de leitura constituem-se em uma formatação considerada adequada à leitura que pude fazer dessas linhas de pesquisa de leitura. Portanto, representam uma das possíveis leituras a que esse material bibliográfico está sujeito, com todas as implicações que a leitura enquanto ato de atribuição de significado pode representar. Saliento, também, que a referida designação foi pensada também como tentativa de sintetizar as marcas peculiares de cada uma das abordagens de leitura.” (ZAPPONE, 2001, p.23-25)

Na primeira delas - *a linha político-diagnóstica* - ler é engajar-se. A pesquisadora explica que pode ser chamada de diagnóstica, pois é um primeiro conjunto de textos que se destaca por seu caráter detector e denunciador da situação desfavorável de

leitura no Brasil. Isso pode ser observado nos textos mais típicos dos primeiros anos da década de 1980, quando a leitura começava a ingressar nos círculos acadêmicos. Estão entre eles: *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam* de Paulo Freire (1987); *Elementos de pedagogia da leitura*, de Ezequiel Theodoro da Silva (1993); *O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura*, do mesmo autor (1987); *Leitura na escola e na biblioteca*, (1995), entre outros textos.

Na segunda linha - *cognitivo-processual*: Zappone mostra que ler é interagir com o texto. Essa linha de pesquisa de leitura foi nomeada pela pesquisadora como abordagem *processual* ou mesmo *cognitivo-processual*, em virtude da ênfase que concede à interação leitor/texto/autor. Neste sentido ela se fundamenta em teóricos da inteligência artificial e da ciência da cognição.

A pesquisadora cita Mary Kato “Processos de decodificação: a integração do velho com o novo”. In: *O aprendizado da leitura* (1985); *O jogo discursivo na aula de leitura: língua materna e língua estrangeira*, organizado por Maria José Coracini (1995); além de vários textos de Eni P. Orlandi. “A leitura: de quem, para quem?”. In: *A linguagem e seu funcionamento*, 1987; *Discurso e Leitura*, 1996; *A leitura proposta e os leitores possíveis* In: *A leitura e os leitores*, 1998; *Análise de discurso: princípios e procedimentos*, 1999.

Postulando, também, uma concepção interacionista de leitura, Zappone apresenta pesquisas de Kleiman (*Leitura: ensino e pesquisa*, 1996, com 1ed. de 1989.; *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*, 1993; *Oficina de leitura: teoria e prática*, 1997). Sinaliza para que as formulações teóricas básicas desta autora são desenvolvidas nos anos de 1984 a 1986, em projeto intitulado *Inter-relação de fatores determinantes na compreensão de textos no 1º grau*, seguindo-se a essas formulações

algumas propostas pedagógicas desenvolvidas nos demais textos produzidos pela autora, posteriores a essa pesquisa.

Na terceira linha, denominada pela pesquisadora como *discursiva*, a leitura é vista como produção de sentidos. Sua ênfase recai, ainda, sobre o texto, elemento central do processo de leitura, pois é nele que se encontram até mesmo os elementos que permitem a interpretação pragmática. Zappone confronta idéias de Coracini e Orlandi.

Na quarta linha - a *estruturalista* - ler é “descodificar”. Apóia sua reflexão em Orlandi (1999); Vanoye (1996) e trabalhos de Whitaker Penteado (1977) e Izidoro Blikstein (1991-93) que demonstram a apropriação brasileira dessa concepção de leitura.

Na quinta linha - *Abordagens de leituras: espaços de interseção e balanço geral* - Embora tratando a questão da leitura através de recortes metodológicos diferentes, sejam eles o da pedagogia crítica (linha político-diagnóstica), o da psicolinguística e da pragmática (linha cognitivo-processual) ou o da análise do discurso (linha discursiva), é possível deparar alguns pontos de convergência entre as abordagens de leitura referidas anteriormente. Segundo Zappone, é possível notar-se uma convergência para a figura do leitor enquanto figura constitutiva do ato de ler. Sem ele, é impossível que os textos (mera materialidade à espera de alguém que os transforme em significado) sejam constituídos em elementos de significação.

Zappone utiliza ainda para fundamentar as questões relativas ao leitor Marisa Lajolo (diversos textos), Regina Zilberman (diversos textos), W. Iser (1979) e H. R. Jauss (1979).

d.2. Bibliografia citada.

A. Textos analisados.

(nenhum texto apresentado)

B. Referências teóricas.

BARTHES, R. *Rumor da língua*. São Paulo : Ática, 1988.

BLIKSTEIN, I. *Kaspar Hauser ou a Fabricação da Realidade*. São Paulo : Cultrix., 1983.

_____. *Técnicas de comunicação escrita*. São Paulo : Ática, 1991.

CORACINI, M. J. (Org.). *O jogo discursivo na aula de leitura: língua materna e língua estrangeira*. Campinas : Pontes, 1995.

_____. A aula de leitura: um jogo de ilusões. In: *Contexturas - Ensino crítico de língua inglesa*. São Paulo: APLIESTP, 1994, v..2.

FISH, S.. *Is There a Text in this Class? The Authority of Interpretive Communities*. Cambridge, London: Harvard UP, 1980

FREIRE, P. *A importância do ato de ler em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, 1987..

FOUCAULT, M. *O que é um autor?* (Tradução António F. Cascais e Edmundo Cordeiro). Lisboa: Veja, 1992

ISER, W. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. São Paulo: Editora 34, 1996.

_____. A interação do texto com o leitor. In: LIMA L. C., Luis (Org.). *A literatura e o leitor*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1979.

JAUSS, H R. A Estética da Recepção: colocações gerais. In: LIMA, L. C. (Org.). *A literatura e o leitor*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1979.

KATO, M. *O aprendizado da leitura*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

KLEIMAN, A. *Oficina de leitura: teoria e prática*. Campinas/São Paulo : Pontes/Editora da Unicamp, 1993.

_____. *Leitura: ensino e pesquisa*. Campinas: Pontes, 1996.

_____. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. Campinas: Pontes, 1997.

LAJOLO, M. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 1997.

_____. *Literatura : leitores & leituras*. São Paulo: Moderna, 2001.

LAJOLO, M e ZILBERMAN, R. *A leitura rarefeita: livro e literatura no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

LAJOLO, M. e ZILBERMAN, R. *Formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.

ORLANDI, E. P. A leitura: de quem, para quem?. In: *A linguagem e seu funcionamento*. Campinas: Pontes, 1987.

_____. *Discurso e Leitura*. São Paulo/Campinas: Cortez/Editora da Unicamp, 1996.

_____. A leitura proposta e os leitores possíveis. In: (org.). *A leitura e os leitores*. Campinas : Pontes, 1998.

_____. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999.

_____. *O que é lingüística?* São Paulo: Brasiliense, 1986.

PENTEADO, J. W. *Técnica da comunicação humana*. São Paulo / Pioneira, 1977.

SILVA, E. T. *Elementos de pedagogia da leitura*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. *Leitura na escola e na biblioteca*. Campinas: Papyrus, 1995.

_____. *O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura*. São Paulo: Autores Associados, 1987.

ZILBERMAN, R.. Leitura literária e outras leituras. In: BATISTA, A. A. Gomes, e GALVÃO, A.M.O. (Org.). *Leitura : práticas, impressos, letramentos*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

e. Detalhamento da pesquisa e metodologia.

A pesquisadora registra que *“o saber de leitura do professor é um saber mediado e que professores e alunos, enquanto instâncias sociais e históricas, estão sujeitos a modos de ler e a formas de compreender a leitura que são, de certo modo, coletivos já que resultado de muitas influências que vão se cruzando até compor um todo que, por sua vez, muda de tempos em tempos”*. (ZAPPONE, 2001, p. 140).

O estudo proposto no trabalho de Zappone teve um recorte o que, na verdade, sintetiza sua principal motivação: unir dois temas que se relacionam diretamente: leitura e literatura. Pode-se dizer que essa associação é tributária, em grande parte, de alguns estudos tais como: Barthes (1988), Fish (1980) e Foucault (1992) que redimensionaram as noções de autor, de texto e de leitor.

Os relatórios do *Concurso Leia Brasil* permitiram, segundo a pesquisadora, conhecer um dos elementos que, de forma muito concreta, ainda que indireta, atuaram sobre a constituição do sistema literário: as práticas escolares de leitura. Assim, esses relatos proporcionaram, primeiramente, entender quais são os modos de leitura praticados na escola, principal instituição formadora de leitores, e promotora da circulação e da recepção de textos. Possibilitaram, também, a observação da disseminação ou mesmo do questionamento de certas práticas discursivas relativas à leitura, literatura e outros materiais utilizados, verificando seus diferentes graus de importância na escola. Finalmente, esses relatórios dão acesso às imagens de leitura incorporadas pelo professor e transmitidas aos alunos.

A escola é aqui entendida como uma instituição onde se promove uma maneira particular de leitura, desenvolvida pelos alunos e mediada pelo professor. Assim, a leitura escolar é considerada como a leitura “ensinada” e “aprendida” através de atividades

coletivas e individuais propostas pelo professor. Nesse aspecto, mais uma vez, os relatórios dos professores adequaram-se aos objetivos dessa pesquisa, pois foram exatamente essas atividades “*formadoras*” da leitura escolar que o *Concurso Leia Brasil* solicitou que os professores relatassem.

A partir de tais pressupostos, Zappone selecionou, para compor o *corpus* desta pesquisa 370 relatórios de professores do Ensino Fundamental e Médio da região Sul-sudeste. Sua hipótese de análise afirmava que “...*se o professor é visto como o principal mediador das práticas escolares de leitura, ele certamente desenvolve seu trabalho de leitura baseado em determinados modelos de leitura a que tem acesso. Assim, poder-se-ia pensar num certo conjunto de imagens de leitura que circundaria a escola e influenciaria o professor.*”

Ela explica ainda que :

...esse conjunto de imagens de leitura, poderia ser construído por dois campos distintos. De um lado estariam as imagens de leitura que têm origem nas abordagens acadêmicas de leitura. Essas abordagens seriam desenvolvidas em torno de diferentes disciplinas, o que geraria perspectivas variadas na forma de entender-se o que é a leitura. Pela sua origem e circulação privilegiada – os espaços do chamado “ensino superior” – estas teorias chegariam à escola de ensino básico e médio com força prescritiva e representariam os modelos que teriam maior credibilidade junto ao professor. De outro lado, haveria as imagens de leitura originadas em espaços não-acadêmicos que seriam formados por idéias do senso comum sobre leitura e que circulariam, principalmente, através da mídia. Essas idéias, embora sem o status normativo das idéias vindas do circuito acadêmico, também fazem parte do imaginário dos professores de leitura. (ZAPPONE, 2001, p. 105).

Para isso, numa primeira parte do trabalho, foram estudadas as principais abordagens de leitura realizadas no Brasil, supondo-se que essas pudessem, de algum modo, fundamentar as práticas de leitura relatadas. A análise das atividades em sala de aula apontou para três modos de leitura: um, designado na pesquisa como *estruturalista*, que entende a leitura como decifração e recuperação do sentido do texto; outro, que coloca o autor com o objetivo de patrocinar a interdisciplinaridade; e um terceiro, que procura

recuperar algumas premissas de teorias de leitura com as quais o professor tem contato. A análise dos relatórios aponta, entretanto, para uma sobreposição de influências, de modo que a relação entre teorias e práticas de leitura parece não ser tão direta.

Buscou-se, então, na segunda parte do trabalho, compreender o processo de construção do saber de leitura do professor. Observou-se que o saber sobre leitura se constrói em forma de um grande mosaico, no cruzamento de outras influências, além das teorias de leitura. Destacaram-se: certas imagens sociais de leitura presentes na mídia; os Parâmetros Curriculares Nacionais; as propostas didáticas de catálogos de editora e revistas de divulgação pedagógica como *Nova Escola*.

Quanto à organização do texto, temos o seguinte:

- A primeira parte, intitulada ***Os relatórios do Concurso Leia Brasil: caracterização e dados***, procura apresentar o contexto de produção dos relatórios dos professores bem como fazer uma análise do material de divulgação do *Concurso Leia Brasil*.
- O segundo e terceiro capítulos, denominados, respectivamente, ***Abordagens de leitura em circulação no Brasil*** e ***Imagens sociais de leitura***,a trabalham as imagens de leitura – as de extração acadêmica e não-acadêmicas - que podem, por hipótese, fundamentar a(s) prática(s) de leitura que o professor implementa em suas aulas.
- A quarta parte, ***Práticas de leitura na escola***, ocupa-se da leitura dos relatórios, observando quais as práticas de leitura desenvolvidas em sala de aula. Procura, também, verificar as fontes dessas práticas, ou seja, quais imagens de leitura atuam para a construção das concepções de leitura do professor. Ainda nesse capítulo, tecem-se considerações sobre o “status” dos diferentes textos citados pelos

professores como materiais de leitura, sobre a caracterização do leitor escolar e sobre a avaliação da leitura na escola.

f. Resultados principais apresentados na pesquisa.

Partindo de um contexto bastante específico - a realização, através da revista *Nova Escola*, de um concurso nacional de incentivo à leitura - a pesquisa impôs algumas constatações relevantes. São elas:

- Escola e professor funcionam como agentes de padrões culturais e recebem da sociedade uma grande influência. Escola e sociedade apresentam uma relação continuamente cambiante.
- Embora as formas de acesso ao livro e a impressos em geral não sejam tão favoráveis, os números de leitura no Brasil são contundentes: 62% de leitores habituais, 30% de leitores efetivos, 14 % de leitores correntes e 20% de compradores fazem as cifras do mercado editorial apontarem para números bastante consideráveis e crescentes. “*No Brasil também se lê!*”
- O professor não pode afirmar que “os alunos” em sua totalidade não gostam de ler. Essa conclusão se solidificou por meio de um discurso pronto, construído desde os tempos do Brasil colônia que, tentando minorizar as condições culturais brasileiras, acabaram negando as atividades de leitura aqui realizadas.
- Existe entre a práxis do professor e suas concepções de leitura um universo de mediações a serem descobertas. O professor, apesar de reconhecer a importância de sua tarefa em relação à leitura, não tem muito claro para si mesmo o que fazer com leitura na sala de aula. Sua formação

nem sempre é capaz de suprimir lacunas, dirimir dúvidas ou apontar-lhe caminhos quando se trata de ler, tanto no que se refere a ele próprio, bem como nas leituras de seus alunos.

- Foram observados três modelos de leitura: a) a leitura como decifração e recuperação do sentido do texto; b) leitura como modo de patrocinar a interdisciplinaridade; c) leitura que procura recuperar algumas premissas de diferentes teorias com as quais o professor tem contato.
- O aspecto coletivo da leitura pode ser observado pelo fato de haver vários elementos que, mesmo que situados fora do plano leitor/texto autor, sobre ele interferem. Foram apontados pela pesquisadora, fatores tais como: a própria história de leitura dos textos que vai patrocinando certas sedimentações de sentido, em detrimento de outros; as instituições onde se desenvolvem práticas de leitura constroem modos distintos de ler, porque estas atividades são aplicadas com finalidades e intenções variadas, partindo de contextos culturais, sociais e econômicos diferentes.

Zappone alertou em suas considerações finais que “falar de leitura, hoje, parece ser um campo sem restrições. Diversas são as áreas que tratam desse tema, sob variadas perspectivas e defendendo pontos de vista que se ora se cruzam ora se opõem.” (ZAPPONE, 2001, p. 348). É nesse momento de intensa produção acadêmica sobre leitura que se situa seu trabalho.

g. Avaliação sobre a pesquisa.

Zappone realiza uma *pesquisa-aplicada*, voltada para a recepção de textos, portanto, uma **Pesquisa de Recepção – processo de formação de leitores**. Seu principal

mérito está na forma como ela resgata a recepção de textos no Brasil - região sul-suldeste - porque se baseia em depoimentos de professores quanto a sua prática escolar e incentivo de leitura. Também por que focaliza e ajuda a entender melhor o ensino de leitura na escola, bem como os modos pelos quais o saber sobre leitura é construído em ambiente escolar.

Sua pesquisa comprova as instâncias sociais e históricas da leitura, evidenciando formas de compreender o que se lê e influências recebidas. Evidencia a escola como uma importante instituição de promoção da circulação e recepção de textos. Coloca o professor como agente relevante na recepção de textos, visto que ele é o elemento que pode suprimir lacunas existentes no texto, buscar caminhos para manter seus alunos lendo com compreensão, apontar caminhos para a compreensão em momentos estratégicos da atividade de leitura na escola..

A Estética da Recepção aparece de forma implícita, levantando elementos da *leitura/recepção* de textos. Mais do que focalizar a recepção de textos dos alunos, a autora mostra a própria imagem de leitura dos professores. Os depoimentos registrados revelam como os alunos recebem os textos que foram selecionados, quais intenções enquanto educadores e seus horizontes históricos.

Portanto, Zappone cumpre seus objetivos, embora não registre uma experiência de recepção propriamente dita, mas o registro de várias experiências de recepção textual.

PESQUISA 12.

a. Dados de identificação.

Autor: Alice Atsuko Matsuda Pauli.

Orientador: Professor Doutor Benedito Antunes.

Título: *A travessia de Maria: Uma Experiência de Leitura de Corda Bamba de Lygia Bojunga Nunes.*

Instituição: Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Campus de Assis.

Nível de qualificação: Mestrado em Literaturas de Língua Portuguesa.

Ano de finalização: 2001.

Número de páginas: 336.

Tipo: Pesquisa de Recepção/Efeito – Voz do leitor real – questões pedagógicas.

Resumo da obra:

A proposta desta dissertação é analisar e interpretar o livro *Corda Bamba* (1979) de Lygia Bojunga Nunes (1932, -) com o objetivo de observar como se dá a recepção pelo público jovem. Para alcançar seus objetivos, o trabalho prevê duas partes: uma análise e interpretação do texto, verificando a constituição literária da obra; depois o estudo de sua recepção. A análise de *Corda Bamba* limita-se aos recursos literários que mais se destacam na composição do livro. Em relação à recepção, privilegiou-se um estudo de caso, em que se analisou uma pesquisa realizada com duas turmas de oitava série de uma escola pública de Cornélio Procopio, Paraná, no ano de 2000, após a leitura de *Corda Bamba*. Procurou-se, na análise das entrevistas, valorizar o leitor histórico, enfatizando sua prática de leitura. (PAULI, 2001)

b. Objetivos.

A proposta de Alice tem como objetivo principal:

- Analisar e interpretar o livro *Corda Bamba* de Lygia Bojunga Nunes, visando observar como se dá sua recepção pelo público jovem.

Ela ainda fixa um objetivo para cada texto produzido pelos alunos nos instrumentos de coleta de dados que analisa. Foram eles:

1. Roteiro geral para verificar a leitura primária - Objetivo: verificar um primeiro nível de compreensão da história, a impressão geral da obra e as preferências dos alunos.

Observação: A base do roteiro foi aplicada tanto na 8ª A quanto na 8ª B, observando-se algumas questões diferentes para a 8ª A, visto que com esta turma não houve motivação para a leitura da obra indicada.

2. Roteiro do debate coletivo. - Objetivo: realizar uma discussão da obra para que os alunos construíssem coletivamente o significado sobre a obra.

Observação: o mesmo roteiro foi aplicado para as duas turmas, considerando-se as diferenças propostas para cada uma delas.

3. Texto livre. - Objetivo: verificar a opinião dos alunos a respeito de todas as atividades desenvolvidas, de forma que falassem espontaneamente.

4. Roteiro para verificar a eficiência do debate aplicado. - Objetivo: analisar a eficiência do debate e verificar até que ponto ele auxiliou os alunos a sanarem as dúvidas encontradas no decorrer da leitura.

5. Questionário de identificação do nível sócio-econômico-cultural. - Objetivo: procurou analisar o nível sócio-econômico e cultural dos alunos.

c. Material.

c.1. Tipo de texto abordado.

O projeto promove análise e interpretação da narrativa infanto-juvenil *Corda Bamba* (1979- data da primeira edição) de Lygia Bojunga Nunes, com ilustrações de Regina Yolanda. A análise da obra limita-se aos recursos literários que mais se destacam em sua composição, elementos considerados pela pesquisadora como os que são pontos mais problemáticos para uma boa leitura da obra. Trata-se de uma narrativa em que se “percebe o entrelaçamento de várias imagens simbólicas aliadas a inventividade, a imaginação, a fantasia e o faz-de-conta” utilizados pela escritora. (PAULI, 2001, p. 80 e 136).

c.2. Tipo de leitor.

A pesquisadora proporcionou a recepção da obra de Lygia B. Nunes em duas turmas de oitava série do Colégio Estadual “Vandyr de Almeida” da cidade de Cornélio Procopio, Paraná, após a leitura do livro indicado. Na 8ª série B foram realizadas atividades com textos comentados antes de ser solicitada a leitura do livro *Corda Bamba*. Já na 8ª série A, a proposta era promover a recepção sem nenhum trabalho prévio, apenas com a leitura do livro pelos alunos.

c.3. Tipo de documento referente à recepção e/ou ao efeito analisado.

Em sua *pesquisa aplicada*, Pauli analisa entrevistas para verificar a recepção da obra. Os alunos das duas turmas foram submetidos à mesma grade de entrevista. No

entanto, destaca-se que as atividades realizadas anteriormente a ela foram diferenciadas, sendo que numa das classes a pesquisadora realizou atividades com textos comentados antes da leitura do livro e na outra não, apenas foi solicitada a leitura do livro sem nenhum trabalho prévio de preparação de leitura. Foram aplicados questionários para verificação da leitura primária, um roteiro para debate coletivo; um texto livre em que os alunos davam sua opinião sobre a leitura realizada; um roteiro para verificação da eficiência do debate aplicado; um questionário de identificação do nível sócio-econômico-cultural dos participantes da pesquisa.

d. Base teórica e bibliografia destacada.

d.1. Conceitos desenvolvidos.

Pauli constrói sua dissertação, focalizando três pontos importantes que são: a obra e sua autora; a questão da leitura e formação do leitor; e o ensino de leitura de literatura. Para isso, apresenta uma bibliografia dividida em três partes assim denominadas por ela:

- I- De Lygia Bojunga Nunes;*
- II- Sobre Lygia Bojunga Nunes.*
- III- Geral.*

Concentramos nossa observação apenas na terceira parte, pelo motivo de ser nela que encontramos a base teórica utilizada pela pesquisadora sobre Estética da Recepção.

Percebemos na bibliografia geral feita por Pauli, referências relativas:

- À Literatura Infantil – autores que tratam, na sua maioria, da questão da formação do gênero, suas especificidades quanto ao público alvo e sua formação e utilização em ambiente escolar;
- À Leitura - reflexões relativas à importância da leitura, aspectos cognitivos; os fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura; a leitura e desenvolvimento da linguagem; a construção da leitura; a literatura e a pedagogia.
- Ao ensino da Literatura - autores que focalizam questões diversas quanto ao ensino da leitura e especificamente da Literatura, tais como: critérios de seleção de leituras no Ensino Fundamental e Médio; incentivo ao hábito de leitura; formação de leitores; métodos e técnicas no ensino da leitura; dinâmicas de leitura; produção e leitura de textos na escola.

Quanto à Estética da Recepção observamos um número reduzido porém significativo de autores, sendo eles: a dissertação de mestrado de João Luís C. T. Ceccantini (1993), artigos de Wolfgang Iser, de Hans Robert Jauss e de Luiz Costa Lima organizador da seleção (1979) e o livro de Regina Zilberman (1989). Estes textos observam o papel do leitor em relação ao texto, refletem sobre os conceitos fundadores da Estética da Recepção de W. Iser e H. R. Jauss principalmente.

d.2. Bibliografia citada.

A. Textos analisados.

NUNES, L. B. *Corda Bamba*. Ilustrações de Regina Yolanda. 20ª ed. Rio de Janeiro: Agir, 1998. (1979- data da primeira edição)

B. Referências teóricas.

CECCANTINI, J. L. C. T. *Vida e paixão de Pandonar, o cruel de João Ubaldo Ribeiro: Um estudo de produção e recepção*. Assis, 1993. Dissertação de Mestrado em Letras da Faculdades de Ciências e letras, UNESP, Assis.

ISER, W. A interação do texto com o leitor. In: LIMA, L. C. (Org). *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

LIMA, L. C. (Org). *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

ZILBERMAN, R.. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989.

e. Detalhamento da pesquisa e metodologia.

A dissertação foi elaborada em duas partes: na primeira, a pesquisadora contemplou a análise e interpretação do texto, verificando a constituição literária da obra. Na segunda, Pauli propôs uma experiência de recepção literária, realizada com duas turmas de oitava série de uma escola pública de Cornélio Procopio. Nessa experiência foram realizadas entrevistas com os leitores, valorizando-os historicamente e enfatizando sua prática de leitura.

O texto foi organizado em três capítulos. No primeiro, procura-se inserir Lygia Bojunga Nunes no contexto da literatura infanto-juvenil brasileira, destacando-se que a autora atinge o ponto alto entre os escritores de Literatura para crianças e jovens, a partir da década de 70. Em seguida, a pesquisadora faz um balanço da produção artística e da crítica literária de *Corda Bamba*.

O segundo capítulo é subdividido pela pesquisadora em dez tópicos, em que procura acompanhar o trabalho diferenciado da autora no livro indicado. Observa também

uma posição contrária da autora ao utilitarismo no discurso literário. A obra é classificada como emancipatória, rejeitando o pedagogismo e diluindo a assimetria adulto/criança. A pesquisadora verifica a técnica de composição da escritora, analisando o caminho percorrido pela personagem principal do texto – Maria – ao seu inconsciente; o tratamento dado à linguagem; a estruturação da narrativa - o modo como o narrador se posiciona no enredo, a estruturação do tempo e do espaço.

Já no terceiro capítulo, Pauli apresenta a experiência de leitura de *Corda Bamba* em que se privilegiou a análise psicanalítica da obra. Segundo a autora, também se discute neste momento “*a questão da literariedade e das condições de recepção enquanto obstáculos para uma boa receptividade do livro entre jovens leitores*”. Foram analisados textos trabalhados com uma das turmas antes da leitura do livro indicado. Tal proposta foi realizada com o objetivo de auxiliar uma maior apreensão e superação das barreiras literárias presentes na obra.

A pesquisadora privilegiou no capítulo a experiência de recepção. Ela descreveu o perfil sócio-econômico e cultural de seu leitor e sua metodologia de pesquisa de campo. Apresentou uma análise das entrevistas realizadas para se verificar a recepção da obra e só então a análise dos resultados desse estudo de caso.

A experiência de campo foi realizada com duas turmas de 8ª série. Pauli optou por estratégias diferentes em cada uma. Na 8ª B, a pesquisadora fez um trabalho com textos comentados antes de solicitar a leitura do livro de Lygia B. Nunes. Na outra sala, propositalmente, a pesquisadora não propôs nenhum trabalho prévio para a abordagem do texto indicado, apenas solicitou a leitura. Percebemos que o objetivo foi proporcionar uma comparação entre a recepção da obra em grupos de alunos de mesma idade, série, mas com variantes importantes na efetivação da experiência de leitura.

f. Resultados principais apresentados na pesquisa.

Por essa opção metodológica, Pauli conseguiu visualizar, nos registros realizados, bem como nas conversas com os alunos, diferenças importantes quanto à recepção. Essas dizem respeito tanto ao entendimento da história numa leitura primária, quanto a uma interpretação mais profunda dos fatos narrados, atitudes e intenções registradas na história.

Segundo a autora, *“a maneira de se desenvolverem as práticas de leitura com mediação do professor pode ser eficaz para a obtenção de bons resultados.”*. A recepção realizada com a turma que recebeu atividades diferentes foi melhor na concepção da pesquisadora. Os alunos passaram a ter preocupações com a observação das questões estéticas presentes no texto.

A pesquisadora apontou a vital importância da atuação do professor mediador de leitura no sentido de propiciar resultados melhores e surpreendentes, bem como na necessidade de se planejar de modo mais amplo a atuação dos alunos para desenvolver não apenas o hábito e o gosto pela leitura, mas ampliar seu horizonte de expectativas gradativamente ao longo de sua vida escolar.

Outro fato marcado como de relevância em suas conclusões diz respeito a ser incomum, na região pesquisada, a indicação de uma única obra para todos os alunos da sala. Ela constata que estava arraigada no Estado do Paraná, nessa época, a prática de leitura pregada pelo estudioso João Wanderlei Geraldi, difundida na década de 80, por um projeto *“Os livros criam asa”*.

Ela justificou o posicionamento, dizendo que:

Muitos cursos de atualização para professores do Ensino Fundamental foram ministrados nesta época em que se utilizava o artigo ‘Unidades básicas do ensino de Português’ do mesmo autor sobre como realizar a prática de leitura de textos. Essa prática envolve textos de dois níveis de profundidade: a leitura de textos ‘curtos’ (contos, crônicas, reportagens,

lendas, notícias de jornais, editoriais) e a leitura de narrativas longas (romances e novelas).” (PAULI, 2001, p.285-286)

Essa proposta visava a colocar no Ensino Fundamental a prática de leitura livre, segundo a pesquisadora, sem nenhuma preocupação em avaliar o que era feito pelos alunos. Apenas o aspecto quantitativo era registrado. A pesquisadora critica tal proposta, questionando a maneira como o professor conseguiria saber a que nível de leitura seus alunos conseguiriam chegar dessa forma. Julgou essa prática de leitura como superficial, não proporcionando um processo interacional entre leitor/ texto/autor.

Segundo Pauli,

...a prática de leitura deveria formar o leitor, compreendendo-o não como um sujeito passivo, mas como alguém que constrói, concordando ou não com o que está lendo, interpretando-o numa relação de diálogo íntimo com o material que lê. Portanto, o relato, o debate, a exposição de idéias a partir de textos lidos deveriam constituir um dos pontos importantes do trabalho. (PAULI, 2001, p. 284)

A pesquisadora, refutando a idéia de que “*quantidade fará a qualidade*” (1984, Geraldi e Fonseca)¹⁴, discorda que:

...apenas uma obra bem trabalhada vá gerar um leitor crítico, porém, que, trabalhando-se com várias obras na sala de aula, dando essa liberdade de escolha ao aluno, não se está gerando qualidade, pois a leitura fica em um nível muito superficial, não ocorrendo o ‘adentramento’ no texto, visto que muitas vezes não há compreensão do que se lê, conforme foi observado na pesquisa de campo. (PAULI, 2001, p. 285)

Sua proposta é que se volte a trabalhar com a indicação de uma obra para uma turma inteira, porém que se ofereça aos alunos a oportunidade de vivenciar, por meio de debates, discussões e troca de experiências de leitura, a obra lida, tendo por base a Estética

¹⁴ Nota referente ao artigo “O circuito do livro e a escola” de João W. Geraldi e Maria Nilma G. Da Fonseca que afirma que “*Não cremos que haja leitura qualitativa no leitor de um livro só. Escolhemos um caminho que, respeitando os passos do aluno, permita que a quantidade gere qualidade, não pela mera quantidade de livros lidos, mas pela experiência de liberdade de ler utilizando-se de sua vivência a compreensão do que lê*”. (1984, p. 100)

da Recepção. Dessa forma, afirma a pesquisadora, “*serão formados leitores de literatura mais aptos e bem sucedidos*”.

Nesse sentido, ainda cita o método elaborado por Bordini & Aguiar (1993) bem como a dissertação de mestrado elaborada por João Luís C. T. Ceccantini, já citada anteriormente neste trabalho, defendendo um projeto de formação do leitor. Confrontando os dois trabalhos, Pauli reafirma a necessidade de se trabalhar com obras que rompam os *horizontes de expectativas* dos alunos, após as que atendem prontamente a esses horizontes.

Foram apontadas ainda, na conclusão desse trabalho, questões relativas à heterogeneidade de alunos numa mesma classe¹⁵. Nesse sentido, advertiu a pesquisadora para a necessidade de se trabalhar com um *corpus* diversificado, bem como com estratégias adequadas que “*não nivelem indiscriminadamente quer os leitores quer as obras*”. (Pauli, 2001, p. 288)

Sua conclusão apresentou uma postura decisiva no sentido de afirmar a necessidade de um projeto que encare a formação objetiva de leitores, bem como sua emancipação, tornando-os “*leitores competentes, capazes de ler as entrelinhas, de identificar, a partir do que está escrito, o elemento implícito, estabelecendo relações entre o texto e seus conhecimentos prévios ou entre o texto e outros textos já lidos, observando esses procedimentos*.” (PAULI, 2001, p. 289).

Dessa forma, Pauli defendeu em seu texto a atualização permanente dos professores e de suas práticas pedagógicas.

¹⁵ Informação discutida no trabalho de Ceccantini, reafirmada nas considerações de Alice.

g. Avaliação sobre a pesquisa.

Pauli realizou uma *pesquisa teórico-aplicada*, preocupando-se em apresentar *Corda Bamba* no contexto da literatura infantil e Lygia Bojunga Nunes, escritora da literatura infantil que “*mescla a fantasia e o maravilhoso, na linha do realismo Mágico, em que fronteiras entre a realidade e o imaginário se diluem.*” Centra sua atenção nas questões da produção do texto, analisando o mesmo quanto às marcas textuais deixadas pela escritora para um leitor mais experiente, motivo talvez que justifique a rejeição de alguns alunos quanto ao livro. Sua análise evidencia o texto como não utilitário, mostrando uma representação da escola que foge aos aspectos evidenciados normalmente na literatura infantil. Busca mostrar como a personagem Maria “se constrói no pensamento do leitor. Observa marcas importantes sobre a linguagem que, podem ser fatores que influenciarão a recepção do texto pelos alunos. Aspectos da estrutura narrativa – tempo, espaço, narrador - também são analisados”.(PAULI, 2001, p. 25)

Seu texto foi classificado como Pesquisa de **Recepção/Efeito – Voz do leitor real – questões pedagógicas**, visto que centra sua atenção em questões da produção analisando-o quanto às marcas deixadas pela escritora para um leitor mais experiente. Motivo, talvez, que justifique a rejeição de alguns alunos quanto ao livro.

Sua análise evidencia o texto como não utilitário, mostrando uma representação da escola que foge aos aspectos evidenciados normalmente na literatura infantil. Identifica como a personagem Maria se constrói no pensamento do leitor. Coloca em relevo as marcas importantes sobre a linguagem que podem ser fatores que influenciam a recepção do texto pelos alunos, além de aspectos da estrutura narrativa: tempo, espaço, narrador.

Quanto à recepção, sua pesquisa inova quanto à comparação da leitura do mesmo livro para classes com perfis diferentes. A pesquisadora aponta para diferenças quanto ao entendimento da história, preferências, expectativas quanto à leitura. Sua análise baseada na Estética da Recepção, revela pontos semelhantes e diferentes na recepção entre as duas turmas às quais foram propostas as atividades. Tais pontos dizem respeito à compreensão das partes importantes da história, dos elementos simbólicos e das ações implícitas das personagens. A autora mostra momentos de diferença na recepção das duas turmas, constatando que a classe que contou com estratégias do professor para desenvolvimento das atividades apresenta dados mais significativos no entender da pesquisadora. Além da ausência da atuação da professora, argumenta que influenciou no rendimento da classe que conseguiu apenas de 40% de aproveitamento nas atividades, o fato da obra ser do gênero romance psicológico e não de aventuras, gênero mais valorizado pelos leitores dessa faixa.

O que se ressalta nessa pesquisa é que a pesquisadora coloca o trabalho com texto literário como importante na formação do aluno leitor. Além de comprovar que a interação promovida em classe pela mediação do professor é fator relevante para o desenvolvimento da capacidade intelectual dos alunos. Pauli afirma ainda que a maneira como o texto é trabalhado pode ou não favorecer uma recepção de melhor ou pior qualidade do texto.

Outro dado a que faz menção é sobre a leitura livre tão defendida na escola. Sobre isso, Pauli diz que deixar que os alunos escolham individualmente o que vão ler, sem que haja um trabalho mais decisivo sobre esses textos não modifica os *horizontes de expectativas* dos alunos, portanto, não amplia o nível intelectual dos mesmos.

Pauli atinge os objetivos a que se propôs, visto que realiza a observação de como se dá sua recepção da obra de Lygia B. Nunes pelo público jovem.

PESQUISA 13.

a. Dados de identificação.

Autor: Ivonete V. Gasparello.

Orientador: Professora Doutora Alice Áurea Penteado Martha.

Título: *Escola e Literatura: Conectando os campos. Um estudo sobre a aplicação do método Recepcional.*

Instituição: Universidade Estadual de Maringá.

Nível de qualificação: Mestrado em Lingüística Aplicada na Área de Ensino-Aprendizagem de Língua Materna.

Ano de finalização: 2001.

Número de páginas: 210.

Tipo: Pesquisa de Recepção – processo de formação de leitores.

Resumo da obra:

Trabalhar com a literatura em sala de aula é a tarefa, muitas vezes, difícil para o professor de Língua Portuguesa, pois, via de regra, ele não tem definidas as concepções de metodologia capaz de atender adequadamente aos interesses de seus alunos. Com o intuito de auxiliar o professor nesta tarefa, e acreditando que o trabalho efetivo com a literatura deve buscar a interação entre leitor e texto, realizamos uma pesquisa, de natureza aplicada, que objetivava saber se o professor da rede pública de ensino poderia contar com o método recepcional, fundamentado na Estética da Recepção, procurando verificar, também, se o método atinge os objetivos a que se propõe e se colabora para a constituição de leitores mais assíduos do texto literário. Para alcançar esses objetivos, orientamos uma professora quanto à teoria da recepção e ao método recepcional. Além disso, acompanhamos o planejamento e o desenvolvimento de uma oficina em que o método foi aplicado em uma sala de aula de 5^a série da rede pública de ensino, colhendo os dados de forma variada: observações, gravações em áudio e vídeo, anotações da professora e dos alunos, entre outros. A análise dos dados revelou que o professor pode contar com o método recepcional para o ensino de literatura. Todavia, precisa estar muito bem preparado para aplicá-lo e saber lidar com a falta de recursos da escola pública, principalmente, com relação à inexistência de bibliotecas aparelhadas para atender aos interesses dos alunos. O método mostrou-se um recurso bastante adequado para que o professor encaminhe atividades que levem os alunos a efetuarem leituras mais críticas, amadurecendo, também, como sujeitos mais ativos na discussão sobre os acontecimentos de suas vidas. Portanto, atinge os objetivos a que se propõe e, certamente, colabora para que esses sujeitos se efetivem como leitores mais assíduos da literatura. E ainda, favorece o desenvolvimento do ensino/aprendizagem de forma mais participativa e envolvente. (GASPARELLO, 2001, xi)

b. Objetivos.

Seus objetivos principais foram:

- Saber se o professor da rede pública de ensino poderia contar com o método recepcional, fundamentado na Estética da Recepção.
- Verificar se o método atinge os objetivos que se propõe e se colabora para a constituição de leitores mais assíduos do texto literário.

Quanto à aplicação do método durante a oficina de leitura proposta:

- Preparar um professor, nos limites de uma situação de atualização, sobre a teoria da recepção;
- Levar os alunos a efetuar leituras compreensivas e críticas;
- Ser receptivo a novos textos e a leituras de outrem;
- Questionar as leituras efetuadas em relação a seu próprio horizonte cultural.
- Determinar o *horizonte de expectativas* dos alunos por meio de um questionário dirigido e da observação de uma conversa deles durante a aula e intervalos.
- Ampliar o *horizonte de expectativas* dos alunos por meio da tomada de consciência destes sobre os objetos literários manuseados.

c. Material.

c.1. Tipo de texto abordado.

Gasparello propõe em sua dissertação uma oficina de leitura baseada no método recepcional elaborado por Bordini e Aguiar (1993). Para isso utiliza para a *determinação do*

horizonte de expectativas dos alunos parte da canção sertaneja “Rei da Festa”, da dupla Rionegro e Solimões. Na etapa de *ruptura de expectativas* escolheu o livro *O que os olhos não vêem*, (1981) de Ruth Rocha e uma brincadeira do folclore popular chamada “Batata Quente”. Para a *ampliação do horizonte de expectativas* a pesquisadora continuou a desenvolver o conhecimento dos alunos em relação à Ruth Rocha por meio de diversos livros da escritora.

c.2. Tipo de leitor.

A pesquisadora utilizou outra professora para a aplicação das atividades propostas. Esta foi preparada e assessorada nas etapas de conhecimento do método, planejamento das atividades, aplicação das sessões. Sua *experiência aplicada* se ateve à observação da recepção por uma turma de 5ª série do Ensino Fundamental. São, portanto, leitores reais.

b.3. Tipo de documento referente à recepção e/ou ao efeito analisado.

O *corpus* recolhido pela pesquisadora durante a experiência trata-se de: textos produzidos pelos receptores da oficina; entrevistas com alguns alunos; observações das aulas pela pesquisadora; questionários; gravação em áudio e vídeo tanto das conversas com a professora que realizou as oficinas quanto com alunos após as etapas da oficina; cadernos de impressão dos alunos e da professora.

d. Base teórica e bibliografia destacada.

d.1. Conceitos desenvolvidos.

Ao propor uma “*conexão da rede*”, título bastante sugestivo colocado para o primeiro capítulo, Gasparello inicia a reflexão assinalando o direito à leitura e à literatura. Para isso, lança mão dos dizeres de Maria Helena Martins (1988), Antônio Candido (1972), Carlos E. Fantinati (1996), Maria Thereza Fraga Rocco (1981), Aguiar e Bordini (1988), Regina Zilberman (1981-82-84-88-89, entre outros). Por meio desses pesquisadores, Gasparello defende a idéia de que é direito de todos o acesso à leitura, principalmente da literatura, e coloca também como dever da escola preparar o aluno para este convívio.

A pesquisadora registra na seqüência de seu trabalho que o ensino da literatura, nos moldes como é realizado na maioria das escolas, acaba por afastar os alunos dos livros. E, apesar de generalizar os fatos, reconhece que a obra literária só existe a partir do momento em que um sujeito-leitor a concretiza no ato da leitura.

Após essas considerações, Gasparello, reportando-se ao método de Aguiar e Bordini, apresenta alguns trabalhos realizados sobre recepção de textos. Entre eles cita Tânia Rösing em *Ler na escola: para ensinar literatura no 1º, 2º e 3º graus* (1988); João Luís C. T. Ceccantini com a dissertação de mestrado *Vida e paixão de Pandonar, o cruel de João Ubaldo Ribeiro: um estudo de produção e recepção* (1993); Maria Inês B. Campos com a dissertação de mestrado *A leitura do texto literário no 2º grau: a conquista do prazer estético*; Maria Alice Faria organizando cinco estudos com autores diferentes, intitulada *Narrativas Juvenis: modos de ler e Parâmetros curriculares e literatura: as personagens de que os alunos realmente gostam* (1999); entre outros trabalhos produzidos em outras instituições sobre o tema. No entanto, considera que o método recepcional não

tem sido utilizado em sala de aula, tanto em nível Fundamental quanto Médio e Superior. Disse ela que “*poucos professores o conhecem e, se conhecem , não se arriscam a aplicá-lo*” .

Suas reflexões sobre a leitura e a formação do leitor concentram-se nos pressupostos teóricos de Umberto Eco (1983); Foucambert (1994); Paulo Freire (1986); Wolfgang Iser (1996-99); Hans Robert Jauss (1979); Maria Helena Martins (1988); E. T. Silva (1986); Regina Zilberman (1989).

d.2. Bibliografia citada.

A. Textos analisados.

Rocha, R. *O que os olhos não vêem*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1981

B. Referências teóricas.

BORDINI, M da G e AGUIAR,V. T de. *Literatura – a formação do leitor*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

CAMPOS, M. I. B. *A leitura do texto literário no 2º grau: a conquista do prazer estético*. São Paulo: PUC/SP, 1996.

CANDIDO, A.. A literatura e a formação do homem. In: *Ciência e Cultura*. São Paulo: SBPC, 24(9), set/1972a.

CECCANTINI, J. L. C. T. *Vida e paixão de Pandonar, o cruel de João Ubaldo Ribeiro: Um estudo de produção e recepção* . Assis, 1993. Dissertação de Mestrado em Letras da Faculdades de Ciências e letras, UNESP, Assis.

ECO, U. Leitura do texto literário. In: *Lector in fábula*. Tradução de Mário Britto. Lisboa: Presença, 1983.

FANTINATI, C. E. *Estudiosos preocupam-se com o ensino da literatura*. In: Jornal Líder. Bandeirantes, 04/fev/1996. Entrevista.

FARIA, M A *Narrativas Juvenis: modos de ler*. São Paulo: Arte e Ciência, 1997.

_____. *Parâmetros curriculares e literatura: as personagens de que os alunos realmente gostam*. São Paulo: Contexto, 1999.

FOUCAMBERT., J. *A Leitura em questão*. (Tradução de Bruno Charles Magne). Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FREIRE, P. *A importância do ato de ler em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, 1987.

ISER, W. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. (Tradução de Johannes Kretschmer). São Paulo: Editora 34, 1996. Vol I e II.

MARTINS, M H. *O que é leitura*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

ROCCO, M T. F. *Literatura ensino: uma problemática*. São Paulo: Ática, 1981.

RÖSING, T. *Ler na escola: para ensinar literatura no 1º, 2º e 3º graus*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

SILVA, E. T. O que ler/ por que ler. In: *Leitura na escola e na biblioteca Campinas*, 1986.

ZILBERMAN, R. *A literatura infantil na escola*. São Paulo: Global, 1981.

_____. (org) *A produção cultural para a criança*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

_____. & MAGALHÃES, L. C. *Literatura infantil: autoritarismo e emancipação*. São Paulo: Ática, 1984.

_____. *A leitura e o ensino da literatura*. São Paulo: contexto, 1988.

_____. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989.

e. Detalhamento da pesquisa e metodologia.

A dissertação de Gasparello foi estruturada em cinco capítulos. Na introdução, como foi já descrito, expõe uma breve reflexão sobre a importância da leitura do texto literário e sobre a atual situação do ensino de literatura, determinando, também, os objetivos e as perguntas de pesquisa que balizaram sua investigação.

No segundo capítulo, intitulado “*Instalando a memória*”, a pesquisadora fez uma revisão bibliográfica sobre a teoria que fundamenta seu estudo. Apresentou considerações sobre a Educação, procurando mostrar como ela, voltada para a formação integral do aluno, precisa estar calcada num processo de interação entre sujeitos. Na sequência, fez um levantamento sobre as formas de interação produzidas pela leitura, assim como as concepções sobre funções da literatura. Ainda foi preocupação sua, especificar o gênero narrativo quanto a sua estrutura e registrar os pressupostos que embasam a Estética da Recepção.

“*Abrindo as janelas*” é a maneira como Gasparello nomeia seu terceiro capítulo. Nesse momento ela descreveu a natureza da oficina literária, bem como os procedimentos adotados para a realização da investigação. Depois deles, o cenário, os sujeitos envolvidos no processo, instrumentos de coleta de dados, o método recepcional e o planejamento da oficina.

Esta pesquisa foi classificada por ela como qualitativa-interpretativa, sendo que sua preocupação era com o processo e não com o resultado final a que chegariam. Também se insere no âmbito da Lingüística Aplicada, por trabalhar com um aspecto do ensino da literatura, ou seja, por detectar um problema relacionado a essa prática. Sua opção pela oficina se justifica por ser este um momento/espço em que o professor e os

alunos podem interagir em situações significativas. O conhecimento pode ser produzido por meio da capacidade de reflexão crítica sobre o que foi aprendido.

A pesquisadora, para realizar sua experiência, utilizou outra professora “*sujeito da pesquisa*” na aplicação das atividades. Esta foi preparada e assessorada nas etapas de conhecimento do método, planejamento das atividades, aplicação das sessões. Seus instrumentos de coleta de dados foram: observações da pesquisadora, entrevistas com os alunos e com a professora, escritas, gravadas em áudio e vídeo, cadernos de impressões dos alunos e da professora, anotações pessoais da pesquisadora. Ainda nesse capítulo, Gasparello descreveu o método recepcional, fixando seus objetivos, suas etapas e a avaliação da professora durante o desenvolver do método. Constan dessa avaliação: anotações sobre a participação dos alunos, interesse e disposição em organizar as tarefas, evolução quanto à capacidade de leitura e de avaliação do seu próprio desempenho, textos orais e/ou escritos.

No quarto capítulo, “*Visualizando a oficina*”, ela descreveu a experiência em si, bem como, analisou os materiais utilizados e os produzidos pelos alunos, construindo assim algumas respostas para seus objetivos.

Gasparello descreveu as atividades desde o seu primeiro contato com a 5ª série. Ao longo dos encontros ela foi variando o instrumento de coleta de dados, sendo que todas as sessões foram filmadas. Porém ela apenas transcreve os resultados que mais lhe chamaram a atenção, sem transcrever as filmagens e gravações para o papel. O livro trabalhado foi *O que os olhos não vêem* de Ruth Rocha (1981), escolha feita pela pesquisadora e a professora que aplicou as oficinas. Não porque fosse a melhor escolha para o momento, mas por ser a única obra disponível em quantidade nas bibliotecas.

No quinto capítulo, “*Desconectando a rede*”, finaliza o trabalho destacando hipóteses para os questionamentos levantados pela pesquisadora ainda na introdução de seu trabalho.

f. Resultados principais apresentados na pesquisa.

A autora chega à conclusão de que é possível uma professora da rede pública contar com um método de ensino de literatura em sala de aula. Entretanto, no seu entender, existem dificuldades para sua utilização. São eles relativos à situação precária das escolas quanto ao material em quantidade para aplicação do projeto, tempo disponível da professora para planejamento e estudo das atividades, despreparo quanto ao conteúdo do método e insegurança em mudar sua prática pedagógica.

Gasparello mostra que o método deve ser utilizado registrando que:

...isso ficou claro na descrição analítica da oficina, quando percebemos que a discussão em torno do sentido do livro levou a uma reflexão sobre problemas vividos pelos alunos.” Também diz que :“A aplicação do método recepcional mostrou-se positiva não só com relação ao trabalho com a literatura. Durante o seu desenvolvimento, os alunos fizeram vários tipos de leitura. Eles leram para buscar informações, para estudar o texto, usaram como pretexto e, também usufruíram sua gratuidade. Além disso, produziram músicas, poesias, pequenos textos e puderam praticar sua capacidade de argumentação emitindo opiniões, tanto em registros escritos quanto oralmente. (GASPARELLO, 2001, p.198)

f. Avaliação sobre a pesquisa.

A pesquisadora realiza um estudo teórico-aplicado, visto que observa questões de leitura para depois verifica a recepção de textos a partir do Método Recepcional proposto por Aguiar e Bordini. Seu trabalho foi classificado como **Pesquisa de Recepção** –

processo de formação de leitores, visto que proporciona a observação da recepção literária por uma turma de 5ª série do Ensino Fundamental.

Embora seja voltada para questões da pedagogia, o mérito de seu estudo está em aplicar as etapas do Método Recepcional proposto por Aguiar e Bordini fundamentado pelos pressupostos da Estética da Recepção. A base teórica utilizada contempla questões de leitura como direito.

Notamos, no entanto, que seus objetivos foram amplos demais para apenas uma rodada de recepção. Suas conclusões, embora pertinentes, são decisivas demais para um projeto que propõe a recepção de apenas um texto. Entendemos e concordamos com a pesquisadora quanto a eficiência do método, porém achamos que seriam necessárias mais experiências de recepção para comprovar as hipóteses levantadas. Dessa forma suas conclusões embora sejam corretas, não podem ser consideradas como prova final da comprovação da eficiência do método, visto se tratar de uma experiência apenas de recepção visto que apenas essa experiência não bastaria para comprovar se os professores atingiram seus objetivos.

Outro dado que nos chama atenção é o tom excessivamente acusatório que a pesquisadora assume, tom esse que mostra algumas generalizações sobre a situação de leitura na escola, seus professores, o ensino de literatura e o não trabalho com a leitura.

A pesquisa apresenta também a exploração de alguns conceitos importantes tais como a especificidade do texto infantil, a cultura de massa, do cânon, da obra clássica, etc. Mas explora superficialmente o texto literário além de não analisar com maior profundidade os dados sobre a proposta de atendimento e ruptura de expectativas.

PESQUISA 14.**a. Dados de identificação.**

Autor: Regina Lúcia da Silva Nascimento.

Orientador: Profa. Dra. Inês Signorini.

Título: *A Prática de Leitura Literária no Curso de Letras da Universidade Federal do Amapá: Algumas Reflexões.*

Instituição: Universidade Estadual de Campinas.

Nível de qualificação: Mestrado em Lingüística Aplicada do Instituto de Estudos da Linguagem.

Ano de finalização: 2001.

Número de páginas: 127.

Tipo: Pesquisa de Recepção – pelo leitor real em formação.

Resumo da obra:

Esta dissertação objetiva refletir sobre o ensino de leitura literária realizado no âmbito do Curso de Letras da Universidade Federal do Amapá, mediante um estudo de base etnográfica. O foco desta pesquisa foi definido a partir da minha experiência de ensino, na qual constatei que, apesar da forte influência do discurso do professor e do especialista no desempenho do graduando de Letras, ele é capaz de construir um sentido mais pessoal para a sua leitura.

A base empírica dessa reflexão envolveu a criação de um cenário de pesquisa através de uma proposta de intervenção, em sala de aula de Literatura Brasileira, visando oferecer momentos de leitura de textos de Clarice Lispector seguidos de discussão, a fim de observar como ocorre a construção de sentido durante a interação leitor/texto; leitor/leitor.

A análise dos dados foi guiada pelas noções teóricas que envolvem texto, leitura e interação, fornecidas, principalmente, pela Literatura e pela Lingüística Aplicada. Um dos resultados da análise revelou que a interação em sala de aula, mesmo num curto período de tempo, permitiu que o aluno se manifestasse mais livremente e, assim pudesse ir além do processo de decodificação e repetição pura e simples do manual, ainda muito presente na aula de leitura. Nesse sentido, este trabalho propõe reflexões acerca do ensino de Literatura Brasileira em outros níveis de ensino. (NASCIMENTO, 2001, p.11)

b. Objetivos.

Esta pesquisa tem como objetivos:

- Observar como ocorre a construção de sentido durante a interação leitor/texto; leitor/leitor.
- Questionar o conceito de leitura trabalhado pela pesquisadora em sua prática pedagógica no que se refere à leitura literária;
- Verificar até que ponto a voz do especialista (professor, crítico), interfere no entendimento do texto nas experiências de leitura em sala de aula.
- Questionar se a condição de realização das atividades de leitura em sala de aula e a condição sociocultural do acadêmico interferem no processo de construção de sentido pelo aluno-leitor, tanto em atividade oral focalizada em classe, quanto em tarefa escrita realizada fora do espaço de sala de aula.
- Buscar elementos que permitissem confrontar a atitude do leitor diante de diferentes protocolos de leitura, ou seja, durante as discussões em sala de aula e, no momento de produzir um texto escrito, individual, em situação extra-classe.

c. Material.

c.1. Tipo de texto abordado.

Nascimento propõe a análise de contos de Clarice Lispector no Curso de Letras da Universidade Federal do Amapá, mediante um estudo de base etnográfica. Entre eles, “Feliz Aniversário” e “Laços de Família” presentes na obra *Laços de família*. 28^a ed. Rio de Janeiro. Francisco Alves, 1995, p. 71-86.

c.2. Tipo de leitor.

Nascimento realizou sua pesquisa com 44 alunos da turma de Letras/96 que freqüentavam as aulas da disciplina Literatura Brasileira IV. O perfil foi assim descrito pela pesquisadora: *“Tratava-se de turma era bastante heterogênea, com idade variando de 22 a 45 anos, em sua maioria (36) do sexo feminino. A maioria (32) é natural do estado do Amapá e freqüentou a escola pública durante os Ensinos Fundamental e Médio. Uma minoria (10) freqüentou Cursinhos, como preparação para o Concurso Vestibular/96 da UNIFAP.”* (NASCIMENTO, 2001, p.59)

Dentro desse grupo de *alunos/leitores*, Nascimento optou por trabalhar com onze deles, na faixa etária entre 22 e 44 anos como amostra de referência. Entre os onze alunos escolhidos, somente um declarou não ser professor. Os demais, segundo informações colhidas pela pesquisadora, atuavam no ensino como professores de Língua Portuguesa e Língua Inglesa.

Com relação à história de escolarização desses alunos, a pesquisadora destaca que *“dez freqüentaram o ensino regular em escola pública. Apenas um aluno cursou o Nível Médio no Ensino Supletivo. Para ingressar na UNIFAP, seis alunos freqüentaram Curso Pré-Vestibular”*. (Nascimento, 2001, p.59-60) São, portanto, *leitores reais* que participam da experiência de recepção textual.

c.3. Tipo de documento referente à recepção e/ou ao efeito analisado.

Como *corpus* da recepção, além das suas observações durante as aulas que ministrou, a pesquisadora lança mão dos seguintes instrumentos de coleta de dados:

questionário, diário do pesquisador, gravações em áudio das aulas e das conversas sobre os textos, trabalho escrito produzido pelos alunos e uma entrevista final com alunos.

Esse material foi coletado pela pesquisadora em aulas de leitura que ela mesma trabalhou com suas turmas no curso de Letras da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP).

d. Base teórica e bibliografia destacada.

d.1. Conceitos desenvolvidos.

A dissertação de Nascimento traz uma reflexão teórica que, mesmo sabendo que há diferentes caminhos para estudar o vasto campo da leitura, faz opção por estudá-la como fenômeno social. Ela explica que estudar a leitura, por esta via, é, pois, considerar as referências socioculturais do leitor e as condições sociais de produção da leitura.

Em vista disso, apresenta em seu texto os pressupostos teóricos de Chartier (1996,1999), Darnton (1990,1996), Goulemot (1996), Koch (2000), Iser (1996,1999), Terzi(1995). Ela justifica sua escolha pelo fato destes pesquisadores parecerem mais de acordo com o tipo de estudo etnográfico que pretendia realizar acerca da ação de ler em contexto escolar de nível superior.

Estimulada pelos novos rumos apontados pelo Mestrado em Linguística Aplicada, Nascimento passou a questionar o conceito de leitura com que vinha trabalhando e, também a refletir sobre sua pedagogia de leitura literária. Para tal, ela utilizou também, os estudos de Kramer (2000), pelo fato dessa autora entender a leitura como experiência, não no sentido de propor uma solução definitiva para o ensino de leitura literária, mas por refletir sobre a tendência à homogeneização desse tipo de leitura nos Cursos de Letras.

Também em Maria Alice Faria (1999), que discute as propostas dos Parâmetros Curriculares no que tange a uma nova pedagogia da literatura.

Nascimento afirma que a literatura “*pode vir a ser um dos esteios para a interdisciplinaridade, ao contribuir para o estudo de alguns temas transversais propostos pelos PCN*”. Comprova sua afirmação citando Koch que diz:

...isso só poderá ser possível, à medida que não se leve em consideração apenas os aspectos estruturais da obra literária no momento da leitura, uma vez que o leitor tem uma experiência vivencial que lhe permite tecer uma rede de significados e que o sentido não está no texto, mas se constrói a partir dele, no curso de uma interação. Uma leitura implica, portanto, na construção de um, e não do sentido.(apud Kock , NASCIMENTO, 2001, p. 33)

A autora verifica quais as implicações das interações leitor/texto e leitor/leitor na construção de sentido, no momento da ação de ler. Isso porque acredita, assim como Moita Lopes (1996), que é na interação social que se aprende ou se constrói o conhecimento de uma maneira mais eficaz, pois a colaboração dinamiza a aprendizagem e favorece a mudança. Nesse sentido, ela envereda pelo campo da etnografia e da pesquisa-ação, a fim de constituir a base empírica desta dissertação.

Para melhor compreender a leitura como fenômeno que tem uma história e uma sociologia, a pesquisadora lança mão das condições de produção da leitura, que são entendidas, nesse estudo, como fatores de ordem social, porque elas contribuem para as diferentes formas de ler. Participam da base teórica os estudos feitos por teóricos ligados à:

- **Linguística Aplicada** - Cavalcanti (1989); Terzi (1995); Kleiman (1998,1999);
- **Teoria Literária** - Jouvé (1993); Eco (1993); Abreu (2000); Fish (1980), Almeida (1999:58);
- **Linguística Textual** - Koch (2000);
- **História da leitura** – Darnton (1990) e Chartier (1999).

- **Estética da Recepção:** Iser (1996- 99) e Jauss, (1978).

Das posições teóricas sobre os conceitos de texto, leitor e leitura, Nascimento utiliza: Kato (1995); teóricos provenientes da psicolinguística (Smith, 1978; Goodman, 1970); da psicologia cognitivista (Rumelhart, 1977). Entre outros, também cita Goulemot (1996); Kramer (2000); Koch (2000); Vieira (1999) citando Cavalcanti (1989); Kleiman (1998); Silva (2000) e Soares (1995).

d.2. Bibliografia citada.

A. Textos analisados.

LISPECTOR, C. Feliz Aniversário e Laços de Família. In: *Laços de família*. 28^a ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995, p. 71-86.

B. Referências teóricas.

ABREU, M. *Histórias da literatura e sua história*. www.unicamp.br/iel/histlist/ensaios/htm. 2000.

ALMEIDA, A.L. C. *O papel da intertextualidade na construção da leitura crítica*. Dissertação de Mestrado. UNICAMP. 1999.

ALMEIDA, D.R.S. *Educação para a leitura*. Travessia: Revista de Literatura Brasileira, 2. UFSC, 1981. pp. 83-88.

BORDINI, M.G. e AGUIAR, V.T. *Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

CAVALCANTI, M. do C. Intersubjetividade e pluralidade na leitura de lacuna de fábula. In: PASCHOAL, M. & CELANI, M. A. (Org). *Linguística aplicada: da*. 1992

CHARTIER, R. Do livro à leitura. In: CHARTIER, R. (Org.). *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996. pp. 77-106.

_____. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília. UNB, 1999.

DARNTON, R. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. (Tradução de Denise Bottmann). São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. *O grande massacre de gatos, e outros episódios da história cultural francesa*. 2ª ed. Trad. de Sônia Coutinho. Rio de Janeiro: Graal, 1996.

_____. A leitura rousseauísta e um leitor 'comum' do século XVIII. In: CHARTIER, R. (Org.). *Práticas da leitura*. São Paulo: Liberdade, 1996. pp 143-175.

ECO, U. *Interpretação e Superinterpretação*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

FISH, S. *Is there a text in this class?* Cambridge: Havard University Press, 1980. p.357-365.

GOULEMOT, J. M. Da leitura como produção de sentidos. In: CHARTIER, R. (Org.) *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996. pp. 107-116.

ISER, W. *O ato da leitura*. (Tradução Johannes Kretschmer). São Paulo: 34, 1996 v.1.

ISER, W. *O ato da leitura*. (Tradução Johannes Kretschmer). São Paulo: 34 1999.v. 2.

JAUSS, H. R. *Pour une Esthetique de laReception*. Paris. Gallimard. 1978.

JOUVÉ, V. *La Lecture*. Paris. Hachette., 1993.

KATO, M. . *O aprendizado da leitura*. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes. 1995

KLEIMAN, A . *Oficina de leitura: teoria e prática*. 6ª ed. Campinas. São Paulo: Pontes. (1998).

KLEIMAN, A. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. 6ª ed. Campinas. São Paulo: Pontes, 1999

KOCH, I. V. *O texto e a construção dos sentidos*. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2000.

KRAMER, S. *Leitura e escrita como experiência: seu papel na formação de sujeitos sociais*. Revista Presença Pedagógica, 31. 2000. pp. 17-27.

KRAMER, S. Infância, cultura e educação. In: PAIVA, A. EVANGELISTA, A. PAULINO, G. VERSIANI, Z. (Orgs). *No fim do século: a diversidade – o jogo do livro infantil e juvenil*. Belo Horizonte: Autêntica. 2000pp. 9-36.

MOITA LOPES, L. P. *Oficina de lingüística aplicada: a natureza social e educacional dos processos de ensino-aprendizagem de línguas*. São Paulo. Campinas: Mercado de Letras. 1996pp. 83-109.

e. Detalhamento da pesquisa e metodologia.

Ao avaliar o ensino de leitura literária na UNIFAP, chamou atenção da pesquisadora a atitude passiva dos alunos, futuros professores, frente aos textos literários a que eram expostos. Segundo ela, os alunos raramente questionavam os textos da disciplina. As hipóteses levantadas por Nascimento, mostram que tal atitude decorre de várias razões, entre elas: de natureza conceitual porque eles não se davam conta de que o estudo do texto literário ia além da imposição de uma história da literatura e das escolas literárias; de natureza pedagógica, porque os modelos de análise dos manuais eram tidos como única via de abordagem desse tipo de texto.

A fim de buscar respostas para suas indagações a pesquisadora desenvolveu seu trabalho em três partes: Na primeira - *Delineando a Fundamentação Teórica* - desenvolve o quadro teórico que embasa a interpretação dos dados coletados. Ela aborda diferentes concepções de Literatura e conseqüentes posições teóricas; a escola e o ensino de leitura literária. Também evidencia, na interação em sala de aula, alguns pressupostos sobre Leitura na visão de teóricos da literatura. Na segunda - *Descrição da base empírica-*

são tratados os aspectos metodológicos da coleta dos dados em que a mesma foi realizada. Integram este capítulo algumas das idéias que sustentam a metodologia etnográfica de observação e descrição do cenário da pesquisa, bem como a pesquisa-ação. O leitor encontra dados sobre: o contexto; a Universidade; os sujeitos envolvidos e os instrumentos utilizados na coleta de dados: questionário aplicado, diário do pesquisador e gravações em áudio. Na terceira - *Tecendo a análise* - Nascimento analisa os recortes da discussão realizada em sala de aula e os trabalhos escritos realizados em espaço fora da sala de aula. Ela também associou a esta análise as informações recolhidas por meio do questionário e da entrevista quanto à organização da aula; do diálogo entre professor e alunos; interação aluno/texto: modos de construção do sentido.

f. Resultados principais apresentados na pesquisa.

Nascimento inicia suas considerações finais registrando algumas constatações observadas ao longo das atividades. Concluiu que, por não interferir decisivamente nas atividades no sentido de orientar seus alunos quanto à melhor maneira de realizá-las, as respostas obtidas nem sempre foram satisfatórias. Conseqüentemente, ela acredita que *“manter uma atitude de equilíbrio, de colaboração (não falar tudo, nem se calar), em sala de aula de Literatura Brasileira pode, realmente, favorecer a construção de um conhecimento mais eficaz (no dizer de Moita Lopes), no decorrer do processo de ensino-aprendizagem”*.

Com base nos resultados, a pesquisadora observou diversos níveis de interação entre os alunos e os textos trabalhados. Os alunos subverteram, segundo ela, o modo tradicional de aproximação do texto literário e de organização social das discussões em sala de aula. Portanto, chega à conclusão que é possível, e até mesmo necessário, tentar

outras maneiras de lidar com a leitura do texto literário em sala de aula. Isso só será possível a partir de uma reflexão que vise à compreensão do modo de construção de sentido. O exercício proposto requer mais do que a reprodução do discurso do especialista e do manual didático, pois na ação de ler, as referências socioculturais do leitor e as condições sociais de produção de leitura são fundamentais.

Não se trata do abandono da visão do especialista, mas que a escola e também a universidade garantam espaço para a diversidade de leituras, enfim a garantia de espaço para o outro.

Mediante a estas colocações, Nascimento elenca alguns pontos relevantes para aqueles que trabalham com textos literários. Eles foram registrados da seguinte forma:

1. A interação do tipo mais simétrica em sala de aula pode favorecer a manifestação da voz do aluno e também suas tentativas de atribuir sentido ao texto;
2. A tarefa de leitura que não fique presa a roteiros pré-estabelecidos pode favorecer uma leitura mais pessoal;
3. O diálogo entre leitores é muito importante, porque leva à discussão de temas transversais ligados à experiência vivencial de cada um;
4. O professor precisa reavaliar algumas concepções básicas da pedagogia da leitura literária, como: conceitos de texto, de leitura, de literatura, de interação, a fim de realizar um fazer pedagógico que realmente contemple a leitura enquanto construção de sentido;
5. O professor precisa compreender que o seu papel em sala de aula de leitura deve ser o de colaborador no processo de tal atividade, a fim de possibilitar que os aprendizes participem mais, pois quanto maior for a participação dos alunos, maiores as possibilidades de leitura trazidas para a sala de aula. (NASCIMENTO, 2001, p.111)

Citando o escritor moçambicano Mia Couto, Regina Lúcia finalizou suas considerações finais dizendo que o texto literário é uma dessas janelas. E cabe ao leitor abrir essa janela e construir a sua leitura sobre os mais diferentes aspectos de sua realidade individual e social.

g. Avaliação sobre a pesquisa.

Nascimento realiza um estudo *teórico-aplicado*, pois capta a recepção de alunos futuros professores visualizando a inteiração entre a leitura dos mesmos com respectivas práticas na escola. Seu questionamento maior se orienta sobre a questão de a dificuldade em se ensinar a ler não estaria na própria ausência de leitura dos alunos-professores, principalmente quanto à ausência de teoria sobre leitura. Foi classificada como **Pesquisa de Recepção – pelo leitor real em formação**, por promover a observação da mesma em alunos do curso de letras, futuros formadores de leitores.

Sua argumentação é feita com base no que a crítica diz sobre os de Clarice Lispector. E estuda a leitura como fenômeno social. Evidencia a prática pedagógica na sala de aula e mostra a importância dela ser bem fundamentada e defende a existência de um professor provocador que instiga seus alunos, mas nunca lhes fornece a sua leitura dos textos.

Nos exemplos arrolados na discussão da recepção dos textos da escritora, notamos a preocupação da pesquisadora retrata suas ações no sentido de evidenciar o que elas produziam em seus alunos. Como suas atitudes em relação à prática de leitura influenciava a leitura deles além de os instigar a outros. Ela diz que sempre recorria durante as aulas a comentários da crítica especializada sobre os textos de Clarice e via nos comentários de seus alunos a mesma estratégia.

Os alunos mostraram a preocupação de fazer uma leitura voltada para o que já sabiam que a crítica apontava. Seus comentários, inicialmente, fixavam-se em provar o que fora apontado anteriormente e não simplesmente em suas impressões pessoais quanto ao texto lido.

Isso, talvez, possa ser uma das razões para o que se tem visto como prática pedagógica voltada para o Ensino Médio em que o professor, preocupado com a questão do vestibular, fornece aos alunos não uma experiência de *leitura fruição*, mas apenas de preparação para uma prova.. Tal prática mostra a preocupação com o *efeito* da obra e não propriamente com as questões de leitura/recepção de textos.

A principal conclusão do trabalho está calcada na idéia de que o sentido não está centrado no texto, mas é construído a partir dele, numa relação dialógica e intertextual, na qual o leitor aciona o seu universo sociocultural para construir a sua leitura.

Acreditamos que a pesquisadora chega aos objetivos propostos, visto que seu interesse era proporcionar uma experiência de recepção, verificando a interferência do professor especialista no ato de leitura.

PESQUISA 15.**a. Dados de identificação.**

Autor: Eliane Santana Dias Debus.

Orientador: Dr. Regina Zilberman.

Título: *O leitor, esse conhecido: Monteiro Lobato e a formação de leitores.*

Instituição: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Nível de qualificação: Doutorado em Teoria Literária .

Ano de finalização: 2001.

Número de páginas: 260.

Tipo: Pesquisa de Recepção/Efeito – Voz do leitor real fora de ambiente escolar.

Resumo da obra:

Este trabalho busca investigar o papel desempenhado por Monteiro Lobato (1882 – 1948) na formação de leitores, em especial aqueles que tiveram sua infância nas décadas de 20, 30 e 40, período em que o escritor se encontrava em plena atividade literária. Para concretizar nosso objetivo, tomamos como referencial teórico os pressupostos da estética da recepção, por considerá-los condizentes com uma pesquisa que se volta para a reflexão sobre a maneira e as condições da produção e da recepção da obra literária. Paralelamente aos depoimentos posteriores de leitura, temos em mãos um discurso sobre a prática de leitura no seu momento de apreensão, o que possibilita reconstituir a reação e atuação do leitor. No entanto, não nos centraremos na aplicação prática dessa teoria, mas a tomaremos como contribuição necessária e válida. As várias vozes que dialogam em nosso discurso se inter-relacionam, contribuindo para o desvendamento do caráter estético e da função social da leitura na formação de um público leitor (DEBUS, 2001, introdução)

b. Objetivos.

Esta tese busca:

- Investigar o papel desempenhado por Monteiro Lobato (1882 – 1948) na formação de leitores, em especial aqueles que tiveram sua infância nas décadas

de 20, 30 e 40, período em que o escritor se encontrava em plena atividade literária.

- Verificar no discurso de Lobato (teórico e ficcional) e nas suas atividades práticas o seu posicionamento como formador de leitores.

c. Material.

c.1. Tipo de texto abordado.

Como se trata de uma pesquisa que resgata depoimentos de diversos leitores de Monteiro Lobato, o trabalho realizado por Debus se estabelece por meio de registros em que os sujeitos da pesquisa citam diversos textos do autor. Entre eles encontramos na bibliografia:

- *O Sacy-Pererê: resultado de um inquérito*. Rio de Janeiro: Gráfica JB S. A., 1998.
Fac-símile de: *O Sacy-Pererê: resultado de um inquérito*. São Paulo: Secção de obras de *O Estado de S. Paulo*, 1918.
- *Urupês*. 9ed. São Paulo: Monteiro Lobato & Cia, 1923.
- *Cidades mortas*. São Paulo: Brasiliense, 1964.
- *Negrinha*. 22.ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- *A onda verde e O presidente negro*. 11.ed. São Paulo: Brasiliense, 1964.
- *Mundo da lua e Miscelânea*. 14.ed. São Paulo: Brasiliense, 1972.
- *Mr. Slang e o Brasil e Problema Vital*. São Paulo: Brasiliense, 1964.
- *América*. São Paulo: Brasiliense, 1964.
- *Na antevéspera*. São Paulo: Brasiliense, 1964.
- *Um sonho na caverna*. São Paulo: Café Jardim, s.d.

- *A barca de Gleyre*. São Paulo: Brasiliense, 1964.
- *Prefácios e entrevistas*. São Paulo: Brasiliense, 1951.
- Prêmio Perón de 1947. *Jornal de S. Paulo*. Domingo, 18 de janeiro de 1948.
- *Cartas escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1964.
- *Conferências, artigos e crônicas*. São Paulo: Brasiliense, 1964.
- *Críticas e outras notas*. São Paulo: Brasiliense, 1965.
- *As Aventuras de Hans Staden*. São Paulo: Brasiliense, s.d.
- *O circo dos cavalinhos*. São Paulo: Nacional, s.d.
- *O circo de cavalinhos*. São Paulo: Brasiliense, s.d.
- *Peter Pan*. São Paulo: Brasiliense, s.d.
- *Reinações de Narizinho*. São Paulo: Brasiliense, s.d.
- *História do mundo para as crianças*. São Paulo: Brasiliense, s.d.
- *História das invenções*. São Paulo: Brasiliense, s.d.
- *Geografia de Dona Benta*. São Paulo: Brasiliense, s.d.
- *Aritmética da Emília*. São Paulo: Brasiliense, s.d.
- *Memórias da Emília*. São Paulo: Brasiliense, s.d.
- *Dom Quixote das crianças*. São Paulo: Brasiliense, s.d.
- *O poço do Visconde*. São Paulo: Brasiliense, s.d.
- *O Picapau Amarelo*. São Paulo: Brasiliense, s.d.
- *A reforma da natureza*. São Paulo: Brasiliense, s.d.
- *A chave do tamanho*. São Paulo: Brasiliense, s.d.
- *Histórias diversas*. São Paulo: Brasiliense, s.d.
- *As caçadas de Pedrinho*. São Paulo: Brasiliense, s.d.

c.2. Tipo de leitor.

Os *leitores reais* participantes da pesquisa de Debus se estabelecem em quatro grupos distintos: críticos de literatura¹⁶; depoimentos de 22 leitores de Lobato, entre eles escritores, jornalistas, professores e pesquisadores¹⁷; textos ficcionais que podem ser lidos como testemunho de leitura¹⁸; sete leitores adultos, que testemunharam a importância da leitura de Lobato na infância¹⁹.

c.3. Tipo de documento referente à recepção e/ou ao efeito analisado.

Debus apresentou em seu trabalho a visão de que Monteiro Lobato, ao longo de sua carreira literária refletiu sobre um projeto de leitura voltado para a formação de um público leitor e efetivamente colocou em prática tal projeto.

Para realizar essa tarefa, a pesquisadora contou com: textos da crítica, testemunhos de leitura (cartas de leitores que se corresponderam com Lobato) e relatos construídos pela memória dos sete leitores contatados para a pesquisa.

d. Base teórica e bibliografia destacada.

¹⁶ Crítica de ontem: Alceu Amoroso Lima, Belmonte e Afonso Schmith, Edgard Cavalheiro, Herman Lima, Jorge Amado, Manuel Bandeira, Nelson Werneck Sodré, Orígenes Lessa, Viriato Corrêa. Crítica de hoje: Sylvio Rabelo, Antonio Candido, Cláudio Abramo, Alfredo Bosi, Nelson Werneck Sodré, Afrânio Coutinho, Vasda B. Landers, Tadeu Chiarelli, Alice M. Koshiyama, Marisa Lajolo, Regina Zilberman, Fábio Lucas, Cassiano Nunes, Leonardo Arroyo, Laura Sandroni, Sueli de Souza Cagneti, Nelly Novaes Coelho, Otávio Frias Filho

¹⁷ Alfredo Bosi, Cassiano Nunes, Edgard Cavalheiro, Guilhermino César, Ilka Brunhilde Laurito, João Antônio, João Carlos Marinho, José Guilherme Melquior, Júlio Gouveia, Justino Martins, Lygia Bojunga Nunes, Marcos Amazonas, Maria de Lourdes Krieger, Maria Helena Patto, Marisa Lajolo, Ofélia Boisson Cardoso, Renata Pallottini, Ruth Rocha, Samir Curi Meserani, Tatiana Belinky, Tatiana Belinky, Zelinda Moneta.

¹⁸ O conto Felicidade clandestina (1975), de Clarice Lispector; o romance O menino no espelho (1982), de Fernando Sabino, bem como os livros infanto-juvenis: Memórias da ilha (1991), de Luciana Sandroni, e Amigos secretos (1996), de Ana Maria Machado

¹⁹ Alarico Silveira Júnior, Gilson Maurity Santos, Hilda Junqueira Villela Merz, Lucy Mesquita, Nicean Serrano Telles de Sousa, Joyce Campos e Cordélia Fontainha Seta.

d.1. Conceitos desenvolvidos.

Eliana S. Debus apresenta Monteiro Lobato como:

...um leitor contumaz, já na tenra infância descobriu nos livros o prazer da leitura e, quando envereda pelo mundo da escrita, traz em seus textos o interesse constante pelo outro, o leitor. No seu discurso, quer seja o ficcional, quer seja o teórico, se assim podemos denominar os seus artigos e cartas, observa-se preocupação constante com o papel do leitor, da leitura e do livro. É uma preocupação que vai ganhando força e se consolida na sua literatura infantil, resultando no que consideramos um projeto de leitura desenvolvido pelo escritor. Por esse viés, a sua literatura infantil não é considerada um mero “acidente” ou “imprevisto” na sua caminhada literária, mas, sim, resultado de uma longa reflexão. Bem antes de ouvir a famosa narrativa de seu amigo José Maria Toledo Malta sobre o peixinho que morreu afogado, Lobato já havia se decidido pelo mundo da infância, embora não tivesse encontrado ainda o fio condutor que surgiu naquela partida de xadrez.” (DEBUS, 2001,p 28)

Segundo a pesquisadora, não constitui nenhuma originalidade afirmar que Monteiro Lobato desempenhou uma função crucial na construção da literatura infantil brasileira. Entretanto, ela defende fato de ele ser um *“fomentador da produção, difusão e circulação do livro, tendo exercido um papel fundamental na formação de um público leitor que referendasse o estatuto desse novo gênero que se anunciava”*. (Debus, 2001, p. 35)

A autora assinala, em seu texto, o fato de Monteiro Lobato vir, nos últimos vinte anos, recebendo uma maior atenção dos pesquisadores, quer seja daqueles que se debruçam sobre sua vida, quer seja dos que visitam sua produção literária, em especial aquela produzida para crianças. No entanto, não há nenhuma investigação que trate do papel desempenhado pelo escritor para a formação de leitores e as reais condições de recepção da literatura infantil lobatiana.

Partindo dessa constatação, Debus dedica-se a verificar no discurso de Lobato (teórico e ficcional) e nas suas atividades práticas o seu posicionamento como formador de leitores. Já a recepção de seus livros no período estudado será analisada a partir do discurso

mediador das instituições (Estado e Igreja) e da crítica literária. Também, de depoimentos posteriores à leitura realizada na infância e do testemunho da leitura no seu momento de apreensão através das cartas das crianças, leitoras de Lobato.

O contato epistolar de Lobato com seus leitores talvez seja o mais profícuo e original encaminhamento de recepção mirim de que se tem notícia, pois ela acredita que “*a atuação dos leitores contribuiu de forma efetiva para o desenvolvimento da sua literatura infantil*”. Essa é uma das razões da dedicação da pesquisadora aos registros testemunhais de leituras oriundos das cartas dos leitores.

Segundo ela,

...as cartas são exemplos da presença concreta de manifestação da leitura e apresentam subsídios para refletir sobre a conduta e as reações dos leitores, bem como se tornam testemunhos, já que estas vozes acabarão nos fornecendo informações importantes para refletirmos sobre a recepção da literatura lobatiana e averiguarmos o quanto o seu projeto para a formação de um público leitor foi efetivado.(DEBUS, 2001, p. 185)

Para concretizar seu objetivo, ela toma como referencial teórico os pressupostos da Estética da Recepção, por considerá-los condizentes com uma pesquisa que se volta para a reflexão sobre a maneira e as condições da produção e da recepção da obra literária.

Sua reflexão parte de questões amplas tais como: Escritor, texto e leitor não seriam parte integrante do mesmo processo? “Para quem se escreve?”, “O leitor não é um sujeito a-histórico”. Chega a Hans Robert Jauss (1967), consolidando o papel do leitor enquanto ser integrante da estética literária. Sobre ele, Debus afirma que:

Jauss opõe-se aos dois modelos metodológicos adotados pelos historiadores da literatura. O primeiro modelo ordena o material literário “segundo tendências gerais, gêneros e ‘outras categorias’, para então, sob tais rubricas, abordar as obras individualmente, em sequência cronológica”; o segundo modelo adota o padrão da Antigüidade Clássica, ordenando o material literário de forma unilinear, seguindo a cronologia dos grandes autores e apreciando-os conforme o esquema ‘vida e obra’. (DEBUS, 2001, p 136)

Debus passa então a descrever as sete teses de Jauss propondo uma história da arte e da literatura fundada no princípio: “as análises literárias deveriam mudar o enfoque, não mais se centrando no texto ou no autor, e sim no que denominou de ‘terceiro estado’: o leitor. Tal perspectiva colocaria em foco a figura do sujeito produtor (destinador) interagindo com a do consumidor (receptor). A arte obedeceria a uma função dialética: formadora e modificadora de percepção.” (Debus, 2001, p 137)

As pesquisas de Jauss, segundo a pesquisadora, direcionam-se para:

a reconstrução histórica da forma como o texto foi recebido e interpretado por leitores diversos ao longo do tempo e o seu efeito atual, resultando na fusão de dois horizontes: o do autor que construiu sentido e o do público que (re)interpreta o sentido em confronto com o tempo atual. A objetivação do horizonte de expectativa é possível através daquelas obras que, adotando uma convenção (seja de gênero, estilo ou de forma), evocam um horizonte de expectativa para logo abandoná-lo ou destruí-lo, bem como em obras ‘historicamente menos delineadas’. (DEBUS, 2001, p. 139)

Debus ainda observa o que Wolfgang Iser diz sobre o leitor. Para ele:

o texto só existe a partir da atuação do leitor. No entanto, eles possuem orientações e métodos diferentes: o primeiro necessita do testemunho da leitura, enquanto a orientação de Iser recai sobre o próprio texto, argumentando que ele possui uma estrutura apelativa que colabora para o efeito e reação do leitor frente à obra.”(DEBUS, 2001, p.140)

Paralelamente aos depoimentos posteriores à leitura, a pesquisadora apresenta um discurso sobre a prática de leitura no seu momento de apreensão, o que possibilita reconstituir a reação e atuação do leitor.

d.2. Bibliografia citada,

A. Textos analisados.

LOBATO, M. *O Sacy-Pererê: resultado de um inquérito*. Rio de Janeiro: Gráfica JB S. A., 1998. Fac-símile de: *O Sacy-Pererê: resultado de um inquérito*. São Paulo: Secção de obras de *O Estado de S. Paulo*, 1918.

_____. *Urupês*. 9ed. São Paulo: Monteiro Lobato & Cia, 1923.

_____. *Cidades mortas*. São Paulo: Brasiliense, 1964.

_____. *Negrinha*. 22.ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.

_____. *A onda verde e O presidente negro*. 11.ed. São Paulo: Brasiliense, 1964.

_____. *Mundo da lua e Miscelânea*. 14.ed. São Paulo: Brasiliense, 1972.

_____. *Mr. Slang e o Brasil e Problema Vital*. São Paulo: Brasiliense, 1964.

_____. *América*. São Paulo: Brasiliense, 1964.

_____. *Na antevéspera*. São Paulo: Brasiliense, 1964.

_____. *Um sonho na caverna*. São Paulo: Café Jardim, s.d.

_____. *A barca de Gleyre*. São Paulo: Brasiliense, 1964.

_____. *Prefácios e entrevistas*. São Paulo: Brasiliense, 1951.

_____. Prêmio Perón de 1947. *Jornal de S. Paulo*. Domingo, 18 de janeiro de 1948.

_____. *Cartas escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1964.

_____. *Conferências, artigos e crônicas*. São Paulo: Brasiliense, 1964.

_____. *Críticas e outras notas*. São Paulo: Brasiliense, 1965.

_____. *As Aventuras de Hans Staden*. São Paulo: Brasiliense, s.d.

_____. *O circo dos cavalinhos*. São Paulo: Nacional, s.d.

_____. *O circo de cavalinhos*. São Paulo: Brasiliense, s.d.

_____. *Peter Pan*. São Paulo: Brasiliense, s.d.

- _____. *Reinações de Narizinho*. São Paulo: Brasiliense, s.d.
- _____. *História do mundo para as crianças*. São Paulo: Brasiliense, s.d.
- _____. *História das invenções*. São Paulo: Brasiliense, s.d.
- _____. *Geografia de Dona Benta*. São Paulo: Brasiliense, s.d.
- _____. *Aritmética da Emília*. São Paulo: Brasiliense, s.d.
- _____. *Memórias da Emília*. São Paulo: Brasiliense, s.d.
- _____. *Dom Quixote das crianças*. São Paulo: Brasiliense, s.d.
- _____. *O poço do Visconde*. São Paulo: Brasiliense, s.d.
- _____. *O Picapau Amarelo*. São Paulo: Brasiliense, s.d.
- _____. *A reforma da natureza*. São Paulo: Brasiliense, s.d.
- _____. *A chave do tamanho*. São Paulo: Brasiliense, s.d.
- _____. *Histórias diversas*. São Paulo: Brasiliense, s.d.

B. Referências teóricas.

ISER, W. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. São Paulo: Editora 34, 1996. (data do original alemão: 1976).

JAUSS, H.R. *Expérience Historique et Fiction*. In: GADOFFRE, Gilbert. (dir.). *Certitudes et Incertitudes de L’histoire*. Paris: PUF, 1987. p.117-132.

_____ et al. *A literatura e o leitor: textos de Estética da Recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

e. Detalhamento da pesquisa e metodologia.

O trabalho está estruturado em cinco capítulos. No primeiro, temos um histórico da pesquisa contendo um breve relato sobre a correspondência entre Lobato e alguns leitores infantis nas décadas de 30 e 40, bem como o contato com alguns desses mesmos leitores, muitos anos depois.

No segundo capítulo, Debus mapeou a trajetória leitora de Monteiro Lobato – seu repertório de leituras da infância até a fase adulta – buscando também evidenciar a valorização que o escritor dá à figura do leitor e a sua concepção de leitura e literatura infantil, bem como, a importância de seu desempenho como editor na construção de um público leitor.

No terceiro capítulo, a pesquisadora destacou a recepção dos textos infantis de Lobato por um grupo específico de leitores que se tornam intermediários no acesso à leitura: primeiro, o discurso institucional do Estado e da Igreja que “proíbe” a utilização dessa literatura; segundo, a reconstituição do discurso da crítica entre 1921 e 1944; e finalmente a palavra da crítica contemporânea. São discursos múltiplos sobre o mesmo material.

No quarto capítulo, Debus apresentou depoimentos posteriores a leituras realizadas na infância e sobre textos ficcionais que se reportam a essas mesmas leituras e que também se tornam testemunho da permanência da leitura no período infantil.

No quinto capítulo, mostrou o reconhecimento nas narrativas infantis de Monteiro Lobato da representação ficcionalizada de um público leitor e a inserção de leitores reais, de carne e osso. Esse levantamento só foi possível a partir das cartas e é pelas mesmas que sistematizam a recepção das narrativas e a expectativa desses leitores. Para finalizar, obtém um registro de sete leitores sobre a importância dessa leitura na infância.

Consta do trabalho ainda, cinco anexos contendo:

- um quadro cronológico das publicações de Monteiro Lobato
- uma entrevista de Lobato concedida ao jornal A Voz da Infância, órgão da Biblioteca Municipal Infantil de São Paulo, em seu segundo número.
- as correspondências recebidas dos entrevistados entre 1996 e 2000.
- sete cartas de Lobato escritas a leitores infantis e até agora inéditas em sua íntegra.
- respostas dos leitores.

f. Resultados principais apresentados na pesquisa.

A pesquisadora apresenta no final de seu trabalho algumas considerações importantes que passamos agora a registrar. Afirmar a pesquisadora que:

A partir do discurso teórico de Monteiro Lobato, observamos uma concepção leitora (leitura e leitor) que abarca uma postura conhecida hoje, mas inovadora nas quatro primeiras décadas do século XX: a importância do leitor, a função da leitura e o livro como objeto mediador do ato de ler. Desde as suas primeiras composições, quando ainda era um estudante mais afeito ao triângulo da Paulicéia do que à vida acadêmica, destaca-se a análise da função do leitor. No entanto, as idéias sobre o livro, a leitura e o leitor vão ganhando maior peso e é na sua literatura para crianças que são sistematizadas. (DEBUS, 2001, p. 247)

Em sua obra, Debus observa três tipos de leitores: o leitor implícito, o leitor representado e o leitor concreto. Segundo a pesquisadora, “o primeiro tipo refere-se à imagem construída do leitor ao qual Lobato se dirigia. O segundo, à representação de personagens leitores como estímulo à leitura dos leitores concretos. E os leitores concretos são os que acabam saindo da vida real e entrando nas páginas ficcionais”.

Ela ainda reconhece Lobato como um autor preocupado com a sedução de seu leitor. Alguém que o respeita tanto nas idéias quanto na linguagem. É esse respeito que proporciona o prazer da leitura. Debus ressalta que por meio das cartas:

Os leitores demonstraram que Lobato foi certo em sua postura: os leitores sentem-se respeitados como indivíduos, já que são tratados como interlocutores ativos. Sem constrangimento, eles fazem críticas e intervenções nas narrativas e nas ações das personagens; valorizam os livros de “conteúdo didático”, exatamente pelo seu rompimento com a seriedade e o caráter de obrigatoriedade que ronda estes conteúdos, como aritmética e gramática; demonstram interesse pela feição material do livro. (DEBUS, 2001, p. 248)

Elas apresentaram a recepção de leitores comuns no momento da apreensão do texto literário, o que marca a originalidade desta pesquisa, pois nos trabalhos até aqui realizados as constatações sobre a leitura da obra lobatiana faziam-se em cima de depoimentos posteriores e, na maioria dos casos, de pessoas reconhecidas publicamente. A reconstrução proposta pela pesquisadora nesse momento de leitura possibilitou vislumbrar a importância que Lobato teve na formação desses leitores e o efeito que essas respostas leitoras tiveram na sua produção literária.

Segundo a pesquisadora parece possível, então, afirmar que:

O criador de Emília atinge sua proposta numa relação dialética, em que escrita e atitude se confrontam, atuam e interagem em prol de uma comunicação viva e dinâmica com o outro. Esta comunicação dá-se pela importância à figura do leitor tanto na construção do texto (leitor implícito) como nas atividades desenvolvidas em proveito da leitura (leitor concreto). (DEBUS, 2001, p.249)

g. Avaliação sobre a pesquisa.

Debus realiza uma *pesquisa-aplicada* em que mescla dados de *recepção* e *efeito* utilizando a leitura de críticos de literatura, jornalistas, professores e pesquisadores e também testemunhos de leitura - leitores adultos – dos textos de Lobato. Este estudo,

portanto, foi classificado como uma **Pesquisa de Recepção/Efeito – Voz do leitor real fora de ambiente escolar**.

Notamos que a pesquisadora se vale da distinção entre *efeito* e *recepção* principalmente no capítulo 4 - Marcas de leitura – em que explica com bastante precisão a diferença entre as categorias. Seu mérito é colocar Lobato como formador de leitores. Destacamos a forma de coleta da recepção: cartas, textos da crítica, testemunhos de leitura, relatos de memória.

A pesquisadora cumpre os objetivos a que se propõe, visto que investiga o autor como formador de leitores e verifica no discurso seu posicionamento como tal. Além disso ela reflete sobre a conduta e reação dos leitores no contato com o escritor durante a leitura de seus textos.

Utiliza a Estética da Recepção como referencial teórico, pois sua pesquisa se concentra sobre a maneira e as condições da recepção das obras do escritor. Discute a concepção de leitor utilizando como categorias o *leitor implícito*, o *leitor representado* e o *leitor concreto*. No primeiro, refere-se à imagem construída pelo escritor ao qual Lobato se referia. No segundo, a representação de personagens leitores como estímulo à leitura e no terceiro, o *leitor concreto* que acaba saindo da vida real e entrando nas páginas ficcionais.

PESQUISA 16.

a. Dados de identificação.

Autor: Diógenes Buenos Aires de Carvalho.

Orientador: Prof. Dr. Vera Teixeira de Aguiar.

Título: *As crianças contam as Histórias: os horizontes dos leitores de diferentes classes sociais.*

Instituição: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Nível de qualificação: Mestrado

Ano de finalização: janeiro de 2001.

Número de páginas: 211.

Tipo: Pesquisa de Recepção – pelo leitor real em formação.

Resumo da obra:

Os estudos teóricos sobre a literatura infantil ainda são incipientes quanto à preocupação com a voz da criança enquanto receptor do texto literário. Em vista disso, o propósito dessa dissertação é materializar a voz do pequeno leitor a partir da investigação dos horizontes de leitura de crianças de diferentes classes sociais em contexto escolar, o que implica explicitar as normas literárias e sociais constantes nas histórias literárias infantis que correspondem às suas expectativas. Para tanto, realizou-se uma pesquisa de campo junto a duas escolas de Teresina – Piauí, a fim de coletar o corpus de análise, constituído por 24 (vinte e quatro) narrativas infantis reproduzidas de textos literários lidos ou conhecidos, por alunos com idades de 10 e 11 anos, da 4ª série do ensino fundamental. A análise dos textos tem como suporte teórico a Estética da Recepção, de Hans Robert Jauss e a Teoria da Narrativa Infantil, com auxílio da Sociologia da Leitura nas perspectivas de Robert Escarpit, Arnold Hauser e Pierre Bourdieu, visto que a reprodução/produção das histórias ocorreu em contexto escolar específico, o que acarreta levar em consideração as condições de produção/recepção da escrita e variável nível socioeconômico como interferentes na configuração textual. Os resultados obtidos revelam que o horizonte de expectativas das crianças de ambas as camadas sociais ainda é marcado pelo modelo do conto tradicional. Todavia, a ruptura desse modelo é realizada pelos leitores mirins de classe social favorecida. A situação delineada leva a perceber, portanto, a influência dos mediadores sociais como a escola e a família. Assim, a pesquisa serve para abrir espaços para os estudos que busquem dar voz ao leitor infantil, contribuindo para o alargamento do conhecimento sobre o processo de recepção do texto literário, considerando os agentes que dele fazem parte. (CARVALHO, 2001)

b. Objetivos.

Seu objetivo principal foi:

- Materializar a voz do pequeno leitor a partir da investigação dos horizontes de leitura de crianças de diferentes classes sociais em contexto escolar.
- Abrir espaços para os estudos que buscam dar voz ao leitor infantil, contribuindo para o alargamento do conhecimento sobre o processo de recepção do texto literário, considerando os agentes que dele fazem parte.

c. Material.

c.1. Tipo de texto abordado.

A voz do leitor infantil foi materializada, segundo o pesquisador:

...pela reprodução/produção de histórias infantis, o que possibilitou analisar as marcas e/ou indícios presentes na escrita que levam à reconstituição do horizonte de expectativas da criança, considerando o nível socioeconômico e o contexto escolar, com base nos estudos teóricos sobre o assunto (CARVALHO, 2001, p. 17)

As histórias infantis reproduzidas foram: Cinderela, A Festa no Céu, Branca de Neve e os Sete Anões, O Pulo do Gato, O Casamento da Princesa Nuriar, Curiosidade Premiada, A Cigarra e a Formiga, Os Três Porquinhos, João e Maria, A Relva Azul, De Trote em Trote Agarrei o Velhote, A Princesa Sherazade, Chapeuzinho Vermelho, A Jararaca, A Perereca e a Tiririca, A Menina da Janela, Os Três Mosqueteiros, O Rei Leão, A Arca de Noé, A Bela Adormecida, Sherazade, Romeu e Julieta. São textos narrativos que exploram os contos de fadas e fábulas presentes na história de leitura dos sujeitos da pesquisa.

c.2. Tipo de leitor.

Participaram desse projeto de recepção alunos com idade de 10 e 11 anos, da 4ª série do Ensino Fundamental. O campo de atuação da pesquisa foi composto por duas instituições do Ensino Fundamental de Teresina, capital do Estado do Piauí, sendo uma escola pública municipal, que atende à classe social desfavorecida, e outra, particular, voltada à classe social favorecida, do ponto de vista socioeconômico

c.3. Tipo de documento referente à recepção e/ou ao efeito analisado.

Nessa dissertação Carvalho realizou uma *pesquisa aplicada* junto a duas escolas de Teresina – Piauí, a fim de coletar o *corpus* analisado pelo pesquisador. Foram produzidos cerca de 67 (sessenta e sete) textos - reescritas de histórias infantis - das quais o pesquisador selecionou 24 (vinte e quatro) como *corpus*. Seu critério de escolha foi a maior incidência de textos produzidos por alunos com idades de 10 e 11 anos, a variedade de títulos e os títulos reconhecíveis. Dessa seleção doze textos são referentes ao colégio particular, que atende a crianças de nível socioeconômico favorecido. Os outros doze referentes à escola pública municipal, com crianças de nível socioeconômico desfavorecido.

d. Base teórica e bibliografia destacada.

d.1. Conceitos desenvolvidos.

O suporte teórico dessa dissertação foi fundamentado na Teoria da Estética da Recepção, de Hans Robert Jauss, bem como na Teoria da Narrativa Infantil. Contou ainda

com auxílio da Sociologia da Leitura nas perspectivas de Robert Escarpit, Arnold Hauser e Pierre Bourdieu. O pesquisador justifica essa escolha, visto que a *reprodução/produção* das histórias ocorreu em contexto escolar específico, o que acarretou levar em consideração as condições de *produção/recepção* da escrita e o variável nível socioeconômico como interferentes na configuração textual.

Na introdução de seu texto, o pesquisador lançou mão de um referencial teórico existente até o término de seu trabalho sobre este gênero polêmico que é a literatura infantil. Apresentou considerações sobre a literatura infantil no Brasil por trabalhos que se caracterizam pela natureza histórica, como, por exemplo, o de Leonardo Arroyo (1968), de Nelly Novaes Coelho (1991); Marisa Lajolo e Regina Zilberman (1984); de Diana Maria Marchi (2000). Destaca, ainda, Cecília Meireles (1951); Regina Zilberman (1981), Lígia Cadermatori Magalhães e Regina Zilberman (1982), Sônia Salomão Khéde (1983).

Além desses dois enfoques, histórico e teórico, o pesquisador assinala a produção de estudos críticos que consideram os aspectos intrínsecos da obra literária para crianças, como, por exemplo, os autores: Maria do Socorro Rios Magalhães (1980), Ana Mariza Ribeiro Filipouski (1988), Claudia Luiza Caimi (1991), Vera Maria Tietzman Silva (1994), Flávia Brocheto Ramos (1994), Rosane Maria Cardoso (1997), Zila Letícia Goulart Pereira Rego (1998), Viviane Zanandrea (1999). Esses trabalhos estão essencialmente centrados nas obras de diversos autores nacionais, como, por exemplo, Érico Veríssimo, Edy Lima, Lygia Bojunga Nunes, Henry Correa de Araújo, Wander Pirolli, Clarice Lispector, Ana Maria Machado, Sérgio Caparelli, Stella Carr, Ruth Rocha, Marina Colasanti, Tales de Andrade, Monteiro Lobato, Maria José Dupré e Fernanda Lopes de Almeida.

Carvalho diz que por caracterizar-se a partir do seu leitor, a literatura infantil também provocou a realização de trabalhos centrados nos interesses e hábitos de leitura das crianças e jovens, tais como: *Leituras infantis*, de Cecília Meireles (1944), *Crianças, jovens e literatura*, de Nise Pires (1976), *Que livro indicar: interesses do leitor jovem*, de Vera Teixeira de Aguiar (1979), *Hábitos de leitura e influência ambiental: pesquisa de campo*, coordenada por Marli Mira Hoeltgebaum (1981), *Interesses e hábitos de leitura dos alunos de 1º grau maior de João Pessoa/PB*, de Maria Helena Bezerra Cavalcanti Rockenbach (1988), *Guia de leitura para alunos de 1º e 2º graus*, do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS (1989), *Novos hábitos de leitura: pedagogia infanto-juvenil*, de Elizabeth Marinheiro (1990)

Atento ao fato de a recepção do texto literário infantil pela criança ou jovem ser ainda pouco explorado pelos estudiosos da literatura infantil, visto a pouca existência de trabalhos nesse âmbito, o pesquisador destaca *Narrativa em criança e processos de leitura*, de Leonor Scliar Cabral (1983), *Comunicação literária na pré-escola: elementos históricos e ficcionais do ato narrativo*, de Vera Teixeira de Aguiar (1988), e *Parâmetros curriculares e literatura: as personagens de que os alunos realmente gostam*, de Maria Alice Faria (1999). Segundo Carvalho “os estudos teóricos, portanto, ainda são incipientes quanto à preocupação com a voz da criança enquanto receptor do texto literário”.

Sobre a Teoria da Estética da Recepção, Carvalho apresenta citações de *Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*, de Hans-Georg Gadamer (1999); *A obra de arte literária*, de Roman Ingarden. (1973); *A história da literatura como provocação à teoria literária*, de Hans Robert Jauss, (1994).

d.2. Bibliografia citada.

A. Textos analisados.

(Não foi apresentado nenhum).

B. Referências teóricas.

AGUIAR, V. T. de. *Que livro indicar?* Interesses do leitor jovem. Porto Alegre: Mercado Aberto/IEL, 1979.

_____. *Comunicação literária na pré-escola: elementos históricos e ficcionais do ato narrativo*. Tese de Doutorado em Letras do Instituto de Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica/ São Paulo.

ARROYO, L. *Literatura infantil brasileira*. 10.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1990.

BOURDIEU, P. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. *A economia das trocas simbólicas*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.

CAIMI, C. L. *Mímesis e literatura infantil: a obra narrativa de Sérgio Capparelli*. Dissertação (Mestrado em Letras) - Instituto de Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1991.

CARDOSO, R. M. *Os heróis de sempre para os leitores de hoje: uma conceituação da narrativa infantil*. Dissertação (Mestrado em Letras) - Instituto de Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1997.

CENTRO DE PESQUISAS LITERÁRIAS/PUCRS. *Guia de leitura para alunos de 1º e 2º graus*. São Paulo: Cortez; Brasília: INEP, 1989.

COELHO, N. N. *Panorama histórico da literatura infantil/juvenil*. 4. ed. rev. São Paulo: Ática, 1991. (Série Fundamentos, 88)

ESCARPIT, R. *Sociologia de la literatura*. Barcelona: Oikos-tau, 1971.

_____. Lo Literario y lo Social. In: (org.) *Hacia una Sociologia del Hecho Literário*. Madrid: Edicusa, 1974. p. 11- 42.

FARIA, M. A. *Parâmetros curriculares e literatura: as personagens de que os alunos realmente gostam*. São Paulo: Contexto, 1999. (Coleção repensando o ensino)

GADAMER, H.-G. *Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. 3.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

HAUSER, A. *Sociologia del Arte*. Sociologia del Público. Barcelona: Labor, 1977. v. 04.

HOELTGEBAUM, M. M. (coord.). *Hábitos de leitura e influência ambiental: pesquisa de campo*. São Paulo: Associação Paulista de Bibliotecários, 1981.

INGARDEN, R.. *A obra de arte literária*. Lisboa: Calouste-Gulbenkian, 1973.

JAUSS, H. R. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Ática, 1994. (Série Temas, v.36)

KHÉDE, S. S. *Literatura infanto-juvenil: um gênero polêmico*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986. (Série Princípios)

LAJOLO, M. , ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: história e histórias*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1988. (Série Fundamentos, 5)

MAGALHÃES, M. do S. R. *Literatura sul-rio-grandense: a fantasia e o domínio do real*. Dissertação de Mestrado em Letras do Instituto de Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1980.

MARCHI, D. M. *A literatura infantil gaúcha: uma história possível*. Porto Alegre: Universidade/UFRGS, 2000.

MARTINS, E.. J. *Enunciação e diálogo*. Campinas: UNICAMP, 1990.

MEIRELES, C. *Leituras infantis*. Rio de Janeiro: Departamento de Educação do Distrito Federal, 1944.

_____. *Problemas de literatura infantil*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

PIRES, N. *Crianças, jovens e a literatura*. Relatório de Pesquisa: literatura consumida pelos alunos de ensino de 1º grau do Município do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: MEC/INEP/INL/FNLIJ, 1976.

RAMOS, F. B. *A representação da infância na narrativa infantil brasileira: 1919 a 1976*. Dissertação de Mestrado em Letras do Instituto de Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1994.

REGO, Z. L. G. P. *A representação da criança na linguagem literária de Lygia Bojunga Nunes*. Dissertação de Mestrado em Letras em Instituto de Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1998.

SILVA, V. M.T. *Literatura infanto-juvenil: seis autores, seis estudos*. Goiânia: UFG, 1994.

ZANANDREA, V. *A representação da criança nos primórdios da literatura infantil sul-rio-grandense: 1882 a 1930*. Dissertação de Mestrado em Letras em Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1999.

ZILBERMAN, R. Literatura infantil: livro, leitura, leitor. In: (org.). *A produção cultural para a criança*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982. p. 96-115.

_____. A literatura infantil e o leitor. In: ZILBERMAN, R., MAGALHÃES, L. C. *Literatura infantil: autoritarismo e emancipação*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1987. p. 61-134. (Ensaio, 82)

_____. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989. (Série Fundamentos, 41)

_____. Sim, a literatura educa. In: ZILBERMAN, R., SILVA, E. T. da. *Literatura e pedagogia: ponto & contraponto*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990. p. 12-20.

_____. *A literatura infantil na escola*. 10. ed. São Paulo: Global, 1998. (Teses, 1).

e. Detalhamento da pesquisa e metodologia.

Para alcançar seus objetivos, o pesquisador desenvolveu uma pesquisa aplicada. Segundo ele, desta forma, “*a voz do leitor infantil foi materializada pela reprodução/produção de histórias infantis, o que possibilitou analisar as marcas e/ou indícios presentes na escrita que levam à reconstituição do horizonte de expectativas da criança, considerando o nível socioeconômico e o contexto escolar, com base nos estudos teóricos sobre o assunto*”. (CARVALHO, 2001, p. 137).

Esta modalidade de pesquisa possibilitou a coleta do corpus de análise constituído de vinte e quatro textos - doze narrativas infantis reproduzidas por crianças de classe social desfavorecida e doze de classe social favorecida. São leitores na faixa etária entre 10 e 11 anos que possuem, no mínimo, quatro anos de escolaridade.

Diógenes utilizou como instrumentos de pesquisa a entrevista com os professores-regentes e bibliotecárias das escolas selecionadas, em que se levantaram dados referentes à prática da leitura literária, necessários à interpretação das narrativas infantis; a ficha de análise das narrativas infantis, enfocando as normas literárias e as concepções de

mundo, fundamentada nos pressupostos teóricos já mencionados; a ficha escolar fornecida pelas escolas, que contém informações indicadoras do nível social dos alunos; e a ficha bibliográfica dos livros reproduzidos pelas crianças constantes nos acervos literários das escolas.

Esta dissertação, segundo registra Carvalho, apresenta uma estrutura composta por três capítulos, em que os elementos analisados nos textos são constantemente cruzados com o suporte teórico.

O primeiro capítulo, subdivide-se em quatro partes, apresentando uma revisão sobre os pressupostos que fundamentam a análise pretendida e o percurso metodológico realizado para a tessitura das histórias que compõem o *corpus* de análise e os conceitos básicos que constituem a literatura na perspectiva do leitor.

No segundo capítulo, as normas do texto literário são descritas por meio da recepção infantil, as quais foram identificadas e analisadas a partir do modo como as crianças de diferentes classes sociais manifestam, na superfície do texto, a construção das personagens, a apresentação e desenvolvimento do conflito, a representação do tempo e do espaço.

O terceiro capítulo possui um caráter interpretativo, pois apresenta, a partir dos dados coletados, o lugar que a criança ocupa como narrador à medida que a criança ocupa seu lugar enquanto sujeito sócio histórico, uma vez que ele não apenas seleciona a forma do texto, mas também um conjunto de valores ou normas sociais de sua época.

Na conclusão, recuperam-se todos os dados da pesquisa com vistas à configuração dos horizontes de leitura das crianças de diferentes classes sociais, destacando-se o papel desempenhado pela escola como mediadora da leitura literária. Assim, confirma-se a opção inicial do pesquisador em realizar o trabalho em âmbito escolar, dada a participação decisiva dessa instituição para a formação do leitor mirim.

f. Resultados principais apresentados na pesquisa.

Quando Carvalho aborda a recepção do texto literário infantil, afirma que para a ampliação do *horizonte de expectativas* do receptor mirim “*é necessária à realização de um processo de mediação que leve a criança a expandir suas perspectivas. Para tanto, é preciso que se compreenda como o livro literário chega até o destinatário*”.(CARVALHO, 2001, p.150). Segundo o pesquisador, compete à escola tornar concreto o contato do leitor com o livro, ela é um mediador social.

Ao comparar as duas escolas nas quais realizou seu projeto, o pesquisador observou que, considerando as devidas diferenças, elas possuem um ponto em comum: “*o fato de contribuírem, por meio dos seus acervos, para a constituição dos horizontes dos seus leitores via narrativas, muito embora a particular tenha elencado entre os autores a serem trabalhados durante o ano letivo o compositor e poeta Paulinho Pedra Azul para as crianças de 1ª a 4ª séries, e Carlos Drummond de Andrade, para os alunos da 5ª a 8ª série*”.

Carvalho constatou que para os alunos de classe social desfavorecida é a escola a grande mediadora de leitura, talvez a única, tendo em vista as condições socioeconômicas das mesmas. Segundo ele a escola funciona também como medidora para os pais, pois eles, muitas vezes, somente têm contato com a literatura quando os filhos levam os livros para casa. Quanto às crianças de classe social favorecida, a situação socioeconômica da família garante a ela a oportunidade de ter outras formas de acesso à literatura, uma vez que o cotidiano desses pequenos leitores os expõe a diversas circunstâncias que os levam a valorizar a leitura da obra de arte literária.

No que tange ao modelo de narrativa que circula na escola, Carvalho notou que o conto de fadas ou popular é o que se apresenta com mais frequência. Também que na

amostra da classe social favorecida acontece um predomínio do modelo do conto popular. Na esteira do modelo do conto popular, notou-se a elaboração de personagens lineares que se situam no pólo do bem ou do mal, sem que houvesse a possibilidade de trazer até a superfície do texto o caráter múltiplo de que se constitui a natureza humana. A linearidade também caracteriza a representação do tempo nas redações infantis, tendo em vista a cronologia apresentada pelo desenrolar das ações.

A representação do espaço, assim como a do tempo, é marcada pela indefinição, o que reforça a aproximação da concepção de mundo da criança com aquela do homem mítico. A dificuldade em definir com precisão o espaço de realização das ações indica que não é a criança que tem dificuldades de localização espacial, visto que na sua faixa etária ela já possui uma significativa autonomia no sentido de se situar no mundo sob o ponto de vista geográfico. Desse modo, o modelo, mais uma vez, representa o referencial para a manifestação na superfície do texto desse elemento estrutural da narrativa.

A configuração da criança enquanto narradora materializa-se nos procedimentos adotados na reprodução/produção das narrativas, uma vez que ela segue um determinado modelo de texto, que, como já ficou evidenciado, é o do conto de fadas ou popular. Nas duas amostras ocorreu o predomínio da posição de narrador onisciente, que demonstra pleno conhecimento dos fatos da matéria ficcional.

No que se refere às normas sociais, as posições adotadas denotam atitudes bastante conservadoras, tendo em vista o modelo de sociedade explicitado nos textos ser ainda o que se apresenta no conto de fadas ou nas histórias que retomam esse modelo. A concepção de família também é regida pelos moldes consagrados, contudo a fragmentação dessa instituição é manifestada em maior proporção no estrato social desfavorecido. No que tange às questões sociais, o conservadorismo ficou explícito via valorização do trabalho braçal em detrimento do artístico, bem como na relação autoritária entre antagonistas e

subordinados. A estratificação é outro elemento que foi apresentado como natural pelos textos.

Percebeu-se, ainda, que a escola pode assumir maior ou menor papel na formação do leitor infantil. A resposta dada pelos alunos do grupo social desprivilegiado revela que eles sabem que o mundo valorizado é o que a escola propaga, logo, as imagens reproduzidas nas histórias são aquelas que refletem a vida de acordo com o modelo sedimentado nas histórias infantis, as quais são escolhidas pela escola. Em contrapartida, a criança de classe social privilegiada ultrapassou as fronteiras da sala de aula, uma vez que no rol de histórias recontadas constatarem-se algumas que não faziam parte do universo da escola, o que demonstra que a situação socioeconômica e cultural propiciada pela família desse aluno oferece condições para que o mesmo esteja exposto a inúmeros outros agentes culturais como, por exemplo, cinema, televisão a cabo, jogos eletrônicos, viagens, passeios, teatro, bibliotecas e livrarias, que proporcionam uma maior abertura para estabelecer com a literatura uma relação dialética, o que implica a ampliação dos horizontes de expectativas desse leitor.”²⁰

g. Avaliação sobre a pesquisa.

Carvalho realiza uma pesquisa *teórico-aplicada* em que compara a recepção de histórias infantis em grupos de alunos de duas escolas sendo uma particular e outra pública. Sua análise se concentra em um *corpus* de recepção composta por doze narrativas infantis, reproduzidas por crianças de classe social favorecida e desfavorecida, entre 10 e 11 anos. Portanto, classifica-se como uma **Pesquisa de Recepção – pelo leitor real em formação.**

²⁰ CARVALHO, D.B. A.de. 2001 –conclusão.

O autor se fundamenta na Estética da Recepção, na Teoria da Narrativa Infantil e na Sociologia da Leitura. Proporciona uma análise comparativa focalizando aspectos socioeconômicos distintos. Observa marcas textuais presentes nos textos produzidos pelas crianças identificadas a partir do modo como as crianças se manifestaram sobre suas leituras, na superfície do texto, na construção das personagens e desenvolvimentos das narrativas. Visualiza o leitor infantil como um narrador, um sujeito histórico, uma vez que ele seleciona não apenas a forma do texto, mas também um conjunto de valores ou normas sociais de sua época.

Carvalho coloca a escola em destaque como agente de formação de leitores, principalmente como mediadora de leitura para crianças menos favorecidas. Nas classes mais favorecidas, funciona como agente de oportunidades de acesso à literatura.

No nosso entender, atinge os objetivos a que se propõe visto que materializa a voz do pequeno leitor a partir da investigação dos horizontes de leitura de crianças de diferentes classes sociais em contexto escolar. Sua análise abre espaço para os estudos que buscam dar voz ao leitor infantil, contribuindo para o alargamento do conhecimento sobre o processo de recepção do texto literário, considerando os agentes que dele fazem parte.

PESQUISA 17.

a. Dados de identificação.

Autor: Simone R. F. Meirelles.

Orientador: Prof. Dr. Benito Martinez Rodriguez.

Título: *Das Bancas ao coração: romances sentimentais e leitura hoje.*

Instituição: Universidade Federal do Paraná.

Nível de qualificação: Mestrado em Letras – Área de Estudos Literários – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes.

Ano de finalização: 2002.

Número de páginas: 227.

Tipo: Pesquisa de Recepção/Efeito- Voz do leitor real fora de ambiente escolar

Resumo da obra:

O presente estudo se debruça sobre três focos complementares, visando fechar o círculo em torno da produção, conteúdo e recepção dos romances sentimentais editados pela Editora Nova Cultural, empresa líder de vendas nesse segmento no Brasil. Com séries como Sabrina, Júlia e outras similares, publicadas semanalmente desde 1978, a Nova Cultural mantém um público cativo de milhares de leitoras. O primeiro passo para revelar os vários elementos que constituem essa espécie literária foi identificar suas matrizes, de modo a lançar luz sobre seus moldes atuais, incluindo os elementos peritextuais que a Editora utiliza para cativar as leitoras e estimular a demanda pelos romances. Depois, para perceber seu cunho ideológico, ao menos parcialmente, foi feita uma leitura das imagens femininas nessas formas literárias, segundo o horizonte da crítica feminista. Por último, o trabalho buscou mostrar, por meio dos depoimentos das leitoras, alguns dos elementos de motivação na escolha dos romances sentimentais como leitura e de que forma essa opção influencia no cotidiano delas. A intenção foi promover um mergulho no universo do romance sentimental, apresentando-o sob vários ângulos. Essa visão multidimensional revela que as possibilidades oferecidas pela leitura às vezes levam a caminhos diferentes dos que se poderia supor, no caso dos romances sentimentais. Mais que os textos em si, a forma como a leitora se relaciona com eles faz com que o exame dos romances sentimentais assuma novas perspectivas. Essa leitura aparece como forma de liberação das exigências cotidianas, fazendo as leitoras assumirem papéis ativos que fogem da aparente passividade propostas pela literatura de entretenimento. Ignorando conscientemente os aspectos estereotipados dos romances, as leitoras encontram os benefícios que a leitura pode trazer às suas vidas.(MEIRELLES, 2002,vi)

b. Objetivos.

A pesquisadora fixou os seguintes:

- Observar como se apresentam hoje os romances sentimentais no Brasil e de que forma eles constroem a “*teia de sedução*” que cativa leitoras.
- Identificar a ideologia presente nesses romances a respeito das personagens femininas.
- Constatar o uso que estabelecem essas leitoras empíricas dos textos.
- Trazer para o universo acadêmico o debate sobre uma vertente ficcional que mantém leitores cativos há dois séculos.
- Buscar perceber de que forma os mecanismos ideológicos e mercadológicos influenciam a opção das leitoras pelos romances sentimentais.

c. Material.

c.1. Tipo de texto abordado.

Meirelles, ao fixar o *corpus* utilizado nesta pesquisa, explica que sua intenção foi a de promover uma análise mais individualizada das personagens. Para isso, a pesquisadora selecionou as séries consideradas mais significativas para a modalidade leitura de entretenimento: Sabrina, Júlia e Momentos Íntimos, quatro exemplares publicados entre os anos de 1998 e 2001. Foram eles:

Texto 1 - *À Moda antiga!* (Na arranged marriage) de Susan Fox, série Sabrina Coleção Noivas. Originalmente publicado em 1998 pela Silhouette Books, divisão da Harlequin Enterprises Limited, de Toronto, Canadá. Publicado no Brasil em 2000.²¹

Texto 2 – *Um homem mais velho* (Professor and the nanny) de Phyllis Halldorson, série Júlia. Originalmente publicado em 2000, também pela Silhouette Books e traduzido para a língua portuguesa em 2001.

Texto 3 – *A Bela e a Fera* (Taming the beast) de Amy J. Ftzer, Serie Momentos Íntimos. Originalmente publicado em 2001 pela Silhouette Books e traduzido em língua portuguesa, em 2001.

Texto 4 - *Segredos do Amor* (The acquired bride), de Tereza Southwick, série Sabrina, coleção Noivas. Publicado originalmente em 2000 pela Silhouette Books e no Brasil, em 2001.

A pesquisadora observa que apesar de ter fixado esses quatro exemplares, ainda se refere na análise que produz a outros vinte e cinco exemplares. Ela justifica sua escolha dizendo, a princípio, que esse tipo de literatura mobiliza milhares de leitores, de autores e muitas editoras. Também, por estarem inseridos na *cultura popular de massa* – conceitos que discute em suas reflexões.

c.2. Tipo de leitor.

Meirelles observa o resultado de dez entrevistas realizadas com *leitoras reais* encontradas a partir de uma publicação em jornal. Essa dizia respeito a criação de um “Clube de leitoras de Romance” que visava a promoção de encontros regulares em que as associadas pudessem trocar, emprestar romances sentimentais e se conhecerem. Por essa

²¹ Não consta nome de tradutor das obras indicadas.

estratégia ela chega a dez leitoras entre 16 e 58 anos de idade; com diversas profissões – atendente de confeitaria, perita criminal, duas secretária, auxiliar de cozinha, auxiliar de costura, auxiliar de enfermagem, secretária, bancária, balconista e uma que no momento estava desempregada. Quanto à escolaridade, observa-se que as entrevistadas possuíam níveis variados entre o 1º grau incompleto e o Superior.

c.3. Tipo de documento referente à recepção e/ou ao efeito.

A pesquisadora coletou os dados da pesquisa por meio de entrevistas produzidas mediante dois modelos de questionário registrado de forma escrita pelas participantes e complementados durante os encontros realizados entre a pesquisadora e os sujeitos da pesquisa. Meirelles apresenta o registro dos depoimentos, segundo ela, na íntegra.

d. Base teórica e bibliografia destacada.

d.1. Conceitos desenvolvidos.

Visto que o foco desta pesquisa é permeado pela discussão dos romances sentimentais como um subgênero na Literatura, Meirelles inicia sua fundamentação teórica apresentando o conceito de *paraliteratura*, *literatura de entretenimento*, *literatura de massas*, vertentes literárias consideradas marginais, excluídas e diminuídas em relação à crítica literária. Foram utilizadas, nesse sentido, citações de Silvia Borelli (1996), Richard Shusterman (1998), José Paulo Paes (1990) e Muniz Sodré (1978).

Ao buscar a definição de *cultura de massa*, Meirelles apóia sua pesquisa no confronto entre os dizeres de Adorno e os de outros críticos que discordam dele quanto à

indústria cultural, como exemplo, Terry Eagleton (1991), Waldenyr Caldas (2000), Muniz Sodré (1978) e Umberto Eco (1991). Adorno condena a indústria cultural, dizendo que *“considera-a importante enquanto característica da ideologia dominante, mas se recusa a levá-la a sério ou ver nela algum ponto positivo. Em nome de seu papel social, questões embaraçosas sobre sua qualidade, sobre sua verdade ou não-verdade, questões sobre o nível estético de sua mensagem são reprimidas, ou pelo menos eliminadas, na dita sociologia da comunicação.”* (MEIRELLES, 2002, p. 11).

Na visão defendida pelos outros críticos, visão esta que permeia a pesquisa realizada por Meirelles, essas questões merecem maior atenção dos estudos literários, pois as encara como manifestações que estabelecem com o público alvo uma interatividade. Tecendo uma série de imbricações sobre o assunto, a pesquisadora observa que *“a produção cultural de massa é feita “para” o povo, mas não a partir dele”*. Além disso, que *“existe uma conexão entre a cultura de massa e o conceito de classes e ideologia dominante”*. (MEIRELLES, 2002, p. 13)

Diferenciando a literatura de entretenimento da literatura de proposta ou erudita, a pesquisadora explica que *“enquanto a segunda se propõe a oferecer uma visão original do mundo, uma ruptura, na primeira a originalidade não tem tanta importância, apostando na repetição para satisfazer ao maior número possível de consumidores”*. (MEIRELLES, 2002, p. 15)

Outro destaque feito por ela é que a literatura de entretenimento se sustenta na repetição de um modelo; a renovação portanto se dá pela variação e não pela ruptura. Ela observa que há uma divisão na literatura de entretenimento que pode ser classificada como *“popular”* ou *“média”*. Concordando com José P. Paes, ela argumenta que *“apenas a literatura “média” de entretenimento pode estimular o gosto e o hábito da leitura, adquirindo assim ‘o sentido de degrau de acesso a um patamar mais alto onde o*

entretenimento não se esgota em si, mas traz consigo um alargamento da percepção e um aproveitamento da compreensão das coisas do mundo”. (MEIRELLES, 2002, p. 18)

Buscando discutir a leitura e o prazer provocado nessa atividade, Meirelles faz opção por buscar as noções de valorização e experiência estética que podem ser aplicadas ao tipo de leitura que propõe em seu trabalho. Para isso, utiliza em sua argumentação inicialmente Roland Barthes - o criador da expressão “*prazer do texto*” - dizendo que “*esse julgamento é individual e que existe uma distinção entre o prazer e a fruição*”.

Quanto aos romances por ela analisados, é possível encaixá-los como literatura de entretenimento que teriam como objetivos “*divertir, entreter, restituir e estabelecer com o leitor uma relação de prazer, riso, medo, lágrimas, ansiedade e, fundamentalmente, excessos - afetivos e emocionados – afloram, possibilitando também o resgate de experiências*” (MEIRELLES, 2002, p. 22).

Meirelles afirma, baseando-se nos críticos que citou, que “*o conceito do que é esteticamente bom ou ruim é relativo e muda com o tempo. Este está ligado a elementos econômicos, sociais e políticos. Já a idéia de prazer, não.*” (MEIRELLES, 2002, p. 13)

Sua explanação teórica ainda abrange a crítica voltada para a literatura feminina, diferenciando três possíveis situações: a literatura destinada à mulher; a literatura que utiliza a mulher-leitora, e a a última visão que diz respeito a mulher-pesquisadora. Por esse não ser o foco de nossa pesquisa, não detalharemos aqui a argumentação feita por Meirelles sobre as especificidades desse tipo de literatura, apenas registramos que, para ela, “*as leitoras dos romances sentimentais não têm uma leitura feminina no sentido crítico apontado por Caroline Heilbrun (In: Cavendish, M. W. A Voz Embargada. 1996).*” De acordo com o material coletado pela pesquisadora, é possível afirmar que a maioria das participantes do projeto aceita os estereótipos presentes nos textos destes romances sem questioná-los. São, na sua visão “*leitoras empíricas*”.

Quanto às questões da recepção, diluídas nos capítulos 3,4 e 5, observamos que não houve uma intenção de fixar a base teórica nos postulados da Estética da Recepção. Os autores mais comuns, sempre presentes nas outras pesquisas, não aparecem explicitamente citados no corpo do trabalho. Porém, podemos notar sua presença na argumentação e análise dos dados lançados. Consta da bibliografia utilizada na pesquisa H. R. Jauss (1994) e Regina Zilberman (1989). Mas o que se evidencia na leitura dessa é uma grande quantidade de obras que analisam a questão da literatura como mercadoria, literatura de massa, bem como a questão do gênero literatura feminina.

d.2. Bibliografia citada.

A. Textos analisados.

FOX, S. *À Moda antiga!* (Na arranged marriage). Série Sabrina Coleção Noivas. Originalmente publicado em 1998 pela Silhouette Books, divisão da Harlequin Enterprises Limited, de Toronto, Canadá. Publicado no Brasil em 2000.²²

HALLDORSON, P. *Um homem mais velho* (Professor and the nanny). Série Júlia. Originalmente publicado em 2000, também pela Silhouette Books e traduzido para a língua portuguesa em 2001.

FTZER, A. J. *A Bela e a Fera* (Taming the beast) Série Momentos Íntimos. Originalmente publicado em 2001 pela Silhouette Books e traduzido em língua portuguesa, em 2001.

SOUTHWICK, T. *Segredos do Amor* (The acquired bride). Série Sabrina, coleção Noivas. Publicado originalmente em 2000 pela Silhouette Books e no Brasil, em 2001.

²² Não consta nome de tradutor das obras indicadas.

B. Referências teóricas.

BORELLI, S. *Ação, suspense, Emoção: Literatura e cultura de massa no Brasil*. São Paulo: EDUC: Estação Liberdade, 1996.

EAGLETON, T. *A função da crítica*. Tradução: Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ECO, U. *Apocalípticos e Integrados*. Tradução: Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 1970.

_____. *Pós-escrito a O Nome da rosa*. Tradução de Letizia Zini Antunes e Álvaro Lorencini. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

_____. 1991.

JAUSS, H. R. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Tradução: Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

PAES, J. P. *A aventura literária*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SHUSTERMAN, R. *Vivendo a arte: o pensamento pragmatista e a estética popular*. Tradução de Gisela Domschke. São Paulo: Editora 34, 1998.

SODRÉ, M. *Teoria da literatura de massa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.

_____. *Best-seller: a literatura de mercado*. São Paulo: Ática, 1985.

_____. *Comunicação do grotesco: Um ensaio sobre a cultura de massa no Brasil*. Petrópolis: vozes, 1983.

ZILBERMAN, R. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989.

_____. *Fim do livro, fim dos leitores?* São Paulo: Editora SENAC, 2001.

e. Detalhamento da pesquisa e metodologia.

O estudo proposto por Meirelles se fixa em três focos complementares, visando fechar o círculo em torno da produção, conteúdo e recepção dos romances sentimentais editados pela Editora Nova Cultural.

Segundo a pesquisadora, o *“primeiro passo para revelar os vários elementos que constituem essa espécie literária foi identificar seus matizes, de modo a lançar luz sobre seus moldes atuais, incluindo os elementos peritextuais que a Editora utiliza para cativar as leitoras e estimular a demanda pelos romances.”* (MEIRELLES, 2002, p. 9)

Na sequência, com a intenção de perceber o cunho ideológico desse tipo de literatura, a pesquisadora propõe uma leitura das imagens femininas nessa forma literária, segundo o horizonte da crítica feminista. Finalizando, ela procura mostrar, por meio de depoimentos colhidos com dez leitoras, alguns elementos de motivação na escolha desses romances como objeto de leitura, visualizando a forma pela qual essa opção influencia o cotidiano dessas pessoas.

Avisa a pesquisadora que sua intenção nesse trajeto foi promover um mergulho no universo da literatura, numa visão multidimensional, reveladora de possibilidades diferentes no caminho da leitura desse tipo de livro. No entender de Meirelles, essa leitura aparece como forma de liberação das exigências cotidianas, fazendo com que as leitoras assumam papéis ativos que fogem da aparente passividade proposta pela literatura de entretenimento.

A estrutura do trabalho se divide em seis capítulos, sendo que na introdução a pesquisadora mostra como chegou ao tema da pesquisa, suas opções para condução da reflexão, seus objetivos ao propor essa análise.

Segue, no capítulo dois, discutindo conceitos importantes relativos à cultura de massa, paraliteratura e literatura de entretenimento; a questão do prazer e da literatura feminina. Já no terceiro capítulo, propõe um panorama sobre os romances sentimentais que vai do momento de sua aparição até os nossos dias. Nesse momento, ela também elabora um quadro sobre os romances sentimentais da Editora Nova Cultural. Resgata a palavra da Editora por meio de uma entrevista e faz considerações sobre esses dados, evidenciando as questões do mercado editorial frente aos recursos utilizados para conquistar seu público.

No quarto e quinto capítulos, Meirelles inicia uma reflexão sobre quatro exemplares desse tipo de romance, atendo sua observação à ideologia e papéis sociais presentes nos romances; a aparência física proposta para os personagens tanto no texto quanto nas ilustrações e propagandas do material; as personagens femininas e as relações com a família; o perfil das anti-heroínas.

No 6º capítulo, Meirelles fundamenta suas reflexões com os dados coletados nas entrevistas e questionários propostos a dez mulheres, leitoras de romances sentimentais. A forma como encontrou a população alvo da pesquisa foi bastante interessante. A pesquisadora formou seu grupo de pesquisa por meio de um anúncio de jornal voltado para possíveis participantes de um grupo de leitura de romances sentimentais. O grupo de recepção foi formado por mulheres de idade entre 16 a 58 anos, com diversas profissões e de níveis variados de escolaridade, do Ensino Fundamental incompleto ao Superior. Sua reflexão focalizou a percepção das imagens femininas, a questão do lazer e prazer no gosto da leitura e a leitura como um sonho em confronto com a realidade.

No 7º capítulo, finaliza sua pesquisa tecendo conclusões sobre a ambivalência que permeia esse trabalho. Segundo ela, essa ambivalência – manipulação mercadológica e uso que as leitoras fazem desse tipo de romance – é impossível de ser contornada.

f. Resultados principais apresentados na pesquisa.

Ao concluir seu texto, Meirelles destaca dois pontos relevantes . São eles:

1º - Os romances sentimentais são fruto de um cuidadoso trabalho de *marketing*, em que o objeto livro é dado como uma mercadoria programada para um determinado consumidor.

2º - As estatísticas que apontam uma fatia considerável de leitores regulares que gostam de ler, divulgam o material, formando assim uma rede de novos leitores num país que tem um número bastante reduzido deles.

Refletindo sobre esses dados ela destaca que:

- As imagens femininas retratadas nesses textos são estereotipadas – Homens são príncipes encantados que resolvem todos os problemas das “Cinderelas” presentes nos textos – referência aos contos de fadas presentes na formação de leitores.
- Os romances sentimentais não podem ser vistos unidimensionalmente – a maneira como as leitoras se relacionam com tais romances, procurando a produção de sentidos e significados, é um processo.
- Fazendo dos romances sentimentais o caminho para a dimensão do sonho, as leitoras encontram neles também um contato com a palavra escrita, com a ficção propriamente dita. Mais do que fuga da realidade, essas leituras contribuem para pequenas mudanças do cotidiano, na busca de satisfação no plano real.
- O tempo de leitura destinado a esses romances estabelece, de certo modo, horas de liberdade da rotina da casa, do trabalho e da própria televisão. Segundo a pesquisadora, esse dado revela também, a conquista da liberdade por essas mulheres tanto na escolha de seus atos, quanto na escolha do que lêem,

livrando-se, portanto, da crítica que classifica esses romances como “*livrinhos água-com-açúcar*”.

Nas considerações finais, Meirelles afirma que não chegou a um “*felizes para sempre*”, no sentido de apaziguamento de tensões. Segundo ela, seu trabalho não finaliza o debate sobre essas questões, mas “*promove um repensar sobre este objeto literário e também mapear um terreno sinuoso e labiríntico, onde ao ultrapassar um obstáculo, nos defrontamos com outro, e mais outro*”. (MEIRELLES, 2002, p. 225)

A ambivalência que permeia a pesquisa não é uma fuga de posicionamento, mas a constatação da “*impossibilidade de um aliviante e definitivo ‘final feliz’*” para as hipóteses que levantou sobre a leitura de romances sentimentais na formação de leitores.

g. Avaliação sobre a pesquisa.

Meirelles realiza uma pesquisa teórico-aplicada em que traz para o mundo acadêmico o debate sobre a literatura de massa, a literatura como produto de entretenimento. Foi classificada como uma **Pesquisa de Recepção/Efeito- Voz do leitor real fora de ambiente escolar**, pois visualiza como este gênero consegue se sustentar pela repetição de um modelo com variações e não pela ruptura de expectativas.

A pesquisadora observa a *recepção* desse tipo de texto em dez leitoras entre 16 a 58 anos, com diversas atividades, nível sócio-econômico e de escolaridade variados. Sua discussão parte das marcas textuais, portanto o *efeito* provocado no texto para seduzir as leitoras. Ela identifica a ideologia presente nesses textos, evidenciando uma literatura feita para mulheres e por mulheres.

Nos textos a autora constata a aceitação dos estereótipos pelas participantes do projeto. Analisa os romances focalizando, portanto, as imagens femininas presentes nessa

forma literária segundo os horizontes da crítica feminista. Nos depoimentos das leitoras observou as seguintes figuras femininas: a mulher-personagem, a mulher-leitora, a mulher-pesquisadora e a mulher escritora.

O resgate trazido pela pesquisadora sobre os romances sentimentais com base dos folhetins vindos para o Brasil em meados de 1815 revela também a chegada das mulheres brasileiras à leitura. Suas observações dos dados apresentados na *recepção* apontam para um avanço na educação das mulheres no país, embora desvalorizem este tipo de leitura dizendo que são sem importância e sem valor estético, portanto própria para as mulheres. Nos textos analisados percebemos a exploração das virtuosas heroínas leitoras do Romantismo – *leitoras empíricas* do séc. XIX.

Segundo a pesquisadora, histórias de amor com final feliz é uma receita antiga da literatura de massa que proporciona catarse em suas leitoras. E que os romances sentimentais são fruto de um cuidadoso trabalho de marketing.

Ao nosso ver, Meirelles atinge seus objetivos, visto que observa como se apresentam hoje os romances sentimentais no Brasil e de que forma eles constroem a “*teia de sedução*” que cativa leitoras. Além de identificar a ideologia presente nesses romances a respeito das personagens femininas, mostra o uso que estabelecem essas leitoras empíricas dos textos.

O principal mérito da pesquisa é trazer para o universo acadêmico o debate sobre uma vertente ficcional que mantém leitores cativos há dois séculos, buscando a compreensão dos mecanismos ideológicos e mercadológicos que influenciam a opção das leitoras por esse tipo de leitura.

PESQUISA 18.

a. Dados de identificação.

Autor: Hércules T. Correa

Orientador: Prof. Dr. Maria das Graças Rodrigues Paulino

Título: *Tempos e Espaços Culturais.*

Instituição: Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais

Nível de qualificação: Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Educação:
Conhecimento e Inclusão Social,

Ano de finalização: 2002.

Número de páginas: 283

Tipo : Pesquisa de Recepção/Efeito – Voz do leitor real – horizontes e perspectivas.

Resumo da obra:

Este trabalho originou-se de uma investigação qualitativa – observação participante e entrevista individual – com três grupos de sujeitos (pré-adolescentes – alunos do ensino fundamental; adultos matriculados no ensino supletivo e adultos universitários), que leram duas obras de autores de nacionalidades e épocas diferentes: *Indez* do escritor mineiro Bartolomeu Campos Queirós, publicado em 1985, e *A guerra dos botões*, do escritor francês Louis Pergaud, publicado pela primeira vez em 1912.

Os dados foram discutidos a partir dos fundamentos teóricos da Psicolinguística, da Estética da Recepção e da Sociologia da Leitura. O objetivo geral foi verificar de modo os efeitos produzidos pela leitura desses dois livros estão relacionados a condições sociais de formação de leitores, a condições de produção, a propostas interlocutórias e aos modos de circulação social dos textos.

Para isso, foi realizada uma pesquisa textual e intertextual, para configuração do leitor-modelo das obras; uma pesquisa contextual (sobre as condições de produção desses textos, a configuração de seus suportes e sua circulação) e uma pesquisa de campo, com observação, acompanhamento e entrevistas de leitores reais.

Os dados apontaram para uma recepção favorável a *Indez* e uma recepção desfavorável ao livro *A guerra dos botões*, da parte dos leitores adultos – os alunos do ensino supletivo e os universitários. Com relação aos alunos pré-adolescentes, ocorreu o contrário, ou seja, houve uma recepção favorável ao livro *A guerra dos botões* e uma recepção desfavorável a *Indez*.

A pesquisa possibilitou, também, compreender melhor o processo de recepção das obras, no âmbito das leituras escolares: na experiência estética, os leitores enfatizaram a katharsis. Outra questão identificada foi a estreita relação entre leitura e aspectos sociais, éticos, religiosos e pragmáticos dos leitores. (CORREA, 2002)

b. Objetivos.

O objetivo geral foi:

- Verificar de que modo os efeitos produzidos pela leitura desses dois livros estão relacionados à: condição social de formação de leitores, condição de produção, propostas interlocutórias e aos modos de circulação social dos textos.

Para realizar seu objetivo, o pesquisador utilizou-se de uma pesquisa textual e intertextual, para a configuração do leitor-modelo das obras; uma pesquisa contextual e uma pesquisa de campo, com observação, acompanhamento e entrevistas de leitores reais.

A pesquisa possibilitou, também:

- Compreender melhor o processo de recepção das obras no âmbito das leituras escolares.
- Observar a estreita relação entre leitura e aspectos sociais, éticos, religiosos e pragmáticos dos leitores.

c. Material.

c.1. Tipo de texto abordado.

O *corpus* literário utilizado para recepção foi composto por duas narrativas de autores de nacionalidades e épocas diferentes:

- *Indez*, do escritor mineiro Bartolomeu Campos Queiroz, publicado em 1998.
- *A guerra dos botões*, do escritor francês Louis Pergaud, publicado pela primeira vez em 1912.

c.2. Tipo de leitor.

O projeto se originou de uma investigação qualitativa – observação participante e entrevista individual – com três grupos de sujeitos:

1. Uma turma de Português de um terceiro ciclo do Ensino Fundamental do Centro pedagógico da UFMG, com alunos entre 11 e 12 anos;
2. Uma turma da disciplina Literatura Infanto-Juvenil II, do sétimo (e último, de acordo com o currículo à época vigente) período do curso de Letras da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Belo Horizonte – hoje Centro Universitário de Belo Horizonte – UNI – BH, com alunos adultos;
3. Uma turma de Português do projeto de Educação Básica de Jovens e Adultos – PEBJA – do Centro Pedagógico da UFMG, também alunos adultos no curso supletivo.

c.3. Tipo de documento referente à recepção e/ou ao efeito analisado.

O *corpus* de recepção analisado nesta pesquisa foi formado por registros diversos produzidos pelas três turmas pesquisadas. Correa delimita como método de coleta de dados:

Turma de Ensino Fundamental Regular:

1. Observação das aulas ministradas pela professora, com produção de um diário de campo descritivo e reflexivo;
2. Gravação em áudio de algumas das aulas e parte de outras – situações em que a professora e os alunos estavam explanando, por exemplo;
3. Material produzido pelos alunos em sala de aula (trabalhos e exercícios);

4. Entrevista oral gravada em áudio, individualmente, como uma amostra de 6 alunos, escolhidos pelo pesquisador, em conjunto com a professora da turma, conforme a observação das aulas e as entrevistas-piloto.

Turma de universitários – alunos de Letras.

1. Depoimentos de leitura escritos.
2. Seminários gravados;
3. Entrevista oral gravada em áudio, individualmente com uma amostra de 5 alunos escolhidos pelo pesquisador e professor da turma.

Turma de Ensino Fundamental Supletivo:

1. Observação de aula ministrada pela professora (seminário sobre os livros), com produção de um diário de campo descritivo e reflexivo;
2. Material produzido pelos alunos (redações) sobre os livros lidos.
3. Entrevista oral gravada em áudio, individualmente, com uma amostra de 7 alunos escolhidos pelo pesquisador e pela professora da turma, conforme a observação do seminário realizado.

d. Base teórica e bibliografia destacada.

d.1. Conceitos desenvolvidos.

Os dados presentes na tese de Correa foram discutidos a partir dos fundamentos teóricos da Psicolinguística, da Estética da Recepção e da Sociologia da Leitura. O quadro teórico observado por ele serviu de base, a princípio, para a produção do texto de mestrado

do pesquisador e deu origem às primeiras indagações que ele procurou responder em sua tese. Esta pesquisa se fundamenta em autores tais como: Van Dijk e Kintsch (1983); Van Dijk (1992); além de Coscarelli (1993); Eysenck & Keane (1994); Fodor (1983); Gardner (1995); Giasson (1993); Lobato (1995); Rumelhart (1980); Singer (1984); Smith (1989). Ainda, por um roteiro do desenvolvimento da Sociologia da Leitura no século XX, observando algumas contribuições dos historiadores da leitura.

Foram conceitos discutidos em Teoria Psicolinguística da Leitura: o reconhecimento de palavras ou acesso lexical; a identificação de estruturas sintáticas; a produção de significados ou interpretação semântica; a construção de macroestruturas; a integração de conhecimentos. Tais pressupostos teóricos foram fundamentados a partir M. A. Gensbacher (1994), Kleiman (1989), Costa Val (1991), D'Onofrio (1995), Wellek & Warren (1962), Paulino (1990), Zilberman (1982-89), H. R. Jauss (1979-84-94), Campos (1999), Tothe (1980), Aguiar (2001), Lévy (1996), Iser (1996), Eco (1985-93-95), Manguel (1997), Fish (1992), Hauser (1977), Leenhardt & Józsa (1982), Bourdieu (1979), Lahire (1997), Cavallo & Chartier (1998), Machado (1997).

Em relação às teorias da leitura literária, Corrêa deu ênfase à importância às concepções leitor nos estudos de literatura. Fundamentou suas idéias a partir da Sociologia da Leitura, visto que esta oferece algumas contribuições importantes, entre elas as fornecidas pela Estética da Recepção, citando W. Iser e R. H. Jauss.

Ao observar as questões relacionadas à formação do leitor, por meio da discussão de algumas abordagens brasileiras da relação leitura literária na escola, Correa desenvolve questões trazidas principalmente pelos textos: de Lajolo e Zilberman *A formação da leitura no Brasil* (1996); de um artigo de Zilberman – “Literatura infantil e ensino da literatura” em que a autora relaciona uma série de livros, artigos, dissertações e teses originados de projetos e trabalhos desenvolvidos no Centro de pesquisas Literárias da

PUC – RS; sobre o método recepcional de Aguiar e Bordini (1993); de Eliana Yunes, Glória Pondé e Sônia Salomão Khéde – Rio de Janeiro - a primeira delas com tradição de trabalho em políticas públicas de fomento à leitura, como o PROLER – programa Nacional de Incentivo à Leitura; o concurso “*Leia Brasil*” e a direção da Fundação Nacional do Livro Infanto-Juvenil – FNLIJ, em atividades acadêmicas voltadas para a pesquisa em literatura infantil, orientando trabalhos sobre a recepção de textos.

Em, Minas Gerais, Correa destaca a dissertação de mestrado, classificada por ele como o primeiro trabalho em Letras que trata da recepção, de Maria Auxiliadora Pinto Coelho, intitulada *O leitor não-leitor: o texto como espaço de ruptura*, do primeiro semestre de 1985. Segundo o pesquisador, Maria auxiliadora utilizou como objeto literário da recepção os livros *A morte e a morte de Quincas Berro D’água*, de Jorge Amado; *Reflexos do baile*, de Antônio Calado; *Rosinha, minha canoa*, de José Mauro de Vasconcelos.

Também citou trabalhos sobre leitura produzidos pela Faculdade de Educação a constar: *A leitura na escola de 1º grau: gerando o desprazer no texto?* Maria Terezinha Saad Bedran(1988); *Nem sapo, nem príncipe: uma leitura das leituras produzidas por camadas sociais diferentes* de Heliana M. B. Brandão (1991); *Práticas e possibilidades da leitura na escola*, de Santuza Amorin da Silva (1997); *Fora da escola e dentro dela: a literatura na vida de seus leitores*, de Rosa Maria Drummond Costa (1988); tese de doutorado de Aracy Alves Evangelista, intitulada *Escolarização da literatura entre ensinamentos e mediação cultural: formação e atuação de quatro professoras*, (2000);

Além desses, o pesquisador faz referencia a Magda Soares (1999); Graça Paulino (RJ- 1990); Maria do Rosário M. Magnani (Campinas/SP – 1989); o livro de Silvia Helena Borelli *Ação Suspense e emoção – leitura e cultura de massa no Brasil* (1996); outros pesquisadores de São Paulo: Nelly Novaes Coelho e Edmir Perrotti, além

do grupo de pesquisa coordenado por Maria Alice Faria entre 1988 e 1990 que propiciou a publicação dos livros: *Narrativas juvenis: modos de ler* (Faria (org), 1997) e *Parâmetros curriculares e literatura; as personagens de que eles realmente gostam* (Faria, 1999)

d.2. Bibliografia citada.

A. Textos analisados.

Queiroz, B. C. *Indez*. 8ª ed. Capa de Márcio Sampaio. Projeto gráfico de Paulo Bernardo Vaz. Belo Horizonte: Miguilim, 1998. 96 p.

Pergaud, L. *A guerra dos botões*. 2ª ed. (Tradução de Geraldo Galvão Ferraz). São Paulo: Ática, 1997.

B. Referências teóricas.

AGUIAR, V. T. e et. al. (Coord.) *Era uma vez... na escola*. Formando educadores para formar leitores. Belo Horizonte: Formato, 2001.

BRANDÃO, H. M. B. *Nem sapo, nem príncipe: uma leitura das leituras produzidas por camadas sociais diferentes*. 1991. 235 p. Dissertação de Mestrado em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

BORDINI, M. da G.; AGUIAR, V. T. de . *Literatura: a formação do leitor. Alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

BORELLI, S. H.. *Ação Suspense e emoção – leitura e cultura de massa no Brasil*. São Paulo: FAPESP/EDC/Estação Liberdade, 1996.

CAMPOS, M. I. B. *Ensinar o prazer de ler*. São Paulo: Olho D'Água, 1999.

CAVALLO, G & CHARTIER, R. *História da leitura no mundo ocidental*. São Paulo: Ática, 1998.

COELHO, M. A. G. P. *O leitor não-leitor: o texto como espaço de ruptura*. 1985. Dissertação de Mestrado em Letras de Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais: Belo Horizonte.

COSCARELLI, C. V. *A leitura dos elementos coesivos nominais na 1ª série*. 1993. Dissertação de mestrado em Letras: Estudos Lingüísticos de Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais: Belo Horizonte.

COSTA VAL, M. G. *Redação e textualidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

D'ONOFRIO, S. Teoria do texto. In: *Prolegômenos e teoria da narrativa*. São Paulo: Ática, 1995.

ECO, H.. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: companhia das Letras. 1994.

_____. *Pós escrito ao nome da rosa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

_____. Leitura do texto literário. In: *Lector in Fábula*. 2ª ed. Lisboa: Editorial Presença, 1993a.

_____. *Interpretação e superinterpretação*. São Paulo: Martins fontes, 1993b.

EVANGELISTA, A. A. *Escolarização da literatura entre ensinamentos e mediação cultural: formação e atuação de quatro professoras*. 2000. 286 p. Tese de Doutorado em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

EYSENCK, M. W. & KEANE, M. T. *Psicologia cognitive: um manual introdutório*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FARIA, M. A. *Parâmetros curriculares e literatura: as personagens de que eles realmente gostam*. São Paulo: Contexto, 1999.

_____. (ORG.) *Narrativas juvenis: modos de ler*. São Paulo: Arte & Ciência; Assis: Núcleo de editorial Proleitura, 1997.

FISH, S. Is there a text in this class? Trad. Rafael Eugenio Hoyos- Andrade. Revista Alfa. São Paulo, 1992.

FODOR, J. A. The modularuty of mind. Cambridge: MASS: MIT Press, 1983.

GARDNER, H. *A nova ciência da mente*. São Paulo: Edusp, 1995.

GENSBACHER, M. A. (Ed.) *Handbook of Psycholinguistics*. San Diego, New York: Academic Press, 1994.

GIASSON, J. *A compreensão na leitura*. Porto: ASA, 1993.

Hauser, A. *Sociologia del Arte. Sociologia del público*. Barcelona: Labor, 1977.

ISER, W. Teoria da recepção; reação a uma circunstância histórica. IN: Rocha, João Cezar de Castro (org) *Teoria da ficção. Indagações à obra de Wolfgang Iser*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999.

_____. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Trad. Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1996, vol 1.

_____. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Trad. Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1996, vol 2.

JAUSS, H. R.. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

_____. O prazer estético e as experiências fundamentais da poiesis, aisthesis e katharsis. In: COSTA, L. L. *A Literatura e o Leitor: Textos de Estética da Recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

KHÉDE, S. S. *Literatura Infantil: um gênero polêmico*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

KLEIMAN, A. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. Campinas: Pontes, 1989.

LAHIRE, B. *Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável*. São Paulo: Ática, 1997.

LAJOLO, M. e ZILBERMAN, R. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.

LEENHARDT, J. & JÓZSA, P.. *Lire la Lecture. Essai de Sociologie de la Lecture*. Paris: Lê Sycomore, 1982.

LÉVY, P. O que é virtual? São Paulo: Ed. 34, 1996.

LOBATO, C.. H. M. *Leitura no segundo grau: a apropriação como processo de construção da macroestrutura do texto*. 1995, 129 p. Dissertação de mestrado em Lingüística Aplicada – Instituto de Estudos de Linguagem da Universidade de Campinas, Campinas.

MACHADO, M. Z. V. *O Eu e o Outro: movimento da recepção crítica do Eu , de Augusto dos Anjos*. 1997. Dissertação de mestrado em Letras: Estudos Literários – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

MAGNANI, M. do R. *Leitura, literatura e escola*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

MANGUEL, A. *Uma história da obra literária*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

PAULINO, M. das G. R. *Leitores sem textos*. 1990. 205p. Tese de doutorado em Letras – Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

PAULINO, M. das G. R. *No silêncio do quarto ou no burburinho da escola*. Presença Pedagógica. Belo Horizonte: Dimensão, 1990. v. 3, nº 16, jul/ago., 1997.

PERROTTI, E. “... Mas as crianças gostam!” IN:_____ KHÉDE, Sônia Salomão. *Literatura infantil: um gênero polêmico*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

_____. *Confinamento Cultural, infância e leitura*. São Paulo: Summus, 1990.

RUMELHART, D. E. Shemata: the Building Blocks of Cognition. In: SPIRO, et al. (orgs.) *Theoretical issues in reading comprehension*. New Jersey: L. Erlbaum, 1980.

SAAD BEDRAN, M. T. *A leitura na escola de 1º grau: gerando o desprazer no texto?* 1988. Dissertação de Mestrado em Educação de Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

SILVA, S. A. *Práticas e possibilidades da leitura na escola*. 1997. Dissertação de Mestrado em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

SINGER, M. Discourse inference processes, In: GERNSBACHER, M. A. (Ed) *Handbook of Psycholinguistics*. San Diego. New York: Academic Press, 1984.

SMITH, F. *Compreendendo a leitura. Uma análise psicolingüística da leitura e do aprender a ler*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

SOARES, M. A escolarização da literatura infantil. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins et al. *A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

WELLEK, R. & WARREN, A. *Teoria da literatura*. Lisboa: Europa-América, 1962.

ZILBERMAN, R. (org.) *A produção cultural para crianças*. In: Literatura infantil, livro, leitura e leitor. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

_____. (org.) *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. Porto Alegre. Mercado Aberto, 1986.

_____. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989.

_____. *A leitura e o ensino da literatura*. São Paulo: Contexto, 1991.

_____. Escritores leitores. In: *Presença pedagógica*. Belo Horizonte: Dimensão. 1996. v.2, nº 12, no/dez.

_____. *A literatura infantil na escola*. 10 ed. São Paulo: Global, 1998.

_____. Leitura literária e outras leituras. In: BATISTA, Antônio Augusto Gomes.; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira (org.). *Leitura: práticas, impressos, letramentos*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

_____. *Literatura infantil e aprendizagem da leitura*. Educação em revista. Belo Horizonte: FAE/UFMG, n. 31, jun. 2000.

e. Detalhamento da pesquisa e metodologia.

Corrêa estrutura sua tese em cinco capítulos. Inicia-o com uma introdução que versa sobre livros, leitura e leitores. Nela o autor defende a idéia da importância da leitura de literatura entre outras apresentando o pensamento de alguns pensadores entre eles: Ítalo Calvino, Jorge Luis Borges, Alberto Manguel, Otto Maria Carpeaux, além de algumas pesquisas realizadas no Brasil sobre a questão da leitura. O resultado dessas pesquisas acadêmicas e jornalísticas sobre leitura, aliados à prática docente do pesquisador justifica

seu projeto sobre a necessidade de aprofundamento dos estudos de leitura literária. É preocupação notória em seu trabalho a seguinte questão: “ *de que modo os efeitos da recepção de livros literários estão relacionados às condições sociais de formação de leitores (dentre elas a escola) e às condições de produção, propostas interlocutórias e modos de circulação dos textos?*” (Correa, 2002, p.12)

No capítulo I, aborda as teorias da Leitura: Psicolinguística da leitura, Leitura Literária e Sociologia e História da Leitura. No capítulo II, Correa apresenta algumas questões relacionadas à formação do leitor, por meio da discussão de algumas abordagens brasileiras sobre a relação entre leitura literária e escola; a discussão de dois trabalhos sobre leituras do professor e também sobre depoimentos de alguns escritores sobre sua relação com a leitura. Destaque especial para os trabalhos produzidos pelos grupos de pesquisa do Rio grande do sul (Zilberman, Aguiar e Bordini); do grupo do Rio de Janeiro (Yunes, Ponde e Khéde); do grupo de Minas Gerais (Magda Soares e Graça Paulino); de São Paulo – UNESP de Assis coordenado por Maria Alice Faria. Neste capítulo Corrêa apresenta uma lista de trabalhos em nível de mestrado e doutorado produzidos por estes grupos.

Consta do capítulo III a pesquisa de campo em Literatura. Neste o pesquisador aponta os pressupostos da investigação qualitativa em educação e justifica sua opção por esse método de pesquisa em leitura literária. Ele afirma que, para os propósitos de sua pesquisa, o leitor constitui ao mesmo tempo sujeito e objeto, uma vez que são as suas leituras, as suas interpretações que constituem o centro de interesse. Outros detalhamentos sobre as opções para o desenvolvimento da pesquisa de campo ainda estão presentes neste capítulo que foi realizada com três turmas distintas: alunos de uma 5ª série do Ensino Fundamental; alunos universitários do curso de letras; alunos do supletivo do Ensino Fundamental. A coleta de dados foi realizada por meio de observação das aulas ministradas pela professora da classe com a produção de um diário de campo descritivo e reflexivo;

gravação em áudio de algumas aulas em que a professora e os alunos estavam explanando sobre as leituras realizadas; material produzido pelos alunos em sala de aula; entrevista oral gravada individualmente, com uma amostra de 6 alunos, escolhidos pelo pesquisador, em conjunto com a professora da turma, conforme observação das aulas e as entrevistas-piloto.

No capítulo IV o autor expõe seus motivos na escolha dos livros *Índex* de Bartolomeu Campos Queiroz e *A guerra dos botões* de Louis Pergaud. Sua articulação aborda o contexto de produção, circulação e legitimação das obras os escritores e o contexto de produção, finalizando o capítulo com uma análise comparativa entre os dois livros, observando suas aproximações e distanciamentos.

No capítulo V, Corrêa apresenta a descrição e análise dos dados da *pesquisa aplicada*. Ao observar as diferentes leituras dos dois livros, constatou que houve uma conclusão aparentemente contraditória entre os grupos participantes do projeto. Porém, isto é, de certa forma, explicado quando o pesquisador diz que

...se, por um lado, cada leitor apresenta a sua leitura, com todas as suas idiossincrasias, por outro lado, cada leitor pode ser visto como uma categoria de leitor, um certo tipo de leitor, uma vez que ele não detém um discurso apenas seu, mas um discurso que faz parte de uma formação discursiva e, assim sendo, seu discurso é marcado por outros discursos. Dessa forma, é que se percebe, em cada uma das turmas, uma certa homogeneidade de leitura. (CORREA, 2002, p. 269)

f. Resultados principais apresentados na pesquisa.

Entre outras constatações importantes, o pesquisador reafirma que há diferenças entre conhecedor e consumidor, fruidor da literatura. Caberia à escola Fundamental e Média formar fruidores de literatura e à Universidade, com seus níveis de graduação e pós-graduação, formar conhecedores de literatura.

Em suas considerações finais, Corrêa não apresenta conclusões definitivas, visto que se trata de questões complexas e polêmicas, mas argumenta sobre alguns pontos que destaca como relevantes, arrolados no percurso de sua pesquisa.

Ao analisar a recepção dos textos pelas turmas já mencionadas, Correa tentou produzir um “*perfil de leituras*” dos alunos entrevistados. Sua forma de coleta de dados oportunizou respostas significativas além do “*gosto ou não gosto de tal obra*”. Ao analisar tais dados, o pesquisador procurou considerar aspectos socioculturais da formação dos sujeitos, como os seus repertórios de leitura, suas expectativas com relação aos livros literários e alguns dados sobre condições socioculturais.

Quanto ao ensino da literatura, Corrêa observa um crescente empobrecimento na escola que passa a utilizar manuais e antologias didáticas que impedem os alunos de uma permanente fruição das obras. As relações entre a literatura e a escola não se restringem apenas à seleção dos textos a serem trabalhados por ela, ou a métodos de abordagem do texto literário, vão além disso. As condições de recepção do texto literário na escola parecem diluir suas marcas especificamente estéticas. Assim, muitas vezes, a leitura de um texto literário deixa de ser literária, para se tornar uma leitura informativa ou formativa.

Segundo Corrêa seria necessário, então, uma educação estética para a realização de um trabalho com literatura, seja ela a “*alta literatura*” ou a “*literatura trivial*”. A formação da professora que irá trabalhar com a literatura ainda pressupõe, para realização de um trabalho anterior à abordagem do texto literário em sala de aula, a aprendizagem de maneiras de selecionar e indicar esses textos para os alunos.

Outro fator importante ressaltado por Corrêa é a discussão sobre o cânone literário. Ele constata que existem dois cânones valorizados atualmente que denomina como “*cânone da elite*” e o “*cânone escolar*”. O primeiro promovido por críticos e

especialistas em Literatura, já o segundo composto das obras que de fato circulam nas escolas que correspondem ao gosto da clientela, ou, em muitos casos, ao gosto dos profissionais que o dissemina. Não se pode esquecer que os professores estão expostos a um forte esquema de marketing editorial.

g. Avaliação sobre a pesquisa.

Correa realiza uma pesquisa *teórico-aplicada* em que verifica a configuração de um *leitor modelo* nas obras e observa como seus *leitores reais* as recebem. Portanto, seu texto foi classificado como uma **Pesquisa de Recepção/Efeito – Voz do leitor real – horizontes e perspectivas**, visto que verifica de que modo o *efeito* produzido pela leitura dos dois livros propostos está relacionado à condição social de formação de leitores, condição de produção, propostas interlocutórias e aos modos de circulação social dos textos.

É mérito de sua pesquisa o destaque da diferença entre o conhecedor e o consumidor fruidor de literatura. O primeiro, de acordo com pesquisador, teria o papel de crítico, é o leitor que além de ser consumidor da literatura, ser um leitor experiente adquiriu um preparo específico para sua função. Já o segundo, é aquele que lê literatura levado por suas necessidades ou por seus gostos.

O autor busca caracterizar um *leitor-modelo* explicando que todo texto solicita a presença de um leitor para preencher suas lacunas. Em sua reflexão evidenciou aspectos da linguagem e dos personagens que chamaram a atenção dos leitores. Afirmou que o conceito de *horizonte de expectativas* da Estética da Recepção aproxima-se do conceito de *conhecimento prévio* da Psicolinguística e mostrou a existência de diversos *horizontes de expectativas* entre os sujeitos com os quais faz sua pesquisa. Correa aponta tal fato como

uma dificuldade, visto que nas turmas observadas se verificavam níveis e gostos de leitura diferenciados, embora fossem indivíduos inseridos em contextos socioculturais semelhantes. Seu enfoque portanto revela relações entre leitura e aspectos sociais, éticos, religiosos e pragmáticos dos leitores. Sua pesquisa acrescenta para a discussão sobre o tema que, mesmo se tratando de leitores de uma mesma classe social, mesma idade, podem apresentar níveis de leitura bem diferentes e que cada um recebe a obra de um jeito. Nos depoimentos de recepção foi possível perceber a experiência de leitura dos grupos participantes. O pesquisador afirma que cada leitor apresenta a sua leitura, com todas as suas idiossincrasias. Por outro lado, cada leitor pode ser visto como uma categoria de *leitor*, um certo tipo de leitor, uma vez que ele não detém um discurso apenas seu, mas que faz parte de uma formação discursiva marcada por outros textos. Correia reitera que o prazer da leitura se dá no momento de identificação leitor e obra, e isso acontece quando esta atende o *horizonte de expectativas*.

Já a rejeição se dá pelo *estranhamento* que rompe com o *horizonte de expectativa* do aluno. No entanto, o autor afirma que é o estranhamento que provoca no leitor uma sensação de conhecimento novo, adquirido e o prazer da leitura se estabelece novamente.

É constatação da pesquisa que encaminhar a *fruição da literatura* seria uma responsabilidade da Escola Fundamental e Média. Já Universidade teria a tarefa de desenvolver *conhecedores de literatura*.

PESQUISA 19.**a. Dados de identificação.**

Autor: Silvia C. G. Garcia.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Manoel dos Santos Silva.

Título: *A poesia na escola: viva a poesia!*

Instituição: Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual.Paulista “Julio de Mesquita Filho” – UNESP – Campus de São José do Rio Preto.

Nível de qualificação: Doutorado em Letras – Área de Concentração Literatura em Língua Portuguesa.

Ano de finalização: 2002.

Número de páginas: 270.

Tipo: Pesquisa de Recepção – processo de formação de leitores.

Resumo da obra:

Estuda-se a situação da poesia na escola, e ressalta-se o real conhecimento e interesse das crianças pelo texto poético. Para isso, como fonte indutora ou inspiradora, foram utilizados dois livros e uma experiência. Os livros são *Usos e abusos da literatura na escola*, de Marisa Lajolo e *Homo Ludens*, de Johan Huizinga; e *A experiência docente em salas de Educação Infantil e Ensino Fundamental de 1ª a 4ª séries*.

Como pesquisa de campo, foram visitadas seis escolas da cidade de São José do Rio Preto. Questionários foram entregues a todos os professores dessas escolas, realizaram-se entrevistas com crianças e colheu-se produção de textos de algumas delas. Essa produção teve como base os textos de “poesia infantil” criados por Cecília Meireles, Elias José, José Paulo Paes e Vinícius de Moraes.

A pesquisa apresenta resultados que fornecem subsídios aos professores que trabalham com a poesia infantil no Ensino Fundamental de 1ª a 4ª séries e que procuram resgatar e explorar o potencial poético dos alunos, a capacidade de estes interpretarem e recriarem textos, o desenvolvimento do gosto pela leitura. Também revela que a poesia trabalhada em sala de aula não é unicamente a que está contida no livro didático e que vem ganhando cada vez mais seu espaço nas classes de Ensino Fundamental de 1ª a 4ª séries. (GARCIA, 2002)

b. Objetivos.

O trabalho teve como meta principal apresentar resultados que pudessem fornecer subsídios aos professores que trabalham com a poesia infantil no Ensino Fundamental no sentido de resgatar e explorar o potencial poético dos alunos, sua capacidade de interpretação e recriação de tais textos, bem como o desenvolvimento do gosto pela leitura. Também, revelar que a poesia trabalhada em sala de aula não é unicamente a que está contida no livro didático.

Para atingir estes objetivos principais, a pesquisadora fixa os seguintes alvos:

1. Analisar poemas dirigidos ao público infantil com ênfase sobre os elementos e procedimentos que põem em relevo a função lúdica;
 2. Caracterizar os modos de expressão comuns à função lúdica e à função poética: os elementos formais da poesia e as estruturas de jogo;
 3. Delimitar os limites expressivos da persuasão do lúdico e do poético tendo em vista o rendimento pedagógico do texto: poesia como instrumento educativo e poesia como expressão autônoma – o exercício da construção e da criação como educação;
 4. Buscar o esclarecimento sobre o rendimento pedagógico do texto poético: ação do professor, recepção da criança, passividade e ação, construção artística e construção do conhecimento;
 5. Esclarecer como a criança compreende o funcionamento do sistema gráfico e representativo da língua escrita;
 6. Elaborar e explorar alternativas pedagógicas que conduzam a um enriquecimento dos vários aspectos do desenvolvimento infantil por meio da poesia;
 7. Produzir instrumentos para mudança das práticas educacionais calcadas na imposição da Escola (‘desescolarizar a poesia’);
 8. Estimular a circulação de idéias e o imaginário das crianças por meio da linguagem poética.
- (GARCIA, 2002, p.11)

c. Material.

c.1. Tipo de texto abordado.

O trabalho propõe o estudo da situação da poesia na escola. Para tanto foram utilizados como *corpus literário* textos dos poetas que costumam aparecer com mais

freqüência nas salas de aula do Ensino Fundamental entre eles foram escolhidos quatro que são: Cecília Meireles, Elias José, José Paulo Paes e Vinícius de Moraes.

c.2. Tipo de leitor.

A pesquisa abrangeu seis escolas de São José do Rio Preto, sendo duas delas da rede particular de ensino e quatro da rede pública municipal. A pesquisadora contou com o depoimento de 82 professores da cidade que ministravam aulas no Ensino Fundamental da 1ª à 4ª séries. O projeto contemplou 24 salas de 1ª séries, 18 salas de 2ª séries, 19 salas de 3ª série e 21 salas de 4ª série.

Quanto aos alunos participantes da pesquisa, a pesquisadora explica que realizou entrevistas com 105 crianças, escolhidas aleatoriamente dentre de cada escola.

c.3. Tipo de documento referente à recepção e/ou ao efeito analisado.

Ressaltando o real conhecimento e interesse das crianças pelo texto poético, a pesquisadora propôs visitas a seis escolas da cidade de São José do Rio Preto. Nestes encontros coletou o *corpus* de recepção por meio de:

- Um questionário para coleta dos depoimentos dos professores;
- Entrevistas com as crianças selecionadas. Estas foram gravadas em vídeo, numa sala reservada pela coordenação das escolas, durante o período normal de aula, individualmente.
- Ao longo da pesquisa, foram coletadas produções de alunos reproduzidas em sua forma original, respeitando-se a expressão lingüística de seu emissor.

d. Base teórica e bibliografia destacada.

d.1. Conceitos desenvolvidos.

Para realização de seu intuito, Garcia segue como fonte inspiradora os postulados de Marisa Lajolo (1982) e Johan Huizinga (1971), bem como sua experiência docente em salas de Educação Infantil e Ensino fundamental em 1ª a 4ª séries.

Seguindo os pressupostos apresentados em Lajolo, a pesquisadora constrói um breve panorama da história da literatura para crianças no final do século XIX até final do século XX, procurando situar, sempre que possível, a poesia. Para isso, vai entrelaçando os dizeres de Lajolo com outros autores tais como: Lígia Cademartori (1986); Graça Paulino (1998); Fernando de Azevedo (1948); Lourenço Filho (sem citação de fonte); Renato de Almeida (In: Afrânio Coutinho s/d); Leonardo Arroyo (1968), Cecília Meireles (1979) Marisa Lajolo e Regina Zilberman (1988) Fúlvia Rosemberg (1985) Nelly Novaes Coelho (1995). Maria da Glória Bordini (1986); Elias José Souza (1990); Renato de Almeida (1971);

Garcia evidencia a trajetória da poesia utilizada com fins educacionais exemplificando sua reflexão com Olavo Bilac. Segue assinalando fatos importantes sobre a produção literária para crianças nas décadas de 30 a 80. Observa que houve um vazio na produção de poesia específica para crianças entre o final do século XIX até os anos 60 do século XX. Mas não deixa de acentuar o fato de a poesia nos anos 80 ter alcançado um espaço maior no mercado editorial, fato comprovado por uma lista de escritores voltados para o gênero e público até o ano de 2001.

Quanto ao ensino de literatura voltado para a poesia, Garcia coloca a poesia como um jogo, como magia. Ela fundamenta seus pensamentos citando textos poéticos de

vários autores entre eles os utilizados como corpus literário deste projeto. Além de Huizinga (1971) que corrobora a premissa da poesia como um jogo, a pesquisadora cita Marina Marcondes Machado (1998) e Marly Amarilha (1997).

No quinto capítulo, ao se referir aos modos de recepção: passiva e ativa, Garcia argumenta sobre a diferença de linguagem entre as crianças de estratos sociais diferentes e a necessidade de a escola organizar essas diferenças para realizar adequadamente seu trabalho. Mostra como João Wanderlei Geraldi (1985) considera a linguagem como um “*lugar de interação humana*”. Tenta distinguir o que ela entende por recepção passiva e ativa observando, de certa forma precipitadamente, a questão dos vazios dos textos. Segundo a pesquisadora, na recepção passiva “*o aluno não reage, não questiona*”

Não notamos neste trabalho nenhuma referência bibliográfica voltada para os estudos da Estética da Recepção. A pesquisadora fixa seu ponto de reflexão nas questões relativas ao ensino de literatura da poesia para crianças. Tal ausência chama a atenção, por tratar-se de uma pesquisa que trata da recepção de textos poéticos.

d.2. Bibliografia citada.

A. Textos analisados.

(vários poemas)

B. Referências teóricas.

ALMEIDA, R. Literatura infantil. In: COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Sul Americanas S. A., 1971.

AMARILHA, M. *Estão mortas as fadas?: literatura infantil e prática pedagógica*. Petrópolis, RJ.: Vozes, Natal: EDUFRN, 1997.

ARROYO, L. *Literatura infantil brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

AZEVEDO, F. *A educação e seus problemas*. 4ª ed. ver. ampl. São Paulo: Melhoramentos, 1948. v. 1.

BORDINI, M. da G. Crítica e literatura infantil nos anos 70 e 0. In: KHÉDE, Sonia Salomão. (org.) *Literatura infanto-juvenil: um gênero polêmico*. 2ª ed. Porto Alegre: Mercado, 1986 a.

CADEMARTORI, L. *O que é literatura infantil*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

GERALDI, J. W..Concepções de linguagem e ensino de português. In: (org.) *O texto na sala de aula*. 2ª ed. Cascavel, PR: Assoeste, 1985.

HUIZINGA, J. *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura*. (Tradução de João Paulo Monteiro). São Paulo: Perspectiva, 1971.

LAJOLO, M. e ZILBERMAN, R. *Literatura infantil brasileira: histórias e histórias*. 4ª ed. São Paulo: Ática, 1988.

LAJOLO, M *Usos e Abusos da Literatura na escola: Bilac e a literatura escolar na República Velha*. Rio de Janeiro/ Porto Alegre: Globo, 1982

MACHADO, M. M. *A poética do brincar*. São Paulo: Loyola, 1998.

MEIRELES, C. *Problemas da literatura infantil*. 3ª ed. São Paulo: Summus/Brasília: INL, 1979.

PAULINO, G. Cem anos de poesia nas escolas brasileiras. In: SERRA, Elizabeth D' Ângelo (org.) *30 anos de Leitura para crianças e jovens*. Campinas/SP: Mercado de Letras/ALB, 1998.

ROSEMBERG, F. *Literatura infantil e ideologia*. São Paulo: Global, 1985. (Teses, 14).

e. Detalhamento da pesquisa e metodologia.

O trabalho de Garcia foi estruturado em onze partes, sendo que na primeira encontramos considerações gerais sobre a pesquisa e seus objetivos já transcritos. Na décima encontramos referências bibliográficas utilizadas e no último, como anexos – fotos sobre o projeto. O desenvolvimento do texto se compõe, portanto, de sete capítulos (do segundo ao oitavo) e Garcia apresenta suas conclusões no nono capítulo.

Seguindo a estrutura do texto, o leitor encontra inicialmente um panorama da história da literatura para crianças no final do século XIX até final do século XX, procurando situar a poesia neste contexto. A pesquisadora segue destacando algumas ações existentes na política educacional brasileira em relação à utilização do livro didático nas escolas. Analisa o papel ideológico das poesias infantis presentes, utilizadas como material pedagógico pelos docentes.

Em “Jogo e Magia” – título de seu terceiro capítulo, Garcia lança ao leitor um sério questionamento: “*A poesia está morta?*”. Na sequência de seu texto ela passa a defender a idéia de que a poesia nunca esteve morta, mas “*resiste, se renova, e está além da seriedade, na região do sonho, do encantamento, do riso, que definitivamente, não combina com a morte.*” (GARCIA, 2002, p. 82). Para isso apresenta os pressupostos de vários escritores e teóricos, tais como: Carlos D. de Andrade, Zélia Machado, Henriqueta Lisboa, José Paulo Paes, Johan Huizinga, Lúcia Cadernatori, Nelly N. Coelho, Maria Antonieta A. Cunha, Edmir Perrotti, entre outros.

Reconhecendo os percalços pelos quais passam professores e alunos no processo de ensino aprendizagem da leitura e escrita, Garcia defende a necessidade de se propor um projeto de poesia que de fato produza uma mudança qualitativa nos resultados hoje presentes nas escolas. Ela enfatiza também a distinção entre leitores passivos e ativos

destacando o papel da escola enquanto mediadora de conhecimentos. Em suas palavras “... nenhuma recepção ativa prospera em pedagogias monolítica ... a postura dialógica, a incorporação das experiências de vida e a mediação constituem pilares metodológicos dessa mudança que implica tornar o aluno um sujeito real da recepção ou da leitura.” (GARCIA, 2002, p. 97).

Após a apresentação de toda essa base teórica, Garcia passou a descrever sua pesquisa de campo. Seus principais questionamentos foram: “*Como acontece o texto poético em sala de aula? Qual a situação do docente com este texto em mãos? Como os alunos o recebem?*” Para conseguir dados que os respondessem Garcia passou a visitar escolas particulares e públicas da cidade para colher dados com os professores, via questionários aplicados, com os alunos por meio das entrevistas, bem como observando o desenvolvimento de atividades de leitura de reescrita e produção de poemas em sala de aula com o intuito de coletar produções textuais das crianças das escolas pesquisadas.

No capítulo “*Poesia como instrumento formativo*”, a pesquisadora apresentou *Cazuza*, de Viriato Correa, para argumentar que a escola não deve ser autoritária em relação às atividades de leitura. E passou a apresentar propostas voltadas ao trabalho com o texto poético

f. Resultados principais apresentados na pesquisa.

Garcia constatou que a poesia infantil para crianças foi extremamente limitada, pouco valorizada e muito pouco editada. A escassez desse material, aliada à pobreza dos temas, soma-se ao despreparo dos professores quanto à abordagem do texto poético em sala de aula. Ela concluiu que a poesia oferecida às crianças até o início do século tinha o

intuito de passar normas e padrões de bom comportamento, sendo assim utilizadas nos livros como instrumentos pedagógicos e não como objetos de arte.

Esse quadro se altera, na concepção da pesquisadora, com a poesia modernista, embora isso só ocorra após os anos 60. Em seus dizeres “*a poesia modernista não só rompeu com a lógica tradicional e sua linguagem, como também passou a explorar as virtualidades da matéria verbal: o ritmo, a sonoridade das palavras e o ludismo*”. (GARCIA, 2002, p.73).

Há que se fazer menção às poesias presentes no corpo do trabalho exemplificando cada momento registrado. Observando as produções realizadas pelas crianças em atividades realizadas durante sua pesquisa, Garcia descreve alguns trabalhos de reescrita e recriação realizados, exemplificando-os com textos dos alunos.

Na análise dos dados, Garcia percebe que a fruição de poesias na escola continua dependente da instituição escolar que, por sua vez, ainda se utiliza do livro didático para sua divulgação. Na contramão do senso comum, constata que este gênero vem ganhando espaço tanto editorial quanto nas salas de aula, embora ainda que modestamente neste último espaço. Sua análise fundamenta-se no rastreamento feito pela pesquisadora da evolução da literatura infantil brasileira. Por meio dos escritores citados, ela observa que estes são de fundamental contribuição para a melhora da qualidade da produção literária nas últimas décadas do século passado. No entanto, segundo sua visão “*muito há que se fazer*” tanto referente ao discurso, quanto a prática pedagógica. Também, a produção científica deve continuar procurando alternativas para viabilizar o trabalho mais eficiente com a poesia nas escolas.

g. Avaliação sobre a pesquisa.

Garcia realiza uma pesquisa *teórico-aplicada* em que procura focalizar as poesias que aparecem nos livros didáticos das escolas. Sua intenção é fornecer subsídios aos professores que trabalham com a poesia infantil no Ensino Fundamental, no sentido de resgatar e explorar o potencial poético dos alunos, sua capacidade de interpretação e recriação de tais textos, bem como o desenvolvimento do gosto pela leitura. Também quer revelar que a poesia trabalhada em sala de aula não é unicamente a que está contida no livro didático. Foi classificada como **Pesquisa de Recepção – processo de formação de leitores.**

Sua pesquisa é fruto de doze anos de observação da prática docente da pesquisadora em que sistematiza reflexões em torno da poesia para crianças e sua utilização em sala de aula. Portanto, fica mais preocupada com a questão pedagógica. Analisa a poesia do ponto de vista do jogo e da magia e visualiza em sua análise o *efeito*, embora não o explore profundamente.

Garcia aborda a questão da decodificação e interpretação de textos poéticos. Não centra sua atenção sobre nenhum texto em especial, utiliza vários exemplos de textos que aparecem nos livros, observado que são de natureza diversa porque seus autores se movem por poéticas distintas. E que o uso dos mesmos em sala, na maioria das vezes, é intuitivo, sem fundamentação teórica. Coloca a escola e, conseqüentemente o professor, como responsáveis pelo incentivo à leitura e como provocadores do desenvolvimento da habilidade compreensão e interpretação de textos não apenas literários.

A pesquisadora aborda a *recepção* de textos em duas categorias: *recepção ativa e recepção passiva*, visualizando sempre o *leitor real*. Categorias

discutíveis porque apresenta o *leitor passivo* como um aluno que não reage, não questiona, não completa vazios propostos pelo texto poético. Nesse momento, está discutindo o tipo de leitor e as formas de recepção do texto e utilizando a teoria da Estética da recepção portanto, mesmo que não faça menção a isso. Seu texto defende a leitura ativa, interativa participativa do aluno e aborda a participação pedagógica no processo dessa recepção ativa. Os documentos de recepção foram: um questionário, reescritas e produção de textos poéticos.

PESQUISA 20.

a. Dados de identificação.

Autor: Eliane Ap. G Ferreira.

Orientador: Prof. Dr. Benedito Antunes.

Título: *A leitura dialógica e a formação do leitor.*

Instituição: Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP.

Nível de qualificação: Mestrado em Literaturas de Língua Portuguesa, na linha de pesquisa de Literatura e Ensino.

Ano de finalização: 2003.

Número de páginas: 536.

Tipo: Pesquisa de Recepção/Efeito – Voz do leitor real – questões pedagógicas.

Resumo da obra:

O trabalho é resultado de uma pesquisa, desenvolvida durante três anos , direcionada para o ensino de literatura e para a formação do leitor no âmbito escolar. A partir do desenvolvimento dessa pesquisa, pôde-se realizar um levantamento do repertório de obras lidas, no período de 1998 a 2000, por alunos de 5ª, 6ª e 7ª séries, bem como diagnosticar quais são as consideradas por eles como atraentes. Entre as consideradas atraentes, analisou-se nesta dissertação a obra *A mina de ouro*, de Maria José Dupré, eleita na modalidade opcional de leitura. A análise objetivou detectar tanto a recepção desta obra pelos alunos quanto o seu horizonte de expectativa. Concomitante às obras eleitas pelos alunos, desenvolveu-se um trabalho embasado nos princípios construtivo-interacionistas, voltado para a leitura de textos diversos de diferentes autores, com o objetivo de lhes possibilitar a ampliação de seu horizonte de expectativa. (FERREIRA, 2003, p. 535)

b. Objetivos.

Seus objetivos principais foram:

- Analisar cientificamente o fenômeno da leitura e reavaliar o papel do ensino da literatura enquanto formador de leitores.

- Compreender como se dão as eleições das obras no âmbito escolar. E, entre as eleitas, quais são as preferidas pelos alunos.
- Detectar e analisar o que nas obras escolhidas pelos alunos as torna atraentes.
- Detectar outros textos que dialogam com a obra escolhida.
- Analisar se o desenvolvimento de um trabalho construtivo baseado na oferta de textos diversos, poderia proporcionar a ampliação dos *horizontes de expectativas* dos alunos.
- Verificar se, por meio da leitura, poderia instaurar o diálogo em sala de aula e colaborar para o desenvolvimento da reflexão crítica dos alunos.
- Detectar o efeito produzido pela obra escolhida nos alunos leitores. Observando quais são os conceitos prévios dos alunos ao lerem tal texto e a relação dialógica que estabelecem com outros textos.

Para tanto, Ferreira realizou seu projeto de forma dialética que se constrói por meio da cooperação e da crítica. Além dos objetivos já citados, também pretendeu:

- Romper com a educação tradicional e contraditória.
- Buscar, ao questionar os alunos sobre as obras, a compreensão destas por eles e a verbalização do sentido apreendido.
- Mostrar que a leitura permite um discernimento do mundo e um posicionamento perante a realidade.
- A contribuição para a discussão, reflexão ou avanço do debate acerca da formação do leitor.

c. Material.

c.1. Tipo de texto abordado.

Ao longo de três anos, Ferreira catalogou leituras de seus alunos por meio de um “*passaporte do leitor*” baseado em observações de Richard Bamberger (1995). O resultado das escolhas foi catalogado por ano e transformado em tabelas.

A pesquisadora optou por trabalhar com a narrativa ficcional, privilegiando textos de maior estofo ou densidade em três categorias assim denominadas:

- Leitura opcional - livre escolha dos alunos.
- Leitura proposta pela professora.
- Leitura opcional escolhida entre obras de um autor indicado pela professora.

Dessa forma, Ferreira chegou a um levantamento de 200 obras catalogadas durante três anos, sobre diversos autores que foram distribuídas nas categorias de leitura anteriormente descritas. Entre essas detectou por um sistema de classificação combinado entre ela e os alunos três obras, sendo cada uma pertencente a uma das categorias fixadas. A pesquisadora verificou que analisar as três não seria impraticável. Foi então que chegou as obras eleitas pelo maior número de alunos como a mais atraente em cada modalidade. Como resultado chegou :

1 - *A mina de ouro*, de Maria José Dupré;

2 - *Harry Potter e a pedra filosofal*, de J. K. Rowling;

3 - *Corda Bamba*, de Lygia B. Nunes.

Novamente a pesquisadora realizou novo recorte fazendo opção pela obra que pertencia à modalidade “*mais democrática*,” narrativa infanto-juvenil, classificada pela pesquisadora na categoria Leitura Opcional, livre escolha dos alunos. Portanto, ela se deteve à análise de *A mina de ouro* de Maria José Dupré (1946),

c.2. Tipo de leitor.

Ferreira acompanhou um grupo de alunos, *leitores reais*, por 4 anos, desde a 5ª até a 8ª série do Ensino Fundamental de uma escola particular Colégio Santa Maria Anglo Xereta, Sociedade Pioneira de Ensino do município de Assis/SP.

Optou por realizar sua pesquisa em uma escola particular com o intuito de desmistificar esse espaço. De acordo com a pesquisadora, “...*acredita-se que somente a escola pública propicia o convívio com as diferenças, com as carências, provoca desafios que podem ser incentivadores para a leitura.*” (FERREIRA, 2003) No entanto, ela afirma que em 1998 – ano em que se iniciou essa pesquisa – a realidade da escola indicada era bastante diferente da ideal, contando com alunos de classes sociais variadas, fator ressaltado por Ferreira.

c.3. Tipo de documento referente à recepção e/ou ao efeito analisado.

Informa a pesquisadora, que o *corpus* de recepção da pesquisa foi resultado “*de quatro anos de observações, catalogações, análises, reflexões, leituras e pesquisas relacionadas à formação do leitor e à eleição de obras para leitura no âmbito escolar*”. (FERREIRA, 2003).

Seu principal instrumento de coleta de dados foi um “*passaporte do leitor*” com anotações realizadas pelos próprios alunos e ajuda da professora-pesquisadora quando solicitada, nas duas aulas semanais destinadas à disciplina de Literatura ministradas ao longo dos quatro anos. Tal instrumento foi inspirado nas observações de Richard Bamberger (1995) com base numa experiência efetuada no laboratório de leitura da Associação de Pesquisa Científica de Chicago.

Além desse, Ferreira colheu dados por meio de entrevistas com alguns dos sujeitos da pesquisa, relatos de leituras produzidos bimestralmente em sala de aula, *questionários aplicados* voltados às questões da leitura individual, compondo um perfil de seus leitores com informações do tipo: material que dispõe para ler em casa; ambiente de leitura. As anotações de todo o processo realizado durante os três anos também foram analisadas.

d. Base teórica e bibliografia destacada.

d.1. Conceitos desenvolvidos.

Após descrever seu projeto, instrumento de coleta de dados o passaporte da leitura, perfil da clientela, Eliane lançou um histórico do projeto e, nesta parte começa a decidir caminhos para a análise dos dados que estava coletando. Ela avisa ainda na primeira parte do capítulo *Optando por saídas*, que sua pesquisa recaiu sobre princípios contrutivo-interacionistas, baseados nos pressupostos teóricos de Piaget e sócio-interacionista de Vygotsky. Segundo ela, “*estes princípios deram origem à hipótese central que norteou o desenvolvimento da ação pedagógica, ou seja, que quando aplicados*

ao ensino-aprendizagem de literatura, podem favorecer a formação do leitor crítico, autônomo e atuante em sala de aula” (FERREIRA, 2003, p. 80).

Para retomar e confrontar estas duas vertentes – Piaget e Vygotsky – a pesquisadora lança mão dos autores: Solange J. e Souza & Sônia Kramer (1991); José Antônio Castorina (1997); Hubert Lepargneur (1972). Fixando o cenário no final do século XIX e início do XX, ela procura mostrar como a psicologia, a teoria literária e a lingüística foram sofrendo alterações por meio dos dizeres de Luís C. M. Figueredo (1991); Marta Kohl de Oliveira (1998); Mário Sérgio de Vasconcelos (1995); L. S. Vigotsky (1991-1998).

Partindo do pressuposto de que todos os alunos, independente de raça, sexo e condições sócio-econômicas, que participam efetivamente de um processo de construção de conhecimentos pela leitura, têm possibilidade de sucesso, Eliane tenta observar os motivos que justificariam fato contrário no início do ano de 1998 com os nas salas de aula das 5ª séries A e B.

Ela aponta como um dos possíveis indicadores a forma como se tratava o ensino da literatura, focalizando o papel do professor como um mediador de leituras. A partir dessa visão construtiva-interacionista, a pesquisadora inicia uma reflexão sobre a concepção de texto, de leitor, sala de aula, escola, ensino de literatura e o papel do professor, fundamentando seus pontos de vista a partir de Benedito Antunes (1998); Mikail Bakthin, traduzido por Michel Lahud e Yara F. Vieira (1995); Diana P. de Barros e José Luiz Fiorin (1999); Italo Calvino, tradução de Nilson Moulin (2000); Antonio Candido (1985-95); Roger Chartier, tradução de Cristiane Nascimento (1996); Jean Foucambert, tradução Bruno Charles Magne(1994); Jacqueline Held (1980); Cyana Leahy-Dios (2000); Jean Piaget, Tradução Profª M. A. M. D’Amorim (1991); Ezra Poud, Tradução Augusto de

Campos e José Paulo Paes (1990); Maria Thereza Rocco (1992); Malu Zoega de Souza (2001).

A experiência de recepção se concentrou principalmente nos dados obtidos a partir do passaporte de leitura idealizado a partir do que orienta Richard Bamberger (1995). As reflexões propostas nesta parte se baseiam na tese de doutorado de João Luís C. T. Ceccantini (2000); Paulo Freire (1991); Yves de et al La Taille (1992); Maria Helena Martins (1994); Jean Piaget (1973).

Na segunda parte do trabalho, Eliana analisa as obras eleitas, pelos conceitos de ontogêneses/filogênese de Piaget de a. Ela explica que a construção do conhecimento pelo aluno retoma a história da evolução do conhecimento científico na humanidade como se fossem aspectos complementares de um processo.

A partir da lista de obras escolhidas pelos alunos, ela desenvolve sua análise com o objetivo de contextualizar tais obras na literatura infantil e juvenil brasileira e para isso utiliza entre outros autores Regina Zilberman e Marisa Lajolo (1988-93); Novamente a tese de doutorado de Ceccantini; Hans Robert Jauss (1994); Laura Sandroni (1995); Regina Zilberman (vários textos).

Em seguida a pesquisadora analisa o corpus literário escolhido, procurando observar o que as torna atraente para os alunos participantes da pesquisa. Ao concentrar sua atenção aos aspectos da recepção propriamente dita, utiliza, para fundamentar seu pensamento, os pressupostos teóricos da Estética da Recepção, sustentados por Wolfgang Iser, In: Luiz Costa Lima (1979); Hans Robert Jauss, traduzido por Sérgio Tellaroli (1994)

A dissertação de Ferreira está fundamentada em alguns pressupostos. Para a primeira parte, Ferreira se refere:

- À concepção de aluno enquanto sujeito social e histórico.

- Às contribuições de Piaget e Vygotsky.
- Ao papel dos professores e pedagogos que adotam uma posição construtivo-interacionista em sala de aula.
- Às inesgotáveis contribuições de diversas áreas do conhecimento que possuem como objeto o estudo do ser humano: Antropologia, sociologia, Psicologia, Lingüística, Filosofia, etc.

Já na segunda parte, a pesquisadora se refere:

- À concepção de autor enquanto sujeito social e histórico.
- À compreensão do que é dado a ler ou a entender enquanto articulação no interior de uma biblioteca vivida.
- À leitura como produção de sentidos;
- À literatura entendida como produto estético que só se concretiza na interação autor-obra-público.

d.2. Bibliografia citada.

A. Textos analisados.

DUPRÉ, M. J.. *A mina de ouro*. 27ª ed. 2ª. Impressão. Ilust.. Adelfo M. Suzuki. São Paulo: Ática, 2000. (1ª ED. 1946)

B. Referências teóricas.

ANTUNES, B. *Podem os clássicos voltar à escola?* Revista Linha d'Água, v.13, p.67-76, jun. 1998.

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem*. (Tradução de Michel Lahud e Yara F. Vieira). 7ª ed. São Paulo: Hucitec, 1995.

BAMBERGER, R. *Como incentivar o hábito de leitura*. (Tradução de Octávio Mendes Cajado). São Paulo: Ática, 1995.

BARROS, D. P. de; FIORIN, J. L. (orgs.). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

CALVINO, Í. *Por que ler os clássicos?* (Tradução de Nilson Moulin), 6ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CANDIDO, A. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 7ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1985.

_____. O direito à literatura. In: *Vários escritos*. 3ª ed. ver. E ampl. São Paulo: Duas Cidades, 1995, p. 235-63.

CASTORINA, J. A. *O debate Piaget- Vygotsky: a busca de um critério para sua avaliação*. In: . Et al.. *Piaget-Vygotsky: novas contribuições para o debate*. 4ª ed. São Paulo: Ática, 1997, p. 7-50.

CECCANTINI, J. L. C. T. *Uma estética da formação: vinte anos de literatura juvenil brasileira premiada (1978-1997)*. Assis, 2000, 681p. Tese de Doutorado em Literaturas de Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e letras de Assis, Universidade Estadual Paulista. “Júlio de Mesquita filho”.

CHARTIER, R. Do livro à leitura. In: et al. *Práticas da leitura*. Tradução de Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 1996, p. 77-105.

FIGUEREDO, L. C. M. *Matizes do pensamento psicológico*. Petrópolis, R. J.: Vozes, 1991.

FOUCAMBERT, J. *A leitura em questão*. (Tradução Bruno Charles Magne). Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*. 20ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

HELD, J. *O imaginário no poder: as crianças e a literatura fantástica*. (Tradução de Carlos Rizzi). São Paulo: Summus, 1980.

ISER, W. A interação do texto com o leitor. In: JAUSS, H. R. et. al. *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. (Tradução de Luiz Costa Lima). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 83-132.

_____. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. (Tradução de Johannes Kretschmer). São Paulo: Ed. 34, 1996, v. 1.

_____. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. (Tradução de Johannes Kretschmer). São Paulo: Ed. 34, 1996, v. 2.

JAUSS, H. R. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. (Tradução de Sérgio Tellaroli). São Paulo: Ática, 1994.

_____. *Wege des verstehens*. München: Fink, 1994.

LA TAILLE, Y. de et al. *Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão*. São Paulo: Summus, 1992.

LEAHY-Dios, C. *Educação literária como metáfora social: desvios e rumos*. Niterói: Ed. UFF, 2000.

LEPARGNEUR, H. *Introdução aos estruturalismos*. São Paulo: Herder, 1972.

MARTINS, M. H. *O que é leitura*. 19ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

OLIVEIRA, M. K. de. *Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico*. 4ª ed. São Paulo: Scipione, 1998.

PIAGET, J. *Para onde vai a educação?* Rio de Janeiro: Olympio – UNESCO, 1973.

_____. *Seis estudos de Psicologia*. Tradução Profª M. A. M. D'Amorim; P.S.L. Silva. 18ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1991.

POUD, E. *A B C da literatura*. Tradução Augusto de Campos e José Paulo Paes. 9ª ed. São Paulo: Cultrix, 1990.

ROCCO, M. T. *Literatura/Ensino: uma problemática*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1992. (1992);

SANDRONI, L. Por que este livro nos interessa? IN: BAMBERGER, Richard. *Como incentivar o hábito de leitura*. (Tradução de Octavio Mendes Cajado). São Paulo: Ática, 1995.

SOUZA, M. Z. de. *Literatura juvenil em questão: aventura e desventura de heróis menores*. São Paulo: Cortez, 2001.

SOUZA, S. J. & Kramer, Sônia. O debate Piaget/vygotsky e as políticas educacionais. *Cardernos de Pesquisa*. São Paulo, v. 77, p. 69-80, maio de 1991.

VASCONCELOS, M. S. de. *A difusão das idéias de Piaget no Brasil*. São Paulo, 1995. 402 p. Dissertação (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

ZILBERMAN, R. *A literatura infantil na escola*. 10ª ed. São Paulo: Global, 1998.

_____. *A literatura infantil na escola*. 4ª ed. São Paulo: Global, 1985.

_____. (organizadora) *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. 9ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

_____. LAJOLO, M.. *Um Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira: histórias, autores e textos*. 4ª ed. São Paulo: Ática, 1993.

_____. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989.

_____. A literatura infantil e o leitor. In: MAGALHÃES, Lúcia Cadernatori. *Literatura infantil: autoritarismo e emancipação*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1984.

e. Detalhamento da pesquisa e metodologia.

Ferreira estruturou seu trabalho em duas partes. Na primeira delas, composta de três capítulos, a pesquisadora apresentou um quadro geral de sua pesquisa, seguido da problematização sobre a recusa da leitura pelos alunos, tanto do Ensino Fundamental quanto Médio, na rede pública e privada de ensino. Delimita portanto, tempo espaço, instrumentos e objeto para a realização da pesquisa.

No segundo capítulo, apresentou e justificou a elaboração, construção e dinamização da pesquisa. Ferreira refletiu sobre a formação do leitor no âmbito escolar, ampliando essa discussão para a articulação de escolhas e preferências por determinados autores e obras. Sua pesquisa de campo foi realizada em uma escola da rede privada de ensino, nos anos de 1998 a 2000. Neste tempo ela teve a oportunidade de acompanhar o desenvolvimento de seu projeto da 5ª a 7ª série em duas turmas.

A partir da caracterização da clientela, Ferreira propôs a observação sobre a valorização da leitura. E na decorrência desta, detectou-se quais são os textos ofertados para leitura pela escola e pela família e, entre estes, quais foram os eleitos pelos alunos leitores ou não. Ainda apresentou e contextualizou, no desenvolvimento e construção do trabalho com a leitura, a opção pelas seguintes modalidades de acesso ao livro: a opcional; opcional entre uma série de obras indicadas pela professora, e a proposta pela professora.

Seguindo seu raciocínio, justificou seu trabalho, apresentando a fundamentação teórica que o norteia.

No terceiro capítulo, Ferreira relata a busca de instrumentos, a eleição e a construção do “*passaporte do leitor*”, apresenta as catalogações das obras realizadas por cerca de 50 alunos durante os anos de 1998, 1999 e 2000, divididas nas três modalidades de acesso a livros, o total dessas catalogações e o critério de seleção dessas obras para finalmente chegar à eleita como a mais atraente, pertencente à modalidade opcional.

A metodologia pedagógica presente no projeto de leitura é permeada pela perspectiva contrutivo-interacionista e a partir dela, Ferreira explicitou qual é sua concepção de texto, leitor, sala de aula, escola, ensino de literatura e papel do professor. Só então passou a relatar os instrumentos de checagem de leitura, a eleição e a construção do “passaporte do leitor”, e a catalogação de 200 obras escolhidas por 50 alunos durante três anos.

Esta lista foi produzida ao longo destes três anos segundo um critério de seleção. Por meio de um índice de aceitação construído pelos alunos, as obras foram classificadas em ótimas, boas, regulares, com pouca aceitação ou rejeitadas. As classificadas como ótimas formaram : na categoria opcional – *A mina de ouro* de Maria José Dupré, na categoria leitura proposta pela professora *Harry Potter e a pedra filosofal*, de J. K. Rowling; na categoria opcional entre obras de autor indicado pela professora, *Corda Bamba* de Lygia B. Nunes.

A segunda parte de seu trabalho foi composta também por três capítulos. No primeiro temos uma reflexão acerca das contribuições da estética da recepção para a literatura e para o seu ensino. Ferreira também situa a autora Maria José Dupré no contexto da literatura infantil e juvenil brasileira. No segundo, parte para uma reflexão quanto à eleição pelos alunos da obra *A mina de ouro*, tanto da edição de 1984 como da

mais atual de 2000, e dos demais textos a ela associados. No terceiro capítulo, Ferreira apresenta uma análise sobre a personagem, o narrador e o leitor implícito nas obras de Dupré e nos demais textos aproximados pelos alunos à obra.

Sua conclusão procura integrar as duas etapas de sua pesquisa. Além disso, Ferreira apresenta em anexo, os questionários aplicados, as tabelas e os gráficos mencionados tanto na primeira quanto na segunda parte do trabalho.

f. Resultados principais apresentados na pesquisa.

Ferreira demonstrou que mais do que nunca há necessidade de interação em sala de aula é condição básica para a existência da interação aluno/texto. Estabeleceu uma série de proposições que, segundo seus apontamentos, podem ajudar muito na reflexão sobre a formação do leitor. Entre elas, citamos:

1. O diálogo instaurado em aula sobre as leituras realizadas, escolhas e juízos favoreceu a observação dos conceitos prévios dos alunos. Esse conhecimento aliado ao trabalho construtivista interacionista proposto pela pesquisadora provocou uma mudança comportamental na postura dos alunos frente às aulas de literatura, bem como o material de leitura a que foram expostos.
2. O fator prazer foi repensado saindo de um estágio em que este era provocado apenas por textos de fácil assimilação entre os alunos, que atendiam aos *horizontes de expectativas* dos alunos, para um outro estágio em que os alunos se tornavam co-investigadores críticos no diálogo pedagógico. Essa autonomia provocou a aquisição de auto-estima e de maior senso crítico, bem como alguns reflexos positivos quanto ao consumo de leitura fora da escola e a uma gradual busca por bibliotecas e livrarias.

3. Ainda sobre a questão prazer, Ferreira demonstra por suas reflexões que os alunos, expostos a esse processo interacionista, rompe com alguns tabus impostos em ambiente escolar tais como: só se lê para a prova, quando se escolhe o livro para leitura, também pode haver frustração, a qualidade da obra não pode ser medida pela quantidade de páginas que a constitui. Além disso, comprova que a competência de leitura pode ser construída e conquistada; um livro que propõe divertimento pode apresentar um discurso ideológico que pretende subverter o leitor à visão do autor; a obra pode ser agradável, mas precisa sobretudo ser emancipatória, propor reflexões, questionamentos; o conhecimento construído pelo indivíduo é patrimônio de sua conduta.
4. Quanto ao professor, é visto por Ferreira como elo vital para a interação literatura/aluno, visto que se trata de um leitor mais experiente que deve ser capaz de interagir eficientemente junto às escolhas de seus alunos.
5. O desenvolvimento do leitor é processo cognitivo, não linear, contínuo e fácil de ser detectado. Portanto, segundo Ferreira é *“vem daí a necessidade de a práxis ser dialógica, principalmente quanto as opções dos alunos recaem sobre obras, como as de Dupré, que se aproximam do romance monológico.”* (Ferreira, 2003, p. 408).;
6. Finalizando, Ferreira afirma que o trabalho com a leitura, no ensino de literatura, faculta ao leitor o reconhecimento da obra literária enquanto instrumento de libertação de preconceitos, de conceitos prévios, pois ao ampliar o seu conhecimento, permite-lhe compreender melhor o presente e o seu papel como sujeito histórico.

g. Avaliação sobre a pesquisa.

Ferreira realiza uma pesquisa *teórico-aplicada* ao buscar descrever e analisar a trajetória de leitura de quatro anos de seus alunos. Ao nosso ver além de analisar a recepção também proporciona um estudo detalhado sobre a obra de Maria José Dupré. Portanto seu texto foi classificado como uma **Pesquisa de Recepção/Efeito – Voz do leitor real – questões pedagógicas.**

A autora analisa o fenômeno da leitura e reavalia o papel do ensino da literatura enquanto uma professora formadora de leitores. Faz uma boa arguição sobre como se dá à escolha das obras pelos alunos, destacando nelas o que as torna atraentes. Ferreira também, fundamenta dados da *recepção* no *efeito* produzido pela obra escolhida, observando quais são os conceitos prévios que os alunos devem conhecer para lerem o texto em relação dialógica a outros.

Com sua análise mostra que o tabu de que “*só se lê para a prova*” já não corresponde à totalidade das ações desenvolvidas na escola. Um dos méritos da pesquisa está na eleição de três categorias de leitura: *opcional, proposta pela professora, opcional mas escolhida entre obras indicadas pela professora.*

Ferreira faz um registro muito seguro, claro, bem fundamentado e inova na coleta de dados ao utilizar o passaporte de leitura proposto por Richard Bamberger (1995).

Nesse trabalho busca reavaliar o fenômeno da leitura e o papel do ensino da literatura enquanto formador de leitor. A autora compreende como são escolhidas as obras lidas pelas crianças na escola. Analisa o efeito na obra escolhida de Maria José Dupré. E quando detectando outros textos que dialogam com esta obra. Proporciona boas reflexões quanto ao trabalho desenvolvido com estas séries, pois faz sua avaliação em quatro anos. Analisa a questão pedagógica sem falsos moralismos e sem tom prescritivo.

Base teórica utilizada se volta para questões de ensino numa abordagem contrutivo- interacionista (Piaget e Vigotsky), colocando o professor como mediador de leitura.. Segundo a pesquisadora, a obra de Dupré está adequada aos *horizontes de expectativas* dos alunos que a escolheram, por isso foi aceita por eles e eleita na categoria opcional.

4. SOBRE AS VINTE DISSERTAÇÕES E TESES: UMA TENTATIVA DE SÍNTESE

“Há um instante mágico na vida em que, nem mesmo sabendo por que, ficamos envolvidos num jogo. Num jogo de aprender e ensinar. Fazemos parcerias. Não só com os outros, mas também parcerias internas nos propondo desafios. Porém, só ficamos nesse estado de total cumplicidade com o saber se este tem sentido para nós. Caso contrário, somos apenas espectadores do saber do outro”.

(M.Terezinha Telles Guerra)

4.1. Panorama geral das pesquisas com base na grade de observação.

Os dados coletados apresentam indicações curiosas sobre o estágio das pesquisas a respeito do *leitor* e da Estética da Recepção. Mesmo não se tratando de um trabalho que visava catalogar tudo existente no Brasil sobre o tema, o que se realizou demonstra um crescente interesse pelo assunto nas últimas décadas. Observamos essa ampliação a partir da década de 90, sendo que nos quatro primeiros anos de 2000 a proporção cresce consideravelmente.

Período	Quantidade de pesquisas	Porcentagem
Década de 80	1	5%
Década de 90	6	30%
De 2000 a 2003	13	65%
TOTAL	20	100%

Tabela - Ano pesquisas

Ainda que com cautela, visto que trabalhamos apenas com 20 títulos selecionados pelos critérios já indicados no início do capítulo 3., pode-se afirmar que esses números comprovam o crescimento a que nos referimos. É importante notar que a teoria da Estética da Recepção está colocada para o meio acadêmico desde a década de 60, por meio do grupo de pesquisa da Universidade de Constança. No Brasil, segundo Regina Zilberman, “a tentativa de familiarizar o leitor brasileiro com essa vertente da teoria da literatura” só aparece vinte anos depois na década de 80. Nesse período, encontramos apenas um trabalho que se adequou à seleção aqui proposta.

Apesar desse “atraso”, notamos que o material selecionado apresenta informações relevantes que serão analisadas neste capítulo em duas seções assim dispostas:

4.2. - Apreciação geral dos dados coletados a partir da grade de descrição.

4.3. – Reflexão a partir das categorias:

A. Pesquisas de Efeito – o leitor implícito.

B. Pesquisas de Recepção.

B.1. Pela crítica especializada.

B.2. Processo de formação de leitores.

B.3 Pelo leitor real em formação.

C. Pesquisas de Recepção/Efeito.

C.1. Voz do leitor real– horizontes e perspectivas.

C.2. Voz do leitor real – questões pedagógicas.

C.3. Voz do leitor real - fora de ambiente escolar.

4.2. Apreciação dos dados coletados, fundamentada na grade de descrição.

a. Dados de identificação.

Ao analisarmos os dados de identificação, percebemos já pelos títulos dos trabalhos a existência de pesquisas que abordam questões sobre leitura realizadas nas principais instituições de ensino do país. A seleção das pesquisas foi realizada mediante ao acesso real ao texto. Como já foi explicado anteriormente, iniciamos essa pesquisa com uma triagem de textos produzidos nas universidades brasileiras sobre *leitura/recepção* de texto realizada por sites de busca, contatos com bibliotecas.

Na medida em que tivemos acesso aos textos, o corpus trabalhado nessa dissertação foi formado. Vale dizer nesse momento que tal acesso ainda é muito difícil, visto que nem todas as universidades brasileiras dispõem de meios de divulgação eficientes de suas pesquisas. Igualmente vale ressaltar a necessidade da manutenção de plataformas de pesquisa tais como: o portal de periódicos CAPES; o Projeto Memória de Leitura – UNICAMP; a Divisão de Bibliotecas e Documentação Puc- Rio; a Universidade Brasil – o portal dos universitários; a Biblioteca Nacional – catálogos on-line de monografias, periódicos, obras de referência, teses, músicas, manuscritos, obras raras, iconografia, etc.; a Biblioteca Virtual de Educação; o IBICIT; o MIT Theses On – Line.

Outra ressalva se faz necessária, com a proporção apresentada, não houve nenhuma intenção de se somente as instituições pesquisadas. É necessário dizer que certamente devem ser encontrados outros textos nas mesmas instituições que talvez não tenham sido divulgados pelos caminhos utilizados na pesquisa, bem como outras universidades não pesquisadas por nós que certamente devem apresentar outros textos.

Destacamos aqui os grupos de São Paulo (UNESP – UNICAMP); os da PUC, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul; o de Minas Gerais (UFMG), pois nestes centros de estudo encontramos uma vasta produção sobre o assunto, bem como os trabalhos que mais nos chamaram atenção quanto à Estética da Recepção. Na tabela a seguir, registramos a quantidade de trabalhos selecionada em cada uma delas. No material encontrado, constatamos a presença de pesquisadores em:

Pesquisa	Instituição
Pesquisa 1	UNB
Pesquisa 2	USP
Pesquisa 3	PUC- RJ
Pesquisa 4	UNESP - Assis
Pesquisa 5	UNESP - Assis
Pesquisa 6	USP
Pesquisa 7	USP
Pesquisa 8	UEM
Pesquisa 9	USP
Pesquisa 10	UFMG
Pesquisa 11	UNICAMP
Pesquisa 12	UNESP - Assis
Pesquisa 13	UEM
Pesquisa 14	UNICAMP
Pesquisa 15	PUC RGS
Pesquisa 16	PUC RGS
Pesquisa 17	UFPR
Pesquisa 18	UFMG
Pesquisa 19	UNESP - SJRPeto
Pesquisa 20	UNESP - Assis

Quadro - Instituição

Portanto, entre as teses e dissertações analisadas aqui temos a seguinte proporção:

Período	Quantidade de pesquisas	Porcentagem
UNB	01	5%
USP	04	20%
UNESP	05	25%
PUC-RJ/RGS	03	15%
UFMG	02	10%
UEM	02	10%
UNICAMP	02	10%
UFPR	01	5%
TOTAL	20	100%

Tabela – Pesquisas por Instituição.

Dos textos analisados, 75% deles foram realizados em nível de Mestrado e 25% em Doutorado. Embora em proporção desigual, o fato evidencia que o meio acadêmico tem dado ênfase à figura do leitor e à teoria da Estética da Recepção nos programas de Pós-graduação.

Período	Quantidade de pesquisas	Porcentagem
MESTRADO	15	75%
DOCTORADO	05	25%
TOTAL	20	100%

Tabela – Nível de Qualificação.

Observamos um crescente interesse pelo tema a partir da década de 90, sendo esta proporção ampliada consideravelmente a partir de 2000. Entre a primeira e a última pesquisa constata-se uma lacuna de produção. Nossa pesquisa não registrou textos entre os anos de 1980 - 1991, o que não significa que eles não existam. Tal fato decorra talvez da dificuldade de acesso aos acervos das universidades, também da pouca existência de trabalhos que condensem tais dados.

Outro dado interessante quanto ao material coletado é que varia em quantidade de páginas, porém estabelece um discurso persuasivo e fundamentado das hipóteses que levanta não importando a extensão de cada produção. A maioria dos pesquisadores, embora se utilize de formas peculiares para desenvolverem seus projetos, organizam os mesmos de forma convencional, seguindo os padrões científicos de pesquisa.

b. Objetivos.

O que se constata nessa seleção é que os pesquisadores possuíam objetivos diversos quanto à leitura e ao papel do leitor. Visto que os pressupostos da teoria de Jauss relativos ao *efeito* e à *recepção* não eram o interesse principal dos textos analisados, destacaremos apenas os objetivos que dizem respeito a essas categorias, mesmo que abordados de forma indireta pelos pesquisadores, pois esse é o centro de nosso interesse.

As propostas estabelecem relação com a teoria que estudamos na medida em que proporcionam como objetivos o estudo:

- Do *efeito* tal qual postula W. Iser. Portanto, partem para um dos caminhos da Teoria da Estética da Recepção, preocupando-se com a inscrição do leitor no próprio texto e não com a recepção realizada pela crítica ou por leitores reais.

- Da recepção voltada para o ensino, buscando soluções para os dilemas presentes no trabalho com textos literários.
- Da recepção buscando identificar o perfil de um leitor eficaz
- Da recepção textual de vários gêneros textuais.
- Da recepção de textos pouco valorizados pela crítica, tendência dos estudos culturais, tais como os romances sentimentais e a literatura de cordel.
- Da recepção voltada para as estruturas discursivas do objeto literário como facilitador da compreensão e interpretação da leitura;

Ao analisarmos esses objetivos, verificamos um certo conflito entre as categorias *recepção* e *efeito* propostas pela Estética da Recepção. Em algumas das pesquisas essa diferença não fica suficientemente clara, provocando no leitor equívocos de interpretação quanto aos conceitos. Mesmo ressaltando o fato de que nem todas tinham como objetivo e fundamentação teórica a Estética da Recepção, esses conceitos se fazem presentes e são importantes para a verificação das questões de leitura propostas nas pesquisas, uma vez que focalizam o leitor e sua importância na análise literária.

Das vinte pesquisas que compõem esse *corpus*, temos em 15% a análise do *efeito*. Entre elas, observamos que Souza (Pesquisa 5), embora não se valha dessas categorias, já aponta para a questão ao definir como objetivo a reflexão do papel do leitor nos contos de Machado de Assis. Seu trabalho, em 1998, coloca a importância do leitor presente no texto desde a concepção do mesmo. Comprova a existência de um leitor na importante tarefa de preencher os vazios propositalmente colocados no texto por um autor que sabia como dialogar com seu público por meio de sua obra.

Em Yasuda (Pesquisa 6), uma proposta de estudo voltada para questões da prática pedagógica na formação de leitores, observamos relatos sobre a utilização de textos poéticos. Sua pesquisa, numa análise superficial, sugeriria estar centrada nas

questões de *recepção*. No entanto se fixa em textos utilizados pelos professores numa perspectiva estrutural. O que se percebe quanto às categorias definidas – *recepção e efeito* – é que a pesquisadora oferece fundamentação teórica voltada para o ensino, sem valer-se de um aprofundamento teórico baseado na teoria da Estética da Recepção. Embora não faça essa distinção, evidencia no estudo a questão do *efeito*, visto que mantém sua observação centrada no texto.

Em Ferreira (Pesquisa 7), que propõe uma análise comparativa entre quatro obras intituladas por ela como de vanguarda, observamos interesse nas questões de *efeito*. Da mesma forma que Yasuda, Ferreira centra sua observação nas obras escolhidas. Ela também não distingue as categorias, mas focaliza o *leitor implícito* nas obras.

Entre as pesquisas que observam a questão da *recepção*, que correspondem a 40% das analisadas aqui, percebemos uma grande tendência para a reflexão sobre o processo de formação do leitor focalizando principalmente o Ensino Fundamental, momento em que esse processo se estabelece.

Estão dentro desse percentual as Pesquisas 1 (Marândola) e 2 (Medeiros), analisando a recepção a partir de textos da crítica; as pesquisas 9 (Bittencourt), 14 (Nascimento) e 16 (Carvalho) que buscam o registro e reflexão da voz do *leitor real*, em formação nos vários níveis de ensino, a partir de textos em prosa ou em verso de autores da literatura. Ainda percebemos nas Pesquisas 11 (Zappone), 13 (Gasparello) e 19 (Garcia) o interesse de, além de registrar a voz do leitor real, observar questões pedagógicas da formação do leitor, focalizando o trabalho do professor e os métodos que utiliza na formação de leitores.

Guardada a devida proporção, encontra-se aqui uma lacuna que constitui um vasto campo para pesquisas vindouras. Embora seja nossa opinião que o ponto vital do processo de formação de leitores se realize no Ensino Fundamental, portanto em ambiente

escolar, não podemos deixar de pensar que esse processo seja contínuo e não dependa única e exclusivamente desse ambiente para se concretizar. Dessa forma, merecem atenção dos pesquisadores projetos que estudem essa formação tanto em relação à vida escolar na observação de como se realiza a *recepção* no Ensino Fundamental, Médio e Superior, quanto os que focalizam a formação de leitores fora do processo educacional.

Além da lacuna registrada, o que se nota é a preocupação do meio acadêmico em identificar um perfil do leitor que temos hoje. Para isso, os pesquisadores se valem de diversos ramos do conhecimento tais como: a Teoria literária, a Estética da Recepção, a Semiótica, a Sociologia da Leitura, a Lingüística, a Psicologia e a Pedagogia.

A atenção dada à questão dos estudos multiculturais, já comentada em outros momentos da nossa dissertação parece-nos bastante significativa. Tais estudos apresentam-se como alvo nos últimos anos, o que mostra que a crítica procura outros caminhos para os velhos entraves da pesquisa sobre literatura.

Também, constatamos nesses objetivos a observação das estruturas discursivas do texto como elemento fundamental tanto para a verificação do *efeito* quanto para a *recepção* do mesmo, independente do sujeito em questão. Questão que fica bastante clara já na Pesquisa 2 (Medeiros) que mostra um aumento no potencial de leitura dos alunos, em especial alunos do 2º e do 3º graus²³ que, pelo desenvolvimento psíquico e intelectual atingidos, apresentam melhores condições de absorção da metodologia proposta, ou seja, a análise textual nos moldes da sêmio-lingüística postulada pela escola de Paris.

²³ Hoje, Ensino Médio e Superior.

C. Material.

C.1. Tipo de texto abordado.

Relacionamos 65 textos de diferentes gêneros e formatos utilizados nas pesquisas que analisaram o *efeito* e a *recepção*. Separamos os mesmos em dois grandes grupos por nós aqui nomeados como:

Grupo I – Textos da literatura “adulta”;

Grupo II – Textos da literatura infanto-juvenil.

Essa divisão se justifica pela necessidade dos pesquisadores de utilizar um objeto literário adequado ao tipo de leitor que se pretendia focalizar, seja o *leitor ideal ou implícito*, segundo a formulação de W. Iser, no caso das pesquisas que se preocupavam com a observação do *efeito* produzido no texto, seja do *leitor real, explícito*, sujeito efetivamente participante da *pesquisa aplicada* realizada nos projetos de recepção textual.

No primeiro grupo, existe a presença de narrativas longas na forma de: romances em diário (*O Amanuense Belmiro*, de Ciro dos Anjos – Pesquisa 1); romances sentimentais (Coleções: Júlia e Sabrina – Pesquisa 17) e novelas (*Vidas Secas*, de Graciliano Ramos – Pesquisa 3). Também, de narrativas curtas – contos – em que estão presentes autores da literatura brasileira, tais como Machado de Assis (Pesquisa 5) e Clarice Lispector (Pesquisa 14).

Nesse item, ainda, constatamos a presença da literatura de cordel, focalizada na pesquisa *Ler/ouvir folhetos de cordel em Pernambuco* (Pesquisa 10). Significativo trabalho, ao nosso ver, por abordar uma literatura reconhecida como popular e regional, dado que revela uma das tendências atuais abordadas pelos estudos culturais no país.

Não encontramos no momento da seleção do *corpus* dessa pesquisa nenhum trabalho relativo a textos em poesia que se encaixasse nesse grupo.

No grupo II – textos da literatura infanto-juvenil - observamos a presença de narrativas longas, tais como: *Vida e paixão de Pandonar, o cruel*, de João Ubaldo Ribeiro (Pesquisa 4); *Corda bamba*, de Lygia B. Nunes (Pesquisa12); *Indez*, de Bartolomeu Campos Queiroz; *A guerra dos botões*, de Louis Pergaud (Pesquisa 18); *Eu também sou gente* de Ricardo Alberty; *Menina coração de pássaro* de Luísa Da costa; *A girafa e o mede-palmo* de Lúcia Pimentel Góes (Pesquisa 7). Narrativas curtas, como exemplo: *O que os olhos não vêem*, de Ruth Rocha (Pesquisa 13); os contos de fadas (*Cinderela*, *Branca de Neve e os sete anões*, *Chapeuzinho Vermelho* etc.). Outras narrativas do universo infantil – *A curiosidade premiada*, *Os três porquinhos*, *A princesa Sherazade*, *O rei leão*, *A arca de Noé* etc. – (Pesquisa 16). Também foram observados textos da poesia: livros inteiros – *O batalhão das letras*, de Mario Quintana, *Pare no P da poesia*, de Elza B. V. Döllinger (Pesquisa 6) ou poemas isolados: “Excursão” de Sergio Capparelli, “Convite” de José Paulo Paes (Pesquisa 8).

Os pesquisadores foram unânimes em tratar esse material infanto-juvenil com prudência, visto se tratar de um gênero ainda polêmico no meio acadêmico. Parte das discussões se fundamentou na idéia de ser esse tipo de texto considerado como literatura de massa, voltado para um público específico, abordado na maioria das vezes em ambiente escolar.

Nas narrativas longas, encontramos romances em forma de diário, relacionando assuntos próprios do universo do público alvo, como a aceitação das especificidades da adolescência, seu crescimento físico e psicológico. Já em relação às narrativas curtas, verificamos a presença de contos infantis de raízes folclóricas, contos de fadas e outras histórias.

Ao contrário dos textos encontrados no item I, detectamos a utilização da poesia com o público infantil, mostrando seu uso no ambiente escolar. Notamos a

preocupação dos pesquisadores em apontar para o uso de tais textos com fins pedagógicos como complicador na formação de leitores. Fica evidente, na leitura das pesquisas, a necessidade de proporcionar a *fruição* dos textos poéticos e também de que o professor utilize para isso um método. Ênfase foi dada ao método recepcional elaborado por Bordini e Aguiar, levando em consideração “as sete teses” de H. R. Jauss.

Portanto, o que entendemos sobre esse *corpus* é que sua extensão é razoável, abrangendo tanto textos em prosa quanto em verso. No entanto, muito ainda se pode fazer, principalmente no campo da *pesquisa aplicada* da recepção de gêneros e subgêneros da literatura que não foram relacionados.

Embora predominem as narrativas, percebemos que o meio acadêmico está ficando mais democrático, abrindo seu olhar para objetos que não estavam no cânon valorizado pela crítica. Percebe-se, como já dissemos antes, uma tendência voltada para o estudo da *literatura de massa*, criada intencionalmente para ser um objeto de consumo e a preocupação com as questões da literatura infanto-juvenil, também contempladas nas análises. Não podemos nos esquecer de observar os fatores que facilitam ou dificultam o exercício da leitura tais como: o suporte do texto literário, como ele se veicula para os leitores, o livro (literário) como “produto comercial”, sua utilização como instrumento pedagógico apenas e as metodologias utilizadas para utilização dos mesmos.

C.2. Tipo de leitor.

Das vinte pesquisas, encontramos dezessete que são *pesquisas aplicadas*, sendo que oito delas abordam apenas a questão da *recepção* de textos e nove o *efeito e a recepção* simultaneamente. Três, centram o interesse somente no *efeito*. Dessa forma,

temos diversos tipos de leitores contemplados nos trabalhos. Vamos separá-los em duas categorias: os *reais* e os *implícitos*.

Entendemos os primeiros como os sujeitos participantes das *pesquisas aplicadas* que focalizaram a recepção de textos. E, como *leitores implícitos* os formatados no texto abordado por seu autor, sem nenhum registro de impressões pessoais. Aqueles nos quais “*temos uma figura virtual idealizada pelo autor, inscrito no próprio texto para quem se destina*” (ISER, 1975).

Para uma melhor visualização, dividimos leitores reais em três grupos: **Alunos**, **Professores** e **Outros indivíduos**. Além disso centramos nossa atenção no ambiente de aplicação das pesquisas: na escola ou fora dela. Desta forma, encontramos leitores pertencentes ao Ensino Fundamental, Médio e Superior.

As pesquisas do grupo **Alunos** contemplam os seguintes níveis de ensino: Ensino Fundamental (de 1ª à 8ª séries), Médio (Supletivo) e Superior (Curso de Letras). Nas do grupo **Professores** percebemos a existência de professores atuantes no três níveis já citados. Já no grupo **Outros indivíduos** observamos a presença de pessoas da comunidade, de diferentes idades e de ambos os sexos, fora de ambiente escolar.

As pesquisas que direcionam o olhar para a recepção de textos têm seu interesse maior no Ensino Fundamental. Desejamos destacar que entre essas, a ênfase é dada principalmente às 4ª e 8ª séries, correspondentes às séries finais de ciclo, no caso do Estado de São Paulo. Outro fator de destaque é a Pesquisa 20, em que a pesquisadora se propõe seguir um grupo de alunos por 4 anos, verificando nesse processo, entre outros objetivos, os avanços obtidos quanto à leitura e recepção de textos.

Ainda pensando no mesmo grupo, temos apenas uma pesquisa focalizando o Ensino Médio. Embora em número reduzido, nos chama atenção por se tratar da observação da recepção em curso supletivo momento em que geralmente os conteúdos são

condensados e a ênfase do curso, infelizmente, não recai na prática sobre as questões de recepção de texto e leitura.

No grupo relativo ao Ensino Superior, encontramos 15% das pesquisas sendo que a totalidade propõe a observação da recepção apenas no curso de Letras. Tal limitação pode indicar outra lacuna, visto que o ato de leitura não é e não deveria ser encarado como uma especialidade do professor de Português, embora estejamos analisando apenas projetos que utilizam textos literários.

Em relação ao grupo de professores, encontramos 20% das pesquisas direcionando o olhar para professores do Ensino Fundamental. Não encontramos nenhuma pesquisa direcionada aos de Ensino Superior.

Quanto às pesquisas que abordam sujeitos que não pertencem ao ambiente escolar, correspondente a 15% das registradas, também nos chamou a atenção o fato de analisarem a recepção de literatura de cordel e de romances sentimentais, objetos literários que não fazem parte do cânon valorizado no meio acadêmico, refletindo portanto uma maior flexibilidade ao não observarem apenas a literatura dita como “erudita”. A valorização do diferente, ao nosso ver, é um ganho para as questões de leitura no país.

C.3. Tipo de documento referente à recepção e efeito analisado.

Como documentos da recepção notamos a existência de uma variada gama de textos escritos dos mais diferentes tipos. Estes foram classificados em dois grupos: **Textos Técnicos** e **Textos Escolares**.

Entre os **Textos Técnicos** encontramos artigos de jornal, resenhas, relatórios, entrevistas e questionários. Os artigos de jornal e as resenha tratam do *efeito* produzido no texto e revelam a opinião de críticos e/ou especialistas em literatura. Constatamos que

alguns pesquisadores promoveram a observação da recepção do texto utilizando o próprio discurso da crítica. Como exemplo, temos as dissertações de mestrado: *A Recepção da Literatura: teoria e prática da estética da recepção*, (Pesquisa 1) propondo a observação dos textos produzidos pela crítica nas décadas de 30 a 70 e *Vidas Secas - uma recepção em horizonte ampliado* (Pesquisa 3), mostrando o confronto entre o que disse a crítica de Antonio Candido e Romano Sant'Anna sobre esta obra e as impressões da própria pesquisadora.

Os relatórios serviram como instrumento de observação nas *pesquisas aplicadas*, sendo produzidos por professores atuantes nos projetos, pesquisadores e, em um caso, por um observador externo à pesquisa.

Quanto às entrevistas, foram realizadas para coleta de dados sobre a recepção de texto. Relacionam dados pessoais sobre os leitores, memória de leitura e participação nas *pesquisas aplicadas*. A maioria foi gravada em áudio, às vezes em vídeo. Depois de coletada, a maioria foi relatada e/ou registrada por escrito.

Os questionários realizados nos projetos objetivavam a coleta de dados sobre a recepção durante os debates (também gravados em áudio e/ou vídeo), sobre o registro do nível sócio-econômico-cultural da população alvo e também sobre a experiência dos professores nas atividades realizadas com seus alunos.

Quanto aos **Textos Escolares**, foram realizados com o objetivo de registrar impressões de leitura e alterações na interpretação e na recepção durante as etapas das pesquisas. Encontramos textos produzidos por alunos, pelo professor da classe em que foi aplicada a pesquisa, pelos pesquisadores e por outros observadores externos envolvidos no processo. Verificamos uma gama variada de textos produzidos por diferentes pessoas envolvidas no processo de recepção. Quanto aos alunos, percebemos desde textos tradicionais (fichas de observação de leitura, paráfrases, etc), comumente utilizados em sala

de aula, como textos mais inovadores (passaporte de leitura, caderno de impressões). Entre os apresentados pelos professores, destacamos o relatório de experiência de incentivo à leitura, documento destinado ao concurso Leia Brasil, que reuniu experiências de leitura em vários níveis de ensino, com professores de todo Brasil. Estes documentos foram observados em *Práticas de Leitura na escola*, (Pesquisa 11), projeto orientado por Prof^a. Dr^a. Marisa Philbert Lajolo.

Entre os documentos apresentados pelos **pesquisadores** destacamos o projeto *A leitura dialógica e a formação do leitor* (Pesquisa 20) pelo empenho e relevância da catalogação das obras durante três anos em que a pesquisadora, junto a seus alunos, registrou e analisou mais de 200 obras, partindo de uma experiência concreta de leitura com estudantes. E, finalmente, quanto aos documentos registrados por **Outros**, observamos a importância de um observador externo ao processo de leitura proposto na pesquisa, visto que esse traria um novo olhar sobre o objeto. Constatamos na análise dos documentos que:

Registro escrito produzido por	quantidade	porcentagem
Alunos	11	50 %
Professor e/ou pesquisador	09	41 %
Outros	02	9 %
Total	22	100 %

Tabela – Registro escrito

Como se vê, dá-se maior ênfase às informações coletadas por meio de registros escritos pelos alunos (50%). E também aos registros coletados pelo professor da sala e aos efetuados pelo pesquisador (41%). Entre os registros coletados por outras pessoas participantes (9%) encontramos o registro de bibliotecários e de um observador externo. Esses números nos mostram ainda que os dados coletados por observadores externos ao

processo de leitura em sala de aula, principalmente o bibliotecário, poderiam ser aproveitados.

Quanto aos instrumentos utilizados para coleta de dados oralmente, encontramos:

- Entrevistas gravadas em vídeo e/ou áudio, coletivas com alunos.
- Entrevistas gravadas em vídeo e/ou áudio, individuais com alunos.
- Entrevistas gravadas em vídeo sobre o final do processo de leitura com os alunos
- Debate coletivo gravado em vídeo
- Conversas informais com os alunos, gravadas em vídeo.
- Registro em vídeo de depoimentos sobre as leituras.
- Seminários sobre a leitura gravado em vídeo.

Analisando esses dados, chegamos à conclusão de que existem dois tipos de registros efetuados nas pesquisas: o escrito e o gravado. Quanto ao último, percebemos que proporciona a observação de manifestações orais dos sujeitos da pesquisa.

Tipo de registro	quantidade	porcentagem
Escrito pelo professor/pesquisador	14	25 %
Escrito pelo sujeito da recepção	24	43 %
Gravado em áudio e/ou vídeo	18	32 %
Total	56	100%

Tabela – Registro oral

Novamente se vê a ênfase dada aos registros escritos dos sujeitos da recepção. Do mesmo modo, verifica-se a necessidade de se proporcionar um registro oral de suas manifestações. No nosso entender, mesmo que essas gravações sejam depois transformadas em textos escritos, e, portanto, possam sofrer alguma interferência vinda da dificuldade de transposição quanto à linguagem; mesmo que elas não sejam totalmente naturais, pois não fazem parte da rotina em sala de aula, esses instrumentos de coleta de dados oferecem ao

pesquisador um excelente recurso de observação das situações em que a recepção de textos se estabelece em âmbito escolar. Revelam informações úteis quanto à atuação de alunos e professores no processo de leitura, principalmente sobre a recepção de textos.

d. Base teórica.

Nesta parte tivemos a grande surpresa de nossa pesquisa. Pressupúnhamos que encontraríamos a Estética da Recepção como teoria básica fundamentando as hipóteses levantadas nos trabalhos, visto que tratavam diretamente do leitor e de leitura. Curioso foi encontrar trabalhos que embora abordassem o tema, não apresentavam de forma explícita os princípios teóricos de H.R. Jauss e W. Iser.

No entanto, isso não as invalida quanto ao nosso estudo, pois embora não os citassem diretamente, nem em sua bibliografia, seus pressupostos estavam presentes e possivelmente identificáveis nas entrelinhas dos textos. Os princípios teóricos de Jauss e Iser mostraram-se presentes nas análises realizadas, consolidando uma base teórica que ajuda a elucidar a questão da leitura e da formação do leitor.

Nelas percebemos o *leitor real* e o *virtual*, o autor no contexto de produção e os entraves da formação do profissional que trabalha com a recepção de textos em âmbito escolar e social. Para isso, o método recepcional organizado por Aguiar e Bordini (1993) a partir dos pressupostos de Jauss também se fez presente. Citamos, como exemplo, o trabalho (3.13) de Ivonete V. Gasparello que pretendia, entre outras coisas, observar a possibilidade do professor da rede pública de ensino poder contar com o método recepcional, fundamentado na Estética da Recepção.

Dividimos a base teórica que permeia as pesquisas em dois grupos: **Teoria da Estética da Recepção** e a **Teoria da Leitura**. Nas duas percebemos o leitor como eixo

principal, sendo que na primeira observamos uma divisão entre pesquisas de *efeito* e as de *recepção*, categorias que discutiremos a seguir no item II. Quanto à Teoria da Leitura, observamos o tema sendo tratado por várias perspectivas: semiótica, histórica, pedagógica, sociológica e psicológica, esse recorte não será explorado em nossa pesquisa, visto não ser este o foco de nossa atenção.

Outro dado importante a ser observado na base teórica utilizada foi o fato de as pesquisas se abrirem para estudos de diversos interesses, como por exemplo, a questão da formação do gênero literatura infanto-juvenil, a literatura e o mercado e os aspectos culturais.

Embora não fosse pretensão nossa chegar a uma bibliografia publicada sobre a Estética da Recepção, nossa pesquisa constatou que existem alguns textos canônicos que abordam o assunto e foram, quase na totalidade dos trabalhos, explorados exhaustivamente. É importante ressaltar que as pesquisas no Brasil só deslancharam com as traduções de Jauss e Iser, principalmente por Sérgio Tellaroli, Johannes Kretshemer. Além, é claro, de seus principais divulgadores: Costa Lima e Regina Zilberman. Temos, por meio deles, o papel relevante de serem divulgadores dos pressupostos da Estética da Recepção no país.

Apresentaremos a seguir, os textos mais citados numa escala decrescente, ou seja, da maior frequência para a menor:

- *A história da literatura como provocação à teoria literária*, de Hans Robert Jauss, tradução de Sérgio Tellaroli, pela editora Ática. Texto original em alemão datado de 1967 e publicado no Brasil em 1994. Muitas pesquisas utilizaram traduções de outras nacionalidades, publicadas em várias datas.
- *O ato da leitura*, volumes. 1 e 2. de Wolfgang Iser, tradução de Johannes Kretshemer, pela editora 34. Versão original em alemão datada em 1976. No Brasil, publicado em - 1996 (vol 1) e 1999 (vol 2).

- *Leitor: Textos de Estética da Recepção*, seleção, organização e tradução de Luiz Costa Lima, publicado no Brasil pela editora Paz e Terra em 1979. Neste livro, além da introdução *O leitor demanda (D) a Literatura* do organizador da coletânea, encontram-se os textos: *A estética da Recepção: Colocações Gerais* e *O prazer estético e as experiências fundamentais da poiesis, aisthesis e katharsis* de Hans Robert Jauss; *A interação do texto com o leitor* de Wolfgang Iser; *Que significa a recepção dos textos ficcionais* de Kartheinz Stierle; e *Sobre os interesse cognitivos, terminologia básica e métodos de uma ciência da literatura fundada na teoria da ação* de Hans U. Gumbrecht.
- *Estética da recepção e história da literatura*, de Regina Zilberman, publicado pela editora Ática em 1989.

É importante esclarecer que a referência bibliográfica que apresentamos como item d.2.B diz respeito aos trabalhos citados na descrição das pesquisas. Além disso, que foram transcritas de acordo como foram encontradas nos textos de origem. Nelas não encontramos todas as obras utilizadas nas dissertações e teses, visto que isso seria um trabalho muito mais amplo do que o que nos propusemos aqui. Nos restringimos apenas a transcrever as que foram citadas na descrição da base teórica, observando autores e textos referentes ao nosso objeto de estudo: leitura/recepção de textos.

e. Detalhamento da pesquisa e metodologia

Optamos por descrever as pesquisas pela organização do texto, isto é, pela forma como foram formatadas pelos pesquisadores. Com estas informações, apresentamos a metodologia utilizada tanto na *pesquisa teórica* quanto na *pesquisa aplicada*. Nesses momentos, procuramos detectar e sintetizar do texto original os métodos e as técnicas

utilizadas nas diversas fases do processo de *recepção*, bem como a hipótese que o pesquisador se propunha observar, suas estratégias para alcançar seus objetivos, formas de coleta de dados, a utilização do marco teórico proposto no item anterior da grade de observação.

Percebemos que a forma de coleta das informações, os registros produzidos, a mensuração dos dados da maioria das pesquisas se estabeleceu de forma satisfatória. No caso das pesquisas de *recepção*, verificamos a preocupação dos pesquisadores em anexar ao texto o material produzido para a análise dos dados coletados.

É importante ressaltar que nem todas as pesquisas relacionadas na amostra apresentam esta divisão *pesquisa teórica* e/ou *pesquisa aplicada*. De acordo com o objetivo fixado, cada pesquisador deu maior ênfase para esta ou aquela parte. Em algumas delas verificamos a opção por apenas uma delas. Geralmente quando isso ocorreu foi dada ênfase à *pesquisa aplicada*.

O que nos chamou atenção quanto à metodologia foram os instrumentos de coleta de dados. Notamos a existência predominante de textos produzidos por leitores na modalidade escrita. Tal material constou de argüições, registros de impressão, paráfrases, questionários sócio-econômicos-culturais, etc.

Quanto às entrevistas, muitas vezes foram gravadas em áudio ou vídeo, mas nem sempre registradas de forma escrita nos anexos dos textos. Muitas vezes, os pesquisadores apresentavam-nas de forma descritiva e bastante sintetizada. Quanto a essa forma de coleta, pensamos que pode ser um meio a ser utilizado, porém, no nosso entender, é muito difícil realmente conseguir um registro fiel ao da fala. O que pode ocasionar, então, a manipulação dos dados, mesmo que não de forma proposital, da pessoa que os registrou.

f. Resultados principais apresentados.

Quanto aos resultados obtidos, verificamos que há necessidade urgente de considerar o leitor como peça-chave do processo de leitura, pois a ele cabe atribuir sentido ao texto escrito. Portanto, este sentido, embora se apresente por meio de marcas textuais, não está sozinho e totalmente delimitado. Ele depende da atuação do leitor para que se realizar concretamente.

Por essa primeira conclusão, verificamos que os pesquisadores apontam para a necessidade de mais projetos sobre a recepção de textos, bem como para a importância da teoria da Estética da Recepção em seus conceitos mais significativos como o de *horizontes de expectativas* e o de *concretização*. Também se faz necessário ressaltar que esta teoria é importante como instrumento de compreensão não só para o meio acadêmico como também para o professor que trabalha com leitura nos mais diversos níveis de ensino.

Os estudos literários estão se abrindo para textos até então não valorizados pela crítica. Proporcionando espaço, portanto, para romances sentimentais, literatura de cordel, literatura infanto-juvenil. Além de valorizar textos em prosa e verso de autores já conhecidos.

As questões de mercado também se fizeram presentes nas pesquisas. A observação do livro como mercadoria traz para a discussão dados importantes, tais como as estratégias utilizadas pelas editoras para seduzirem seu público, seja ele da idade que for. Esses aspectos podem ser variantes a serem observadas e analisadas na *recepção* de textos.

Muitas sugestões de caminhos para a formação do leitor que aliam a prática docente apareceram nas pesquisas registradas aqui. Quanto a essa formação, verificou-se, muitas vezes, que o próprio professor ainda deve passar por esse processo de formação, visto que em muitos casos reside aí o principal entrave para resultados mais positivos na

formação de leitores. Essa formação vai do próprio conhecimento de textos da literatura brasileira e mundial até a metodologia empregada em suas aulas.

Outro fator evidenciado nas pesquisas foi que o prazer estético resulta da apropriação do texto com entendimento. E também, da fusão de *horizontes de expectativas* tanto do leitor quanto da obra lida. As pesquisas apontam para o fato de se trabalhar com esses *horizontes* como um caminho para a formação de leitores mais eficientes.

Segundo o que se observou, o Método Receptional se sustenta na prática escolar, desde que seja realmente compreendido e executado competentemente. É possível conseguir bons resultados a partir dele. Quanto a esses bons resultados nos referimos à formação de um leitor mais consciente de sua função, preparado para exercê-la.

De acordo com as pesquisas analisadas, podemos perceber que a questão da leitura está longe de ser esgotada. Cada experiência realizada traz novas variantes a serem consideradas no processo. Fórmulas prontas não existem, apenas sugestões de caminhos que aliam ***Conhecimento Literário + Metodologia + Empenho do professor = Formação do leitor***. Esta, talvez, seja a equação a ser resolvida pelos novos pesquisadores.

4.3 – Uma reflexão de caráter geral.

A classificação das pesquisas nessa parte de nossa reflexão se estabeleceu em três categorias: **A. Pesquisas de Efeito, B. Pesquisas de Recepção, C. Pesquisas de Recepção/ Efeito.** Nas três observamos a existência de projetos que se diferenciavam não só pelo leitor utilizado e tipos de documentos coletados, mas também pelo fato de tratarem ou não de uma *pesquisa aplicada* além da observação do *efeito*. Passaremos, a apresentar os trabalhos destacando pontos relevantes de cada um. A tabela a seguir demonstra em porcentagens o tipo de pesquisa. quantidade encontrada:

TIPO DE PESQUISA		QUANTIDADE	PORCENTAGEM
A. Efeito – leitor implícito		03	15%
B. Recepção	Pela crítica especializada.	01	05%
	Pelo professor – processo de formação de leitores.	05	25%
	Pelo leitor real - em formação.	02	10%
C. Recepção/Efeito	Voz do leitor real– recepção inicial.	02	10%
	Voz do leitor real - questões pedagógicas.	03	15%
	Voz do leitor real - fora de ambiente escolar.	04	20%
TOTAL		20	100%

Tabela – Classificação das Pesquisas

A. Pesquisas de Efeito – leitor implícito.

Nessa categoria, apresentamos trabalhos que, utilizando direta ou indiretamente a base teórica já mencionada, preocupam-se em analisar como se constrói a figura do *leitor implícito* previsto pelo escritor e previamente formatado no texto. Nessas pesquisas, temos a observação do *efeito* no próprio texto, ainda que não se valham diretamente desse conceito na formulação de Iser.

Entre as pesquisas que tentam aclarar o processo de leitura concretizando o *efeito*²⁴ produzido pelos textos, observamos a presença de um *leitor implícito* em 15 % deles. Temos nessa categoria as seguintes pesquisas:

Pesquisa 5	<i>O Papel do leitor no conto Fantástico de Machado de Assis</i>	SOUZA,1998
Pesquisa 6	<i>Poesia e alfabetização: estudo sobre o Batalhão de Letras de Mario Quintana</i>	YASUDA,1999
Pesquisa 7	<i>- Caminhos de ler: por uma formação do Leitor Fluente e Crítico de Literatura Infantil e Juvenil de Vanguarda em Língua Portuguesa</i>	FERREIRA, 1999

Tabela – Pesquisa Efeito – leitor implícito.

Souza (pesquisa 5) realiza uma proposta que contempla o papel do leitor utilizando como base teórica Wolfgang Iser para a compreensão dos *efeitos* no texto. Além disso, foram focalizadas a intertextualidade e a sátira menipéia em alguns contos de Machado de Assis. Embora outras teorias anteriores a Estética da Recepção permitissem a conclusão a que Souza chega, mereceu atenção o destaque que a pesquisadora deu ao leitor, dizendo que ele fora convidado a participar do texto de Machado de Assis com a tarefa de preencher os vazios deixados pelo narrador. O autor, na concepção da pesquisadora, chama o leitor para um jogo por meio da sua técnica narrativa.

²⁴ Para W. Iser o *leitor implícito* é uma construção presente no texto e percebida pelo *leitor real* por meio das instruções do próprio texto.

Yasuda (pesquisa 6) analisa relatos de professores que falavam sobre sua prática pedagógica em pré-escola, 1º e 3º ano do Ensino Fundamental. Abordando questões relativas a: a leitura voltada a um público com perfil específico; as ilustrações na literatura; a adaptação de textos poéticos para crianças e o uso da poesia para o ensino da Língua. A pesquisadora verificou uma situação bastante negativa em que os professores não se mostravam preparados para trabalhar com a linguagem poética, tinham pouca leitura sobre o assunto e quase nenhuma formação estética. Muitos não eram sensíveis à poesia. Limitou-se a analisar o texto e o paratexto, não proporcionando uma experiência de recepção propriamente dita.

Observamos a intenção de Ferreira (pesquisa 7) de refletir sobre a prática de leitura realizada nas escolas. Sua proposta baseia-se na visão da leitura como um jogo, aponta reflexos da leitura como dimensão da vida. Considera importante a formação do professor leitor, como alguém mais experiente que vai mediar a formação de novos leitores. Foram importantes as contribuições da Psicologia, da Educação e da Crítica Literária nessa formação do professor. O projeto proposto pela pesquisadora parece pertinente, porém não desviar ficar apenas nas atividades propostas. Destacamos o que foi apontado como evidência de evolução na prática dos professores – o abandono da avaliação tradicional e, também, o fato da escola não poder se restringir à divulgação e recepção do “*gosto médio*” de leitura.

Ferreira, apesar do tom poético assumido em seu texto, coloca a leitura como um jogo, uma atividade livre, espontânea e prazerosa. Aborda também um projeto de formação de professores e propõe a análise de algumas obras, que no seu entender são consideradas como de “vanguarda”. Sua pesquisa defende o professor como um estimulador de leituras e para tanto destaca atividades vindas da sua própria prática de leitura, bem como sugestões de outros professores, que promoveriam a formação de

leitores. Apesar de dizer que não quer dar receitas prontas, acaba por fazê-lo quando mostra o projeto “Brincando no Arco Íris”. No nosso entender, Ferreira se preocupou mais em passar experiências pedagógicas do que desenvolver de fato uma pesquisa de recepção. Pouco aprofunda a sua sobre o texto literário, destacando obras sem justificar convincentemente o motivo pelo qual as classificou como de vanguarda

Nas pesquisas apresentadas aqui, notamos uma ênfase ao estudo do texto como portador de estruturas que evidenciam marcas deixadas pelo escritor a respeito de um *leitor implícito*, previamente formulado por ele. Esses textos analisados mostram uma estrutura que antecipa a presença do receptor. O papel do *leitor real* seria determinado, portanto, por essa estrutura. Para tanto, seus pesquisadores mostraram preocupação com o objeto de leitura, não evidenciando (embora em alguns casos tenham afirmado que o fariam) a atuação dos leitores no ato no exercício de sua função.

Como se vê, a hipótese de leitura que fundamenta a análise das obras utilizadas como *corpus* nessas pesquisas, de fato “*longe de propor uma recepção passiva, apresenta-se como uma interação produtiva entre o texto e o leitor*”. Esse é de fato escolhido e programado no texto por seu escritor. Como a obra – texto produzido pelo autor – é um objeto artístico, determina um *efeito* para os eventuais leitores que venham desfrutar dela. Reflete, “*uma dimensão comum a todo leitor previamente determinado pelo texto.*” (JOUVE, 2002). Talvez isso justifique o fato de uma mesma obra ser aceita por um leitor e rejeitada por outros.

O que se constata é que Souza, embora não evidencie diferenças entre o estudo do *efeito* e o da *recepção*, lança mão de parte dessa teoria ao analisar o papel do leitor presente no conto de Machado de Assis. Por meio da Teoria do Efeito e da Teoria do Gênero Fantástico mostra no texto desse consagrado autor a atuação de um *leitor ruminante* que foi traçado antecipadamente, no momento de produção do mesmo, e que

deverá ser decifrado por um *leitor real* para que estabeleça como objeto estético. Já Yasuda, lança mão de uma pesquisa *teórico-aplicada* que supostamente resgataria a atuação de um leitor real, portanto sua recepção. No entanto, não centra sua atenção nesse ato e sim no *leitor implícito* presente nos textos. A reflexão que provoca com sua pesquisa é referendada pelos textos de Mario Quintana e Elza Beatriz V. Döllinger de Araújo. Ela ataca o objeto quanto a aspectos de significação, procedimentos estilísticos, temas, ilustrações. Ou seja, focaliza o texto, paratexto e extratexto para, enfim, cumprir seu objetivo principal que é o de analisar a prática pedagógica dos professores na utilização de tais textos.

Na mesma linha de pensamento está a pesquisa de Ferreira ao propor a análise comparativa de quatro obras denominadas por ela como de “vanguarda”. Embora seu objetivo fosse analisar a prática de leitura realizada na escola, propondo caminhos para a formação do leitor, a pesquisadora também centra sua atenção nos textos. Num tom poético que, ao nosso ver, provocou uma interpretação superficial sobre a prática de leitura, não se fixou nem no ato de leitura nem na existência de um leitor prévio nos textos comparados. Para uma pesquisa que visava à análise de obras de vanguarda, o mínimo que se esperaria era a comprovação dos motivos que levaram a pesquisadora a classificar tais obras dessa forma, o que não ocorreu de modo convincente a partir da análise minuciosa da estrutura narrativa e do leitor existente nas mesmas, e que, infelizmente, não foi realizado por ela. Seu enfoque pedagógico a impediu, talvez, de realizar uma análise mais profunda, menos preocupada com as situações de leitura reais proporcionadas na escola, e mais calcada em seu objeto de estudo.

Ressaltamos ainda, a necessidade de se fazer distinção entre o leitor *implícito* e *real* nas pesquisas sobre leitura; entre o *efeito* e a *recepção*. Não se pode colocar todos esses elementos numa mesma caixa sem fundos ao se propor a análise de textos, sejam eles

literários ou não. Tal equívoco teórico já foi suficientemente esclarecido por Wolfgang Iser na introdução da segunda edição de *O ato de leitura*, v. 1. quando diz:

...o efeito e a recepção formam os princípios centrais da estética da recepção, que, em face de suas diversas metas orientadoras, operam com métodos histórico-sociológicos (recepção) ou teóricos-textuais (efeito). A estética da recepção alcança portanto, a sua mais plena dimensão quando essas duas metas diversas se interligam. (ISER, 1996, P.7)

As preocupações destacadas nas pesquisas certamente estiveram e estão presentes em milhares de outras que abordam o texto literário. Tais interesses não as invalidam enquanto pesquisa sobre leitura, mas refletem tendências dos estudos relativos ao leitor em sua interação com o texto. Constituem parte de uma teoria que focaliza um leitor implícito que está registrado “na estrutura do texto e que antecipa a presença do receptor” (ISER, 1976).

B. Pesquisas de Recepção.

Os sete trabalhos presentes nessa categoria – 40% das pesquisas descritas nesta dissertação - vão além da observação do *leitor virtual*, contendo uma *pesquisa aplicada* com *leitores reais* ou que promovam a observação da recepção por meio de textos da crítica. Seus pesquisadores focalizam a leitura de um ou mais textos, mostrando o comportamento dos leitores quanto às suas preferências, rejeições, estratégias de leitura, prazer ou não na atividade realizada. Esse grupo foi subdividido em outros três, de acordo com o tipo de leitor real focalizado na *pesquisa aplicada*. Dessa forma temos pesquisas que utilizam como sujeitos da pesquisa alunos do Ensino Fundamental, Médio e Superior, professores e outras pessoas fora do ambiente escolar, tais como críticos da literatura. Na

tentativa de visualizar melhor a diferença provocada por esse *leitor real*, teremos: **B1.** Recepção por parte da crítica especializada; **B.2.** Recepção por parte de professores focalizando o processo de formação de leitores, portanto focalizando método, perfil do leitor, preferências, etc. **B.3.** Recepção por parte do leitor real em formação.

Para analisarmos as pesquisas classificadas como de **Recepção**, seguimos como critério que os projetos não apresentassem apenas uma pesquisa *teórico-aplicada*, mas que o pesquisador se valesse da voz de um *leitor real* em sua experiência de fruição de textos. Portanto, suas vivências pessoais e códigos coletivos seriam aspectos responsáveis por dar vida às obras lidas, viabilizando um diálogo entre elas e leitor.

Nesse caminho, encontramos muita dificuldade para chegarmos ao conjunto de textos apresentados aqui, visto que cada um deles apresentava tendências específicas que giravam em torno de dois aspectos principalmente: o primeiro relativo ao ambiente em que a pesquisa se realizou - ambiente escolar ou fora dela. Gostaríamos de ressaltar que a Teoria da Estética da Recepção não foi concebida com fins pedagógicos e, muito menos, tinha como proposta imediata a análise da questão da formação de leitores. Além disso, verificamos também que as categorias *efeito* e *recepção* nem sempre ficaram distintas nas pesquisas, ocasionando confusão na interpretação dos dados.

O segundo aspecto observado diz respeito à observação do grau de experiência literária dos *leitores reais*. Quanto à variedade de tipos de leitores encontrados, notamos que, embora a terminologia seja ampla e muitas vezes se fale do mesmo tipo de leitor com nomes diferentes, ela fica centrada em duas espécies: o *leitor implícito* no texto, abordado nas pesquisas classificadas na categoria **Efeito** - item analisado anteriormente - e o *leitor real* elemento importante para a classificação dos textos nessa parte.

Em relação a esse *leitor real*, verificamos uma distinção quanto a sua experiência de leitura. Dessa forma observamos um *leitor especializado* – o crítico de

literatura – chamado por Iser como “leitor cultivado”; o *leitor formador de outros leitores* – na maioria das vezes professores; e por fim o *leitor em formação*, alunos em diversos momentos da vida escolar. Dessa foram, passamos a reagrupar as pesquisas reunidas nessa categoria subdividindo-as em três grupos menores assim dispostos:

B.1. Recepção pela crítica especializada.

Composta do registro da recepção histórica de um texto a partir da crítica, considerada aqui como um leitor mais experiente, mais refinado, devido ao grande número de textos com os quais lida, bem como seu direcionamento para aspectos mais específicos dos mesmos. Tal observação é realizada por um *leitor cultivado*, fora do contexto escolar. Corresponde a 5% das pesquisas encontradas na seleção.

Pesquisa 1	<i>O Amanuense Belmiro</i> de Ciro dos Anjos	Marândola (1980)
------------	--	------------------

Tabela – Recepção pela crítica especializada

Marândola (Pesquisa 1) analisa a recepção da obra de Ciro dos Anjos por meio da crítica que forneceu informações de como esta foi recebida por seus leitores em épocas diferentes. Seu trabalho mostrou como o *horizonte de expectativas* dos leitores de épocas distintas se modificou com o tempo, bem como as fronteiras de horizontes nas quais a obra se inseriu. Além disso, a pesquisadora detectou no texto deste autor elementos que objetivamente parecem dirigir o público para uma certa modalidade de *recepção*.

O referido texto não pode ser considerados apenas como impressões de leitura. A pesquisadora realiza a tarefa de análise de dados de uma época, mostra uma recepção histórica. Verifica dados de recepção de outros leitores, enfim, o que se noticia sobre a obra

analisada, buscando na própria análise literária dados que comprovem suas afirmações. Não são, portanto, meros leitores no exercício de sua atividade – a leitura. Estão firmados por um caráter mais científico, fundamentado por um leitor experiente, que não deve e não pode ser confundido com um leitor em formação e muitos menos com um leitor que busca formar outro leitor.

B.2. Recepção - processo de formação de leitores.

Composta do registro de experiências de leitura em sala de aula, com fins pedagógicos, promovendo a observação de práticas de leitura, métodos empregados e o próprio perfil do leitor, os quatro trabalhos selecionados para essa categoria correspondem a 25% das pesquisas que compõem o *corpus* analisado nesta dissertação. Tais textos se voltam para a voz do educador em suas atividades como agente de formação de leitores. São realizados em ambiente escolar.

Nesse grupo destacamos as seguintes pesquisas:

Pesquisa 8	<i>Entre versos e rimas</i>	Quaglia, 2000
Pesquisa 9	<i>Em busca de Jovens Leitores Apaixonados</i>	Bittencourt, 2000
Pesquisa 11	<i>Práticas de Leituras na Escola</i>	Zappone, 2001
Pesquisa 13	<i>Escola e Literatura: Conectando os campos, um estudo sobre a aplicação do Método Recepcional,</i>	Gasparello, 2001
Pesquisa 19	<i>A poesia na escola: viva a poesia!</i>	Garcia, 2002

Tabela – Recepção - processo de formação de leitores Pedagógica

Quaglia (Pesquisa 8) investiga a recepção de textos poéticos por leitores pré-adolescentes, com idade entre 11 e 12 anos, cursando uma 6ª série. Além disso, observa quais aspectos da metodologia de leitura de textos literários são importantes para promover e incentivar a leitura prazerosa da poesia. O trabalho destaca-SE pela organização coerente

e harmoniosa do texto, pela linguagem científica utilizada com eficiência e pela preocupação de não querer passar uma receita, mas uma visão renovada sobre as questões de leitura. Em seu texto essas reflexões provocam mudança no comportamento da própria professora que aplicou as atividades de *recepção*, bem como, nos alunos pesquisados.

Bittencourt (Pesquisa 9) aponta para um caminho ousado: traçar um perfil de um jovem leitor apaixonado. Seu objetivo foi identificar a existência de jovens *leitores apaixonados* e também traçar seu perfil por meio de comparações com outros jovens da mesma idade e escola. A pesquisadora, embora faça um projeto que promova a análise de informações fornecidas a partir das respostas a um questionário aplicado em 571 alunos da 5ª à 8ª série, apresenta como preocupação maior traçar um perfil psicológico desses alunos, pouco abordando o texto literário e suas especificidades. O que a princípio parecia um registro da voz desse leitor quanto à recepção de textos, tornou-se apenas um perfil.

Sua estratégia de pesquisa foi bastante curiosa no sentido de buscar por meio de um questionário e algumas informações colhidas em ambiente escolar traçar esse quadro. Chama a atenção o apoio vindo das áreas da Psicologia, Pedagogia, Sociologia, História da Literatura e da própria Literatura Infanto Juvenil como suporte teórico para a análise dos dados. A proposta da pesquisadora baseou-se em leituras realizadas ao longo da vida dos pesquisados. Os leitores foram observados quanto aos hábitos sociais, gostos e preferências em leitura.

Da análise dos dados, Bittencourt chega a duas categorias de leitores assim denominados por ela *apaixonados* e *interessados*. O perfil dos alunos apaixonados por leitura não apresenta nenhuma grande diferença, apenas que realizam as atividades de leitura com prazer, do nosso entender, isso pouco acrescenta à discussão. Não é um projeto de recepção de um texto, mas das reações provocadas ao longo de diversas recepções de textos múltiplos aos quais essa clientela foi exposta.

Em Zappone (Pesquisa 11) encontramos um projeto de recepção formado por relatórios de professores participantes do concurso Leia Brasil. Seu objetivo inicial foi descrever as formas de ler na escola brasileira da região sul-sudeste. Além disso, também buscou compreender o processo de construção do saber de leitura do professor. Teve acesso a um material composto de fichas de inscrição e relatórios enviados, por diversos professores, ao concurso Leia Brasil. Trata-se, portanto, de uma grande amostra do pensamento docente, suas estratégias de motivação e formação de leitores. Seu instrumento de coleta de dados foi bastante relevante, uma oportunidade ímpar de se verificar as formas de ler presentes no país. Tais relatórios indicam a leitura escolar como sendo ensinada e aprendida por meio de atividades coletivas e individuais propostas pelo professor, consideradas como formadoras da leitura escolar.

A linha de pesquisa apresentada por Zappone elucida eficazmente muitos caminhos da leitura no país, bem como práticas pedagógicas que colocam o professor como um agente cultural de grande influência. Rompe com os mais pessimistas que dizem que não se lê no Brasil. De acordo com dados lançados em sua pesquisa, apesar dos problemas enfrentados no país, o número de leitores vem se ampliando consideravelmente. Ela observa que, talvez não se possa mais afirmar que a maioria dos alunos não gosta de ler. Quanto à prática pedagógica dos professores e suas concepções de leitura, Zappone afirma que possuem formação precária de um modo geral. Também que o problema da leitura é difícil de se resolver porque não depende apenas da escola, e sim de padrões culturais e históricos, tanto dos professores quanto dos alunos. Importante foi sua constatação de que esse número de leitores pode crescer consideravelmente em razão das estratégias de mercado. No entanto, ressalta que este ponto causa uma grande preocupação para o meio intelectual, afirmando que nem tudo que o mercado oferece é de boa qualidade literária.

Gasparello (Pesquisa 13) propõe a recepção de textos a partir de uma oficina de poesia. Seu objetivo principal foi comprovar que o professor da rede pública pode ter a seu favor um método recepcional, fundamentado na Estética da Recepção. Ela afirma que, muitas atitudes da escola acabam por afastar o leitor. Outros fatores, como a precariedade das escolas, o despreparo de seus professores quanto ao conteúdo e ao método e a insegurança em mudar sua prática pedagógica, são apontados como dificultadores da aplicação deste método.

Apesar dos fatores negativos apontados e de algumas generalizações registradas em suas conclusões e até mesmo de um julgamento precipitado dos dados coletados, a pesquisadora defende a aplicação do método, por ele apresentar mudanças significativas nas atitudes dos alunos em relação à leitura e às atividades realizadas. Ela notou que a cada etapa do método o interesse dos alunos era ampliado, havendo interação com o momento vivenciado e com o tema abordado no texto. No entanto adverte que a escola deve pelo menos tentar resolver problemas mais urgentes como a escassez de material e promover o tempo voltado à pesquisa e ao estudo, para que o professor possa adquirir mais competência para desenvolver o trabalho de leitura da literatura na Escola.

Garcia (Pesquisa 19) propõe o estudo da situação da poesia na escola, ressaltando o real conhecimento e interesse das crianças pelo texto poético. Para tanto se utiliza de um projeto de recepção de textos poéticos oferecidos a alunos e professores pertencentes a uma dada escola, coletando dados com professores, bibliotecários e alunos. Sua trajetória vai da análise de poemas dirigidos ao público infantil até caminhos para esclarecimento de como a criança compreende o funcionamento do sistema gráfico e representativo da língua. Em relação aos professores, pretendia produzir um instrumento de reflexão que pudesse produzir mudanças na prática pedagógica dos mesmos. Observou que muito ainda há que se fazer quanto ao gênero poético na escola, local que, para muitas

crianças, continua sendo o único para a fruição de tais textos. Mostra a poesia como um jogo e analisa algumas atividades contidas em livros didáticos questionando a qualidade de seus textos quanto à promoção de emancipação literária e utilização pedagógica dos mesmos. Constata que a fruição de poesias no âmbito escolar vem aumentando e ganhando espaço editorial, embora isso ainda seja insuficiente e muito haja o que fazer. A amostra de textos apresentada pela pesquisadora é significativa e seu trabalho sugere caminhos a serem realizados.

Podemos concluir neste item, que a teoria da Estética da Recepção e a figura do leitor permeiam essas discussões, embora não como eixo central. A preocupação pedagógica é mais evidente e os pesquisadores tentam com suas reflexões encontrar saídas para a formação de leitores em ambiente escolar. Não se pode denominar tais pesquisas de “projetos de recepção” na concepção de Jauss. Embora registrem depoimentos de leitores reais, não abordam especificamente questões de relevância para a recepção tais como: os horizontes históricos das obras utilizadas, as expectativas dos leitores, o estranhamento, o rompimento de expectativas, os vazios do texto a serem preenchidos pelos leitores, a atualização da obra literária etc. No entanto, abordam questões significativas quanto ao leitor em formação em ambiente escolar. Entre essas, podemos destacar a iniciativa de Bittencourt em encontrar um perfil básico para os alunos que gostam de ler, as estratégias dos professores para formar seus alunos em relação à leitura, a tentativa de se utilizar uma metodologia nesse trabalho.

B.3.Recepção pelo leitor real em formação.

Trata-se da recepção composta do registro das impressões de leitura em primeira mão, dando voz ao *leitor real*. Suas preferências, dificuldades, estratégias de

leitura, escolhas etc. O resgate dessa recepção é comprovado por registros escritos e orais, às vezes por observação externa, filmagens e outros instrumentos de coleta de dados. A preocupação do pesquisador nos dois projetos presentes nessa categoria não é meramente pedagógica, mas de verificação de como se dá o processo de recepção com leitores de diversas idades. Por isso a voz do leitor aparece registrada em documentos de recepção, muitas vezes encarada como um processo que tem um momento de recepção inicial, que vai se alterando à medida que esse leitor vai sendo exposto a outros momentos de recepção. As pesquisas aqui relacionadas, correspondem a um total de 10% dos textos selecionados nesta dissertação, abordam o texto como estrutura de apelo à recepção, sendo seu principal objetivo dar voz a esse leitor, oferecendo-lhe instrumentos para que registre suas impressões ao longo do processo de recepção proposto.

Pesquisa 14	<i>A Prática de Leitura Literária no curso de Letras da Universidade Federal do Amapá: algumas reflexões</i>	Nascimento, 2001
Pesquisa 16	<i>As crianças contam as histórias: os horizontes dos leitores de diferentes classes sociais</i>	Carvalho, 2001

Tabela – Recepção pelo leitor real em formação.

Nascimento (Pesquisa 14) apresenta uma proposta de recepção voltada para os futuros professores em uma Universidade. Seu objetivo foi observar a construção de sentido na interação texto/leitor e leitor/texto. Tal estudo se baseia na Lingüística Aplicada, na Teoria Literária, na Lingüística textual e na História da Leitura, entre outras linhas teóricas citadas. A autora observa diversos níveis de interação na leitura; constata que a escola pode ser também um espaço onde pode existir uma diversidade de leitura, embora não deva perder a visão de especialista. Aparentemente seu projeto evidencia a questão do *efeito*, mas não se sustenta nele e sim na voz do leitor que, exposto a um processo de interação com o texto de Clarice Lispector, tenta se libertar da voz de especialistas e

registrar sua vivência na construção de sentidos. Os alunos que a princípio se mostravam presos aos textos de análise crítica sobre a escritora, começaram a se libertar deles e dar espaço para sua própria interpretação. Dado importante para as pesquisas – o aluno futuro professor buscando sua recepção primeira, livre de amarras literárias, ou seja, sua voz sendo respeitada. Sabemos que na Universidade esse leitor, supostamente formado, deveria se especializar construindo uma argumentação sobre os textos com os quais trabalha com bases sólidas calcadas na voz da crítica. Mas consideramos um avanço o fato de a pesquisadora dar voz a esse leitor, que na pesquisa parecia surpreso em poder construir sentidos diferentes aos que tinha acesso. Afinal, não será exatamente essa sua tarefa enquanto formador de leitores? Como poderá realizá-la com êxito se não puder registrar suas impressões?

Mudando para um leitor em início de formação, o estudo de Carvalho (Pesquisa 16) apresenta a análise de vinte e quatro reproduções de narrativas infantis por alunos de 4ª série. Nela, o pesquisador objetivou materializar a voz do pequeno leitor a partir da investigação dos horizontes de leitura de crianças de diferentes classes sociais em contexto escolar. Chamou nossa atenção a vasta bibliografia elencada pelo pesquisador no corpo do texto. Tal bibliografia apresenta referência ao que se tem produzido mais recentemente no país sobre Leitura e Estética da Recepção, ampliando assim o trabalho de Ceccantini (Pesquisa 4). Carvalho aborda artigos, livros de pesquisadores conhecidos que se dedicam ao estudo da Literatura Infantil, dissertações de mestrado e doutorado de algumas das principais instituições de pesquisa do país. A comparação proposta focaliza aspectos socioeconômicos dos alunos pesquisados. Não apresenta conclusões definitivas, mas aponta caminhos referentes à recepção do texto infantil, aos modelos de narrativas que circulam nas escolas, as marcas textuais de espaço, tempo, a configuração da criança

enquanto narradora, a formação do leitor infantil. Seu trabalho se destaca pela organização, linguagem científica adotada, conteúdo promovido e articulação das idéias.

Como se nota, estas pesquisas mostram alguns aspectos importantes sobre a *recepção* de texto propriamente dita. Preocupam-se em assinalar um processo que se inicia com a alfabetização e se estrutura ao longo da vida dos leitores. Evidenciam a participação da escola como instituição responsável por esse desenvolvimento, mas colocam o aluno-leitor no centro das atenções e o professor, leitor mais experiente, como condutor desse processo

C. Pesquisas de Recepção/Efeito.

Na última categoria desse item temos um total de 09 pesquisas, correspondendo a 45% do *corpus* selecionado para a dissertação. São trabalhos que contemplam as duas perspectivas anteriormente descritas, o *efeito* e a *recepção*. Observamos nessa categoria a questão dos leitores, também focalizando seu processo de formação, bem como o destaque de duas pesquisas fora de ambiente escolar com leitores distintos.

De acordo com Iser (1996), no prefácio da segunda edição de *O ato da Leitura*, essas duas orientações, apesar de distintas, complementam-se na medida em que:

...a recepção diz respeito à assimilação documentada de textos, e é extremamente dependente de testemunhos, nos quais as atitudes e reações se manifestam enquanto fatores que condicionam a apreensão de textos. Ao mesmo tempo porém, o próprio texto é a ‘prefiguração da recepção’, tendo com isso um potencial de efeito cujas estruturas põem a assimilação em curso e controlam até certo ponto. (ISER, 1996, p. 7)

Dessa forma, destacamos nove trabalhos selecionados nesta categoria que abordam tanto o *efeito* quanto a *recepção*, mesmo que de forma não direta. Partem da análise reflexiva do contexto de produção, dos efeitos provocados pelo autor na estrutura de apelo dos textos até chegar à materialização da voz do leitor.

Entre eles percebemos também as tendências descritas nas pesquisas que focalizam apenas a recepção – ambiente de recepção do texto – escolar ou não; e leitores presentes nas pesquisas aplicadas. No entanto, algumas diferenças se apresentam e dessa forma, os textos foram divididos em sub-grupos assim denominados:

C.1. Voz do leitor real - horizontes e perspectivas.

Selecionamos duas pesquisas - correspondendo a 10% do *corpus* - que registram a recepção inicial de textos diversos. Embora tenham sido realizadas em ambiente escolar, não focalizam questões pedagógicas de formação do leitor. Centram seu interesse em materializar a voz do leitor no que se refere aos horizontes históricos das obras utilizadas, às expectativas dos leitores, ao estranhamento, ao rompimento de expectativas, aos vazios do texto a serem preenchidos pelos leitores, à atualização da obra literária, etc. Foram selecionadas para esse item, as pesquisas:

Pesquisa 4	<i>Vida e Paixão de Pandonar, o cruel</i> do escritor João Ubaldo Ribeiro	Ceccantini, 1993
Pesquisa 18	<i>Tempos e Espaços Culturais</i>	Corrêa, 2002

Tabela – Recepção Efeito - Voz do leitor real – horizontes e perspectivas

Para iniciarmos as reflexões sobre o grupo de pesquisas, destacamos o texto de Ceccantini (1993) que elabora um projeto prevendo aspectos da produção, contextualização da Literatura Infantil e uma ampla análise de pontos vitais sobre a Estética da Recepção tais como: horizontes de expectativas, *efeito e recepção* e concretização, distância estética, experiência estética, níveis de identificação do receptor com o herói, entre outros. Seu texto talvez possa ser considerado pioneiro no meio acadêmico por ressaltar referencial teórico importante para as questões de leitura e recepção da literatura infantil, bem como, uma ampla pesquisa de campo que fundamenta e justifica um projeto de formação do leitor proposto pelo pesquisador, num momento em que quase não havia notícias deste tipo de pesquisa no país.

Corrêa (Pesquisa 18) fez sua investigação observando três grupos distintos de sujeitos: pré-adolescentes, adultos do Ensino Supletivo e de curso Universitário. Os dados registrados nessa pesquisa foram discutidos a partir dos fundamentos teóricos da Psicolinguística, da Estética da Recepção e da Sociologia da Leitura. O autor analisou o processo de recepção das obras literárias no âmbito escolar, verificando como a recepção está relacionada às condições sociais de formação do leitor. Reconheceu o leitor como um produto do meio cultural em que vive, defendendo que cada um lê com o que recebeu durante sua vida. Interessante neste projeto é o fato de que ele divida a tarefa de leitura em dois momentos: a fruição do texto literário e o conhecimento das obras num sentido mais amplo. A primeira tarefa ficaria, segundo o pesquisador, a cargo da escola responsável pelo Ensino Fundamental e Médio. E a segunda, ele aponta como de responsabilidade das Universidades. Desta forma a Escola nos níveis Fundamental e Médio, uma das instituições responsáveis pela formação de leitores, teria que promover não só o hábito, mas a gosto pela leitura. Já às Universidades formariam a capacidade de análise crítica, bem como habilidades pedagógicas do futuro educador, responsável pela tarefa inicial. Corrêa

condena o uso de manuais nas escolas, afirmando que as condições de recepção promovidas pela instituição escolar são responsáveis, em boa parte, pelo afastamento do leitor. Ele ainda reconhece que há divergência entre as obras valorizadas pela crítica e as que realmente circulam nas escolas.

Como se pode notar, essas pesquisas contribuem para a exemplificação do que se entende por um projeto completo de recepção, abordando as duas orientações propostas por Jauss e Iser – Recepção e Efeito - numa dinâmica que se completa. Não é importante aqui o fato de serem produzidas em ambiente escolar ou não, pois seu objetivo não é pedagógico. O que é relevante é a materialização da recepção de textos diversos em seu sentido mais amplo revelando realmente uma base teórica fundamentada na Estética da Recepção.

C.2. Voz do leitor real - questões pedagógicas.

Embora as quatro pesquisas selecionadas aqui, correspondente a 15% do corpus selecionado nesta dissertação, realizem-se em ambiente escolar e, portanto, revelem preocupação com questões pedagógicas de formação do leitor, tais textos são considerados como pesquisa Recepção/Efeito por evidenciarem os conceitos já elencados anteriormente relativos a Estética da Recepção.

Estão nesse grupo de pesquisa, os textos:

Pesquisa 2	<i>Recepção e interpretação de J. J. Veiga</i>	Medeiros, 1991
Pesquisa 12	<i>A travessia de Maria – uma experiência de leitura de Corda Bamba</i>	Pauli, 2001
Pesquisa 20	<i>A leitura dialógica e a formação do leitor</i>	Ferreira, 2002

Tabela – Recepção/Efeito – Voz do leitor real – questões pedagógicas.

Medeiros (Pesquisa 2), já em 1991, utilizando como alvo alunos do 2º e 3º graus (hoje denominados como Ensino Médio e Universitário), propõe que exista um projeto de formação que sustente a recepção fundamentada pelo próprio texto. Sugere como caminho a reflexão sobre práticas pedagógicas do educador visando à autonomia do leitor, que só se estabelece quando o professor dispõe de maior conhecimento sobre ele e se posiciona como leitor mais experiente, que recebeu um referencial teórico suficientemente adequado, viabilizador de um manejo mais eficiente sobre os textos. A experiência de leitura aliada à metodologia do professor contribuirá para a ampliação dos *horizontes de expectativas* dos alunos. Seu enfoque pedagógico, volta-se ao formador de leitores prioritariamente.

Pauli (Pesquisa 12) analisa o texto *Corda Bamba* de Lygia B. Nunes sua recepção por alunos de 8ª série. Seu projeto propõe a leitura de uma única obra para a classe toda, sugerindo que um projeto de formação de leitura deva ser estruturado a partir da sucessão de obras bem escolhidas, de acordo com critérios pré-estabelecidos. Segundo a autora, este *corpus*, à medida que for sendo utilizado em classe, provocará uma ampliação da capacidade de leitura, interpretação e fruição da literatura. Uma obra deveria atender inicialmente ao *horizonte de expectativas* dos alunos, porém, paulatinamente, deveria romper esse horizonte, provocando sua ampliação, atualização e o próprio gosto pela literatura. É voltado portanto para o formador de leitor, embora também registre a voz dos leitores aprendizes.

Ferreira (Pesquisa 20), numa pesquisa ampla voltada prioritariamente à questão da recepção, iniciou suas reflexões abordando a formação do leitor no âmbito escolar, ampliando sua discussão para a articulação das escolhas e preferências de determinados autores e obras. Ao analisar as obras, abordou a construção do conhecimento do aluno por um processo de retomada de obras que constrói a própria história de formação do leitor e

da própria literatura infanto-juvenil. Seu objetivo, ao evidenciar o processo de construção dos textos, foi detectar o efeito produzido neles por seus escritores, bem como, observar a dialogia que existe entre muitos deles.

Segundo a pesquisadora, é um fator que colabora com a formação do leitor. Seu projeto foi ambicioso. Partindo de uma prática pedagógica desenvolvida durante quatro anos inicialmente, mas que foram restringidos a dois, com alunos da 5ª à 7ª série do Ensino Fundamental²⁵, ela pôde observar a formação de um *corpus* escolhido pelos próprios alunos. Nele se encontram obras avalizadas pelos jovens leitores e entre essas a pesquisadora elegeu três representativas de três grupos: categoria “opcional” – *A mina de ouro* de Maria José Dupré (1946); categoria “leitura proposta pela professora” – *Harry Potter* de J. K. Rowling (2000); categoria “opcional entre obras de autor indicado pela professora” – *Corda Bamba* de Lygia B. Nunes (1979),. O que se torna relevante neste trabalho é a observação, entre alguns dos alunos, de um “crescer” imenso em sua capacidade de leitura, ao longo dos anos. Segundo a pesquisadora, um dos fatores que promoveram esse crescimento foi o estabelecimento de uma leitura dialógica entre as obras, o que teria contribuído para a formação de seus leitores.

C.3. Voz do leitor real - fora de ambiente escolar.

Neste grupo que contém quatro pesquisas, correspondente a 20% do *corpus* selecionado na dissertação, registramos a voz do leitor na recepção de textos diversos. São projetos não voltados para questões pedagógicas, e não se desenvolvem na escola. Abordam questões variadas quanto ao papel do escritor na formação de leitores e a literatura de entretenimento, menos valorizada nos meios acadêmicos.

²⁵ A pesquisadora justifica que omitiu os relatos referentes a 8ª série por questões de tempo para finalização do mestrado.

Fazem parte do grupo, as pesquisas:

Pesquisa 3	<i>Vidas Secas</i> de Graciliano Ramos	Tassara (1992)
Pesquisa 10	<i>Ler/ouvir folhetos de cordel em Pernambuco</i>	Galvão, 2000
Pesquisa 15	<i>O Leitor esse conhecido: Monteiro Lobato e a formação de leitores</i>	Debus, 2001
Pesquisa 17	<i>Das Bancas ao coração: romances sentimentais e leitura hoje</i>	Meirelles, 2002

Tabela – Recepção/Efeito – voz do leitor fora de ambiente escolar

Tassara (Pesquisa 3) compara leituras de *Vidas Secas* produzidas por Antonio Candido e Affonso R. de Sant'Anna. Seu objetivo foi demonstrar a o *efeito* e *recepção* da obra por meio desses *leitores cultivados* e atestar sua especialidade na mudança de horizontes históricos. Sua meta foi bastante curiosa ao propor um confronto entre textos da crítica com a sua própria leitura. E também, por apontar que o *efeito* comprovado pela recepção experimentada pode revitalizar aspectos da obra que prescindem de outros estudos. Os textos dos críticos apresentados, foram considerados aqui como textos produzidos por indivíduos que não participam do processo escolar efetivamente, embora se saiba que os dois têm vasta obra que analisa o processo de leitura na escola.

Já Galvão (Pesquisa 10), concentra-se na análise de folhetos de cordel na tentativa de fixar um *leitor histórico* presente no texto. Seu objetivo foi levantar indícios sobre quem era o público leitor visado pelos autores/editores, bem como perceber e descrever tendências e permanências no decorrer do tempo. Suas conclusões levantam hipóteses sobre o perfil do leitor atual de cordel em confronto com o de *leitores implícitos* nos folhetos. Trazem para a discussão acadêmica a questão do *efeito* e da *recepção* centrada em leitores fora do ambiente escolar e na maioria adultos. Além, de buscar a experiência recepcional em um gênero literário pouco estudado, a literatura de cordel.

Debus (Pesquisa 15), partindo de cartas de leitores de Lobato e da crítica sobre o autor, chega ao testemunho de leitores adultos sobre a importância dessa leitura na

infância. Seu objetivo principal foi observar o escritor como um formador de leitores. Trata-se de uma pesquisa que inova no sentido de observar Lobato sob uma perspectiva ainda não estudada, segundo a própria pesquisadora. Ela constata que já nas primeiras décadas de do século XX, o leitor poderia ser considerado como peça importante na leitura, pois exercia um papel de mediador entre autor e obra. Debus classifica três tipos de leitores em Lobato: um *implícito*, que corresponde àquele ao qual o escritor se dirigia; um *representado*, personagens leitores presentes na obra do escritor; e, finalmente, um *leitor concreto*, participante da vida real. Reconhece igualmente as estratégias do autor para seduzir seus leitores e interlocutores vivos. Merece destaque a maneira original de coleta de dados, baseada em cartas trocadas pelo autor e seus leitores, bem como, a observação do “depois” a partir do contato com leitores de Lobato. Este fato revela como a consciência do autor pode alterar a prática de leitura de um leitor. Além das categorias de leitores que cria, Debus chama atenção para a forma como coletou dados de recepção, bem como para os informantes que utiliza, valendo-se tanto de pessoas conhecidas do meio literário quanto de leitores anônimos, evidenciando uma construção de um público que se estabeleceu ao longo de uma vida.

Meirelles (Pesquisa 17), lançando mão de romances sentimentais, debate a literatura de massa como objeto de estudo no meio acadêmico. Analisa a estrutura de apelo dos textos mostrando a existência de um leitor implícito previamente formatado no texto. Enfatiza a estrutura, importante na identificação das leitoras reais que se apropriam desses romances. Aborda a questão da literatura feminina focalizando a mulher-personagem, a mulher-leitora, a mulher pesquisadora e a mulher escritora. Seu principal mérito é trazer para a discussão o debate sobre essa vertente ficcional, que tem público cativo há mais de dois séculos, estabelecendo a compreensão dos mecanismos ideológicos e mercadológicos que influenciam essa opção de leitora. Essa pesquisa não se realiza em ambiente escolar,

nem se preocupa com a formação de leitores no sentido pedagógico. Busca a compreensão de um fenômeno de leitura dando voz a um leitor específico.

Esse conjunto de pesquisas aqui comentado se destaca por proporcionar, ao nosso ver, projetos completos que contemplam tanto o *leitor implícito* quanto o *leitor real* no processo de recepção do texto. Contribuem dessa forma para a observação de dados importantes tanto quanto a análise do efeito quanto à da recepção dos textos.

Na presente dissertação, os trabalhos abordados oferecem uma amostra do estado atual dos estudos sobre Leitura e Estética da Recepção no Brasil. As dissertações e teses apresentadas foram, em sua maioria, organizadas pelos pesquisadores de forma eficiente, embora em alguns textos pudéssemos encontrar uma linguagem não adequada a trabalhos científicos.

Importante foi constatar que os pesquisadores procuram analisar questões de leitura voltadas para a recepção de narrativas e poesias. Isso reafirma uma preocupação antiga com o gênero poético pode estar sendo esquecido no âmbito do ensino. A constatação de que grande parte dos professores pesquisados apresenta falha na formação também pode fomentar mudanças significativas tanto nestes profissionais, em relação a sua atuação enquanto formadores dos futuros leitores, quanto nas pesquisas científicas realizadas sobre o assunto. Ao nosso ver, estas não podem mais ficar restritas ao meio acadêmico, devem tentar chegar mais próximas daqueles que podem se valer desses estudos para melhorar a qualidade do que fazem na escola.

Entre os trabalhos que tratam especificamente da recepção de textos gostaríamos de salientar a dificuldade de separá-los em pesquisas que abordavam a *recepção de textos* e as que apenas ficam no *efeito estético* produzido pelo autor. Em muitos momentos alguns se mostravam confusos em relação a essas categorias da Estética da Recepção. Tais equívocos, podem ser justificados pelo fato da recepção de textos e o efeito estético serem

conceitos complementares, de difícil separação visto que Jauss e Iser, embora seguindo caminhos diferentes em suas pesquisas, tinham em mente a figura do leitor e não mais o centramento das análises nas obras e nos elementos contextuais.

Um aspecto que ficou extremamente salientado nos textos é a necessidade de um projeto de formação de leitores que contemple não apenas alunos do Ensino Fundamental e Médio como também dos alunos universitários, futuros professores que irão entrar no mercado, apresentam dificuldades nesses assuntos. Esse projeto poderia partir inicialmente da promoção de momentos de sensibilização e fruição de leitura para, depois, aprofundar a análise das estruturas textuais da literatura, chegando ao processo pedagógico.

Não poderíamos deixar de notar que toda a amostra reconhece o texto destinado ao leitor infantil como um objeto literário para um leitor específico, apresentando, portanto, características que devem ser consideradas tanto na escolha como no manejo dos mesmos. A Literatura Infantil está sendo amplamente pesquisada em diferentes níveis e com diferentes objetivos. Isto demonstra, talvez, que a superação da antiga discussão em torno da aceitação desta como um gênero específico da Literatura esteja caminhando para um desfecho feliz.

Finalizando estas reflexões, gostaríamos de destacar alguns desses textos que, por sua originalidade e amplitude, podem ser considerados também como norteadores das questões de Leitura e da Estética da Recepção. Sabemos que não são apenas estes textos que tratam do assunto no âmbito da pesquisa científica, porém como uma amostra, exemplificam bem sua qualificação. São elas as dissertações de Mestrado de João L. C. T. Ceccantini; Ilda Quaglia; Diógenes B. A. Carvalho; a de S. R. F. Meirelles e, finalmente, a tese de Doutorado de Hércules T. Corrêa. Já evidenciamos os pontos relevantes desses

trabalhos, mas gostaríamos de reafirmar que trazem numa linguagem científica as questões mais significativas sobre Leitura e a Formação de Leitores.

Com essa reflexão esperamos ter contribuído para a divulgação do que se tem feito no meio acadêmico, além de evidenciar a importância dessa teoria para todos que de alguma forma trabalham com *leitura/recepção* de textos no Brasil. Acreditamos que nosso empenho possa ser de alguma valia para outros pesquisadores no sentido de apresentar dados reais que evidenciam tendências seguidas pela pesquisa nos últimos vinte e dois anos sobre o tema tratado.

5 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Um percurso de longas leituras...

Um caminho de agradáveis surpresas...

Referências bibliográficas.

BITTENCOURT, R. P.A.S.T. *Em busca de jovens leitores apaixonados*. 2000,140f. Dissertação (Mestrado em Literatura Infantil e Juvenil e Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2000.

BORDINI, M. da G. e AGUIAR, V. T. *Literatura – a formação do leitor: alternativas metodológicas*. 2.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

BRANDÃO, A.L. *Algumas reflexões fundamentais entre os PCNS e a Literatura infanto-juvenil*. In: Albrad@netway.com.br. Site de pesquisa Educação, UOL.

BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação. *Parâmetros curriculares do Ensino Fundamental*. Brasília: Ministério da Educação, 1998.

BRASIL - ECA - *Estatuto da Criança e do Adolescente*. - Art. 3º.

CARVALHO, D. B. A. de. *As crianças contam as histórias: os horizontes dos leitores de diferentes classes sociais*. 2001, 211f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – PUC, Rio Grande do Sul, 2001.

CECCANTINI, J. L. C. T. *Vida e Paixão de Pandonar, o cruel de João Ubaldo Ribeiro: um estudo de produção e recepção*. 1993, 676f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP, 1993.

CORREIA H. T. *Tempos e espaços culturais*. 2002, 283f. Tese (Doutorado em Educação: Conhecimento e Inclusão Social) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

COMPAGNON, A. *O Demônio da teoria*. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão, Consuelo Fontes Santiago. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

DEBUS, E. S. D. *O leitor esse conhecido: Monteiro Lobato e a formação de leitores*. Tese de Doutorado. PUC – Rio Grande do Sul, 2001.

EAGLETON, T. *Teoria da literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes. 1997.

ECO, H..*Como se faz uma tese*. 9.ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

FARIA, M. A.. *Parâmetros curriculares e Literatura – as personagens de que os alunos realmente gostam*. São Paulo: Contexto. 1999.

FERREIRA, M. B. *Caminhos de ler: por uma formação do leitor fluente e crítico em obras de literatura infantil e juvenil de vanguarda em língua portuguesa*. 1999,105f. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas e Vernáculas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, SP, 1999.

FERREIRA, E. A. G. *A leitura dialógica e a formação do leitor*. 2003, 536f. Dissertação (Mestrado em Literaturas de Língua Portuguesa – linha de pesquisa Literatura e Ensino) – Faculdade de Ciências e Letras, UNESP – Assis, 2003.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. In: _____ *A importância do ato de ler em três artigos que se completam*. Coleção Polêmicas do Nosso Tempo. São Paulo: Cortez, 1981.

GALVÃO, A.M.O. *Ler/ouvir folhetos de cordel em Pernambuco (1930 -1950)*. 2000, 543f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, 2000.

GARCIA, S. C. *A poesia na escola: viva a poesia!* 2002, 270f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Biociências e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” – UNESP – São José do Rio Preto, 2002.

GASPARELLO, I. V. *Escola e literatura: conectando os campos – um estudo sobre a aplicação do método recepcional*. 2001, 210f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada na Área de Ensino – Aprendizagem de Língua Materna) Universidade Estadual de Maringá, 2001.

ISER, W. *O ato da leitura – uma teoria do efeito estético*. Tradução Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 1996, v.1.

_____. *O ato da leitura – uma teoria do efeito estético*. Tradução Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 1999, v.2.

JAUSS, H. R. *A História da literatura como provocação à teoria literária*. Tradução Sérgio Tellaroli. São Paulo: Atica, 1994. (1.a ed. em alemão em 1967)

_____. O prazer estético e as experiências fundamentais da poiesis, aisthesis e katharsis. IN: LIMA, L. C. *A Literatura e o leitor – textos de Estética da Recepção*. Seleção, coordenação e tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p.63-82.

_____. A Estética da Recepção: colocações gerais. IN: LIMA, L. C. *A Literatura e o Leitor – textos de Estética da Recepção*. Seleção, coordenação e tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p.43-61.

JOUBE, V. *A leitura*. Trad. Brigitte Hervot. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R.. *Literatura infantil brasileira – História & histórias*. 4. ed. S. Paulo: Ática. 1984.

MACHADO, A. M.. Literatura Juvenil. In: _____. *Contracorrente*. São Paulo: Ática, 2000. p. 87,88.

MARANDOLA, C. F.. *A Recepção da Literatura: teoria e prática da Estética da Recepção*. 1980, 141f. Dissertação (Mestrado – curso de Pós-graduação em Letras e Linguística) – Universidade Nacional de Brasília, DF., 1980.

MARCONI, M. A; LAKATOS, Eva Maria. *Técnicas de Pesquisa*. 3.ed., São Paulo: Atlas, 1996.

MEDEIROS, D. F. R. de. *Recepção e interpretação de J. J. Veiga*. 1991, 244f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, 1991.

MEIRELLES, S.R. F. *Das Bancas ao coração: romances sentimentais e leitura hoje*. 2002, 227f. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos Literários) – Universidade Federal do Paraná, 2002.

NAKANO, D. e N.; FLEURY, Afonso C.C. Métodos de pesquisa na engenharia de produção. In: *ENEGEP - Encontro Nacional de Engenharia de Produção*; Piracicaba: PoliUSP, 1996.

NASCIMENTO, R. L. S. *A Prática de leitura no Curso de Letras da Universidade Federal do Amapá: algumas reflexões*. 2001, 127f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, 2001.

NORMAS DE PUBLICAÇÃO DA UNESP/Coordenadoria Geral de Biblioteca e Editora UNESP. –São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1994. v.1, 2,3 e 4.

PAULI, A. A. M. *A travessia de Maria: uma experiência de leitura de Corda Bamba de Lygia B. Nunes*. 2001, 336f. Dissertação (Mestrado em Literatura de Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, UNESP- Assis, 2001.

PERROTTI, E. *O texto sedutor na literatura infantil*. São Paulo: Ícone, 1986.

QUAGLIA, I. *Entre versos e rimas*. 2000, 207f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual de Maringá, 2000.

REIS, C. & LOPES, A. C. *Dicionário de teoria da narrativa*. São Paulo: Ática. 1988.

SALOMON, D. V.. *Como fazer uma monografia*. 9.ed. rev.- São Paulo: Martins Fontes, 1999. p.217.

SEVERINO, A. J.. *Metodologia do trabalho científico*. 21.ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 2000.

SOLÉ, I.. *Estratégias de Leitura*. 6.ed. Porto Alegre; Artmed; 1998.

SOUZA, V. M. C. de. *O papel do leitor no conto fantástico de Machado de Assis*. 1998, 160f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária e Literatura Comparada) – Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual “Julio de Mesquita Filho”, UNESP- Assis, 1998.

YASUDA, A. M. B. G. *Poesia e alfabetização (estudo sobre o Batalhão das Letras de Mario Quintana e Pare no P da Poesia de Elza Beatriz)*. 999, 178f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária e Literatura Comparada) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, 1999.

ZAPPONE, M. H. Y. *Práticas de leitura na escola*. 2001, 368f. Tese (Doutorado em Teoria Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem – Universidade Estadual de Campinas, 2001.

ZILBERMAN, R. *Estética da Recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática. 1989.

6. ANEXOS

“Mas leio, leio. Em filosofias tropeço e caio, cavalgo de novo meu verde livro, em cavalarias me perco, medievo; em contos, poemas me vejo viver. Como te devoro, verde pastagem. Ou antes carruagem de fugir de mim e me trazer de volta a casa a qualquer hora num fechar de páginas?”.

Carlos Drummond de Andrade

ANEXO A – Quadro - Identificação das Pesquisas.

Pesquisa	ano	título	autor	local	nível
1	1980	A recepção da Literatura: teoria e prática da estética da recepção.	Marândola, C.F.	UNB	Mestrado
2	1991	Recepção e Interpretação de J.J. Veiga.	Medeiros, D. F. R.	USP	Mestrado
3	1992	Vidas Secas - Uma recepção em horizonte ampliado.	Tassara, M.C. A.	PUC- Rio de Janeiro	Mestrado
4	1993	Vida e Paixão de Pandonar, o cruel de J. Ubaldo Ribeiro: um estudo de produção e recepção.	Ceccantini, J. L. C. T	UNESP - Assis	Mestrado
5	1998	O papel do leitor no conto Fantástico de Machado de Assis.	Souza, V. M. C.	UNESP - Assis	Mestrado
6	1999	Poesia e alfabetização : estudo sobre o Batalhão de Letras de Mario Quintana.	Yasuda, A M. B.G.	USP	Mestrado
7	1999	Caminhos de ler: uma formação do leitor fluente e crítico em obras de Literatura Infantil e Juvenil. da vanguarda em Língua Portuguesa.	Ferreira, M. B.	USP	Mestrado
8	2000	Entre versos e Rimas.	Quaglia, Ilda	UEM	Mestrado
9	2000	Em busca de Jovens Leitores Apaixonados.	Bittencourt, R..A.S.	USP	Mestrado
10	2000	Ler/Ouvir Folhetos de cordel em Pernambuco.	Galvão, A. M.	UFMG	Doutorado
11	2001	Práticas de Leitura na escola.	Zappone, M. H. Y.	UNICAMP	Doutorado
12	2001	A travessia de Maria - uma experiência de leitura de corda Bamba de L. B. Nunes.	Pauli, Alice A. M.	UNESP - Assis	Mestrado
13	2001	Escola e Literatura: Conectando os campos: um estudo sobre a aplicação do método recepcional.	Gasparello, I.V.	UEM	Mestrado
14	2001	A Prática de Leitura Literária no Curso de Letras da Universidade Federal do Amapá: Algumas Reflexões.	Nascimento,R.L.S.	UNICAMP	Mestrado
15	2001	O leitor esse conhecido: monteiro Lobato e a formação de leitores.	Debus, E.S.D.	PUC R.G.S.	Doutorado
16	2001	AS CRIANÇAS CONTAM AS HISTÓRIAS:os horizontes dos leitores de diferentes classes sociais.	Carvalho,D.B.A.	PUC R.G. S.	Mestrado
17	2002	Das Bancas ao coração: romances sentimentais e leitura hoje.	Meirelles, S. R. F.	U.F. PR	Mestrado
18	2002	Tempos e Espaços Culturais.	Correa, H. T.	U.F.M.G	Doutorado
19	2002	A poesia na escola: viva a poesia!	Garcia, Sílvia C.G.	UNESP - S. J. R. Preto	Doutorado
20	2003	A leitura dialógica e a formação do leitor.	Ferreira, E. A. G.	UNESP - Assis	Mestrado

ANEXO B – Grade de Descrição.

PESQUISA X

a. Dados de Identificação.

Autor.

Orientador.

Título.

Instituição.

Nível de qualificação.

Ano de Finalização.

Número de páginas.

Resumo da obra.

b. Objetivos.

c. Material.

c.1. Tipo de texto abordado.

c.2. Tipo de Leitor.

c.3. Tipo de documento referente à recepção e efeito analisado.

d. Base teórica e bibliografia destacada na pesquisa.

d.1. Conceitos desenvolvidos.

d.2. Bibliografia destaca na pesquisa.

A. Textos analisados.

B. Referências teóricas citadas.

e. Detalhamento da pesquisa e metodologia.

f. Resultados principais apresentados na pesquisa.

g. Avaliação sobre a pesquisa